Série Autores Gregos e Latinos

Pausânias

Descrição da Grécia

Livro I

Com introdução, tradução do grego e notas de
Maria de Fátima Sousa e Silva

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Pausânias é o nosso único testemunho de literatura periegética e o autor de um relato precioso sobre a Grécia da época de ocupação romana (séc. II d.C.). A sua descrição é a de alguém que viajou e sintetiza o que 'viu', com um olhar que não é só o de um turista curioso, mas de um intelectual que dispõe de uma sólida formação cultural e de uma informação ampla, em resultado de uma recolha criteriosa de todo o tipo de fontes, orais e escritas.

Para com Pausânias mantemos em aberto uma enorme dívida: a de ter salvado um lastro de monumentos, de acontecimentos históricos, de figuras e de tradições que, sem ele, se teriam em definitivo apagado da memória dos homens.

Série Autores Gregos e Latinos

Estruturas Editoriais
Série Autores Gregos e Latinos

ISSN: 2183-220X

Diretoras Principais
Main Editors

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra
Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra
Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

Assistentes Editoriais
Editoral Assistants

Daniela Pereira
Universidade de Coimbra

Comissão Científica
Editorial Board

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo
Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga
Graciela Zeccin
Universidade de La Plata
Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro
Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara
Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears
Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra
Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira
Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo
Jorge Deserto
Universidade do Porto
Maria José García Soler
Universidade do País Basco
Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

Todos os volumes desta série são submetidos
a arbitragem científica independente.

Série Autores Gregos e Latinos

Pausânias

Descrição da Grécia

Livro I

Com introdução, tradução do grego e notas de
Maria de Fátima Sousa e Silva

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Série Autores Gregos e Latinos

Título Title
Pausânias. Descrição da Grécia. Livro I
Pausanias. Description of Greece. First Book

Com introdução, tradução do grego e notas de
With introduction, translation from the greek and notes by
Maria de Fátima Silva
https://orcid.org/ORCID : 0000-0001-5356-8386

Editores Publishers
Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact
imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales
http://livrariadaimprensa.uc.pt

SILVA, Maria de Fátima de Sousa e, 1950-

Pausânias : descrição da Grécia, livro I. – (Classica digitalia. Textos gregos)

ISBN 978-989-26-2212-5 (ed. impressa)
ISBN 978-989-26-2213-2 (ed. eletrónica)

CDU 821.14'02-992"01"

Coordenação Editorial Editorial Coordination
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics
Imprensa da Universidade de Coimbra

Infografia Infographics
Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by
KDP

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010

Obra publicada no âmbito do projeto - UIDB/00196/2020.

ISSN
2183-220X

ISBN
978-989-26-2212-5

ISBN Digital
978-989-26-2213-2

DOI
https://doi.org/10.14195/978-989-26-2213-2

© janeiro 2022

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis
http://classicadigitalia.uc.pt
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under
Creative Commons CC-BY (http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode)

Pausânias. Descrição da Grécia
Pausanias. Description of Greece

Com introdução, tradução do grego e notas de

With introduction, translation from the greek and notes by

Maria de Fátima Sousa e Silva

Filiação Affiliation
Universidade de Coimbra

Resumo
O propósito deste livro é fornecer, em língua portuguesa, uma tradução da *Descrição da Grécia* de Pausânias, Livro I, acompanhada de um estudo introdutório e de um aparato de notas informativas.

Palavras-chave
Ática, Megáride, história, arqueologia, mitos.

Abstract
This book offers a Portuguese translation of Pausanias, *Description of Greece*, Book I, with an introduction and a commentary.

Keywords
Attica, Megara, history, archaeology, myths.

(Página deixada propositadamente em branco)

Autora

Maria de Fátima Silva é Professora Catedrática Jubilada do Instituto de Estudos Clássicos e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de uma tese de doutoramento intitulada Crítica do Teatro na Comédia Antiga, dedicou-se a aprofundar a matéria 'teatro grego, cómico e trágico', sobre que publicou vários livros e numerosos artigos. Produziu ainda traduções de Aristófanes e Menandro, bem como de outros autores como Heródoto, Aristóteles, Teofrasto e Cáriton. Mais recentemente tem-se dedicado aos estudos de receção, sobretudo no que diz respeito às influências do teatro grego no teatro português.

Author

Maria de Fátima Silva is Full Professor at the Institute for Classical Studies and a member of the Centre for Classical and Humanistic Studies of the Faculty of Letters of the University of Coimbra. Author of a PhD thesis entitled Critique of Theatre in Ancient Comedy, she has dedicated herself to deepening the subject 'Greek, comic and tragic theater', on which she has published several books and numerous articles. She has also produced translations of Aristophanes and Menander, as well as of other authors such as Herodotus, Aristotle, Theophrastus and Chariton. More recently she has been dedicated to reception studies, especially with regard to the influences of Greek theater on Portuguese theatre.

(Página deixada propositadamente em branco)

Sumário

Sumário		9
Introdução		11
1.	Pausânias, no seu tempo e no nosso	11
2.	O sentido de veracidade e a variedade da informação: as fontes	19
3.	A importância do património (material e imaterial) considerado	28
4.	Livro I. A Ática e a Megáride	35
	Bibliografia	44
	Edições, traduções e comentários	44
	Estudos	45
I. Ática E Megáride		51
1.1.1.	A costa sul da Ática	51
1.1.2.	Os portos de Atenas: Falero e Pireu	52
1.2.1.	Entrada no centro de Atenas	58
1.2.6.	Os antigos soberanos da Ática	65
1.3.1.	Património artístico no acesso a Atenas	66
1.4.1.	A invasão dos Gauleses	73
1.5.1.	O Pritaneu e a representação dos heróis de Atenas	79
1.6.1.	Ptolemeu, filho de Lago	84
1.7.1.	Ptolemeu II Filadelfo	90
1.8.1.	Átalo	92
1.9.1.	Os Ptolemeus	98
1.10.1.	Lisímaco	104
1.11.1.	Pirro	106
1.12.1	Ainda as campanhas de Pirro	112
1.13.1.	Campanhas de Pirro. Depois da Itália	115
1.14.1.	A caminho da Acrópole de Atenas	121
1.15.1.	A *stoa poikile*, uma galeria de pintura na ágora de Atenas	127
1.16.1.	Estátuas diante da *Stoa Poikile*	131
1.17.1.	Altares, ginásio e templo de Teseu	133
1.18.1.	Outros templos de Atenas. O Olimpieu	138

1.19.1. O Olimpieu e as margens do Ilisso 145
1.20.1. A Rua das Trípodes e o Templo de Dioniso 149
1.21.1. O Teatro em Atenas 153
1.22.1. Na subida para a Acrópole 158
1.23.1. Os Sete Sábios 165
1.24.1. Outros monumentos e rituais na Acrópole. O Pártenon 173
1.25.1. Outras estátuas. Guerra entre Atenienses e Macedónios 178
1.26.1. Reação ateniense contra o poder macedónio 184
1.27.1. Templo de Atena Políade 188
1.28.1. O Areópago e outros tribunais 194
1.29.1. A Academia e os túmulos da vizinhança 202
1.30.1. Nas imediações de Atenas, nas vizinhanças da Academia 215
1.31.1. Os demos da Ática e os seus cultos 218
1.32.1. Os montes da Ática 221
1.33.1. Bráuron, na região de Maratona 225
1.34.1. Os limites da Ática. O culto de Anfiarau 229
1.35.1. As ilhas 232
1.36.1. Salamina, Psitália e o continente fronteiriço 237
1.37.1. Túmulos ao longo da 'via sagrada' 239
1.38.1. Prosseguindo em direção a Elêusis 244
1.39.1. De Elêusis para Mégara 248
1.40.1. Mégara e os seus monumentos 252
1.41.1. Os túmulos de Mégara 256
1.42.1. A cidadela de Alcátoo, em Mégara 261
1.43.1. Outras lendas e monumentos de Mégara 265
1.44.1. Ainda Mégara: outros templos e sepulturas 270

Índice de antropónimos e topónimos 275

Introdução

1. Pausânias, no seu tempo e no nosso

A primeira motivação para ler Pausânias, quando o leitor é apenas um entusiasta da cultura grega e um viajante incansável da Hélade, é justamente encontrar no autor da *Descrição da Grécia* um parceiro para as suas curiosidades e errâncias. Porque também ele, no séc. II d.C., viveu esse mesmo entusiasmo e experiência, percorreu os locais de interesse político, religioso, cultural, ou simplesmente turístico, munido de uma informação e leituras que o tornaram o visitante competente, cujo testemunho é digno de toda a atenção e confiança. Com uma vantagem: a Grécia que Pausânias tinha diante dos olhos mantinha ainda muitos tesouros de que o passo do tempo nos privou. Por isso, visitar hoje a Grécia com ou sem a companhia de Pausânias não é, com certeza, a mesma coisa.[1]

Mas associemos ao visitante comum um outro destinatário mais exigente, o estudioso da cultura grega, o historiador, o arqueólogo ou o numismata, e a importância do testemunho de Pausânias redimensiona-se. É frequente ler na bibliografia que lhe é dedicada, ou nos textos que dão conta dos avanços nas explorações arqueológicas, o reconhecimento da importância do seu testemunho, a par das recriminações que lhe são feitas por omissões que teria sido útil preencher.

[1] Habicht (1985) 2, ao comentar a pouca popularidade que o texto de Pausânias teve durante séculos, atribui justamente ao interesse pelo turismo, já no séc. XX, um estímulo decisivo para a leitura da sua narrativa sobre a Grécia.

Sem dúvida, as ferramentas de Pausânias não correspondem às exigências técnicas dos nossos dias, nem o seu propósito é exaustivo.[2] É óbvio – porque ele mesmo o declara – que muitas informações são deixadas de lado, ou porque já tratadas por outros, ou porque alheias aos seus interesses do momento (cf., e.g., 1.9.3, 1.9.4, 1.20.4, 1.23.10, 1.39.3, 2.30.4, 2.33.3, 4.24.3, 8.54.7, 10.32.1);[3] satisfeito com o plano traçado no seu Livro I – composto sem dúvida antes dos restantes –, Pausânias pode declarar que não se afastará dos critérios aí estabelecidos (3.11.1): "Para evitar más interpretações, declarei na minha *Ática* que a minha descrição não seria exaustiva, mas focada numa seleção dos motivos mais dignos de registo. Este é um princípio que vou reiterar antes de passar à descrição de Esparta. Desde o início que o meu objetivo é selecionar as tradições mais interessantes de uma massa de relatos secundários, que se tornaram muito populares. Este foi um plano adotado depois de uma longa ponderação, e de que não pretendo afastar-me" (cf., e.g., 2.13.3, 2.14.4, 2.29.1, 6.1.2, 10.32.1). É também sugestiva a circunstância em que a omissão é imposta por um sigilo obrigatório, que sobretudo alguns rituais – mistéricos – exigem; o culto de Deméter está neste caso, impedindo Pausânias de revelar mais pormenores, e permitindo que a crença atropele a curiosidade (1.14.3): "Propunha-me eu prosseguir esta narrativa e descrever tudo

[2] Torelli (2001) 54 considera que a seleção de factos ou de edifícios a considerar depende de "opções culturais ou políticas" de Pausânias.

[3] Este é o que Musti (1982) XXXVII chama o critério "integrativo" e "prossecutivo" de Pausânias, aludindo à inclusão de acrescentos ou complementos do que outros já narraram, acrescido do "seletivo"; e conclui: "Estes dois critérios, o integrativo e o seletivo, vêm a estabelecer o eixo da perspetiva e do discurso histórico de Pausânias, perante a tradição difusa e consolidada (...) e consagram à sua obra o caráter de uma busca intencional e constante pela diferenciação e originalidade".

o que se vê no templo em Atenas – chamado Eleusínio – mas um sonho travou-me. Sendo assim, é para aquilo que é legítimo que todos conheçam que me vou voltar"; ou, a propósito de um templo de Triptólemo em Elêusis (1.38.7): "O que se encontra dentro do muro do santuário um sonho impediu-me de o descrever, porque aos não iniciados está vedada a informação sobre o que lhes não é permitido ver".

É também patente a preferência ou sensibilidade para certos elementos do roteiro que vai fazendo; assim, por exemplo, a escultura e a pintura motivam-no em geral mais do que a arquitetura.[4] Chamam-lhe a atenção os materiais preciosos, como o ouro e o marfim, bem como a particular qualidade técnica de uma ou outra estátua ou objeto (e.g., 1.5.1, 1.18.6, 1.24.3, 1.40.4).[5] Acontece até que o propósito de enumerar, mais do que descrever, deixe desiludido quem o consulta, não recebendo, de um quadro ou de uma estátua, mais do que uma caraterização em dois ou três traços salientes. Mesmo assim Pouilloux, nas páginas introdutórias à edição de Les Belles Lettres (1992: ix), não só reconhece em Pausânias o maior dos testemunhos disponíveis aos arqueólogos que se ocupam da Grécia, como valoriza as dificuldades acrescidas na interpretação dos achados, quando se não pode contar com a sua informação.

Ao mesmo tempo que essa informação disponibilizada se mostra tão relevante, a verdade é que desbravá-la exige esforço

[4] Reconhece-o Pretzler (2007) 107, quando afirma a propósito da informação sobre arquitetura em Pausânias: "Quando Pausânias descreve edifícios tende sobretudo a comentar a decoração escultórica, e se discute arquitetura fica-se pela identificação da ordem arquitetónica ou pela valorização de traços particulares".

[5] Também neste caso lhe somos profundamente devedores, por referir e caraterizar, mesmo se em termos gerais, objetos que de outra forma teriam desaparecido totalmente da memória dos tempos.

e minúcia. A diversidade de tópicos e a longa diacronia das realidades descritas, que cobrem todo o trajeto da época arcaica da Grécia até ao século II d.C. – o tempo de Pausânias –,[6] em que a ocupação romana do território helénico era já sólida, muitas vezes apresentadas em longas enumerações de factos ou personagens, ou divididas por diferentes momentos da narrativa, necessitam de uma sistematização, contextualização e clarificação constantes; tal como Pausânias, é preciso dispor de muitas outras leituras para conferir informações, ou constatar a preciosidade de testemunhos únicos, em geral coerentes e fidedignos. Verdade a sublinhar é a de que não estamos apenas diante de um 'guia' de viagem, entendido como uma coleção de informações úteis ainda que superficiais ou desconexas. O suporte histórico e cultural que as contextualiza situa a obra de Pausânias num plano de outra riqueza e coerência de conteúdos; é essa a metodologia que o próprio afirma, associando as tradições com os 'objetos visíveis' a tratar (1.39.3): "São estes, na minha opinião, os relatos (*lógoi*) e os monumentos (*theorémata*) mais relevantes da Ática".

Uma última palavra é destinada ao leitor com sensibilidade literária, que atenta em particular no estilo em que a *Descrição da Grécia* está expressa. Há que reconhecer que a primeira

[6] A preferência notória de Pausânias pelo passado arcaico, clássico e proto-helenístico da Grécia é visível e foi já questionada como pondo em causa o tempo a que verdadeiramente a narrativa de Pausânias diz respeito. Habicht (1985) 23 reconhece nessa preferência uma espécie de moda entre os seus contemporâneos: "A predileção pelo antigo era, claro, comum no seu tempo, na literatura como na arte. Pausânias partilhava a mesma preferência". Poderá inferir-se desta evidência que a Grécia por ele descrita corresponde a um tempo que lhe é anterior em três séculos? Musti (1982) XXXII justifica esta menor atenção dada ao período que vai do séc. II a.C. ao I d.C. não como exclusão do material correspondente, mas como opção tomada em consequência "da própria conceção histórica e da ideologia de Pausânias".

impressão é a de uma longa listagem ou catálogo de informações, muitas vezes com o aroma de uma simples enumeração. Mas um estudo mais aprofundado[7] tem vindo a revelar que há, no plano geral da obra, como na vitalidade da sua expressão, muito mais coesão estrutural e qualidade estética do que a que se poderia imaginar num primeiro confronto.

Mas o que sabemos sobre este homem, sobre a sua formação e projetos? Muito pouco, dado que a Antiguidade parece não se ter interessado por Pausânias, só muito escassamente referido.[8] Ou seja, é a partir do testemunho do próprio que alguns elementos podem ser inferidos. Em relação a datas, os meados do séc. II para a escrita da sua obra reúnem consenso. Resume Musti (1982: IX): "em contrapartida, está fortemente caraterizada a época em que vive e escreve, a dos imperadores Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161), Marco Aurélio (161-180)".[9] Outros testemunhos corroboram a mesma datação: uma afirmação expressa por Pausânias em 5.1.2 a propósito da presença de Coríntios no Peloponeso – "há cerca de 217 anos até ao meu tempo que eles ocupam esse território desde que o receberam do imperador de Roma"[10] – produz a data de 174 d.C., contada a partir da fundação da colónia de Corinto, como aquela em que estava a escrever o seu Livro V, no tempo

[7] E.g., Prezler (2004), Hutton (2005), Akujärvi (2005).

[8] É o caso da menção que lhe é feita por Eliano, *Histórias Várias* 12.61; sobre o quase desconhecimento que os contemporâneos de Pausânias parecem ter mantido em relação à sua obra, *vide* Habicht (1985) 1-2. De resto, a própria discussão sobre a identificação do autor da *Descrição da Grécia* entre outros com o mesmo nome – Pausânias – é uma questão que continua em aberto (cf., e. g., Diller (1955), Musti (1982) XX, Habicht (1985) 8-9).

[9] Pausânias faz algumas referências nominais aos imperadores seus contemporâneos: além de Adriano, referido com frequência (*vide* Índice de Antropónimos e Topónimos), Antonino Pio (8.43.1-6), Marco Aurélio (8.43.6).

[10] De Júlio César, em 44 a.C.

de Marco Aurélio. Uma informação coincidente pode ser estabelecida por uma referência, em 10.34.5, a uma incursão de bárbaros ocorrida no seu tempo até Elateia, datada de c. 170-175.[11] Esta seria, portanto, *grosso modo* a época em que Pausânias se aproximava do final do seu relato, considerando-se, no entanto, a necessidade de uma vintena de anos para levar a cabo tão ingente tarefa de planeamento e redação (c.150-170 d.C.).[12]

Em relação ao seu local de origem, a controvérsia é grande, embora se tenha caminhado para um certo consenso. A partir da primeira abordagem que Pausânias faz da Ática e do ponto de partida do seu relato – "Na face do continente helénico voltada para as ilhas Cíclades e para o mar Egeu fica, no extremo da Ática, o promontório de Súnion", 1.1.1 –, Pouilloux (1992: xii) conclui a sua origem de oriental, ainda que integrado no universo da cultura grega então expandido pela Ásia. A minúcia com que Pausânias refere lugares e pormenores sobre a Lídia (concretamente Magnésia e Pérgamo, na região do monte Sípilo; e.g., 1.21.3, 2.22.3, 5.13.7, 7.24.13, 8.2.7, 8.17.3) levou vários comentadores a admitir que essa região seria uma forte candidata a seu território natal.[13] Mas esta vinculação foi sujeita a várias sugestões divergentes e outras

[11] Há ainda comentadores que aduzem outros passos que poderão ter alguma expressão no estabelecimento da biografia do autor: Musti (1982) XI-XII, Bowie (2001) 21-4.

[12] Pouilloux (1992) XVII-XVIII discute a eventualidade de terem sido deixadas de fora outras regiões que estava na intenção de Pausânias incluir, ou seja, de que o relato como o temos seja incompleto. Consideradas todas estas informações prestadas pela própria *Descrição da Grécia*, é muito provável que o período de vida de Pausânias possa ter por balizas c.110-180 d.C.

[13] Poderia ainda acrescentar-se a minúcia dos excursos respeitantes a movimentos populacionais nessa região, como a fixação dos Gauleses e a resistência que lhes foi oferecida pelos Atálidas (1.4.5-6), ou os mitos de origem da cidade (1.11.3); ou ainda a descrição da Iónia, feita no

hipóteses foram sugeridas com grande grau de incerteza (cf. Pouilloux (1992) XIII-XIV, Musti (1982) XIX-XXI). Talvez, enfim, a conclusão mais prudente sobre a sua origem não possa ir mais além do que aceitar Pausânias como proveniente da Ásia Menor, um território fortemente helenizado, de onde são oriundos muitos intelectuais da Antiguidade tardia e que ele parece conhecer particularmente bem.

Pausânias foi, portanto, um contemporâneo do imperador Adriano e dos Antoninos, de patrocinadores generosos das artes, como Herodes Ático, e próximo de nomes destacados nas letras, como os de Plutarco ou Luciano de Samósata. Sobre as afinidades culturais com a intelectualidade do seu tempo, nomeadamente com a Segunda Sofística, os comentários dos estudiosos colocam-se sobretudo numa posição negativa, mesmo se o seu perfil intelectual e a reflexão sobre uma tradição cultural o relacionam com esse contexto. Salientam, no entanto, a idiossincrasia do seu estilo e a diferença que o afasta de padrões convencionais da retórica contemporânea, em particular da *ecphrasis*, que melhor se poderia comparar com a sua narrativa. O resultado desse afastamento conduz a uma maior objetividade na descrição. Por isso Arafat o considera autónomo na forma como "se concentra nos lugares e objetos, no seu contexto físico, religioso e cultural".[14] É, além disso, previsível a existência de um tipo de narrativa periegética já bem consolidado (a partir do séc. III a.C.), de que para nós Pausânias, decerto pela importância e riqueza da sua obra, nos chegou como o único exemplo conservado.[15] Mas certa

Livro VII, a propósito de a Acaia ser considerada o ponto de origem dos colonos que a povoavam.

[14] Cf. Arafat (2009) 578.

[15] Cf. Musti (1982) XX-XXI. Sobre esta tradição literária e seus cultores, *vide* ainda Chamoux (1994) 46-7, Habicht (1985) 2-4. Segundo

parece ser a afinidade que existe com autores de 'história', em cuja origem se encontraria Heródoto. Os seus relatos, basicamente focados em acontecimentos de natureza propriamente 'historiográfica', incluem uma multiplicidade de informações de diversa índole, geográfica, cultural, arqueológica. E assim também em Pausânias, em cuja narrativa o suporte histórico, complementar do registo material dos locais ou monumentos descritos, ocupa uma parte substancial.[16]

O 'desinteresse', que parece evidente na falta de referências e na magreza de manuscritos, da Antiguidade a respeito da *Descrição da Grécia*, foi corrigido a partir do Renascimento.[17] Foi desde então que a obra de Pausânias conheceu um crescendo de popularidade constante, que não fez mais do que aumentar ao longo dos séculos, sobretudo a partir do XIX, perante o incrível manancial de informação que representa. O seu relato organiza-se em dez livros, cada um destinado a uma região concreta do território grego. Seguindo uma tradição que tem a sua raiz em Heródoto, "o pai da História", a *Descrição da Grécia* inclui, como já referimos, uma enorme abundância de materiais de natureza heterogénea: descrições

---

Habicht, o grande passo em frente dado por Pausânias em relação a essa tradição tem a ver com o fôlego da narrativa abarcando toda a Grécia, em contraposição ao que tendencialmente tinham sido breves monografias sobre uma região ou monumento. É de valorizar, no entanto, a posição oportuna de Prezler (2007) 11, 44-56, que considera também como 'literatura de viagens' em sentido lato textos como a *Odisseia*, as narrativas geográficas, relatos de campanhas e o romance, em alguma medida também influentes no padrão de narrativa periegética.

[16] Tem sido também sublinhada a correspondência entre a profusão de materiais usada por Pausânias com outros textos e autores, como os *Deipnosofistas* de Ateneu, *Noites Áticas* de Aulo Gélio, *Sobre a natureza dos animais* de Eliano, *História Natural* de Plínio; cf. Cundy (2016) 1-2, 12-20.

[17] A primeira edição de Pausânias é devida a Musurus (Veneza, 1516). Cf. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) X.

de roteiros, monumentos e obras de arte, excursos históricos, referências literárias, ficções míticas.[18] E pela mesma razão, o texto mereceu o mesmo tipo de desconfianças ou reprovações que visou o autor de *Histórias*: por um lado, acusações de pouca fidedignidade ou ligeireza nos dados recolhidos, ou falta de critério e dependência excessiva das fontes consultadas; e, por outro, uma abundância de dados redigidos ao acaso a partir da consulta desorganizada de algumas notas. Não sem que, após todo o tipo de comentários menos abonatórios, a arqueologia viesse, com objetividade, demonstrar a exatidão e rigor da informação prestada, tidas em conta, naturalmente, as diferentes condições e critérios que separam Pausânias da exigência técnica e científica dos nossos dias. Ao mesmo tempo que os estudos focados no texto vieram a considerar "evidente que a *Descrição da Grécia* é uma obra planeada e estruturada com extraordinário cuidado".[19]

2. O sentido de veracidade e a variedade da informação: as fontes

A fonte à superfície mais visível é a que resulta de *opsis*, a verificação direta, *in loco*, dos espaços ou testemunhos

[18] Sobre a influência de Heródoto, tanto temática como formal, em Pausânias, *vide* Musti (1994) 9-34, Bowie (2001) 25-6, Cundy (2016) 57-9.

[19] Hutton (2010) 424. Diversos estudiosos valorizaram, nesta perspetiva, as remissões feitas por Pausânias para outros passos da sua obra, como prova de um planeamento cuidadoso do conjunto; cf. Hutton (2010) 425, Akujärvi (2005) 35-44, 61-4. A arrumação coerente do material, quando uma tradição, um mito, um culto se apresentam como transversais, obriga Pausânias a fórmulas de alerta sobre o que lhe parece a inserção mais conveniente de uma certa informação (e.g., 1.24.5: "o que se conta sobre a Esfinge é um assunto de que vou tratar a propósito da descrição da Beócia"; 1.29.7: "por que razão é assunto de que vou tratar aquando do relato sobre os Argivos").

históricos referidos. Pausânias é, em primeiro lugar, um viajante, que pode identificar, sobre o que leu ou ouviu contar, o que ele próprio viu.[20] É frequente que expressões equivalentes a "no meu tempo", "digno de ver-se" ou "que eu vi" (e.g., 1.1.2, 1.5.3, 1.17.2, 1.21.3, 1.22.3, 1.23.7) garantam essa observação, mas sobretudo estabeleçam também uma leitura diacrónica dos factos narrados. As sucessivas fases vividas por um monumento, nos danos que o vitimaram, no estado ruinoso em que se encontra, ou na sua recuperação,[21] ficam patentes desse testemunho; assim, por exemplo, a perceção da ocupação de um mesmo espaço por diversos monumentos (1.22.3.): "As estátuas antigas já não existiam no meu tempo, mas aquelas que pude ver eram obra de artistas com uma certa fama". A vantagem de colher no local o impacto de um edifício é afirmada pelo próprio Pausânias na qualidade de narrador (1.19.6): "Não é a mesma coisa descrever a quem ouve a admiração de quem vê o

[20] Pretzler (2004) 200 emite algumas sugestões interessantes sobre as viagens empreendidas por Pausânias e a redação da sua obra; valoriza a precedência das viagens sobre a narrativa, dado o conhecimento necessário ao seu planeamento e execução. A mesma estudiosa (2007) 9-10 comenta ainda, a propósito da fórmula "digno de ver-se": "Parece impossível estabelecer critérios consistentes, dado que nunca é explicitado o que torna uma história ou um monumento 'digno de registo' ... Ao fim e ao cabo, o que é 'digno de ver-se' ou 'digno de registo' é uma questão de avaliação pessoal do autor". Por sua vez Habicht (1985) 17, ao enumerar a amplitude das viagens realizadas por Pausânias, conclui pelo estatuto social e económico elevado da família a que o nosso autor pertenceria, o que lhe teria proporcionado um currículo de formação e de experiência ao melhor nível dentro dos critérios da época. Certos passos permitem perceber o alcance das viagens realizadas por Pausânias fora da Grécia: o Próximo Oriente (8.16.5, 8.33.3), o Egito (1.42.3, 9.16.1, 9.36.5), a Itália (4.35.12, 5.12.3, 8.7.3) e mesmo Roma (4.35.10, 5.12.6, 10.5.11).

[21] São sobretudo relevantes as menções feitas aos imperadores – Adriano e Antonino Pio em particular (8.43.3-5) – pela sua intervenção na reconstrução de edifícios.

estádio feito de mármore branco".[22] Além de que a informação colhida junto de quem o habita ou utiliza é certamente pormenorizada e digna de crédito (e.g., 1.22.3: "Basta conversar com as sacerdotisas para se ficar a saber a razão dos nomes que as deusas usam").

A ideia de "prova" abona da preocupação de Pausânias a respeito da veracidade da sua narrativa. A prova material, se escassa ou controversa, pode ser substituída por um raciocínio lógico e seguro sobre os testemunhos disponíveis. Nesse caso, o autor não deixa de emitir uma declaração convicta – "Eis aqui, na minha opinião, a prova", 1.23.3 –, passando a usar uma situação real para inferir uma possibilidade. O documento escrito consta entre os testemunhos que dispõem de maior fidedignidade; a sua falta predispõe à manipulação e provoca hipóteses controversas, a que os Gregos são particularmente sujeitos (4.2.3, 9.16.7). Por isso, Pausânias reconhece (1.38.7; cf. 8.53.5): "De facto, como os antigos não tinham genealogias, podiam manipulá-las, sobretudo quando se tratava do ascendente dos heróis". Claramente inaceitáveis são aquelas fontes que pretendem encontrar para uma cidade ou um indivíduo um ascendente divino (e.g., 2.1.1): "Que esse Corinto seja filho de Zeus é uma afirmação que, quanto sei, nunca ninguém levou a sério, à exceção da populaça coríntia"; (5.1.4): "A Lua, ao que dizem, apaixonou-se por Endimião e deu-lhe cinquenta filhas. Outros, com maior probabilidade, dizem que Endimião tinha uma esposa"; ou ainda (9.5.2): "Cadmo fez um

[22] Afirmação equivalente é feita a propósito da impressão causada pela estátua de Zeus, em Olímpia, obra de Fídias (5.11.9): "Sei bem que a altura e largura da estátua de Zeus em Olímpia estão registadas. Mas quem estabeleceu essas medidas não merece o meu elogio, porque esses registos ficam muito aquém da impressão causada em quem vê a estátua".

casamento distinto, se é que realmente casou – como dizem os Gregos – com uma filha de Afrodite e Ares".

Mas relevantes são também as versões indiretas, aquelas que o autor colheu de diferentes e anónimos interlocutores ou registos, dada a impossibilidade de ter realizado em pessoa o imenso percurso que o seu relato pressupõe, ou a necessidade de, aquando das suas visitas, esclarecer com os residentes ou guias locais algumas dúvidas.[23] Neste caso, múltiplos "ao que consta", "segundo a tradição", "diz-se que"[24] (e.g. 1.1.2, 1.1.5, 1.2.5, 1.23.5) representam não só um complemento de informação, que amplia a interpretação do que é visto, como salvaguardam a subjetividade da informação recolhida. A voz da chamada 'opinião pública' pode suprir, em alguns casos, a falta de testemunhos mais sólidos (1.23.2): "O que vou dizer não está escrito em lado nenhum, mas é reconhecido pela maioria dos Atenienses". Pausânias é, sob este ponto de vista, consciente e crítico a respeito da distinta competência dos informadores ou das versões disponíveis, muitas delas procurando favorecer a tradição local; nem todos dispõem, portanto, do mesmo rigor ou isenção no conhecimento e transmissão dos factos (1.1.4): "Mas aqueles que se interessam por conhecer melhor do que o comum das pessoas as tradições locais sabem que se trata do altar de Androgeu"; (1.27.6): "A um dão o nome de Erecteu, ao outro o de Eumolpo. No entanto os Atenienses, pelo menos os que conhecem o passado, sabem que se trata de Imárado, o filho de Eumolpo que foi morto por Erecteu";

[23] Sobre a natureza dos contactos locais estabelecidos por Pausânias, cf. Pretzler (2004) 205, (2007) 35-6.

[24] Chamoux (1994) 59 entende que estas fórmulas não se reportam a fontes anónimas, mas revelam a tendência de Pausânias para omitir a referência concreta a uma fonte precisa, oral ou escrita. Cita como exemplo a genealogia dos reis da Ática, em que a precisão de pormenores exige a consulta de um registo escrito.

(1.41.4): "É o que por lá se conta e eu bem queria estar de acordo com os Megarenses, mas não é possível subscrever a história toda"; (1.3.3): "Outras versões falsas correm também entre uma maioria que não conhece a história e considera credível tudo o que ouviu contar desde a infância, nos coros e nas tragédias".[25] Neste caso, Pausânias admite que determinados testemunhos, de grande evidência na história da cidade – caso dos festivais dramáticos – contribuíram para manipular uma certa opinião pública e para confundir rigor com ficção.

Quando as informações obtidas o não satisfazem, Pausânias sobrepõe-lhes o que entende ser a evidência dos factos (1.31.59): "Tentando obter uma informação, fui em busca dos guias da região que não tinham nenhum conhecimento claro sobre o assunto; aí eu próprio cheguei a esta conclusão". Chega até a confrontar os informadores com versões do seu conhecimento que arrasam as que pretendem manter; foi assim que a quem defendia a presença das ossadas de Gérion na Lídia, Pausânias desmentiu energicamente (1.35.8): "Eu confrontei-os e mostrei-lhes que Gérion estava em Gadira, onde não havia propriamente um túmulo dele, mas apenas uma árvore que apresentava diversas formas. Então os guias dos Lídios contaram-me a versão verdadeira...".[26]

---

[25] Apesar deste remoque à tragédia e às fantasias por que foi responsável, é evidente a enorme influência que versões trágicas dos mitos tiveram sobre Pausânias. E não só sobre um espírito culto e interessado como o do autor da *Descrição da Grécia*; sobre o espetro muito alargado dessa influência, o próprio dá conta ao dizer (1.22.1.): "É conhecida, até de um bárbaro que tenha aprendido grego, a paixão de Fedra e a ousadia da Ama posta ao seu serviço". Por isso se torna, também neste aspeto, para nós muito relevante o testemunho de Pausânias sobre inúmeras peças ou autores perdidos.

[26] Pretzler (2004) 205-6 sublinha a desconfiança de Pausânias em relação a estes informadores, embora não deixasse de recorrer aos seus serviços. Mas, com frequência, podia valer-se de simples encontros de ocasião ou de opiniões que considerava mais bem informadas (cf., e. g.,

Alguns critérios são, no entanto, usados na avaliação destas fontes mais duvidosas, como o da repetição, por exemplo, que parece garantir veracidade; assim a respeito da morte de Eurípides (1.2.2): "O modo como morreu – porque abonado por muitos testemunhos – deve merecer crédito" (cf. 2.12.3). Um bom critério é também o cotejo de uma multiplicidade de depoimentos, procurados para o efeito (1.23.5): "No intuito de conhecer o assunto melhor do que outros, ouvi depoimentos de muita gente". Sedutoras são, no entanto, as versões que cada povo narra sobre si próprio, constituindo depoimentos a que o relator da Grécia tende a prestar credibilidade quando a controvérsia está instalada ("Esta é a versão dos Argivos. Os Atenienses e os que alinham com eles sabem que Triptólemo, o filho de Celeu, foi o primeiro a semear produtos agrícolas", 1.14.2).

Particularmente interessantes são as inscrições,[27] lidas com cuidado, que prestam inestimáveis precisões sobre dados tão importantes como a proveniência de determinados objetos (caso dos escudos capturados aos Celtas, ou os dos Macedónios vencedores, depositados na Tessália e em Dodona, 1.13.3; cf. 1.15.4) ou a autoria de diferentes obras de arte. São elas que permitem a identificação de nomes e proveniências de artistas, colaborações entre eles, relacionamentos familiares, desde logo escultores e pintores, de primeiro plano ou mesmo secundários, que de outra forma nos seriam, em boa parte, desconhecidos. É manifesto o particular apreço que detêm,

1.18.5, 5.6.6, 6.26.1-2, 8.42.12-3). Sobre estes informadores, *vide* ainda Jones (2001) 33-9.

[27] *Vide* Habicht (1984), que estabelece a utilidade das inscrições, no caso de Pausânias, nas perspetivas seguintes: as que transcreve integralmente ou sumaria; as que confirmam, ainda que não citadas na sua narrativa, a fidedignidade de certas afirmações; ou ainda o contributo dado por Pausânias para a clarificação do sentido de algumas inscrições.

na sua opinião, os artistas da época clássica, a quem parece atribuir a *acmê* da arte grega; além de que merece registo o critério que Pausânias pontualmente refere na avaliação que a criação artística pressupõe, como seja o que confronta 'antiguidade' com 'técnica' (1.24.3): "Todo aquele que desvaloriza a antiguidade em favor da técnica, há de prestar atenção a um sujeito ...". São repetidas informações que registam o nome do autor (1.2.4): "Na parede está escrito em letras áticas que se trata de obras de Praxíteles"; ou então, precisam a identificação de um motivo ou de uma figura, podendo até assinalar a reutilização de uma mesma imagem para um segundo fim (1.2.4): "A inscrição que lá existe agora atribui a representação a uma outra figura que não Posídon"; (1.18.3): "As figuras de Milcíades e de Temístocles também lá se encontram, ainda que com legendas trocadas, referentes a um Romano e a um Trácio". Mesmo quando os motivos representados não são de fácil interpretação, a identificação do autor reabilita-lhes a importância; assim a propósito de uma escultura vista em Atenas, que obedece a uma convenção sem qualquer traço distintivo (1.2.3): "Não sei de quem se trata, mas cavalo e guerreiro são obra de Praxíteles". Sobre todo este caudal de elementos há ainda um último fator a ter em conta, o da opinião de Pausânias na arbitragem do que vê ou ouve contar ("na minha opinião", 1.1.5); esse é o parecer de alguém habilitado e escrupuloso na consulta interpretativa dos materiais que tem ao seu dispor.

Por fim, é inegável o efeito que a leitura de autores que o precederam – inúmeros e de diversos padrões – teve na formação e informação do erudito. E mais uma vez Pérgamo e a sua biblioteca podem ser propostos como o local hipotético desse convívio com as fontes literárias (cf. Pouilloux (1992) XV). De facto, história, literatura e arte constituem, no relato de

Pausânias, parceiros complementares e harmoniosos. Quando cotejados, monumentos, informação histórica e versões míticas e poéticas dos episódios subjacentes, produzem, pela confluência ou mesmo pela diversidade ou conflito, fontes de informação clarificadoras. Sem dúvida que a distância temporal e o naufrágio de tantos textos nos não permite reconstruir a verdadeira dimensão dos autores e textos consultados. Muito provavelmente, alguns são utilizados sem que lhes seja feita menção. Nomes míticos, como Museu ou Orfeu, podem ser citados, ainda que seja duvidosa a autenticidade dos versos que lhes são atribuídos (1.14.3, 1.22.7, 1.25.8); outros há que causam a Pausânias alguma incerteza (1.22.7: "versos esses, julgo eu, de Onomácrito"). Em contrapartida, nomes como os de Homero (e.g., 1.12.4, 1.12.5, 1.13.9, 1.17.5, 1.22.6, 1.23.4, 1.28.7), Hesíodo (1.3.1, 1.24.7, 1.28.6, 1.43.1, 3.24.10, 8.18.1, 9.27.2, 9.31.5, 9.35.5), Álcman (1.41.4, 3.15.2, 3.18.6, 3.26.2), Safo (1.25.1, 1.29.2, 8.18.5, 9.27.3, 9.29.8), Píndaro (1.8.4, 1.41.5), Estesícoro (2.22.7, 3.19.13, 8.3.2, 9.2.3, 9.11.2, 10.26.1, 10.27.2), Hégias de Trezena (1.2.1), Heródoto (e.g., 1.5.1, 1.33.5, 1.43.1, 2.16.1, 2.20.10, 2.30.4, 3.2.3), Tucídides (6.19.5), Xenofonte (1.3.4) são, entre uma centena e meia dos mencionados ao longo da narrativa, referidos e usados com frequência e apreciada ou avaliada a sua qualidade. Homero será sempre uma fonte de incontornável relevância; Píndaro beneficia do estatuto de 'amigo de Atenas', alguém que, pela atenção e elogio que dispensou à cidade, mereceu a honra de uma estátua em plena ágora (1.8.4); um historiador minucioso como Xenofonte pode ser de elevado préstimo na própria interpretação de uma representação pictórica. Como não menos relevante é a influência de autores que, mesmo se discretamente referidos ou até omissos numa menção direta, estão patentes como origem da informação transmitida. Este é o caso de Tucídides e Plutarco, para falar

de exemplos mais evidentes.[28] Em contrapartida, outros há que merecem reprovação pelos depoimentos pouco objetivos que transmitem, dependentes que estão dos benefícios dos seus patrocinadores, ou ressentidos por qualquer dano causado nos seus interesses pessoais; esse é o caso de Hierónimo de Cárdia (1.9.8), que "tem fama de usar de acrimónia no que escreveu sobre outros reis, à exceção de Antígono, a quem sempre dirigiu elogios injustificados"; e ainda sobre o mesmo Hierónimo acrescenta Pausânias (1.13.9): "É que, para quem convive de perto com soberanos, forçoso é escrever o que lhes agrada. E se também Filisto, na esperança de abrir caminho para Siracusa, assumiu uma postura desculpável ao ocultar atitudes perversas de Dionísio, mais perdão merece ainda Hierónimo por escrever o que podia agradar a Antígono".

Em conclusão, a narrativa de Pausânias, ainda que indubitavelmente articulada com as diferentes fontes consultadas, não deixa de revelar uma certa autonomia, que abona – de

[28] Os temas centrais nestes autores, e também decisivos, por diferentes razões em Plutarco, impõem a utilização destas fontes; assim, as consequências das guerras pérsicas sobre o futuro da Grécia clássica, no caso de Heródoto; os condicionalismos levantados pela guerra do Peloponeso sobre toda a Grécia, no caso de Tucídides; as suas consequências nos anos subsequentes ao fim do conflito, no de Xenofonte; e, finalmente, o desenho de determinadas figuras de relevo em diferentes etapas da história do mundo grego antigo que constituem a essência das biografias de Plutarco (este último nunca nominalmente referido por Pausânias, ainda que a leitura das suas *Vidas* seja, para muitos estudiosos, uma evidência; cf. Habicht (1985) 98). A estes se associariam, naturalmente, outros autores, sobretudo historiadores, muitos para nós perdidos e com relevância em descrições mais específicas, relacionadas com monumentos, lugares ou rituais. Cf. Musti (1982) XXIX-XXX. Sobre o mundo intelectual em que Pausânias se movia, que certamente configurou a sua personalidade de homem culto e coordenou as suas principais fontes de informação, *vide* ainda Arafat (1996) 16-24.

acordo com alguns comentadores – o seu conhecimento direto, e não apenas livresco, das realidades descritas.[29]

3. A importância do património (material e imaterial) considerado

Na tradição manuscrita, a obra de Pausânias está repartida em dez livros (ascenda essa divisão ou não ao autor),[30] assim organizados: I. Ática e Megáride; II. Corinto e Argólida; III. Lacónia; IV. Messénia; V-VI. Élide; VII. Acaia; VIII. Arcádia; IX. Beócia; X. Fócida e Lócrida. O método que resulta desta ordenação é basicamente geográfico. Por outro lado, a *Descrição da Grécia* não é o relato exaustivo de todas as regiões em que se repartiu o território helénico, apesar da afirmação de Pausânias, em 1.26.4: "Tenho de avançar na minha narrativa, no objetivo de descrever em igual medida todas as questões relacionadas com a Grécia".[31] Estão excluídas

[29] Naturalmente, a própria diacronia envolvida na *Descrição da Grécia* – entre referências a acontecimentos passados e realidades presentes – implica que, em certos casos, Pausânias dependa exclusivamente do testemunho de outros, escritos ou orais, além dos vestígios monumentais ao seu dispor.

[30] Sobre as questões suscitadas pela cronologia de cada livro, *vide* Musti (1982) XII-XVIII. Pretzler (2004) 200 situa-se na linha dos estudiosos que tendem a defender que a ordem de composição dos livros corresponde àquela por que hoje os numeramos.

[31] Cundy (2016) 9 sublinha a dificuldade em interpretar o conteúdo da expressão aqui usada por Pausânias, *pánta tà hellenikà*, que afinal estabelece o âmbito da narrativa. Mas de acordo com que critério: geográfico? E então com que amplitude? Ou, além de geográfico, também cultural? Este segundo parece, sem dúvida, o entendimento mais consentâneo com a evidência do próprio texto (cf. Elsner (1992) 5, que considera a *Descrição da Grécia* como um testemunho sobre a identidade grega correspondente ao séc. II d.C.). Por sua vez Prezler (2007) 6 sublinha o facto de o mundo grego, sobretudo a partir de Alexandre, se ter expandido muito para fora das fronteiras estritas da Grécia continental ou insular, como uma dificuldade acrescida para estabelecer o que se entende por "questões gregas". O conteúdo da

a Etólia, a Acarnânia, a Tessália, o Epiro e a Macedónia, além das ilhas, com exceção de Salamina, Egina e Citera; ou seja, as regiões continentais mais a norte, bem como a maior parte da geografia insular, não se integram no seu projeto.[32] Como também, se nos focarmos na perspetiva do 'tempo' envolvido, a preferência por épocas que representam momentos cruciais da história grega, e que mais contribuem para testemunhar a superioridade do seu trajeto, é manifesta. Assim, a época das guerras pérsicas e a penetração macedónia – desde o avanço de Filipe II até à controvérsia entre os diádocos gerada pela morte de Alexandre –,[33] parecem centralizar uma boa parte dos interesses de Pausânias, acrescentando às etapas cruciais do trajeto histórico uma informação substancial – e para os modernos particularmente relevante – sobre a época helenística e o domínio romano. De facto, a Grécia que Pausânias visitou e registou no séc. II d.C. é tardia, relativamente ao seu apogeu, nos séc. V-IV a.C. A sua narrativa não escamoteia alguns

---

expressão parece suscitar reflexão paralela com o propósito enunciado por Heródoto (e.g., 1.5.3) sobre o âmbito igualmente abrangente da sua narrativa; esta proximidade entre os dois autores é sublinhada por Musti (1994) 9-34 que, de resto, vê em Pausânias alusões diretas várias ao 'pai da História'.

[32] Em contrapartida, outros contextos geográficos exteriores ao mundo grego – como regiões asiáticas ou o Egito – são integrados na narrativa. A exclusão dessas regiões da Grécia do Norte tem levado a especulações sobre o motivo que as ditou: uma questão de critério do próprio Pausânias? A perda de uma parte da sua narrativa, que se prolongaria para além do desfecho um tanto abrupto que temos? Sobre a questão, *vide* Prezler (2007) 6-7.

[33] Musti (1994) 19-20: "Atenas, a protagonista entre todas as cidades gregas, é posta numa espécie de confronto 'polar' com os reis helenísticos: essa torna-se uma ocasião para uma história dos diádocos, para um confronto, muito presente na ideologia pausaniana, entre o mundo das cidades gregas livres e o de tantas realidades estatais nascidas das empresas de Filipe e Alexandre, soberanos daquela Macedónia com que Pausânias não simpatiza".

sinais de decadência, o abandono de cidades antes florescentes, a ruína em que alguns templos se encontram, a pilhagem a que alguns tesouros foram sujeitos (cf. as observações feitas a este propósito por Pausânias em 8.33.1). E, no entanto, a época de paz que se vivia, associada ao apreço e ao impulso dado pelo império romano para a sua restauração, veio abrir uma espécie de reflorescimento. A construção de novos monumentos de todo o tipo – templos, teatros, ginásios, estátuas –, associada ao restauro de outros que se encontravam decadentes, deram à cultura da Grécia uma outra pujança.

No planeamento geral, a *Descrição da Grécia* começa pela Ática, sem dúvida reconhecendo a centralidade de Atenas no mundo grego e o apelo que constitui para quem visita a Grécia com objetivos de satisfação cultural. Daí, a narrativa avança, através de Corinto, para o Peloponeso, começando pelas regiões dóricas – Argólida, Lacónia e Messénia –, para depois prosseguir com a Élide, a Acaia e a Arcádia. Por fim, retorna à Grécia Central, para se ocupar da Beócia, da Fócida e da Lócrida.

Por sua vez, o trajeto realizado por Pausânias em cada uma das regiões da Grécia percorridas ou indiretamente descritas segue, sobretudo a partir do Livro II – sendo que no Livro I a metodologia não está ainda claramente estabelecida –, um critério bem coordenado e definido. Após um breve proémio histórico, no acesso franqueado a quem chega, ainda periférico, até ao coração da cidade, o leitor é orientado com clareza à medida que vão sendo registados os diversos pontos de referência. Atingido esse ponto central, em geral a ágora, é feita a descrição dos seus principais edifícios, para então se prosseguir com um percurso através das diferentes vias que dele irradiam. Depois de descrita esta parte central, são consideradas as periferias, da mesma forma sistemática que vai do central

para o marginal. Seguindo eixos viários essenciais, Pausânias vai descrevendo aglomerados habitacionais e monumentos à medida que vão surgindo; não são apenas as cidades ou locais de referência – Atenas, Corinto, Micenas, Esparta, Delfos, Olímpia ... – que lhe interessa considerar, mas todos aqueles lugares em que se encontre alguma coisa digna de registo (cf. 8.43.1). Por outro lado, se olharmos numa perspetiva mais alargada, o encadeamento das diferentes regiões obedece a um plano metodológico equilibrado e coeso.[34]

Concentremo-nos, nestas considerações preambulares, no Livro I da *Descrição da Grécia*. Os monumentos que maior atenção lhe merecem – como aliás a qualquer turista informado dos nossos dias – são os santuários, os edifícios de utilidade pública (organismos de Estado, tribunais, pórticos, ginásios) e aqueles elementos – estátuas, fontes – que constituem a decoração natural dos espaços urbanos de uma cidade.[35] Muito particular é a minúcia que usa no roteiro dos

[34] Talvez a junção da Megáride à Ática, no final do Livro I, seja um caso raro de menor definição de fronteiras entre os diversos livros.

[35] Por isso Petzler (2004) 208 escreve com propriedade: "Pausânias focava-se nos edifícios sagrados, estátuas e memoriais que considerava 'dignos de serem vistos'. O que significa que a sua atenção se deixava atrair por um artista famoso, por um estilo especial ou por uma técnica usada na sua criação, ou por uma conexão com uma narrativa interessante". Logo, o critério estético estava longe de ser o único, porque alguns monumentos em ruínas contam-se entre os 'dignos de serem vistos'.

Tem sido, em contrapartida, objeto de reparo de diferentes comentadores a pouca atenção dedicada, em geral, por Pausânias à paisagem natural, mesmo em situações em que esse tipo de descrição pareceria inevitável; é o caso dos capítulos dedicados aos montes que cercam Atenas (1.32.1-2), em que o interesse do relato se fixa nos templos e imagens dos deuses que os povoam. No entanto, se parece certo que o contexto urbano lhe merece maior interesse, livros como o VIII, dedicado à Arcádia e profuso em descrições da sua configuração ecológica, não deixam de corrigir esta visão demasiado radical. Por outro lado, também o motivam menos as realidades do quotidiano, gozando da sua

cemitérios,[36] tanto os espaços dedicados a essa função especificamente – como o Ceramico, em Atenas –, como aqueles túmulos que se alinhavam ao longo das estradas, à semelhança do que acontecia entre Elêusis e Mégara. Da identificação de muitos deles, Pausânias é capaz de sugerir apontamentos fundamentais na história das personalidades aí sepultadas.

Mas particularmente interessante é a leitura, de sentido cultural ou político, que frequentemente Pausânias retira dos monumentos que observa. Não se trata apenas de registar a presença dos diferentes edifícios, estátuas ou túmulos; mas no conjunto, todos eles ganham uma maior importância ou justificação, porque acompanhados, com frequência, por uma informação contextualizadora do ponto de vista histórico. A desproporção é, por vezes, flagrante; a uma menção breve de um monumento ou lugar, sucede-se uma extensa descrição que envolve informação histórica ou tradição mítica. Há, portanto, uma preocupação constante de relacionar o presente com o passado, de fundir erudição com o simples registo visual, de adicionar sentido, político ou cultural, à estética ou qualidade artística.[37] Pela mão de Pausânias, uma fusão harmoniosa se

---

preferência o que é mais antigo e muito em particular tudo o que diz respeito a locais sacros e cultos.

[36] No que se refere ao longo inventário dos túmulos em 1.29, Musti (1994) 19 comenta: "Magnífica ocasião para uma síntese breve e eficaz das glórias da Atenas clássica". Knoedfler (1994) 278 refere este tipo de descrição como uma prática da época helenística.

[37] Não se trata, como defendem alguns estudiosos (cf. Cundy (2016) 3-4), de aligeirar ou decorar a simples menção ou listagem de lugares ou edifícios. Pausânias preocupa-se em acrescentar informação que lhes dê um sentido histórico e cultural. O recurso ao mito, um material claramente não objetivo, faz parte do relato histórico desde a sua origem, contribuindo, depois de algumas críticas, para um dos méritos de Heródoto que largamente o usou; se o mito pode não ser significativo como testemunho histórico em sentido estrito, é-o sem

vai produzindo ao longo de toda a narrativa entre mito e história, como se ambos fossem suporte indissociável da experiência de um povo e constituíssem, sobre a realidade que exprimem, testemunhos igualmente válidos. Tem razão Pouilloux (1992: XXIII) quando afirma: "Os lugares que ele visita, as obras que observa são apenas a superfície visível, os testemunhos visíveis de um mundo infinitamente mais vasto de que ele pretende traduzir a unidade, a coerência e a continuidade".

O património construído marca etapas numa vida que se conta já por séculos, e deixa patente o objetivo, não apenas pragmático mas também cultural, a que obedeceu a sua construção. Não se trata, por outro lado, só do produto de um esforço coletivo – o de uma sociedade que, como um todo, providencia as estruturas indispensáveis ao seu quotidiano; no conjunto reconhece-se também o empenho individual, daqueles que são os 'benfeitores' da cidade ou da Grécia em geral, em que o imperador Adriano parece, no conjunto, a figura mais destacada. Trata-se, no seu caso, do benefício expressivo e generoso de um político atento ao bem-estar dos povos sob seu domínio ("o imperador Adriano, um benfeitor de outros povos, mas muito em particular da cidade de Atenas", 1.3.2; "um imperador que muito honrou o culto da divindade e se esforçou ao máximo pelo bem-estar de cada um dos povos submetidos à sua autoridade", 1.5.5). Por isso granjeou a honra de se encontrar representado nos edifícios mais relevantes da *polis*, em convívio com as divindades de maior prestígio (assim, no Pórtico Real, e.g., ao lado de Zeus Eleutereu, 1.3.2; ou no Pártenon de Atenas, o templo máximo dedicado à sua padroeira, 1.24.7). O Olimpieu é, com certeza, um dos

dúvida para a Antropologia Cultural, uma disciplina cuja autonomia só muito mais tarde veio a ser estabelecida.

recintos mais emblemáticos da generosidade do imperador, como também do reconhecimento das diversas cidades gregas, Atenas em particular (1.18.6). Mas muitos outros benfeitores ou doadores existem, cujo objetivo é sobretudo o do registo de uma vitória, ou de uma obra criada pela sua própria arte, que atestam serviços prestados às cidades de onde são naturais ou que os acolhem (1.1.3, 1.2.5). Além do prestígio que estas 'benfeitorias' representam para quem delas tomou a iniciativa, são também uma homenagem prestada a um povo cuja superioridade cultural continuava a impor-se.

Por seu lado, os Atenienses mostram-se reconhecidos para com aqueles que de alguma forma os beneficiaram, de que numerosos vestígios se multiplicam pela cidade. Assim, a Ptolemeu III (1.9.3), "os Atenienses, que ele muito tinha beneficiado – benesses que não vou relatar –, fizeram-lhe uma estátua de bronze, a ele e a Berenice, a única descendente legítima entre os seus filhos". Mas nem sempre as motivações são tão nítidas ou louváveis; Pausânias tem a noção clara dos jogos políticos que a monumentalidade urbana representa (1.9.4): "As homenagens que os Atenienses prestaram aos Egípcios são devidas a um verdadeiro reconhecimento pelas benesses recebidas; as atribuídas a Filipe e a Alexandre resultam sobretudo da bajulice popular; quanto a Lisímaco, a homenagem não se deveu à simpatia, mas por o considerarem útil aos seus objetivos imediatos"; (1.28.1): "Sobre Cílon, não tenho nenhuma justificação clara para o facto de lhe terem consagrado uma estátua de bronze apesar de ele pretender instalar uma tirania. Mas imagino que a razão seja a seguinte: porque se tratava de um sujeito muito esbelto, com alguma fama por ter ganho uma vitória em Olímpia, na corrida do duplo estádio, e por ter casado com a filha de Teágenes, tirano de Mégara".

Uma teia de interesses e relações políticas, no seu sentido mais abrangente, é clara para um avaliador credenciado como Pausânias.

4. Livro I. A Ática e a Megáride

O facto de a narrativa de Pausânias não dispor de um proémio implica a falta de uma justificação para o objetivo do seu projeto,[38] como também não há um epílogo que nos garantisse uma conclusão ou, numa perspetiva mais elementar, nos desse a certeza de que o texto nos chegou completo. Passamos, portanto, de imediato à narrativa de uma primeira região da Grécia, a Ática, seguida de alguns poucos capítulos sobre a vizinha Megáride.[39] Tem sido assinalada alguma incompletude ou menor organização na narrativa deste primeiro livro, talvez porque o material de interesse fosse por demais abundante, e a experiência do narrador ainda incipiente; com o tempo, relatos equivalentes nos Livros seguintes passaram a contar com uma maior solidez e coesão.

Com a primazia dada à Ática, Pausânias segue o critério natural de valorizar aquela região que abrigava a que se tinha tornado a primeira cidade da Grécia. Mas segue também a ordem imposta pela sua chegada por mar às costas da Ática – certamente provindo do oriente –, que vai circundando, a partir do cabo Súnion até ao Pireu (registando a zona de Láurion e a ilha de Pátroclo, 1.1-5), e as primeiras impressões

[38] A falta de um proémio implica também que o texto nos seja fornecido sem o nome do autor, nem um título, o que leva alguns estudiosos a imaginar que esse período inicial da obra se tenha perdido (cf. Prezler (2007) 3). Só no séc. VI d.C., Estevão de Bizâncio testemunha que ao texto de um autor de nome Pausânias se dava por título *Periegesis Hellados.*

[39] Falta também, neste caso, um preâmbulo histórico que em geral precede a narrativa sobre cada uma das outras regiões.

colhidas por um visitante da Grécia. Esta parece ser também a forma mais natural de abordar uma cidade marítima como Atenas.

Por isso os portos da cidade lhe merecem uma observação atenta e detalhada (1.1). A história do seu desenvolvimento e as suas potencialidades funcionais vão levar fatalmente à concentração no Pireu, ainda que reconhecendo a antiguidade e a visibilidade mítica e religiosa que não falta aos de Falero e Muníquia. Falar do Pireu é, antes de mais, associá-lo ao papel essencial que Temístocles teve na transformação de Atenas numa cidade marítima, uma vantagem comprovada aquando de horas decisivas para a libertação da Grécia face à invasão persa nas primeiras décadas do séc. V a.C. Temístocles é, portanto, para o recém-chegado por via marítima, a primeira figura a antecipar o culto dos chefes ou personalidades relevantes na memória de um povo. Após o estabelecimento desta marca elementar na índole do Pireu, segue-se o momento de o olhar como local de interesse turístico; pela primeira vez ocorre a que se tornará numa fórmula repetida (1.1.3): "No Pireu, merece sobretudo uma visita ...". E se os templos são dignos de uma menção prioritária, não é menos verdade que o mercado abrigado num pórtico, inevitável num lugar portuário, atrai a atenção do visitante numa cidade que se anuncia cosmopolita, além de permitir às populações da zona marítima o conforto da proximidade no abastecimento.

Ultrapassada a zona portuária são sugeridos diversos itinerários de acesso ao centro da cidade, como pretexto para referir construções tão significativas como as muralhas de Atenas (1.2.1-3) e os primeiros túmulos que anunciam o cemitério do Ceramico, na periferia urbana. Atingimos, então, o coração da cidade. A ágora de Atenas é, na verdade, a projeção do povo que a construiu e a habita. Antes de mais, Pausânias regista

a expressão da memória em relação a todos aqueles que de alguma forma se distinguiram, que, de tão numerosos, lhe merecem uma referência meramente global (1.2.4): "Desde as portas da cidade até ao Ceramico há pórticos, e diante deles perfilam-se estátuas de bronze, de homens e mulheres que se destacaram por algum motivo". Outros há que constituem uma verdadeira marca de identidade nacional, como é o caso de Teseu, nas diversas etapas da sua afirmação como soberano da cidade (1.3.1), e como representante das conquistas civilizacionais de um povo, reunido com Democracia e Demos no Pórtico de Zeus *Eleuthérios* (1.3.3). Em consequência, Teseu tem também, na ágora, um lugar destacado, como a maior marca de identidade coletiva (na *Stoa Poikile*, 1.15.2, no *Teseion*, 1.17.2-6). Do que foi o passado autóctone e restrito da cidade, os monumentos dão conta da evolução para o cosmopolitismo que veio a identificar a Atenas clássica; por isso ao lado dos cidadãos, alinha-se o reconhecimento perante os estrangeiros de alguma forma intervenientes na projeção e crescimento de Atenas (1.3.2).

Por outro lado, multiplicam-se os templos e os cultos, que o nosso guia sempre pormenoriza pelos diferentes epítetos, dando a ideia da atenção prestada ao divino no quotidiano da cidade,[40] como de resto o próprio Pausânias constata (1.17.1; cf. 1.24.3): "Esta é uma sociedade que se distingue não só pela filantropia, mas também, mais do que outras, pela piedade para com os deuses".[41] Alguns cultos beneficiam de manifesta

[40] A multiplicidade de epítetos que a mesma divindade vai recebendo nos diferentes locais é, com certeza, a marca denunciadora de um mosaico cultural que se esconde por trás da palavra Hélade.

[41] Arafat (1996) 10 justifica esta preferência de Pausânias em termos expressivos: "O interesse primordial de Pausânias estava posto na cidade e nos seus santuários, um tipo muito específico de lugar em que se esperaria encontrar também padrões específicos de arte, símbolos

popularidade, como é o caso de Dioniso (1.2.5), cujas etapas de inserção na cidade vão sendo sucessivamente registadas. Uma cidade que se orgulhava da sua autoctonia multiplicava, em conformidade, as representações dos seus reis míticos (1.2.5), enlaçando com frequência a familiaridade entre soberanos e a introdução de certos cultos, de presença ancestral em Atenas. E, naturalmente, os edifícios relacionados com o exercício da autoridade política – o Pórtico Real (1.3.1), o Conselho dos Quinhentos (1.3.5), o Pritaneu (1.5.1) –, merecem a melhor atenção de Pausânias.

Não menos emblemáticas do que os edifícios de funcionalidade religiosa ou administrativa, são as verdadeiras galerias de arte que se foram concentrando neste mesmo espaço. O Pórtico de Zeus *Eleuthérios* (1.3.3) representava o edifício administrativo decorado com pinturas notáveis, a ombrear com a *Stoa Poikile*, certamente um local da maior visibilidade como expositor não só de obras de artistas de referência, como de uma harmonia evidente entre cenas míticas e 'retratos' dos episódios mais relevantes da história coletiva (1.15.1-4). Como é esperável, este é um universo onde os nomes dos melhores artistas são postos em relevo (1.3.4-5), testemunhando o escrúpulo do governo de Atenas na seleção daqueles que poderiam embelezar, com excelência, os locais de referência da cidade.

A riqueza monumental da ágora justifica que, a seu propósito, se concentrem diversos excursos ou digressões,[42] no empenho de Pausânias para justificar a presença de alguns edifícios ou monumentos no espaço nobre da cidade (sem,

coletivos da religião do Estado e, por isso, da identidade do Estado". Neles se encontrava, portanto, o que o mesmo Arafat designa por "o foco da comunidade *par excellence*".

[42] Designados pelo próprio Pausânias com expressões como παρενθῆκαι (1.8.1), πάρεργα λόγου (1.9.4), ἐπεισόδιον τῷ λόγῳ (8.8.1).

também neste caso, ser exaustivo). Com frequência a simples menção de uma construção ou de uma imagem desencadeia uma longa exposição sobre o suporte histórico que ela esconde, tornando difícil o estabelecimento de um percurso bem determinado e uma consulta espacialmente inteligível do texto.[43] Assim, com óbvia justificação, merecem uma abordagem detalhada os reis míticos de Atenas (1.2.6), a ameaça que constituiu a invasão dos Gauleses e a pujança dos defensores da cidade e da Grécia perante essa ameaça (1.4.1-6), a importância do relacionamento com a dinastia dos Ptolemeus, no Egito (1.6-7, 1.8.6-1.9.1), ou com a de Átalo, em Pérgamo (1.8.1), as tensões criadas pelos diversos diádocos após a morte de Alexandre (1.9-10, 1.16.1-3), e outras questões que envolveram o confronto político entre a Grécia e o ocupante macedónio, e caraterizaram a história da corte de Pela (1.11-3, 1.25-6). Este tipo de informação contribui para os numerosos *aítia*, referências a episódios ou figuras que justificam a toponímia instituída (e.g., 1.2.6, 1.3.1), em muitos casos inspirada no mito, a que progressivamente a história e os seus intervenientes se vão

[43] Sem dúvida que Pausânias se dá conta de algum excesso ou menor a propósito de alguns desses excursos e, por isso, sente necessidade de se justificar (1.6.1): "No que se refere a Átalo e a Ptolemeu, são de um tempo suficientemente antigo para que já não persista informação sobre eles, e aqueles que, por conviverem com esses soberanos, deixaram o relato das suas ações não têm merecido muita atenção. Essa a razão por que me decidi a apresentar com algum pormenor o que fizeram e quais os processos usados pelos seus antecessores para imporem autoridade sobre o Egito, a Mísia e as regiões vizinhas". Prezler (2007) 76 salienta também o 'excesso' de informação dada, quando se trata do percurso da ágora, sobre a história da época helenística, produzindo um efeito certamente distorcido: "É certo que a ágora de Atenas sofreu mudanças significativas no período pós-clássico, mas é improvável que um visitante no séc. II d.C. tivesse uma apreensão do lugar como focado na história da fase helenística, como resulta do texto de Pausânias".

impondo. A identificação dos heróis epónimos é, deste ponto de vista, muito ilustrativa (1.5.2-5); consoante o acrescento das tribos e a amplitude internacional de Atenas, assim a representação deste tipo de herói se vai diversificando: primeiro sublinhando os heróis míticos, associados à origem das grandes famílias da cidade; depois os reis míticos, a merecerem pequenos excursos sobre a sua ação; e mais tarde a inclusão de figuras – como Átalo, os Ptolemeus ou o imperador Adriano – marcantes no relacionamento exterior de Atenas. O progresso na mentalidade e experiência política da cidade está, portanto, claramente expresso nesta sucessão. Do ponto de vista narrativo, Pausânias manifesta consciência de que, mesmo se úteis ou indispensáveis, os excursos o desviam de uma linha reta na expressão dos seus propósitos. Uma advertência a si próprio e aos seus leitores demarca os limites dessas incursões ou precisões históricas (1.4.6; cf. 1.33.7): "Vou agora voltar ao ponto de partida do meu relato".[44]

Percorridos alguns roteiros da parte baixa da cidade, tomamos então o caminho da Acrópole, circundando o seu lado sul, com a menção da rua das trípodes, do Odeón, do Teatro de Dioniso e do santuário de Asclépio (1.14.1, adiante mais minuciosamente abordados, 1.20-1), a que se seguem

[44] A riqueza monumental e histórica da Ática justifica naturalmente um maior volume de informação e uma maior 'desorganização' dos materiais, que dão a este primeiro Livro uma índole muito particular. É, mesmo assim, relevante a preocupação que Pausânias manifesta com o plano estrutural da sua exposição, e os diversos pontos de ordem com que adverte o seu leitor (e.g., 1.8.1: "Como é que esse Filetero se revoltou contra Lisímaco e atraiu à sua causa Seleuco é um assunto que deixo para quando tratar de Lisímaco"; 1.22.7: "o motivo de Medusa não pretendo incluí-lo a propósito da Ática"; 1.24.5: "o que se conta sobre a Esfinge é um assunto de que vou tratar a propósito da descrição da Beócia"; 1.26.5: "Tenho de avançar na minha narrativa, no objetivo de descrever sistematicamente a Grécia").

espaços determinantes no ângulo sudeste: o Olimpieu (1.18.6) e as margens do Ilisso (1.19.1). A propósito, Pausânias insere a informação sobre os rios que cruzavam Atenas, enumerando os múltiplos edifícios, desportivos e religiosos, e os inumeráveis cultos e lendas, que povoavam as suas margens (1.19.5-6).

É então o momento de dedicar atenção ao núcleo sagrado de Atenas, os templos, imagens, altares e rituais que povoavam a Acrópole. Como esperado, este é um longo conjunto de capítulos (1.22.4-1.28.3), detentores de uma informação relevante sobre tradições, cultos, rituais, obras de arte, ainda que não corresponda – para desilusão de alguns – ao que se esperaria de um compêndio técnico e exaustivo. A admiração de Pausânias pela excelência do tesouro monumental da Acrópole ateniense é, desde o ponto de acesso, visível (1.22.4: "O teto dos Propileus é em mármore branco, e pela perfeição e tamanho dos blocos de mármore até aos dias de hoje não tem rival"); e mesmo se alguma superficialidade há no que se poderia chamar 'descrição', o inventário é avassalador. Além de estátuas, altares, pequenos templos, a atenção do visitante concentra-se legitimamente nos dois edifícios de referência e na deusa que brilha com maior impacto no recinto, Atena, eleita pelos Atenienses para sua padroeira: o Pártenon (1.24.5-7) e o Erecteu (1.26.5-7).

Após o percurso da Acrópole, a atenção de Pausânias dirige-se para os lugares que lhe são vizinhos, o Areópago (1.28.5) e o templo consagrado às deusas Venerandas / Erínias (1.28.6), um e outro edifícios a suscitarem uma enumeração dos diversos testemunhos que evocam. A associação com o exercício da justiça que lhes é tradicional desencadeia o excurso dedicado aos diferentes tribunais de Atenas (1.28.8--11), independentemente da sua localização, também ele mais do que justificado pela fama que se lhe colou desde a época

clássica como 'cidade dos tribunais'. Em cada caso, um processo mítico garante-lhes legitimidade e prestígio.

A seguir ao Areópago, o trajeto encaminha-nos para a periferia da cidade, antes de mais em direção à Academia. Este é o ponto de partida para uma longa enumeração dos cemitérios e zonas tumulares, com a evocação de muitos nomes associados à história da cidade, a merecerem, em alguns casos, um apontamento que lhes legitime a fama (1.29.3-16). Por isso, a leitura das inscrições nas lápides é um testemunho essencial para a identificação dos ali sepultados. A intervenção bem sucedida na guerra – de Atenienses ou seus aliados – é, sem dúvida, a principal garantia dessa homenagem pública. A inclusão de escravos, quando em tempo de crise profunda se associaram aos seus senhores em prol dos interesses da cidade, merece a atenção e aprovação de Pausânias (1.29.7; cf. 1.32.3): "Foi uma medida correta a do povo de Atenas, ao conceder aos escravos sepultura pública e a gravação dos seus nomes em estelas, a declarar o mérito que tiveram ao combater ao lado dos seus senhores". Além dos combatentes, os artistas têm também o seu lugar na memória coletiva (e.g., "Nícias, filho de Nicodemo, o melhor pintor do seu tempo", 1.29.15), além dos gestores públicos que deixaram o seu nome ligado a programas de construção ou a tempos de prosperidade para as finanças do Estado (caso de Licurgo, 1.29.16). Mais adiante, quando se direciona para o caminho que une Atenas a Elêusis, Pausânias vai regressar à descrição de uma outra zona tumular também ela emblemática em relação a personalidades ou momentos decisivos na história da cidade (1.37.1-5).

Terminado este périplo com o relato de alguns cultos e tradições relacionados com o espaço da Academia, Pausânias passa aos subúrbios da cidade, com uma passagem em revista dos seus diferentes *demoi* (1.31.1-6), aqueles que "oferecem

algumas curiosidades dignas de registo" (1.31.1), essencialmente no plano religioso, mas também artístico e cultural. O de Maratona, pelo associação com um momento glorioso das guerras pérsicas, merece um destaque muito particular (1.32.3--7). A paisagem envolvente de Atenas, a coroa de montanhas que cerca a cidade, inclui-se nesta descrição dos subúrbios (1.32.1-2).

Na periferia da Ática integram-se ainda as ilhas (1.35.1), o que obriga o relato a regressar ao cabo Súnion, acompanhando a costa leste da Ática – ilhas de Pátroclo e de Helena – e, só depois, já na costa ocidental, a mais emblemática das ilhas desta área, Salamina (1.35.2-4, 1.36.1), que, de resto, pela sua situação geográfica – "situa-se diante de Elêusis e estende-se até à Megáride" –, se torna uma menção conveniente para a sequência da narrativa, justamente focada nestas duas regiões (1.36.3-38.7, 1.39.1, 1.39.4-44.10). Alguns elementos históricos a propósito dos fundadores míticos e dos movimentos bélicos consolidam os elos de articulação tradicional entre Atenas e a região da Ática em geral.

A estrada para Elêusis (1.38.1-5), evocativa de antigos confrontos com Atenas, conduz-nos à intimidade de um lugar particularmente sagrado (1.38.6-7), respeitando, no entanto, o sigilo que protege templos e rituais da curiosidade dos não iniciados. A partir de Elêusis, iniciam-se os itinerários para a Beócia (1.38.8-9) e para Mégara (1.39.1).

Ainda que muito desfalcado de menções a inúmeros monumentos ou motivos com importância na história ou configuração da Ática, o Livro I é já um excelente ensaio para a narrativa das diferentes regiões que se abrem de seguida à curiosidade de Pausânias.

Bibliografia

Edições, traduções e comentários

Allan, W. (2008), *Euripides. Helen.* Cambridge: University Press.

Asheri, D., Medaglia, S. M., Fraschetti, A. (1990), *Erodoto. Le Storie. III. La Persia.* Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Arnaldo Mondadori Editore.

Casevitz, M., Pouilloux, J., Chamoux, F. (1992), *Pausanias. Description de la Grèce.* I. Paris: Les Belles Lettres.

Calonge Ruiz, J., Torres Esbarranch, J. J. (1990), *Tucídides. Historia de la Guerra del Peloponeso.* I-II. Madrid: Editorial Gredos.

Flacelière, R. (2003), *Plutarque. Vies. I*. Paris: Les Belles Lettres.

Herrero Ingelmo, M. C. (1994), *Pausanias. Descripción de Grecia.* Madrid: Gredos.

Jones, W. H. S., Ormerod, H. A. (1918), *Pausanias. Description of Greece. I-VI.* London, New York: William Heinemann, P. Putnam's Sons.

Leão, D. (1986), *Aristóteles. Constituição dos Atenienses.* Lisboa: Gulbenkian.

Lloyd, A. B., Fraschetti, A. ([3]1996), *Erodoto. Le Storie. II.* Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Mondadori.

Musti, D., Beschi, L. (1982), *Pausania. Guida della Grecia. I.* Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Mondadori.

Nenci, G. (1998), *Erodoto. Le Storie. VI.* Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Mondadori.

Pérez Jiménez, A. (1996), *Plutarco. Vidas Paralelas II.* Madrid: Gredos.

Sommerstein, A. H. (2001), *Wealth.* Warminster: Aris & Phillips.

Estudos

Akujärvi, J. (2005), *Researcher, Traveller, Narrator: Studies in Pausanias' Periegesis*. Stockholm: Almqvist & Wiksell International.

Alcock, S., Cherry, J., Elsner, J. (eds.) (2001), *Pausanias: Travel and Memory in Roman Greece.* Oxford: University Press.

Arafat, K. W. (1996), *Pausanias' Greece. Ancient Artists and Roman Rulers*. Cambridge: University Press.

Arafat, K. W. (2009), "Treasure, treasuries and value in Pausanias", *CQ* 59.2: 578-92.

Bingen, J. (ed.) (1994), *Pausanias historien*. Gèneve: Entretiens sur l'Antiquité Classique de la Fondation Hardt, 41.

Boardman, J., Edwards, I. E. S., Hammond, N. G. L., Sollberger, E., Walker, C. B. F. (1991), *The Cambridge Ancient History. III. 2. The Assyrian and Babylonian Empires and Other States of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries BC*. Cambridge: University Press.

Bowie, E. (2001), "Inspiration and aspiration. Date, genre and readership", in Alcock, Cherry, Elsner (eds.): 21-32.

Bugh, G. R. (1988), *The Horsemen of Athens.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Burkert, W. (1985), *Greek religion.* Trad. ingl. Harvard: University Press.

Burkert, W. (1987), *Ancient Mystery Cults*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press.

Bury, J. B., Cook, S. A., Adcock, F. E. (1969), *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon*. Cambridge: University Press.

Chamoux, F. (1994), "La méthode historique de Pausanias d'après le Livre I de la *Periégèse*", in Bingen (ed.): 45-69.

Cock, S. A., Adcock, F. E., Charlesworth, M. P. (1969), *The Cambridge Ancient History. VII. The Hellenistic Monarchies and the Rise of Rome.* Cambridge: University Press.

Conacher, D. J. (1967), *Euripidean Drama. Myth, theme and structure.* Toronto: University Press.

Craik, E. M. (2001), "Thucydides on the plague: physiology of flux and fixation", *CQ* 51.1: 102-8.

Cundy, J. E. (2016), *Axion Theas: Wonder, Space and Place in Pausanias' Periegesis Hellados.* Toronto: PhD University of Toronto.

Davie, J. N. (1982), "Theseus the king in fifth-century Athens", *G&R* 29. 1: 25-34.

Dickenson, C. (2015), "Pausanias and the archaic agora of Athens", *Hesperia* 84: 723-70.

Diller, A. (1955), "The authors named Pausanias", *TAPhA* 86: 268--79.

Elsner, J. (1992), "A Greek Pilgrim in the Roman World", *Past & Present* 135.1: 3-29.

Ferreira, J. R. (1992a), "A tirania dos Pisístratos", *Revista da Universidade de Coimbra* 37: 129-42.

Ferreira, J. R. (1992b), *A Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70.

Ferreira, J. R. (1987), "As reformas de Clístenes", *Biblos* 63: 179-99.

Ferreira, J. R. (1983), *Hélade e Helenos. Génese e evolução de um conceito*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Ferreira, L. N. (2013), *Mobilidade poética na Grécia Antiga: uma leitura da obra de Simónides.* Coimbra: IUC.

Glotz, G. (1968), *La cité grecque*. Paris: Éditions Albin Michel.

Gozalbes Cravioto, E. (2003), *Viajes y viajeros en el Mundo Antiguo.* Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-la-Mancha.

Graves, R. (reimpr. 1977), *The Greek Myths.* I-II. Middlesex: Penguin Books.

Habicht, C. (1984), "Pausanias and the evidence of inscriptions", *Classical Antiquity* 3.1: 40-56.

Habicht, C. (1985), *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. Berkeley: University of California Press.

Harrison, J. E. (1908), *Prolegomena to the study of Greek religion.* Cambridge: University Press.

Hawes, G. (2014), *Rationalizing myth in Antiquity*. Oxford: University Press.

Howatson, M. C. (1991), *Diccionario de la Literatura Clásica.* Trad. Espanhola. Madrid: Alianza Editorial.

Hughes, D. D. (1991), *Human sacrifice in Ancient Greece.* London and New York: Routledge.

Hutton, W. (2005), *Describing Greece. Landscape and Literature in the* Periegesis *of Pausanias*. Cambridge: University Press.

Hutton, W. (2010), "Pausanias and the Mysteries of Hellas", *TAPhA* 140.2: 423-60.

Jameson, M. H. (1951), "The Hero Echetlaeus", *TAPhA* 82: 49-61.

Jones, C. P. (2001), "Pausanias and his guides", in Alcock, Cherry, Elsner (eds.): 33-9.

Jouan, F. (1966), *Euripide et les légendes des Chants Cypriens.* Paris: Les Belles Lettres.

Karamanou, I. (2003), "The myth of Alope in Greek Tragedy", *L'Antiquité Classique* 72: 25-40.

Knoepfler, D. (1994), "Sur une interprétation historique de Pausanias dans sa description du *Demôsion Sêma* athénien", in Bingen (ed.): 277-311.

Lazenby, J. S, (1975), "Pausanias, son of Kleombrotos", *Hermes* 103.2: 235-51.

Leão, D. (2003), "Os Sete Sábios como agentes de formação", *Biblos* n.s.1: 23-41.

Leão, D., Rossetti, L., Fialho, M. C. (2004), *Nomos. Direito e sociedade na Antiguidade Clássica.* Coimbra/Madrid: IUC/ Ediciones Clásicas.

Leão, D. (2006), *Sólon. Estadista, poeta e sábio.* Coimbra: Minerva.

Leão, D. (2011), "Autoctonia, filiação legítima e cidadania no *Íon* de Eurípides", *Humanitas* 63: 105-22.

Leão, D. (2019), "Anacharsis: La sagesse atypique de l'étranger avisé", in Leão, D., Guerrier, O. (eds.), *Figures des sages, figures des philosophes dans l'oeuvre de Plutarque.* Coimbra, IUC: 57-70.

Lesky, A. (1968), *Historia de la Literatura Griega.* Trad. espanhola. Madrid: Editorial Gredos.

Lévêque, P., Vidal Naquet, P. ([2]1974), *Clisthène l'Athénien*. Paris: Les Belles Lettres.

Lewis, D. M., Boardman, J., Davies, J. K., Ostwald, M. (1992), *The Cambridge Ancient History. V. The Fifth Century.* Cambridge: University Press.

Lewis, D. M., Boardman, J., Hornblower, S., Ostwald, M. (1994), *The Cambridge Ancient History. VI. The Fourth Century.* Cambridge: University Press.

Liapis, V. (2012), *Commentary on the Rhesus attributed to Euripides.* Oxford: University Press.

Morgan, T. E. (1994), "Plague or poetry? Thucydides on the epidemic at Athens", *TAPhA* 124: 197-209.

Musti, D. (1994), "La struttura del discorso storico in Pausania", in Bingen (ed.): 9-34.

Myres, J. L. (1907), "A history of Pelasgian theory, "*JHS* 27: 170--225.

Nieto Izquierdo, E. (2011), "Notas sobre el dialecto de Cleonas y Nemea", *Habis* 42: 35-43.

Pellizer, E. (1998), "Le petit-fils de Zeus: la légende de Télèphe entre mythe et histoire', in Bouvier, D., Calame, C. (eds.), *Philosophes et historiens anciens face aux mythes.* Lausanne, Études de Lettres: 43-55.

Pimentel, C. (2015), "Leena y Epícaris, dos ejemplos de valor femenino", in Macías Villalobos, C., Maestre, J. M., Martos Montiel, J. F. (eds.), *Europa Renascens. La Cultura Clásica en Andalucía y su proyección europea.* Zaragoza, FAEC, Instituto de Estudios Humanísticos, Libros Pórtico: 883-900.

Pirenne-Delforge, V. (2008), "Le lexique des lieux de culte dans la *Periégèse* de Pausanias", *Archiv für Religionsgeschichte* 10.1: 143-78.

Pretzler, M. (2004), "Turning travel into text: Pausanias at work", *Greece & Rome* 51.2: 199-216.

Pretzler, M. (2007), *Pausanias. Travel Writing in Ancient Greece*. Bristol: Classical Press.

Rocha Pereira, M. H. ([10]2006), *Estudos de História da Cultura Clássica. I. Cultura Grega.* Lisboa: Gulbenkian.

Rodrigues, N. S. (2006), "Um tema egípcio na *Ilíada*: a *Kerostasia*", in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património e Departamento de História: 247-57.

Rodrigues, N. S. (2018), "Os tiranicidas de Atenas: entre a representação aristocrática e a ideologia democrática", in Sebastiani, B. N., Leão, D., Sano, L., Soares, M., Werner, C. (eds.), *A poiesis da democracia.* Coimbra, IUC: 158-86.

Silva, M. F. ([2]1997), *Crítica do Teatro na Comédia Antiga.* Lisboa: Gulbenkian/JNICT.

Silva, M. F. (2005), "A Fedra de Eurípides. Ecos de um escândalo", *in Ensaios sobre Eurípides.* Lisboa, Cotovia: 167-93.

Sousa, R. (2015), "O mito da origem de Serápis revisitado", *Revista Estética e Semiótica* 5.2: 133-48.

Taylor, J. G. (1998), "*Oinoi* and the Painted Stoa: ancient and modern misunderstandings?", *AJPh* 119.2: 223-43.

Torelli, M. (2001), "Reflections on context", Alcock, Cherry, Elsner (eds.): 53-60.

Verrall, M., Harrison, J. (1890), *Mythology and Monuments of Ancient Athens.* London: Macmillan.

Walbank, F. W., Astin, A. E., Frederiksen, M. W., Ogilvie, R. M. (1984), *The Cambridge Ancient History. VII.I. The Hellenistic World.* Cambridge: University Press.

Woodford, S. (1974), "More lights in old walls: the Theseus of the Centauromachy in the Theseion", *JHS* 114: 158-65.

Wycherley, R. E. (1963), "Pausanias at Athens, II. A Commentary on Book I, Chapters 18-19", *GRBS* 4.3: 157-75.

I. Ática E Megáride*

1.1.1. *A costa sul da Ática*

Na face do continente helénico voltada para as ilhas Cíclades e para o mar Egeu fica, no extremo da Ática, o promontório de Súnio.[1] Ao circundar esse promontório, encontra-se um porto e, no cimo, o templo de Atena Suníade.[2] Se se navegar um pouco mais, fica o Láurion, onde outrora os Atenienses tinham as minas de prata,[3] e uma ilha deserta, pequena, conhecida por ilha de Pátroclo. De facto, Pátroclo construiu lá uma muralha e ergueu uma paliçada. Esse Pátroclo comandava as naus egípcias que Ptolemeu, filho de Ptolemeu e neto de Lago, enviou em socorro dos Atenienses quando Antígono, filho de Demétrio, ao comando de um

* Agradeço ao meu colega e amigo Doutor Nuno Simões Rodrigues a leitura atenta que fez da tradução e comentário e todas as sugestões que me deu.

[1] Já referido em *Odisseia* 3.278-83, como o local em que, no regresso de Troia, Menelau perdeu o seu piloto alvejado por Apolo.

[2] Dois eram os cultos implantados no cabo Súnio: o de Atena, um pouco mais a norte (a partir do séc. VI a.C.) e posteriormente (de meados do séc. V a.C.) o de Posídon, no alto do promontório (cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 559, *Aves* 868). Era aí que os Atenienses realizavam concursos náuticos durante as Panateneias. Sobre a terminologia aplicada por Pausânias em relação aos lugares de culto, *vide* Pirenne-Delforge (2008) 143-78.

[3] Já exploradas desde o período micénico, foram particularmente relevantes para possibilitar a construção da armada com que Temístocles, em 480 a.C., organizou a resistência aos Persas em Salamina (cf. Ésquilo, *Persas* 237-8, Tucídides 2.55.1), e, mais tarde, para garantirem a supremacia marítima da cidade. Embora tivessem entrado em alguma decadência (cf. Xenofonte, *Helénicas* 3.6.12) depois que Esparta ocupou Deceleia (413 a.C.), continuaram a ser exploradas certamente sob a autoridade romana, depois da ocupação da Grécia no séc. II a.C.

exército lhes arrasava o território, ao mesmo tempo que com a armada os mantinha bloqueados.[4]

1.1.2. *Os portos de Atenas: Falero e Pireu*

O Pireu era, no passado, um bairro que, antes de Temístocles[5] assumir o comando dos Atenienses, não tinha porto.

[4] Este Pátroclo era um distinto militar que, durante o auge do poder marítimo dos Ptolemeus (ao tempo de Ptolemeu II Filadelfo, aqui referido, primeira metade do séc. III a.C.), teve um papel relevante no estabelecimento da talassocracia ptolemaica no Mediterrâneo oriental. Ao serviço de Ptolemeu II Filadelfo (283-246 a.C.) comandou uma expedição enviada à Grécia durante a guerra de Cremónides, para apoiar a defesa da cidade (267-262 a.C.). Tratava-se de impedir o avanço macedónio no sul da Grécia, sob o comando de Antígono II Gónatas, contra o qual Atenas se insurgia e em que Cremónides, um estadista de conhecida posição anti-macedónica, teve uma intervenção marcante. *Vide infra* 1.7.3, 3.6.4-6. *Vide* ainda Walbank *et alii* (1984) 236-9.

[5] Temístocles (c. 524-459 a.C.) viu o seu nome ligado à importante missão de conduzir a armada ateniense que enfrentou, com êxito, os Persas em Salamina, garantindo dessa forma um primeiro movimento para a retirada do invasor oriental de território grego. De facto, eleito arconte em 493 a.C., na previsão de um eventual ataque, desencadeou as obras que transformaram o Pireu num porto de qualidade, e, pela construção de uma cintura de muralhas, o ligou à cidade. Dentro do mesmo objetivo de fazer de Atenas uma potência marítima, persuadiu os Atenienses a investiram no reforço da armada os proventos das minas do Láurion, recurso extremo na resistência ao invasor oriental. Apesar de todos os sucessos, acabou perdendo influência perante a autoridade de Címon, um aristocrata conservador, e viu-se condenado, em 471, ao ostracismo em Argos, onde montou uma resistência contra Atenas (Tucídides 1.135-8, Plutarco, *Vida de Temístocles* 23-4). Considerado, por Esparta, como inimigo e ameaçado de morte, fugiu para a Pérsia. Sob o governo de Artaxerxes I, a partir de 464 a.C., foi-lhe atribuído grande prestígio e o estatuto de governador de Magnésia (junto ao rio Meandro, entre Éfeso e Mileto; cf. Plutarco, *Vida de Temístocles* 28, 31), onde morreu em 459 a.C. Tucídides (1.138) e Plutarco (*Vida de Temístocles* 32) documentam também a transladação dos restos mortais de Temístocles levada a cabo pelos parentes, primeiro clandestina; só mais tarde, perante o arrependimento dos Atenienses pelo tratamento que lhe tinha sido infligido, foi possível construir em sua homenagem um túmulo monumental no Pireu. Este túmulo situava-se fora

Era então Falero que lhes servia de porto, por ser aí que o mar se encontra mais perto da cidade. Foi de lá, ao que se diz, que Menesteu partiu com os seus navios para Troia,[6] e já antes dele Teseu o teria feito para levar a Minos a compensação pela morte de Androgeu.[7] No seu arcontado, Temístocles – para quem era evidente que o Pireu tem uma situação mais conveniente para a navegação,[8] além de proporcionar três portos em vez de um, como acontecia em Falero – deu-lhe condições para

---

das muralhas, próximo da costa. Pausânias multiplica as referências a Temístocles ao longo da sua narrativa; *vide infra* 7.6.3, 8.50.3, 8.52.2.

[6] Menesteu, um herói mítico, foi também um soberano que conduziu as tropas atenienses para a guerra de Troia. Cf. *Ilíada* 4.327-8, 4.338, 12.331-2. Segundo algumas tradições, teria sido posto no trono pelos Dioscuros, agastados com Teseu pelo rapto de sua irmã, Helena (*vide infra* 1.17.5, 1.41.3, 2.22.6). Plutarco, *Vida de Teseu* 32-3 considera-o o primeiro demagogo, utilizando a sua arte de seduzir o povo contra Teseu. Graves (1977) I.369 resume: "Menesteu o Erectida, que é louvado em *Ilíada* 2.552 sqq., pela sua notável perícia militar, que reinou em Atenas durante os quatro anos de ausência de Teseu no inferno, parece ter figurado como o seu gémeo mortal". *Vide infra* 1.17.6.

[7] Androgeu era um dos filhos de Minos e Pasífae, distinto vencedor nos jogos panatenaicos organizados pelos Atenienses. Vários são os pretextos que a tradição enuncia (temor de que Androgeu incentivasse Minos a atacar Atenas, inveja dos concorrentes vencidos nos jogos) para um mesmo desfecho: a morte de Androgeu. De acordo com outras versões, o responsável pela sua morte teria sido Egeu, que, entrevendo a simpatia de Androgeu pelos Palântidas, seus rivais políticos, procurou eliminá-lo enviando-o à caça do touro de Maratona. Estava aberta uma inimizade entre Minos e Egeu, que se traduziu não só no temido ataque dos Cretenses contra Atenas, como provocou em território ático uma tremenda peste. Para se libertar da vingança, Atenas viu-se forçada a pagar, com vidas, a ofensa. Seria Teseu a libertá-la dessa tremenda cobrança; cf. *infra* 1.22.5, 1.27.10; Plutarco, *Vida de Teseu* 15.

[8] Cf. Tucídides 1.93.7. A este propósito, Lewis, Boardman, Davies e Ostwald (1992) 207 observam como, após o termo das Guerras Pérsicas, os Atenienses reconstruíram a cidade de Atenas sem mudanças radicais em relação ao que era antes, mas "continuando a desenvolver o Pireu como cidade portuária, fizeram dela uma duplicação completa de um *asty*, planeada de acordo com o modelo hipodâmico".

o tornar praticável;[9] no meu tempo ainda lá havia construções portuárias. O túmulo de Temístocles fica na zona do porto maior. Ao que consta, depois que os Atenienses se arrependeram do tratamento que lhe deram, os parentes trouxeram-lhe as ossadas da Magnésia para as depositarem lá. Parece que também os filhos puderam regressar e afixar no Pártenon um retrato que representava Temístocles. **1.3.** No Pireu, merece sobretudo uma visita o templo de Atena e de Zeus.[10] Ambas as estátuas são de bronze, o deus sustentando o cetro e uma Vitória, e Atena uma lança. Nesse mesmo lugar, Leóstenes[11] – que, ao comando dos Atenienses e dos Gregos unidos, saiu vitorioso na campanha contra os Macedónios, na Beócia e, de novo, já fora das Termópilas, os forçou a fecharem-se em Lâmia, diante do Eta –, portanto Leóstenes e os filhos estavam representados numa pintura de Arcesilau. Existem também,

[9] Tucídides 1.69.1, 1.107.1, 1.108.3, 2.13.6-7 alude às fortificações que ligavam Atenas aos seus portos, construídas durante a primeira metade do séc. V a.C. Estes muros faziam parte da estratégia geral de tornar Atenas inexpugnável a um possível ataque marítimo. Em 1.93.1-8, o nome de Temístocles é associado à construção dos chamados Muros Altos, bem como de estaleiros que dotaram o Pireu de boas condições portuárias. Os seus três portos são chamados Zea, Muníquia e Cântaro.

[10] Ambos venerados sob o epíteto de "salvador" (*Soter*, *Soteira*). Situava-se perto do Grande Porto ou Cântaro e gozava de grande prestígio (cf. Licurgo, *Contra Leócrates* 17, 136-7), como o templo mais importante do Pireu.

[11] Após a morte de Alexandre e o termo da campanha na Ásia, um tempo de grande agitação e descontentamento, o ateniense Leóstenes assumiu o comando de um grupo de mercenários de regresso do oriente. A sua animosidade contra os Macedónios era evidente, de resto em uníssono com o ambiente antimacedónio que era então o de Atenas. Foi sob sua chefia que se organizou com sucesso a resistência a Antípatro, regente de Alexandre na Macedónia, que teve de proteger-se em Lâmia (323-322 a.C.). *Vide* ainda Walbank *et alii* (1984) 30-1. *Vide infra* 1.25.5, onde Pausânias acrescenta mais pormenores à intervenção antimacedónia deste militar de reconhecida perícia. Por sua vez Arcesilau, o autor do retrato, era um pintor pouco conhecido do séc. IV a.C.

atrás do grande pórtico, onde está instalado um mercado para as populações da costa[12] (porque há outro para quem vive mais longe do porto), portanto, atrás do pórtico junto ao mar, existem as estátuas de Zeus e Demos,[13] obra de Leócares. Junto ao mar, Cónon erigiu um santuário de Afrodite depois de arrasar as trirremes lacedemónias em Cnidos, uma cidade do Quersoneso cário.[14] Os Cnídios têm uma grande veneração por Afrodite, e possuem santuários da deusa. O mais antigo é o de Afrodite *Dorítide*, depois o da *Acraia*, e o mais recente

[12] Cf. Aristófanes, *Mulheres na assembleia* 686. Ao distribuir os cidadãos por pórticos onde passarão a ter garantidas as refeições, Praxágora refere "o pórtico do mercado dos cereais", que se situava perto do porto Cântaro. Cf. *Acarnenses* 548. Além deste mercado junto ao mar, Pausânias refere um outro mais recuado, junto do porto de Zea.

[13] Ao lado do deus figura uma alegoria de Demos, o povo, numa harmonização clara entre o poder divino e a cidade. Sobre Leócares, cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 40.5. Trata-se de um escultor ateniense famoso, autor, entre outras, de estátuas criselefantinas de Amintas, Filipe, Olímpia e Alexandre para o Filipeion de Olímpia. Era portanto alguém bem conectado com a corte macedónia. Foi um dos quatro escultores que trabalharam no Mausoléu de Halicarnasso. Sobre o seu Apolo, *vide infra* 1.3.4.

[14] Este templo, situado junto do Grande Porto, destinou-se a comemorar a vitória conseguida por este general em Cnidos (394 a.C.), uma das seis colónias dóricas da Cária, no sudoeste da Ásia Menor. Na sequência do termo da guerra do Peloponeso, os conflitos entre Atenas e Esparta continuaram até ao final do séc. V a.C. e primeiras décadas do IV. Depois da já longínqua vitória de Atenas sobre o inimigo espartano em Egospótamo, em 406 a.C., esta foi de facto a mais sólida das vitórias alcançadas por Atenas sobre a sua eterna rival. Cónon comandou, para este efeito, uma armada de Cipriotas, Ródios e Fenícios, contra as forças espartanas do almirante Pisandro. A vitalidade do culto de Afrodite em Cnidos está documentada pela multiplicação de templos dedicados à deusa, com diferentes designações: *Dorítide* ("Dórica", pela pertença da cidade à Hexápole dórica; cf. Heródoto 1.144.3), *Acraia* ("do Promontório"), *Cnídia* e *Euploia* ("protetora dos navegantes"). O último destes três templos, o mais recente, abrigava a célebre estátua de Praxíteles, dedicada a Afrodite de Cnidos (séc. IV a.C.), a primeira representação de uma deusa desnuda.

o daquela a que a maioria chama *Cnídia*, mas que os próprios Cnídios designam por *Euploia.*

1.4. Os Atenienses dispõem ainda de um outro porto em Muníquia,[15] onde há um templo de Ártemis Muníquia – e um outro em Falero, que já referi antes,[16] e, junto dele, um santuário de Deméter. Lá existe também um templo de Atena *Cira*,[17] mais longe um de Zeus, bem como altares dos deuses designados por *Desconhecidos*, de heróis, dos filhos de Teseu[18] e de Falero. Este Falero – segundo os Atenienses – navegou

[15] Este é o nome de um promontório situado do lado oriental do Pireu, onde se realizava um festival em honra de Ártemis. Musti e Beschi (1982) 256 salientam a afinidade entre este culto de Muníquia e o de Ártemis em Bráuron, associados à maturidade dos efebos.

[16] *Vide supra* 1.1.2.

[17] É lacunoso o conhecimento que temos a respeito do culto de Atena Cira, um festival feminino (cf. Aristófanes, *Mulheres na assembleia* 18). Segundo alguns testemunhos, os Ciros ligavam-se a outro festival, também estritamente feminino, as Tesmofórias, das quais deviam até ter feito parte; tratar-se-ia, portanto, de um ritual em honra de Deméter e Perséfone. Há, porém, outra informação que os considera como um festival independente, em homenagem a Atena. O que poderá significar a designação de "Ciros"? Segundo o escolista de Aristófanes, *skíron* é a "sombrinha" que o sacerdote levava durante a festa 'das duas deusas'. Um outro escólio a *Vespas* 925 diz que *skíron* é uma terra branca, como gesso, e que Atena é apodada de *Skirrás* por estar pintada de branco. Pergunta-se Harrison (1908) 135 se não será de supor para os Ciros um ritual semelhante ao das Tesmofórias, em que os objetos enterrados nos *mégara* fossem modelados em gesso. Torna-se, no entanto, difícil uma resposta definitiva. Mais recentemente, Burkert (1985) 230 concilia estas várias hipóteses. Segundo este especialista, o momento principal do rito era uma procissão, em que a sacerdotisa de Atena, sob a sombrinha, fazia o percurso da Acrópole para um lugar chamado *Skíron,* onde se situava um templo de Deméter e Perséfone. O ritual simbolizava assim o acolhimento prestado pelas duas deusas a Palas Atena.

[18] Os filhos de Teseu, Demofonte e Acamante, são referidos por Eurípides em *Heraclidas* – onde Demofonte é personagem e encarna os valores de Atenas como cidade acolhedora de suplicantes sob risco da própria segurança – e *Hécuba* 123-9. Ambos tinham sido combatentes em Troia para onde partiram saindo do porto de Falero.

com Jasão até à Cólquida.[19] Há ainda um altar de Androgeu, filho de Minos, também conhecido por *do Herói.* Mas aqueles que se interessam por conhecer melhor do que o comum das pessoas as tradições locais sabem que se trata do altar de Androgeu.

1.5. À distância de vinte estádios[20] fica o promontório de Cólias. Foi para lá que as ondas levaram os destroços da armada persa após a sua destruição. Aí existe uma estátua de Afrodite de Cólias e das deusas chamadas Genetílides[21]. Na minha opinião, as deusas que, na Iónia, os Fócios chamam Genaíades são as mesmas de Cólias. No caminho que, do Falero, leva a Atenas há um templo de Hera, sem porta nem telhado. Foi Mardónio, ao que se diz, o filho de Góbrias, que o incendiou.[22] Mas a estátua que ainda lá está é, ao que se ouve

---

[19] Trata-se de um neto de Erecteu, portanto ligado à melhor aristocracia fundadora de Atenas, que participou na expedição dos Argonautas à Cólquida (cf. Apolónio de Rodes, *Argonáuticas* 1.96-100). É na qualidade de herói fundador que o vemos dar o nome a um dos portos de Atenas.

[20] Cerca de 3,5 Km para leste do Falero. Cf. Heródoto 8.96.2, Estrabão 9.398, que testemunham a mesma deslocação dos cadáveres depois da batalha de Salamina, por ação dos ventos.

[21] As Genetílides eram divindades femininas, protetoras do nascimento, como Afrodite, que usava este mesmo epíteto (cf. Aristófanes, *Nuvens* 52, *Lisístrata* 2, *Tesmofórias* 130). Lisístrata (*Lisístrata* 2) inclui a menção das festas de Cólias entre um modelo muito apreciado pelas mulheres, de manifestações barulhentas e com caráter de orgia.

[22] Após a descrição da região costeira, Pausânias inicia o itinerário que conduz ao centro da cidade. Mardónio estava associado à família real persa em resultado de diversas alianças; informa Heródoto (7.2.2) que Dario tinha desposado, antes de ascender ao poder, uma filha de Góbrias, logo irmã de Mardónio. E, em 6.43.1, Heródoto regista o casamento de Mardónio com uma filha de Dario, Artozostra. Portanto as relações familiares de Mardónio com Xerxes, o rei persa que concretizou a invasão da Grécia, eram estreitas. É sem dúvida o parentesco com o rei, o prestígio que o situava entre os primeiros dos Persas e o enorme apoio que deu à concretização da campanha que justificam a importância das várias missões que lhe foram confiadas durante as

dizer, obra de Alcâmenes.[23] Pelo menos essa não teria sido danificada pelo Medo.

1.2.1. *Entrada no centro de Atenas*

Quando se entra na cidade, existe um memorial de Antíope, a Amazona. Esta Antíope, segundo Píndaro, foi raptada por Pirítoo e Teseu.[24] Porém o que está escrito no poema de

---

Guerras Pérsicas: desde logo de, dentro do plano de restabelecimento da autoridade persa na Iónia, reorganizar as cidades antes revoltosas da costa da Ásia Menor, e de iniciar o ataque, agora direto, contra a Grécia europeia. Diz Heródoto (6.43.1), referindo-se aos acontecimentos de 492 a.C.: "Mardónio, filho de Góbrias, desceu em direção ao mar, à frente de um enorme exército de infantaria e de forças navais. Era ainda um jovem e havia desposado, recentemente, Artozostra, a filha do rei Dario". Depois de desencadear um processo de reforma administrativa na Iónia, o seu objetivo de um primeiro ataque contra a Grécia saldou-se num tremendo fracasso, desmanteladas as forças navais, diante do monte Atos, por uma tempestade tremenda, e o corpo terrestre dizimado pelos Brigos, uma tribo da Trácia (Heródoto 6.44-5). Foi nas suas mãos que Xerxes, já em retirada, depositou a difícil missão de levar por diante a campanha. Mas importa também relacionar, por oposição ao brilho promissor desta carreira, o fim fatídico que lhe estava reservado. Mardónio havia de tombar em Plateias (Heródoto 9.63.1) e de ser objeto, já depois de cadáver, de uma ofensiva humilhante de vingança (9.78.3, 9.84.1-2).

[23] Alcâmenes (segunda metade do séc. V a.C.), portanto um contemporâneo de Fídias, foi um distinto escultor envolvido em obras de referência, como a da decoração do pedimento ocidental do templo de Zeus em Olímpia, ou as celebradas estátuas de Hefesto e Afrodite. Pertencia ao escol de escultores, como Fídias, Policlito ou Praxíteles. De acordo com este testemunho de Pausânias, teria sido também o autor de uma estátua de Hera instalada num templo que, depois de incendiado pelos Persas, os Atenienses não tinham reconstruído.

[24] Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 26-7, que regista diversas versões para a aproximação de Teseu e Antíope. A de Píndaro (fr. 175 Snell) – que só conhecemos por esta referência de Pausânias – insere esta aventura na saga ateniense de Teseu. Na campanha contra as Amazonas, aproveitando a confiança de Antíope, a soberana local, Teseu tê-la-ia atraído ao seu barco e raptado (cf. Heródoto 4.110.1), o que pôde justificar o ataque das Amazonas contra a Ática. Aquarteladas junto ao Areópago, o relacionamento com o poder local originou diferentes versões: ou a de

Hégias de Trezena é o seguinte:[25] Héracles fez cerco à cidade de Temiscira, sobre o Termodonte, mas não conseguia tomá-la. Foi então que Antíope, apaixonada por Teseu – sendo que Héracles e Teseu tinham feito a campanha juntos – lha entregou. É esta a versão de Hégias. Por seu lado os Atenienses dizem que, quando as Amazonas vieram, Antíope foi atingida com uma flecha por Molpádia, que acabou morta por Teseu. Molpádia tem também um memorial em Atenas.

2.2. Quando se sobe do Pireu para Atenas encontra-se as ruínas das muralhas que Cónon edificou depois da batalha naval em Cnidos.[26] As construídas por Temístocles depois da retirada dos Medos foram demolidas durante a chamada Tirania dos Trinta.[27] Nessa via ficam também túmulos célebres,

---

um confronto entre as invasoras e as forças de Teseu, ou o casamento de Teseu com Antíope, a rainha das Amazonas, que se tornou uma aliada e combatente ao lado do senhor de Atenas. Foi nestas condições – ou como inimiga ferida ou como aliada humilhada – que teria sido atingida por outra Amazona, Molpádia, que Teseu de seguida eliminou. Era intenção de Molpádia libertar Antíope da influência do senhor de Atenas. *Vide* Graves (1977) I.352-5. O memorial de Antíope seria assinalado por uma coluna ou estela situada junto do templo da Mãe Terra. Quanto a Pirítoo, o rei dos Lápitas, tornou-se amigo de Teseu, que assistiu ao seu casamento com Laodamia. Foram companheiros em diversas aventuras.

[25] Hégias de Trezena é conhecido como autor de uns *Nostoi*, um poema do ciclo épico que narrava o regresso dos heróis da guerra de Troia. Esta versão é condizente com Apolodoro, *Epítome* 1.16; *vide infra* 1.15.2. Esta seria portanto uma versão centrada na campanha de Héracles contra as Amazonas, no intuito de se apoderar do cinto da sua rainha. A investida dirigiu-se contra Temiscira, uma cidade do mar Negro, situada na foz do rio Termodonte.

[26] *Vide supra* nota 14. Este é portanto o caminho que levava do Pireu a Atenas, do lado norte, cujas muralhas em ruínas eram ainda visíveis no tempo de Pausânias.

[27] *Vide supra* nota 5. Cf. Tucídides 1.90-3, Lísias 12.63, Platão, *Górgias* 455d, Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 23.4, Plutarco, *Vida de Temístocles* 19.1-3. Foi logo a seguir à vitória de Salamina (479-8 a.C.) que Temístocles promoveu a reconstrução das muralhas entre

de Menandro, filho de Diopites,[28] e de Eurípides, este vazio. De facto Eurípides, que se acolheu na corte de Arquelau, está sepultado na Macedónia.[29] O modo como morreu – porque abonado por muitos testemunhos – deve merecer crédito. **2.3.** Nesse tempo os poetas frequentavam as casas reais; já antes Anacreonte tinha vivido junto de Polícrates, tirano de Samos,[30] do mesmo modo que, em Siracusa, Ésquilo e Simó-

---

Atenas e o Pireu, usando para isso uma artimanha, de modo a iludir o desagrado dos Lacedemónios para quem a robustez e poder evidente de Atenas começava a constituir uma ameaça. Esta construção durou até à Tirania dos Trinta, ou seja, ao final da Guerra do Peloponeso, c. 404 a.C., quando à democracia se seguiu um governo oligárquico de trinta elementos, intitulados tiranos. Esta demolição resultou de uma exigência de Esparta, como sinal da rendição de Atenas (cf. Xenofonte, *Helénicas* 2.2.15). A reconstrução foi mais tarde levada a cabo por Cónon, em 393 a.C.

[28] Trata-se dos túmulos dos dois poetas dramáticos, Menandro e Eurípides. Menandro (c. 342-291 a.C.) foi um nome destacado entre os poetas da chamada Comédia Nova. Provinha de uma família ateniense distinta e abastada. A sua primeira produção, intitulada *Ira*, estreou-se c. 320 a.C. e até ao final da vida terá composto uma centena de peças. O êxito que veio a conhecer mais tarde ultrapassa largamente o que conseguiu em vida, durante a qual não contou com mais do que oito vitórias nos concursos dramáticos. Mas cerca de meio século depois da sua morte, o gramático Aristófanes de Bizâncio consagrava-lhe o mérito, ao considerá-lo o segundo dos poetas gregos a seguir a Homero. Para nós é o único representante deste período da Comédia de que conservamos peças completas.

[29] Nascido nos anos 80 do séc. V a.C., Eurípides iniciou-se no teatro em 455, onde fez uma carreira brilhante, mesmo se nem sempre galardoada com prémios. Nos últimos anos de vida, depois da apresentação de *Orestes* (408 a.C.), preferiu o exílio na corte de Péla, na Macedónia, onde encontrava mais tranquilidade e conforto do que aqueles que uma Atenas em crise lhe consentia. Lá terá morrido cerca de 406 a.C., segundo alguns diziam atacado por cães. Estas são informações prestadas pela *Vida de Eurípides* 32, e pelo *Marmor Parium* 60.

[30] Pausânias fornece uma longa lista que testemunha a prática dos poetas arcaicos de porem o seu talento ao serviço das cortes poderosas. Anacreonte de Teos, na Ásia Menor, é um desses exemplos. Cultivou a lírica monódica, com pendor para os temas simposíacos, associados ao vinho e ao amor (*vide infra* 1.25.1). A sua vida (c. 575-490 a.C.)

nides tinham sido acolhidos por Hierão.[31] Dionísio, que a seguir governou os Sículos, recebeu na sua corte Filóxeno,[32] e o mesmo fez Antígono, o senhor da Macedónia, com Antágoras de Rodes e Arato de Soles.[33] Hesíodo e Homero, ou não

---

decorreu em boa parte no conforto da corte de Samos (c. 533-522 a.C.). Eliano, *História Verdadeira* 9.4 e o orador Himério (*Or.* 29.22 = fr. 491 *PMG*) testemunham o agrado com que Polícrates, tirano de Samos, um amante das artes, ouvia a poesia de Anacreonte (como também de Íbico). Estrabão 14.1.16 abona das frequentes referências ao tirano nos versos do poeta. Da intimidade de Anacreonte com Polícrates fala também Heródoto 3.121. Foi certamente o assassinato de Polícrates o que determinou a transferência de Anacreonte para Atenas, desta vez ao serviço dos Pisistrátidas, os tiranos da cidade (cf. Pseudo-Platão, *Hiparco* 228c). *Vide* Ferreira (2013) 92-4.

[31] Sobre a ida de Ésquilo para a Sicília (c. 478-467 a.C.), onde terá morrido, cf. *Vida de Ésquilo*, Plutarco, *Obras Morais* 604f, *Vida de Címon* 8.7. Contava a tradição que Ésquilo teria morrido em Gela, atingido por uma tartaruga que uma águia lhe deixou cair em cima da cabeça. Simónides, ao que tudo indica, permaneceu na corte de Hierão I de Siracusa durante os últimos anos da sua vida (cf. e. g., Aristóteles, *Retórica* 1391a 8-12; Ferreira (2013) 164-8).

[32] Poeta ditirâmbico originário de Citera (436-380 a.C.), que viveu na corte de Dionísio I, tirano de Siracusa. Incluiu-se no grupo dos reformadores da música grega no último quartel do séc. V a.C. Nessa linha revolucionária, a *Suda* (*s.v.*) informa também de que Filóxeno recebera, pela sinuosidade das suas melodias, a alcunha de 'formiga'. O seu poema mais célebre intitulou-se "Ciclope" e foi parodiado por Aristófanes, em *Pluto* 290-321. Talvez tenha sido composto na sequência de uma aventura romanesca com uma cortesã, ocorrida na corte de Siracusa. No poema, segundo alguns, o poeta assumia-se como Ulisses, o tirano como Polifemo e a cortesã, Galateia, como Circe. Sommerstein (2001) 156 resume, em traços gerais, o sentido do poema deste modo: o Ciclope apaixona-se pela ninfa; Ulisses, seu prisioneiro, prontifica-se a colaborar nesses amores, acabando por cegar o Ciclope e fugir. A popularidade deste ditirambo talvez justifique alguns títulos que mostrariam que não foi só Aristófanes a parodiar o tema na comédia do séc. IV a.C.; cf. Nicócares, *Galateia*, Antífanes, *Ciclope,* Aléxis, numa outra *Galateia*.

[33] Antígono II Gónatas reinou na Macedónia entre 277-239 a.C. e foi um destacado protetor de intelectuais e artistas. Antágoras de Rodes ficou conhecido por um epitáfio que dedicou aos amigos Pólemon e Crates. Por sua vez Arato de Soles, na Cilícia (c. 315-240 a.C.), foi

tiveram a sorte de conviver com soberanos, ou voluntariamente os tiveram em pouca consideração; Hesíodo, porque gostava da vida no campo e não apreciava as viagens, e Homero – que as tinha feito longas – preferiu uma ampla fama às vantagens económicas que o convívio com os poderosos traz. Mesmo assim, nos poemas de Homero Demódoco é referido na corte de Alcínoo,[34] além de nos ser dito que Agamémnon, ao partir, teria confiado a um qualquer cantor a mulher.[35] Existe, não longe das portas da cidade, um túmulo, sobre o qual se perfila um guerreiro com o seu cavalo. Não sei de quem se trata, mas cavalo e guerreiro são obra de Praxíteles.[36]

---

autor de hinos com que teria celebrado as conquistas e as bodas do seu protetor, e um *Elogio de Antígono* (*vide* Cock, Adcock, Charlesworth (1969) 203). A sua obra mais emblemática, *Fenómenos*, dedicada a temas de astrologia, em que funde com toques mitológicos referências às principais estrelas e constelações, veio a ser traduzida para latim por Cícero.

[34] Em *Odisseia* 8.62-83, 90-2, 254-369, 477-521, Demódoco, o aedo na corte dos Feaces, é trazido para a sala dos banquetes, instalado com todo o respeito e cortesia e convidado a cantar, no dia em que um hóspede de honra, Ulisses, está de visita ao palácio.

[35] Em *Odisseia* 3.265-72, Nestor conta a Telémaco, que visita a sua corte em busca do pai, Ulisses, como depois da partida de Agamémnon para a guerra Clitemnestra manteve, a princípio, um comportamento sensato. De resto, o marido tinha deixado confiada a um aedo credível a proteção da mulher. Foi preciso exilar esse aedo numa ilha deserta, para Egisto encontrar caminho livre para o assédio à rainha.

[36] Praxíteles inclui-se nos nomes de referência da escultura grega. Ateniense de nascimento, desenvolveu a sua atividade na primeira metade do séc. IV a.C. A estátua de Hermes é, para os modernos, a mais representativa das suas obras que talvez corresponda a um original. Em cópia, é também célebre a representação de Afrodite de Cnidos (*vide supra* nota 14) – que mereceu um enorme elogio de Plínio, *História Natural* 36.20-1, por nós conhecida através de cópias romanas – e de Apolo Sauróctono. Pausânias dá conta de várias obras de referência do escultor.

2.4. Quando se entra na cidade, existe um edifício destinado aos preparativos das procissões,[37] que se realizam umas todos os anos, outras com intervalos maiores. Lá perto fica um templo de Deméter, que guarda a estátua da própria deusa, da filha e de Íaco, com uma tocha na mão.[38] Na parede está escrito em letras áticas[39] que se trata de obras de Praxíteles. Não longe deste templo há uma estátua equestre de Posídon, a apontar a lança contra o gigante Polibotes,[40] sobre que a gente de Cós conta uma história acerca do promontório da Tartaruga. A inscrição que lá existe agora atribui a representação a outra figura que não Posídon. Desde as portas da cidade até ao Ceramico há pórticos,[41] e diante deles perfilam-se estátuas de

[37] O chamado *Pompeion*, construído dentro das muralhas em inícios do séc. IV a.C., destinava-se aos preparativos das grandes festas, nomeadamente das Panateneias. Pausânias viu este edifício após a reconstrução (c. 140 d.C.) que se seguiu à destruição causada por Sula (86 a.C.). A partir da porta chamada *Dipylon* – que Pausânias não refere – prosseguia, em direção ao centro da cidade, uma estrada ampla, por onde circulavam cortejos solenes associados a diversas festividades.

[38] De Zeus, Deméter gerou dois filhos, Perséfone e Íaco. Estas figuras estavam associadas com o cortejo dos mistérios de Elêusis, que Aristófanes retrata em *Rãs* 316-54.

[39] Ou seja, anteriores, em Atenas, à adoção do alfabeto iónico (403-2 a.C.).

[40] Este era um episódio célebre da Gigantomaquia, em que Posídon defrontou Polibotes, "o grande devorador". Depois de o perseguir até Cós, com um pedregulho retirado da ilha – que deu origem ao ilhéu de Nisiro – o deus afundou o inimigo no Tártaro (cf. Apolodoro, *Biblioteca* 1.6.2; Estrabão 10.489). O promontório referido como "da Tartaruga", ou Quelónio, fica nessa ilha. A imagem de um Posídon montado a cavalo e armado de lança, em vez do tridente, é original.

[41] O Ceramico era o bairro dos oleiros a noroeste da Acrópole. Foi apanhado pela construção das muralhas de Temístocles e ficou dividido entre uma parte interna e outra exterior ao perímetro urbano. Nesta última situava-se o cemitério da cidade (cf. Tucídides 2.34.5). Musti (1982) XXX considera relevante, como fonte para a descrição dos túmulos e *demos* da Ática, a narrativa para nós perdida de Diodoro (*FGrHist* 372). Sobre a relação geográfica que esta zona da cidade poderia ter com a ágora, cf. Dickenson (2015) 725-7.

bronze, de homens e mulheres que se destacaram por algum motivo. **2.5.** Num desses pórticos há templos de deuses e um ginásio que dá pelo nome de Hermes.[42] Lá fica também a casa de Pulícion em que, ao que se diz, uns Atenienses de boas famílias parodiaram os mistérios de Elêusis.[43] Hoje em dia está consagrada a Dioniso, que recebeu o nome de Melpómeno, pelo mesmo motivo por que Apolo recebeu o de Muságeta.[44] Lá há também uma estátua de Atena Peónia,[45] de Zeus, de Mnemósine, das Musas e um Apolo, obra e oferenda de Eubúlides.[46] E ainda Acrato, uma divindade associada a Dioniso.[47] Trata-se apenas de um rosto cravado na parede. A seguir ao recinto consagrado a Dioniso, há um pequeno edifício com

[42] Os ginásios tendencialmente funcionavam na periferia da cidade e estavam associados ao templo de um deus, sendo Hermes uma das divindades habituais neste contexto.

[43] Neste crime religioso, que causou grande escândalo, tinha estado envolvido Alcibíades, da distinta família dos Alcmeónidas, e alguns seus amigos da melhor aristocracia ateniense. Tudo aconteceu em 415 a.C., num momento de grande turbulência em que Atenas discutia o ataque contra a Sicília. Durante uma orgia, este grupo entendeu parodiar os mistérios de Elêusis, tendo um tal Teodoro assumido o papel de Arauto, Pulícion o de portador da tocha, e o próprio Alcibíades o de sacerdote, enquanto os acompanhantes figuraram como iniciados (cf. Tucídides 6.28, Andócides 1.11-4, Isócrates 16.6, Plutarco, *Vida de Alcibíades* 19). Alcibíades foi, por isso, acusado de impiedade. Por sua vez Pulícion foi condenado, tendo-lhe sido confiscados os bens. Sobre este episódio de *asebeia*, *vide* Leão (2004) 201-26.

[44] Os dois epítetos têm a ver com a capacidade musical das respetivas divindades: Melpómeno, "o cantor" (assim qualificavam os Atenienses o seu deus do teatro), Muságeta, "condutor das Musas".

[45] Entre os epítetos de Atena contava-se o de Peónia, "a curadora".

[46] Eubúlides era um escultor ateniense (c. 140-120 a.C.), membro de uma família com tradição nessa arte. Este era um conjunto de estátuas de que Eubúlides, juntamente com o pai, seria autor e doador.

[47] Parece tratar-se de uma divindade ligada ao culto dionisíaco, a calcular pelo seu nome que corresponde à designação do "vinho sem mistura". Só Pausânias se lhe refere. E o seu rosto figuraria na parede do templo de Dioniso Melpómeno.

estátuas de terracota, que representam Anfíction, rei de Atenas, a servir uma refeição a Dioniso e a outros deuses. Lá está também Pégaso Eleutereu, que introduziu o deus em Atenas.[48] Foi apadrinhado pelo oráculo de Delfos, que veio lembrar aos Atenienses a permanência do deus, no tempo de Icário.[49]

1.2.6. *Os antigos soberanos da Ática*

Anfíction obteve a realeza da forma seguinte.[50] Acteu, ao que se diz, foi o primeiro rei do que agora se chama Ática. Morto ele, Cécrops recebe o poder por casamento com a filha de Acteu. Foi pai de três filhas, Herse, Aglauro e Pândroso, e de um filho, Erisícton.[51] Este não veio a ser rei de Atenas, pois ainda em vida do pai morreu. A Cécrops sucedeu então

---

[48] Cf. Ateneu 2.38 c-d. Anfíction, rei das Termópilas, reinou sobre Atenas depois de ter desposado uma filha de Cránao, Átis (*vide infra* 1.2.6). Teria aprendido com Dioniso a misturar vinho com água. Sobre o papel do oráculo de Delfos neste assunto, cf. Demóstenes 21.51-2. O culto de Dioniso *Eleuthereus* tinha a sua grande expressão no festival das Dionísias, destinado a celebrar a chegada e aceitação do deus em Atenas. A esse momento estava ligado o nome de Pégaso Eleutereu, que teria trazido uma imagem do deus de Elêuteras.

[49] Icário é o nome de um pastor da Ática a quem Dioniso, em agradecimento pela sua hospitalidade, teria presenteado com o vinho. Mas quando Icário o partilhou com os vizinhos, estes, confundindo-lhe os efeitos com loucura, mataram o pastor.

[50] Pausânias inicia agora uma genealogia controversa dos soberanos da Ática. Estes teriam sido as primeiras autoridades da região, cujo poder se estendeu até c. 684-3 a.C., em que se instituiu o arcontado anual.

[51] *Vide infra* 1.18.2, 1.31.2-3. Para Verrall, Harrison (1890) XXIV, ao falarem sobre a dispersão de versões sobre os heróis fundadores, "Atenas consegue a supremacia; logo o seu herói Cécrops deve iniciar uma linhagem, ainda que com uma concessão a Acteu, e só ele possui uma esposa de linhagem régia", o que lhe confere um estatuto mais bem definido. E as mesmas comentadoras acrescentam: "É com Cécrops (…) que a verdadeira mitologia de Atenas começa; com ele estamos diante de uma personagem na arte e na tradição literária".

Cránao, detentor de um poder destacado em Atenas. Teve várias filhas, entre elas, ao que se diz, Átis. Foi ela quem deu o nome de Ática à região, antes designada por Acteia. Anfíction revoltou-se contra Cránao e, apesar de lhe ter desposado a filha, destituiu-o do poder. Mas ele próprio, mais tarde, veio a cair perante o golpe de Erictónio[52] e dos seus conjurados. Erictónio – diz-se – não tinha por pai um ser humano, mas era filho de Hefesto e da Terra.[53]

1.3.1. *Património artístico no acesso a Atenas*

O lugar do Ceramico recebe esse nome do herói Céramo, também ele, ao que se diz, filho de Dioniso e de Ariadne. O primeiro pórtico à direita é o chamado Pórtico Real,[54] onde reside o arconte-rei durante o cargo anual que desempenha, designado por "Realeza". Sobre a cobertura em telha deste pórtico há estátuas de terracota – Teseu a lançar Círon ao

[52] *Vide infra* 1.18.2.

[53] Segundo a tradição, Erictónio teria nascido de Hefesto e do sémen derramado sobre a Terra, quando o deus se preparava para violar Atena. Erictónio foi entregue ao abandono num cesto que fez dele um filho sem pais e uma criança entregue à sua sorte. Desse destino salvou-o a deusa Atena que, oculto num cesto, o confiou à primogénita de Cécrops, soberano mítico do lugar. A curiosidade culpada da jovem Pândroso, a princesa, persuadida pelas irmãs a abrir o cesto e a observar-lhe o conteúdo – além do recém-nascido, duas serpentes que deviam protegê-lo –, contra a determinação da deusa, condenou à morte as três filhas de Cécrops e Aglauro e deixou, sem herdeiro direto, o bastião da Acrópole. A linhagem real de Atenas e as dificuldades de sucessão estão subjacentes ao *Íon* de Eurípides.

[54] O Pórtico Real situava-se a noroeste da ágora, datando do início do séc. V a.C. Sobre a sua funcionalidade, cf. Aristófanes, *Mulheres na assembleia* 684-5, Platão, *Êutifron* 2a, *Teeteto* 210d, Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 7.1.

mar,[55] Hémera a levar Céfalo,[56] um homem belíssimo que – diz-se – Hémera, tomada de paixão, raptou. Dele teve um filho, Faetonte, que Afrodite encarregou da guarda do seu templo. Foi o que Hesíodo, entre outros, relatou no seu poema sobre as mulheres.[57]

3.2. Perto do pórtico perfilam-se Cónon,[58] Timóteo, filho de Cónon, e Evágoras, rei de Chipre, que conseguiu que o rei Artaxerxes entregasse a Cónon as trirremes fenícias.[59] Agiu

---

[55] *Vide infra* 1.44.8. Círon conta-se entre os malfeitores vencidos por Teseu (cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 10.1). Segundo a tradição costumava sentar-se, na zona de Mégara, num rochedo abrupto, forçando os passantes a lavarem-lhe os pés. Àqueles que recusassem fazê-lo, atirava-os ao mar, onde uma enorme tartaruga os devorava. Teseu recusou também a tarefa, mas foi ele a lançar ao mar o inimigo.

[56] Hémera, uma versão feminina do "dia", corresponde a Eos, "a manhã". Este mito era narrado por Hesíodo num poema perdido, *Catálogo das mulheres.* Segundo a tradição, Afrodite, escandalizada ao encontrar Ares no leito de Hémera / Eos, puniu-a acendendo nela um permanente desejo por jovens mortais. Incapaz de lhes resistir, Hémera foi-os conquistando e, entre eles, Céfalo. O Faetonte ("brilhante") que resultou desta união não é o mesmo que a tradição identifica como filho do Sol. *Vide infra* 1.4.1. Afrodite tê-lo-á raptado ainda em criança e feito dele um vigilante noturno dos seus templos. Encarna, portanto, a Estrela da Tarde ou Vesper.

[57] O chamado *Catálogo das mulheres* ou *Eeas* atribuído a Hesíodo é uma listagem de mães de heróis. Cf. Lesky (1968) 128-9.

[58] Sobre Cónon e o seu papel – bem como do filho Timóteo – na defesa dos interesses de Atenas no final da guerra do Peloponeso, *vide supra* 1.3, 2.2, e *infra* 1.24.3 e notas respetivas.

[59] Evágoras, rei de Chipre (435-c.374 a.C.), era um aliado de Atenas, onde de resto tinha recebido direito de cidadania pelos benefícios prestados (Isócrates 9.54, 57, Demóstenes 12.10). O seu poder estava na dependência do império persa, no tempo de Artaxerxes II (404-359 a.C.), e foi por seu intermédio que Cónon (*vide supra* nota 14) obteve uma armada para enfrentar, em Cnidos, forças espartanas. Cf. Lewis, Boardman, Hornblower, Ostwald (1994) 313-4. Na medida em que, segundo a tradição, Teucro, irmão de Ájax e filho de Télamon, tinha sido exilado pelo pai em Chipre, por não ter conseguido evitar o suicídio do irmão no final da guerra de Troia (cf. Eurípides, *Helena* 68-163), vindo a casar com uma filha do rei local, Evágoras podia reivindicar parentesco com Salamina.

na condição de ateniense e pelo ascendente que tinha em Salamina, uma vez que a genealogia dos seus antepassados o fazia remontar a Teucro e a uma filha de Cíniras. Lá ergue-se também Zeus designado por Eleutereu[60] e o imperador Adriano, um benfeitor de outros povos, mas muito em particular da cidade de Atenas.[61] **3.3.** Atrás foi construído um outro pórtico[62] onde existem pinturas que representam os chamados Doze Deuses.[63] Na parede oposta está um retrato de Teseu, da Democracia e de Demos.[64] Esta pintura mostra que foi Teseu

[60] "Libertador".

[61] É conhecido o interesse que o imperador Adriano procurou prestar aos diferentes povos do seu império. Mas Atenas cativou muito particularmente a sua atenção. Talvez esse conhecimento direto tenha resultado num esforço objetivo de manter a paz e segurança das populações. Como homem de cultura, Adriano (117-138 d.C.) concedeu muitos benefícios, em particular à Grécia e a Atenas (uma biblioteca, um ginásio, um pórtico, e a recuperação do templo de Zeus Olímpico (Olimpieu) cuja construção provinha do tempo dos Pisistrátidas). Estas benesses são frequentemente referidas por Pausânias; *vide infra* 1.5.5, 1.18.6, 1.18.9, 1.24.7, 1.36.3, 1.42.5, 1.44.6.

[62] Que dava pelo nome de "Pórtico de Zeus *Eleuthérios*"; cf. *infra* 10.21.6. Trata-se de um edifício do séc. V a.C., usado para serviços administrativos e também tendo espaços de lazer; cf. Xenofonte, *Económico* 7.1, Diógenes Laércio 6.22. Lewis, Boardman, Davies, Ostwald (1992) 214 recordam que o templo de Zeus *Eleuthérios*, situado no pórtico noroeste da ágora ateniense, tinha, em função da divindade homenageada, uma imponência particular, não só na estrutura como nos materiais utilizados. E diante dele, como regista Pausânias, situava-se uma estátua do deus, juntamente com as de Cónon, Timóteo e Adriano. As pinturas, acrescentadas no séc. IV a.C., fizeram deste edifício – de acordo com aqueles estudiosos – "um rival da *Stoa Poikile* como galeria de pintura".

[63] Os mesmos Doze Deuses tinham na ágora um altar, construído pelos Pisistrátidas, importante ponto de referência para a vida religiosa da cidade. Representavam uma tradição muito antiga que estabelecia como doze os deuses olímpicos. Sobre este altar, cf. Dickenson (2015) 724.

[64] "O Povo". Esta era uma obra de Eufranor, um conhecido pintor de meados do séc. IV a.C., situada no pórtico de Zeus *Eleuthérios*, na ágora de Atenas. Pausânias descreve a distribuição dos motivos

quem instituiu em Atenas o regime da igualdade. Esta é uma tradição amplamente difundida, de resto entre a maioria, a de que Teseu entregou o poder ao povo e que, a partir dele, os Atenienses mantiveram um regime democrático, até que Pisístrato se rebelou e instituiu a tirania.[65] Versões falsas não faltam entre uma maioria que não conhece a história e considera credível tudo aquilo que ouviu contar desde a infância, nos coros e nas tragédias.[66] Diz-se então, em relação a Teseu, que ele próprio foi rei e que, após a morte de Menesteu,[67] os descendentes de Teseu conservaram o poder até à quarta geração.

---

que decoravam as diversas paredes do pórtico. Sobre a associação de Teseu com estas duas alegorias, que faz dele o fundador da democracia ateniense, cf. Isócrates, *Panegírico* 4.129, *Elogio de Helena* 12.32 sq., Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 41.2, Plutarco, *Vida de Teseu* 25. Pausânias é muito afirmativo em defesa desta versão. A partir de finais do séc. VI a.C., Atenas encontrou em Teseu o seu inspirador. Ou, no dizer de Flacelière (2003) 3, "Tudo se passa como se Teseu se tivesse tornado para os Atenienses, no tempo de Pisístrato ou de Clístenes, um herói nacional e um émulo do dórico Héracles. Teseu aparece então como modelo das mais altas virtudes, como o organizador do sinecismo e de uma monarquia temperada, 'inclinada para a democracia', uma espécie de antecipação de Clístenes e mesmo de Péricles". Sobre a autoria de uma estátua de Apolo *Patrôos*, *vide supra* 1.3.4 e nota respetiva.

[65] Os tradicionais herdeiros de Teseu são os seus filhos Demofonte e Acamante (cf. Eurípides, *Heraclidas* 34-8, 115, 320-6, *Suplicantes* 656, *Íon* 1038, 1106). Foi numa época de tensão entre fações em Atenas – em consequência das reformas de Sólon – que surgiu a oportunidade para Pisístrato se impor como tirano, o que aconteceu em 546 a.C. e durou até 511 a.C. Sobre os vícios e virtudes deste período da história política de Atenas, cf. Ferreira (1992a) 129-42.

[66] A versão que faz de Teseu 'rei' de Atenas é usada por Eurípides em *Heraclidas, Hécuba*, *Suplicantes*, *Héracles Furioso.*

[67] Sobre Menesteu, *vide supra* 1.2 e respetiva nota. Terminada a dinastia a que Teseu tinha dado origem, Melanto teria passado a governar e dele poderia Pausânias incluir também a descendência, se assim quisesse.

Gostasse eu de genealogias, e poderia enumerar igualmente os que reinaram desde Melanto[68] até Clídico, filho de Esímides.

3.4. Há lá também uma pintura que representa a façanha dos Atenienses em Mantineia, quando enviados em socorro dos Lacedemónios.[69] Xenofonte, entre outros, foi autor de uma narrativa exaustiva da guerra, a tomada de Cadmeia, o

[68] Melanto de Pilos veio para a Ática em fuga de invasores dóricos. Pelo papel que teve no confronto com os Beócios, inimigos de Atenas, mereceu ser aceite como rei da cidade, dando, portanto, início a uma nova dinastia.

[69] Mantineia, na Arcádia, serviu de cenário a uma grande batalha, em 362 a.C., em que Esparta, aliada aos Atenienses, resistiu a uma investida tebana, focada na expansão da sua influência no Peloponeso. As forças de Tebas eram comandadas por Epaminondas, o construtor da hegemonia da cidade, que acabou morto em combate. Com o seu desaparecimento – e apesar da vitória em Mantineia ter favorecido Tebas – extinguiu-se também um período de grande prosperidade para a cidade beócia. Do lado adversário, morreu Grilo, filho de Xenofonte e comandante da cavalaria ateniense, que combatia em favor de Esparta (*vide infra* 5.6.5, 8.9.10, 8.11.5-7) e a quem todos celebraram a valentia. Xenofonte de Atenas (c. 430-354 a.C.), o historiador e autor de *Helénicas*, dedicou a sua narrativa aos acontecimentos posteriores ao termo da guerra do Peloponeso, correspondentes, portanto, à primeira metade do séc. IV a.C. Há quem veja esta sua obra como uma espécie de prolongamento da *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. O período abrangido pela sua narrativa vai sensivelmente de 411-362 a.C. É em 7.4-5 que Xenofonte se ocupa justamente desta aliança de Espartanos e Atenienses para barrarem o poder de Tebas, e do recontro das diversas forças em Mantineia. Mas já antes, Xenofonte tinha descrito outros episódios aqui sublinhados por Pausânias, de que Mantineia foi o remate. Todos eles tinham sido norteados pelo mesmo objetivo: o de confrontarem o poder autoritário que Esparta tinha instalado na Grécia após o termo da Guerra do Peloponeso. Assim, a tomada de Cadmeia (379 a.C.; cf. Xenofonte 5.2.29-30), que resultou de um plano de Pelópidas, um tebano refugiado em Atenas, de libertar a sua cidade da ocupação espartana. Mais tarde, ocorreu a batalha de Leuctras (*Helénicas* 6.3-15), na Beócia (371 a.C.), em que Epaminondas afirmou o enorme mérito de ter posto fim à supremacia de Esparta no mundo grego e aberto caminho à prosperidade de Tebas. Em Mantineia, os propósitos alteravam-se, uma vez que agora era a hegemonia tebana a constituir uma ameaça para as restantes cidades. Sobre Eufranor, *vide supra* nota 64.

revés dos Lacedemónios em Leuctras, a invasão dos Beócios no Peloponeso, e as forças que vieram de Atenas em defesa dos Lacedemónios. Na pintura está representada a luta da cavalaria, na qual as figuras mais destacadas são Grilo, o filho de Xenofonte, do lado ateniense e, entre a cavalaria beócia, Epaminondas de Tebas. Estes quadros foram pintados por Eufranor para os Atenienses, e, no templo ali ao lado, foi ele também o autor do Apolo apelidado de *Patrôos*.[70] Diante do templo há um outro Apolo, obra de Leócares,[71] enquanto aquele conhecido por *Alexíkakos*[72] é obra de Cálamis. Esse nome foi dado ao deus, segundo se diz, pelo facto de ele ter posto fim à peste que os dizimava, na altura da guerra do Peloponeso, através de um oráculo de Delfos.[73]

3.5. Construiu-se também um templo da Mãe dos deuses, cuja estátua é obra de Fídias.[74] Lá perto fica o conselho dos

---

[70] "Ancestral". Apolo *Patrôos* era venerado num pequeno templo (construído entre 340-320 a.C.) no lado noroeste da ágora ateniense, onde estava instalada a sua estátua, obra de Eufranor. O deus era considerado o patrono dos Iónios (como pai de Íon; cf. Eurípides, *Íon*), a que os Atenienses também pertenciam, e protetor das famílias.

[71] *Vide supra* nota 13.

[72] "Libertador do mal". Cálamis foi um escultor, talvez de proveniência beócia, ativo durante o séc. V a.C. Foi autor de uma estátua de Zeus Âmon, de um Hermes Crióforo, além do Apolo aqui referido. Ficou conhecido pela severidade que imprimia às suas figuras.

[73] Tucídides 2.47-54. Nestes capítulos, o historiador descreve a peste que assolou Atenas, corria o ano de 430 / 429 a.C., com todos os malefícios físicos, psicológicos, morais e sociais que a acompanharam. Cf. Morgan (1994) 197-209. Tem sido objecto de ampla discussão qual a doença a que a descrição de Tucídides corresponde; as teorias principais identificam a peste que grassou em Atenas com o tifo, o sarampo, a varíola, a peste bubónica ou uma enfermidade produzida por um micróbio entretanto extinto ou alterado. Sobre possíveis aspetos técnicos na descrição de Tucídides ou a sua relação com textos médicos contemporâneos, *vide* Craik (2001) 102-8.

[74] Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 154 informam de que o templo visitado por Pausânias data do séc. II a.C., tendo vindo substituir um outro mais antigo; a estátua de Fídias nele existente foi

chamados "Quinhentos", que os Atenienses designam cada ano.[75] Nele existe uma estátua em madeira de Zeus *Bouleu*, um Apolo obra de Písias, e uma estátua do Povo, da autoria de Líson.[76] Protógenes de Caunas e Olbíades pintaram o primeiro, os legisladores,[77] e o segundo, Calipo, o que conduziu os Atenienses até às Termópilas para fazer frente à invasão gaulesa da Grécia.[78]

---

preservada. Fídias (c. 490-432 a.C.) é, sem dúvida, nome maior na escultura grega, além de ter sido arquiteto e pintor. Está sobretudo ligado à reconstrução e ornamentação dos templos da Acrópole, depois das invasões persas e sob encomenda de Péricles. Foi primeiro autor de uma estátua de bronze de Atena, *Promachos* ("Defensora") e, mais tarde, após a reconstrução do Pártenon, de uma estátua criselefantina da mesma deusa (que Pausânias descreve em 1.24.5). Outra obra de referência foi a estátua, também em ouro e marfim, de Zeus, destinada ao santuário do deus em Olímpia. Com Teocosmo colaborou, em Mégara, numa outra estátua de Zeus; *vide infra* 1.40.4.

[75] O Conselho era o órgão executivo das decisões da Assembleia e o responsável pela gestão da cidade. Na época clássica, a *Boulê* ateniense incluía quinhentos membros, cidadãos masculinos em número de 50 por cada uma das 10 tribos, sorteados anualmente. O edifício correspondente ficava a sul, na continuação do pórtico do Mãe dos Deuses. Era um edifício de finais do séc. V a.C.

[76] A estátua de Zeus Bouleu representava, portanto, o "deus protetor do próprio Conselho", a que se seguia uma estátua de Demos, "o Povo" de forte simbologia política (*vide supra* 1.1.3, 1.3.3). De Písias não há mais nenhuma informação. Líson foi contemporâneo de Alexandre Magno.

[77] Esta é uma magistratura antiga, que remonta ao séc. VII a.C. Os legisladores tinham por missão a organização dos tribunais, a preparação das leis e a administração da justiça. A sua magistratura era anual e funcionava em local próprio, designado por *Thesmotheteion*. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 3.4-5 informa sobre a sua atividade. Protógenes celebrizou-se como pintor na segunda metade do séc. IV a.C., tendo sido contemporâneo e rival de Apeles.

[78] No séc. III a.C. (c. 280 a.C.). *Vide infra* 1.4.2, 10.20.5.

1.4.1. *A invasão dos Gauleses*

Esses Gálatas[79] habitam os extremos da Europa junto a um mar enorme cujos limites não são acessíveis à navegação, sujeito a correntes, cheio de escolhos e feras em nada semelhantes às dos restantes mares. Através do território deles corre o rio Erídano, em cujas margens, ao que se diz, as filhas do Sol choram a morte do irmão, Faetonte.[80] O nome de Gálatas por que são conhecidos impôs-se tarde, porque antes usavam o nome de Celtas, que lhes era dado também pelos outros povos. Depois de reunirem um exército dirigiram-se para o mar Iónio, desalojaram o povo ilírio, todos os que ocupavam o território até à Macedónia e mesmo os próprios Macedónios,

---

[79] Os Gálatas, Gauleses ou Celtas eram povos de origem indo-europeia, repartidos em diversas tribos e habitantes de uma região que incluía a Península Ibérica, a França e a Grã-Bretanha. No séc. III a.C., tomaram uma rota em direção ao oriente que os levou até à Ásia Menor. Saquearam Roma c. 370 a.C., passaram aos Balcãs e arrasaram Delfos (279 a.C.), para, por fim, cruzarem o Helesponto em direção à Ásia Menor. Esta invasão é de novo amplamente abordada em 10.19.5-23.14. Pausânias abre aqui um excurso de natureza histórico-política (*vide infra* 10.19-25, a propósito dos escudos gálatas existentes em Delfos como ofertas a Apolo).

[80] O Erídano era um rio tendencialmente localizado no noroeste da Europa, onde teria caído Faetonte (cf. Heródoto 3.115). No entanto, a controvérsia gerada entre os autores antigos em relação à sua identificação era grande (cf. Asheri, Medaglia, Fraschetti (1990) 331-2): em Hesíodo, *Teogonia* 338, fr. 150.23 Merkelbach-West, seria um rio mítico; Ésquilo (fr. 73ª Radt) localiza-o na Ibéria; Cérilo de Samos (*FGrHist* 696 F 34 sq.) na Germânia; Eurípides, *Hipólito* 732 sqq. parece identificá-lo com o rio Pó, no norte da Itália. Faetonte era considerado filho do Sol e um exemplo de imponderação. Teria pedido ao pai que lhe emprestasse por um dia o seu carro e, apesar da recusa, procurou levar a cabo o seu sonho. Incapaz de conduzir os cavalos com mão firme, quase pôs em risco a segurança da terra. Indignado, Zeus fulminou-o com o seu raio e fê-lo desabar no leito do Erídano. O carro conservava-se em Corinto (*vide infra* 2.3.2). Segundo a tradição, as lágrimas choradas pelas suas irmãs converteram-se em âmbar e elas mesmas em álamos.

e invadiram a Tessália. Chegaram perto das Termópilas, porque a maioria dos Gregos mantinha-se inerte sem fazer frente aos bárbaros, depois de antes ter sofrido bastante às mãos de Alexandre e de Filipe.[81] A seguir, Antípatro e Cassandro arrasaram a Grécia, de tal maneira que cada um desses povos considerava não haver vergonha em, por fraqueza, abster-se de colaborar na defesa coletiva. **4.2.** Os Atenienses, apesar de serem dos mais esgotados por uma longa guerra contra os Macedónios e por muitas derrotas sofridas, decidiram mesmo assim sair em defesa das Termópilas com aqueles de entre os Gregos que quisessem juntar-se-lhes. Tomaram Calipo como seu comandante.[82] Depois de ocuparem aquele espaço em que o acesso à Grécia é mais estreito, ofereceram uma barreira aos bárbaros. Mas os Celtas descobriram o atalho por onde Efialtes de Traquis outrora guiou os Medos;[83] forçaram então os

[81] Filipe II reinou na Macedónia entre 359-336 a.C. Depois de durante anos ter interferido na política grega, a partir do norte (Trácia, Tessália e Epiro), Filipe impôs-lhe a soberania macedónia após a vitória obtida em Queroneia sobre forças tebanas e atenienses (338 a.C), o que representou para a Grécia a perda da sua independência. Nessa batalha já seu filho Alexandre, mais tarde Magno, tomou parte. No caminho para a campanha asiática, Alexandre confirmou a soberania sobre a Grécia, que confiou a Antípatro, um dos seus generais. Com a morte de Alexandre, Antípatro teve de enfrentar uma rebelião, de que saiu vitorioso. Cassandro, seu filho, foi também parte ativa na difícil controvérsia da sucessão do rei. Para os interesses gregos, as disputas entre os diádocos trouxeram novas dificuldades, prolongando por cerca de 40 anos uma sucessão de conflitos.

[82] Este foi um recontro que aconteceu no ano de 279 a.C., e mobilizou um conjunto de povos helénicos (Beócios, Fócios, Lócrios, Megareus, Etólios, Atenienses e mesmo Macedónios) sob o comando de Calipo de Siracusa (*vide infra* 10.20.5).

[83] Este Efialtes teria sido responsável por conduzir a invasão persa de Xerxes, então aquartelado em Tráquis, até às Termópilas, onde uma força lacedemónia comandada por Leónidas aguardava o invasor (480 a.C.); *vide infra* 3.4.8, Heródoto 7.213-7.

Fócios lá aquartelados, e, sem que os Gregos se apercebessem, ultrapassaram o Eta.[84]

4.3. Nessa altura os Atenienses ganharam um grande prestígio entre os restantes Gregos, ao enfrentarem os bárbaros que os cercavam de ambos os lados. Foram sobretudo os que se encontravam nos navios os que mais sofreram, porque o golfo Lamíaco, junto às Termópilas, é barrento devido – penso eu – à água quente que lá corre para o mar. Foi, portanto, a esses que tocou a tarefa mais difícil. É que, depois de terem recolhido os Gregos a bordo dos seus navios, apesar do peso causado por armas e homens, tiveram de sair à força de remos desse pantanal. **4.4.** Foram eles que, da forma referida, salvaram os Gregos. Os Gauleses, passadas as Termópilas, não se interessaram por nenhuma das restantes cidades, na urgência de pilhar Delfos e os tesouros do deus.[85] As gentes de Delfos e da Fócida que habitam em torno do Parnaso fizeram-lhes frente. Veio também uma força da Etólia, num tempo em que os Etólios viviam uma fase de pujança juvenil. Quando o recontro se iniciou, uma série de raios e de pedras que se soltaram do Parnaso desabaram sobre os Gauleses. Aí apareceram, para grande susto dos bárbaros, fantasmas de hoplitas, dois dos quais – Hipéroco e Hamádoco –, ao que se diz, vinham dos Hiperbóreos,[86] e um terceiro era Pirro, o filho de

[84] O monte Eta, incluído na cadeia do Pindo, situa-se na Grécia Central, separando dois vales, dos rios Esperqueu e Cefiso. A oriente, chegando próximo do mar, criava uma passagem apertada – o conhecido estreito das Termópilas.

[85] *Vide infra* 10.19.4. O elemento fantástico que interveio nesta luta é recordado *infra* 8.10.9, 10.23.2. O desfasamento dos nomes de heróis referidos neste passo e nos seguintes – onde, em vez de Hamódoco, é referido Laódoco – talvez se deva a diferentes tradições que Pausânias teria recolhido em fontes diversas.

[86] Hiperbóreos era o nome dado às regiões do norte, que, por desconhecimento, os Gregos imaginavam povoadas de um povo fantástico,

Aquiles.[87] Desde então o povo de Delfos, por essa ajuda que lhe foi prestada por Pirro, passou a venerá-lo, quando antes o considerava inimigo e lhe desprezava o memorial. **4.5.** A maioria dos Gauleses atravessou em barcos para a Ásia e tratou de saquear as zonas costeiras. Com o correr do tempo, o povo de Pérgamo, na região outrora chamada Teutrânia,[88] expulsou-os do mar para o interior. Passaram então a ocupar o território para além do Sangário,[89] depois de tomarem aos

---

que vivia numa enorme tranquilidade (cf. Heródoto 4.13). Estavam ligados ao culto de Apolo, que, segundo a tradição, lá passava os três meses do ano correspondentes ao inverno (cf. Heródoto 4.32-6).

[87] Ou Neoptólemo. Interveio no final da guerra de Troia e tomou parte na ocupação da cidade e no homicídio de Príamo. Terá por isso, segundo algumas versões, incorrido no desagrado de Apolo, o que levou à sua morte em Delfos, trucidado pelas sacerdotisas. Eurípides, em *Andrómaca* (cf. 957-1008, 1085-160), relata uma outra versão: casado com Hermíone, Pirro pereceu vítima de Orestes que, pretendendo realizar as bodas prometidas com a prima, lhe preparava uma cilada em Delfos. Sobre o túmulo do filho de Aquiles em Delfos, *vide infra* 10.24.6.

[88] Teutrânia (cf. Heródoto 2.10.1) era uma cidade portuária, situada numa região com o mesmo nome, na Mísia, a noroeste da Anatólia. Por sua vez Pérgamo, cujo nome é equivalente a "torre ou fortaleza", aí se situava também. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 156 fazem a distinção entre Teutrânia e Pérgamo: ambas situadas nas margens do rio Caíco, mas a primeira mais perto do mar. Depois da morte de Alexandre e de ter passado para a autoridade dos Atálidas, Pérgamo tornou-se uma cidade de referência como centro cultural, detentora de uma biblioteca de grande nível.

[89] O rio Sangário (hoje Sakarya, na Turquia) fazia parte da paisagem da Frígia (cf. *Ilíada* 3.187, 16.719), uma região do centro-oeste da Ásia Menor, a que estavam ligados os nomes de Górdias e Midas, ambos soberanos de uma riqueza fantástica. A Midas, segundo a lenda, em troca da hospitalidade dada a Sileno, um companheiro de Dioniso, tinha sido concedida a realização de um desejo. Midas pediu então que tudo aquilo em que tocasse se transformasse em ouro, o que o deixou penalizado, porque até os próprios alimentos se converteram no precioso metal impedindo-o de se alimentar. Outra lenda associada com Midas tem a ver com a captura de Sileno, no seu jardim. Para se apropriar da sabedoria de que ele era detentor, embebedou-o com a

Frígios a cidade de Ancira, de que Midas, filho de Górdias, no passado foi o fundador.[90] A âncora encontrada por Midas ainda no meu tempo estava exposta no templo de Zeus, além da chamada fonte de Midas. Nela, Midas teria misturado vinho – segundo a lenda – para capturar Sileno. Ocuparam, portanto, Ancira e Pressinunte, no sopé do monte Agdístis, onde se diz que Átis foi sepultado.[91] **4.6.** Em Pérgamo existem ainda despojos dos Gauleses, e um quadro representando a resistência que lhes foi oferecida.[92] O território de Pérgamo, ao que se diz, era nos velhos tempos consagrado aos Cabiros.[93] Aqueles pretendiam ser Arcádios, dos que atravessaram com

---

água de uma fonte misturada com vinho. Heródoto (8.138.2-3) reconta a mesma lenda, mas situando-a na Macedónia.

[90] Ancira, "âncora", hoje Ancara, foi capital da Frígia depois de fundada por Midas; antes tinha sido Górdio, fundada por Górdias, a desempenhar esse papel. Depois da ocupação dos Gauleses ou Gálatas, a região recebeu o nome de Galácia, ou Gália do oriente.

[91] Átis era filho de Agdístis, o nome da deusa Cíbele na versão frígia. Atribuía-se-lhe uma enorme autoridade como 'deusa-mãe' e conotava-se o seu poder com o vigor da natureza. Perdidamente enamorada pela beleza do jovem, Cíbele manteve com ele uma relação incestuosa e exclusiva. Até ao dia em que, ao avistar a beleza de uma ninfa – Sangáride –, Átis a traiu. Por vingança, Cíbele fez com que ele, num acesso de loucura, se castrasse (*vide infra* 7.17.9-12, 7.20.3). A partir de então, Átis enfraquecido passou a viver com a mãe apenas no verão; no inverno, a depauperação mortal em que se viu envolvido condenava-o à letargia. Logo a deusa assumiu o papel de divindade promotora de morte, mas também de ressurreição.

[92] Desta forma os Atálidas, reis de Pérgamo, pretendiam celebrar a vitória sobre os Gauleses, com a exposição dos seus despojos e imagens comemorativas. Arafat (2009) 581 chama a atenção para a vulgaridade com que, em santuários pan-helénicos, se encontravam despojos de guerra ou objetos pagos com eles.

[93] Os Cabiros eram divindades cujo principal santuário ficava na ilha de Samotrácia, ainda que também veneradas em Tebas (*vide infra* 9.25.5-10). Estavam associados ao nascimento de Zeus, a que teriam assistido na acrópole de Pérgamo.

Télefo para a Ásia.[94] De outros combates, se alguns travaram, não corre notícia; mas houve três façanhas célebres por eles cometidas: o domínio da costa da Ásia, a expulsão dos Gauleses e a valentia de Télefo contra as forças de Agamémnon, quando os Gregos, equivocados quanto à planície de Ílion, arrasavam a Mísia como se fosse Troia. Vou agora voltar ao ponto de partida do meu relato.

[94] Aristóteles (*Poética* 1453a 17-22) inclui o mito de Télefo entre os temas prediletos dos poetas trágicos. A sua descendência helénica, as circunstâncias que o levaram a ocupar o trono da Mísia e o converteram em inimigo dos Aqueus a caminho de Troia; o conflito com esses invasores da Mísia, causa do terrível sofrimento infligido por Aquiles, que só a espada do rei da Ftia teria poder para curar; por fim, os errores de Télefo a caminho de Argos, para solicitar dos Aqueus o remédio para os seus males: eram estes os dados essenciais que o mito associava à figura do herói. E se a tradição do destino de Télefo havia sido já um motivo explorado na poesia épica, foi sobretudo a atenção que lhe foi concedida pelos trágicos a razão da sua enorme popularidade. Ésquilo dedicou-lhe as tragédias *Mísios* e *Télefo*; Sófocles, a tetralogia composta por *Aléades*, *Mísios, Assembleia dos Aqueus* e *Télefo*; e Eurípides, *Auge* e *Télefo*. Nomes menores como o de Ágaton, Iofonte e Mósquion, contavam-se entre os que, em Atenas, abordaram o tema. O nascimento de Télefo na Arcádia e a exposição no monte que se lhe seguiu eram o assunto da *Auge* de Eurípides. Por sua vez no famoso *Télefo* do mesmo autor (fr. 1 Diggle), o herói pronunciava uma saudação à 'terra pátria', Argos, implantada no Peloponeso, e a Pã, que habita a terra inóspita dos pastores da Arcádia, pedregosa e de clima rigoroso. E adiantando de seguida mais alguns pormenores do seu passado, recordava o nascimento clandestino e como, criança ainda, foi conduzido até à Mísia, onde a mãe, Auge, vendida a uns mercadores cários, vivia como esposa do rei local. Lá teria recebido o nome de Télefo e, por generosidade de Teutras que lhe deu o poder, converteu-se em rei da Mísia. A partida de Télefo para a Mísia e a sua transformação em soberano desse reino eram tratadas nos *Mísios* de Ésquilo e nos *Aléadas* e *Mísios* de Sófocles. Sobre o mito de Télefo e suas variantes, *vide* Pellizer (1998) 43; e ainda *infra* 8.4.9, 8.48.7, 9.5.14.

1.5.1. *O Pritaneu e a representação dos heróis de Atenas*

O chamado *Tholos*[95] fica próximo do Conselho dos Quinhentos;[96] é onde os prítanes fazem sacrifícios e onde existem umas estátuas feitas em prata, de pequena dimensão. Mais adiante, estão as representações dos heróis, que vieram mais tarde a dar nome às tribos de Atenas. Quem elevou de quatro a dez essas tribos e lhes trocou os antigos nomes é-nos dito por Heródoto.[97] **5.2.** Os Epónimos – é assim que eles se designam – são: Hipotoonte, filho de Posídon e de Álope, filha

[95] Este edifício (c. 465 a.C.) – distinto do Pritaneu, que Pausânias situa na vertente setentrional da Acrópole (1.18.3) – situava-se na ágora de Atenas e funcionava como sede dos prítanes ou, se quisermos, do governo. Aí lhes eram servidas refeições, por conta do Estado, e até mesmo hospedagem, de forma a estarem disponíveis a qualquer momento. Eram também hóspedes públicos os órfãos dos combatentes mortos na guerra e alguns visitantes de honra (cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 24.3, 43.3). Sobre as funções centrais deste edifício acrescenta ainda Dickenson (2015) 737: "Era o lugar de sacrifícios para os efebos, um ponto de partida para colonos, uma sala de refeições para os benfeitores do Estado a expensas públicas, um repositório das leis de Sólon, e o lugar para um tribunal ocasional". A designação de *Tholos* sugere a forma arredondada da construção. Os prítanes eram os cinquenta delegados, anualmente escolhidos por cada uma das dez tribos que compunham a cidade, para formarem o conselho dos quinhentos ou Senado. A presidência dessa assembleia era rotativa, sendo sucessivamente ocupada pelos representantes de cada uma das tribos, que dirigiam os assuntos públicos durante 35 ou 36 dias. Cf. Glotz (1968) 198-200.

[96] *Vide supra* nota 75.

[97] Foi a partir de Clístenes, com a consolidação da democracia ateniense (508-507 a.C.), que se procedeu a uma alteração de tribos, substituindo as quatro anteriores – vinculadas a determinadas famílias – por dez outras, baseadas numa lógica de *demos*, ou seja, de afinidade geográfica e administrativa (cf. Heródoto 5.66.2, 5.69.2). Receberam os nomes dos heróis epónimos, cujas estátuas estavam na ágora, como refere Pausânias: Erecteia, Egeia, Pandiónida, Leôntida, Acamântida, Eneida, Cecrópida, Hipotôntida, Eântida e Antióquida. *Vide* Ferreira (1987) e (1992b) 88-93; Lévêque, Vidal Naquet ([2]1974).

de Cércion;[98] Antíoco, um dos filhos de Héracles, e de Meda, filha de Filante;[99] em terceiro lugar, Ájax, filho de Télamon.[100] E dos Atenienses, Leos, que, ao que se diz, em cumprimento de um oráculo, deu as filhas pela salvação coletiva.[101] Entre os epónimos, está também Erecteu, que venceu os Eleusínios em combate e lhes matou o comandante Imárado, filho de

[98] Cf. Graves (1977) I.172-3. Álope, filha do rei de Elêusis, Cércion, concebeu clandestinamente um filho de Posídon – Hipotoonte (herói de Elêusis, *vide infra* 1.38.4) –, que expôs na montanha. A criança, como é de regra neste tipo de mitos, foi salva por dois pastores, que entre si disputavam os objetos preciosos que ela tinha consigo. Por isso foram levados à presença de Cércion, que, através das vestes preciosas, reconheceu a criança como sendo seu neto. Furioso com a situação, emparedou a filha e expôs de novo a criança, mais uma vez salva por pastores. Quando Teseu matou Cércion, entregou o trono a Hipotoonte, seu legítimo herdeiro. A Álope, já então falecida, foi dedicado um túmulo entre Elêusis e Mégara. Posídon, no entanto, fez que do corpo da amada surgisse uma fonte que dela recebeu o nome (cf. *infra* 1.39.3; Aristófanes, *Aves* 559). Eurípides foi autor de uma *Álope* e Menandro, em *Arbitragem*, fundamenta-se num tema semelhante, da disputa entre dois pastores pela posse de uma criança abandonada e dos bens que a acompanhavam. Sobre o mito de Álope na tragédia, *vide* Karamanou (2003).

[99] Cf. Graves (1977) II.196. Filante terá cometido um ultraje contra o templo de Apolo em Delfos, procurando apoderar-se dos seus tesouros. Por isso, Héracles matou-o e capturou-lhe a filha, Meda, de quem veio a ter um filho, Antíoco.

[100] Ájax Telamónio, proveniente de Salamina, foi um dos grandes heróis da guerra de Troia. Destacava-se de todos os companheiros de armas por uma incomparável pujança física. Ficou, no entanto, célebre o suicídio a que se condenou por se ter visto privado das armas de Aquiles, uma espécie de golpe dirigido pelos companheiros contra a sua honra e mérito. A este episódio, Sófocles dedicou o seu *Ájax*.

[101] Cf. Graves (1977) I.334. Leos, filho de Orfeu, era um antepassado da família ateniense dos Leôntidas. Em tempo de fome e peste na cidade, Leos sujeitou-se aos ditames de um oráculo délfico e sacrificou as filhas, Téope, Praxítea e Eubule, em nome da salvação da cidade.

Eumolpo;[102] Egeu,[103] Eneu,[104] filho bastardo de Pandíon, e Acamante,[105] um dos filhos de Teseu. **5.3.** Quanto a Cécrops e Pandíon[106] – de que vi as estátuas entre as dos Epónimos –

---

[102] Erecteu encontra-se entre os reis míticos de Atenas e teria sido sucessor de Pandíon. Já a *Ilíada* 2.546-51 conta que a deusa Atena o acolheu no templo que tem o seu nome – Erectéion – na Acrópole, onde passou a receber sacrifícios. A narrativa mais importante que lhe está associada "conta que quando os Eleusínios e Eumolpo da Trácia, filho de Posídon, invadiram Atenas, Erecteu, que tinha consultado o oráculo de Delfos e obtido a resposta de que a vitória apenas seria sua se sacrificasse uma das filhas, procedeu ao sacrifício, derrotou os invasores e matou Eumolpo. Posídon enfurecido, provocou a morte de Erecteu e de toda a sua linhagem" (Howatson (1991) 317); cf. ainda Graves (1971) I.168-70. Eurípides dedicou a este motivo a tragédia *Erecteu* (423 a.C.) em que, muito a seu gosto, converteu a imposição do oráculo em sacrifício voluntário das jovens.

[103] Egeu, rei de Atenas, está ligado a um caso de impossibilidade de gerar um herdeiro, o que o levou a consultar o oráculo de Delfos (cf. Eurípides, *Medeia* 663-758). Na viagem de regresso, de passagem por Trezena, foi ludibriado pelo rei local, Piteu, que promoveu um encontro entre o senhor de Atenas e sua filha Etra. Foi dessa união que nasceu Teseu. É bem conhecida a morte de Egeu, quando mais tarde no regresso de Creta, Teseu, vencedor do Minotauro, se esqueceu de içar velas brancas em sinal de vitória. Desesperado com o que imaginou a morte do filho, Egeu precipitou-se no mar, ao qual deu nome.

[104] Eneu, "vinho", ora era considerado filho de Dioniso (cf. Demóstenes 60.30), ou também de Pandíon, rei de Atenas.

[105] *Vide supra* nota 65.

[106] Quanto ao primeiro Cécrops, cf. Graves (1977) I.97. Era considerado filho da Terra e representado como um ser híbrido, metade homem e metade serpente. Desposou a filha de Acteu, o mais antigo dos reis da Ática. Sobre o segundo Cécrops, filho de Erecteu, cf. Graves (1977) I.320-3. Legítimo herdeiro do trono de Atenas na qualidade de primogénito, Cécrops viu-se ameaçado de morte pelos irmãos, Mécion e Orneu, e coagido a fugir, primeiro para Mégara e daí para Eubeia. O trono de Atenas passou então para as mãos de Pandíon, filho de Cécrops (o segundo Pandíon), mas por pouco tempo, porque também ele se viu espoliado do trono, desta vez pelos filhos de Mécion (os Meciónidas). Em fuga, refugiou-se em Mégara, na corte de Pilas (*vide infra* 1.39.6), seu sogro, onde veio a falecer sem nunca mais ter regressado a Atenas. Foi aos filhos que coube expulsar os Meciónidas e recuperar o trono. Este mito exprimia o ascendente ateniense de Mégara. Teria sido sob o disfarce de um alcatraz, uma ave marinha, que a deusa escondeu sob

não sei a quem estas designações se referem. É que houve um primeiro soberano Cécrops, que desposou a filha de Acteu, e, mais tarde, um outro Cécrops, que se foi estabelecer em Eubeia; este era filho de Erecteu, neto de Pandíon e bisneto de Erictónio. Houve também um soberano Pandíon, filho de Erictónio, e um outro, filho do segundo Cécrops. Este último, destronado pelos Meciónidas, foi refugiar-se com os filhos em Mégara, onde era rei Pilas, cuja filha ele tinha desposado. E lá veio a morrer de doença, ao que se diz; o seu túmulo fica, na Megáride, junto ao mar, no penhasco chamado de Atena-Alcatraz. **5.4.** Os filhos de Pandíon, de regresso de Mégara, expulsaram os Meciónidas e Egeu, que era o mais velho, ocupou o trono de Atenas. Pandíon não foi feliz com as filhas, que não deixaram descendência que o pudesse vingar. Por interesse político, estabeleceu uma aliança de parentesco com o rei da Trácia; só que é impossível a um ser humano evitar os desígnios dos deuses. Conta-se então que Tereu, casado com Procne, desonrou Filomela, atentando contra os costumes dos Gregos. E mais ainda: mutilou-a, o que exigiu vingança das duas mulheres.[107] Há na Acrópole uma outra estátua de Pan-

---

as asas Cécrops e o levou a salvo de Atenas. O primeiro Pandíon foi o pai de Filomela e Procne.

[107] Segundo o mito, Tereu, soberano da Trácia, desposou Procne, a filha de Pandíon, o rei de Atenas. Fascinado pela doçura da voz de Filomela, sua cunhada, simulou a morte de Procne – a quem encarcerou e cortou a língua – para convencer o sogro a entregar Filomela ao seu amor. A esta traição, Procne respondeu com a mais terrível das vinganças: despedaçou Ítis, o filho do casal, e serviu ao progenitor as suas carnes. A revolta de Tereu determina a intervenção divina, que se concretiza numa tripla metamorfose: de Procne em andorinha, de Filomela em rouxinol e de Tereu em poupa. Com variantes, o mito despertou o interesse dos poetas ao longo da literatura grega: cf. *infra* 1.14.7, 1.24.3, 1.41.8-9, 10.4.8-9; *Odisseia* 19.518-23; Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 568; Sófocles, *Tereu* (frs. 581-7 Radt); Aristófanes, *Aves*; Ovídio, *Metamorfoses* 6.426-674. Cf. Graves (1977) I.165-8.

díon que merece ser vista. **5.5.** Estes são, para os Atenienses, os epónimos antigos. Mais tarde, algumas tribos foram buscar o nome a Átalo, rei da Mísia,[108] a Ptolemeu do Egito;[109] e, já no meu tempo, a Adriano, um imperador que muito honrou o culto da divindade e se esforçou ao máximo pelo bem-estar de cada um dos povos submetidos à sua autoridade.[110] Nunca promoveu nenhuma guerra por sua iniciativa. E se dominou os Hebreus, um povo situado para além da Síria, foi porque eles

[108] A utilização de outro tipo de designações para as tribos teve a ver com uma reação ateniense contra a Macedónia e com a articulação da cidade com monarquias helenísticas, entre as quais a de Pérgamo e do Egito, numa tentativa de criar alianças com o Mediterrâneo Oriental e Ocidental. Átalo I foi rei de Pérgamo entre 241-197 a.C., dando o nome à dinastia dos Atálidas. Sobre a sua filiação, *vide infra* 1.8.1. O feito mais distinto do seu reinado foi a resistência que opôs aos Gauleses que constituíam uma ameaça para os povos da Ásia Menor (*vide supra* nota 79), granjeando com o sucesso obtido autoridade e prestígio; foi também parte ativa nas Guerras Macedónicas, contra Filipe V, cujo poder crescente ameaçava os interesses dos povos do Mediterrâneo Oriental. Depois de um ataque macedónio a Samos, Pérgamo associou-se a Rodes e Bizâncio na reação contra o invasor. Mas dadas as dificuldades encontradas perante a determinação macedónia, os povos visados fizeram um apelo a Roma. Foi então que Átalo se uniu aos Romanos, na chamada Segunda Guerra Macedónica, para levar por diante a reação a Filipe. A atribuição do nome de Átalo a uma tribo ocorreu em 200 a.C., por ocasião de uma visita do rei a Atenas.

[109] Em consequência do processo de fragmentação do império de Alexandre, a dinastia dos Ptolemeus passou a governar o Egito (323-330 a.C.). A morte do soberano macedónio Demétrio II, em 229 a.C., abriu aos Atenienses a oportunidade de recuperarem a independência; foi então que Atenas iniciou uma política de alianças com o Egito, sob o governo de Ptolemeu III Evérgeta (entre 246-221 a.C., que viria a ser homenageado, em 224 a.C., com o título de herói epónimo de uma nova tribo); sobre os progenitores deste Ptolemeu, *vide infra* 1.6.8. A conhecida posição anti-macedónica do Egito tornou-o um aliado particularmente interessante para Atenas.

[110] Sobre as benesses de Adriano, *vide supra* nota 61. Esta intervenção na Judeia (132-135 d.C.), motivada pela necessidade de pôr fim a uma rebelião ao que tudo indica desencadeada por motivos religiosos, foi de facto a única guerra em que Adriano se envolveu.

se revoltaram. Todos os templos dos deuses que construiu de raiz, os que embelezou com melhorias, as ofertas que doou às cidades gregas e mesmo em resposta a solicitações de bárbaros, tudo isso está gravado em Atenas no templo consagrado a todos os deuses.

1.6.1. *Ptolemeu, filho de Lago*

No que se refere a Átalo[111] e a Ptolemeu,[112] são de um tempo suficientemente antigo para que já não persista informação sobre eles, e aqueles que, por conviverem com esses soberanos, deixaram o relato das suas ações não têm merecido muita credibilidade. Essa a razão por que me decidi a apresentar com algum pormenor o que fizeram e quais os processos usados pelos seus antecessores para imporem autoridade sobre o Egito, a Mísia e as regiões vizinhas.

6.2. Ptolemeu, segundo os Macedónios, era filho de Filipe, filho de Amintas, embora o dissessem filho de Lago. De facto a mãe estava grávida dele quando foi dada como esposa, por Filipe, a Lago. Ptolemeu, ao que se diz, ficou célebre por façanhas cometidas na Ásia. Assim, quando Alexandre correu perigo entre os Oxídracas, foi sobretudo ele, mais do que qualquer outro, a acudir em seu socorro.[113] Após a morte

---

[111] *Vide supra* nota 108.

[112] *Vide supra* nota 109. Pausânias exprime com clareza a sua desconfiança sobre o testemunho dos historiadores contemporâneos dos diádocos, como Hierónimo de Cardia, Clitarco ou Dúris (cf. Chamoux (1994) 65).

[113] Ptolemeu filho de Lago foi primeiro governador do Egito e, mais tarde, seu rei (305-283 a.C.). Filipe II, o pai de Alexandre, era filho de Amintas II e foi rei por morte do herdeiro, seu irmão Perdicas, entre 360-356 a.C. Ptolemeu, um colaborador talvez um pouco apagado em vida de Alexandre – apesar da façanha que lhe atribui Pausânias nesta situação particular –, veio a ter um papel importante como futuro rei do Egito (com o título de Sóter), dando início à dinastia dos Ptolemeus

de Alexandre, opôs-se àqueles que pretendiam entregar todo o poder a Arrideu, filho de Filipe,[114] e, por isso, tornou-se o principal responsável pela divisão dos diversos povos em reinos. **6.3.** Foi ele quem, avançando contra o Egito, matou Cleómenes, que Alexandre lá tinha estabelecido como sátrapa. Por o considerar apoiante de Perdicas,[115] tinha-se-lhe tornado suspeito. Persuadiu os Macedónios encarregados de transportar para Egas os restos mortais de Alexandre a entregarem-lhos e então sepultou-o em Mênfis com rituais macedónios.[116] Informado de que Perdicas se preparava para o atacar, mantinha

(vigente desde 323, data da morte de Alexandre, até 30 a.C., ano da ocupação romana; cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 38.2). C. 305 a.C., Ptolemeu fez-se proclamar rei do Egito. Foi autor de uma *História de Alexandre* (*vide* Plutarco, *Vida de Alexandre* 46.2). Sobre a estima em que era tido pelo rei, *vide* ainda Plutarco, *Vida de Alexandre* 10.5. O episódio a que Pausânias alude é relatado por Quinto Cúrcio Rufo, *Sobre a Vida e Feitos de Alexandre Magno* 9.5. Os Oxidríacas, aliados dos Malos, eram um povo do Punjab, que fez à invasão de Alexandre uma grande oposição. Plutarco, *Vida de Alexandre* 63 narra esta campanha com algum pormenor, dando a Peucestas o papel principal na salvação do rei.

[114] Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 10.1, 77.7. Arrideu, um meio irmão talvez um pouco mais velho do que Alexandre, filho ilegítimo de Filipe e de uma mulher da Tessália, era um pouco limitado de espírito. Depois da morte de Alexandre acedeu ao trono, mas acabou assassinado por interferência de Olímpia. A partir deste momento, Pausânias inicia um relato pormenorizado dos conflitos instalados entre os seus generais após a morte de Alexandre, a que, ao que aqui afirma, Ptolemeu teria de alguma forma dado origem.

[115] Perdicas fazia parte dos "Companheiros" de Alexandre, os seus comandantes de elite. Após a morte do rei sem herdeiro indigitado, foi Perdicas, já então um homem de certa idade, quem convocou um conselho para analisar o assunto da sucessão; *vide* Plutarco, *Vida de Alexandre* 77.6-7. Funcionou ainda como regente da Macedónia, mas acabou assassinado num motim dos seus homens, em 320 a.C. Sobre o seu papel nesta fase particularmente difícil na história da Macedónia, *vide* Bury, Cook, Adcock (1969) 464-9.

[116] Cf. Eliano, *Histórias Várias* 12.64, Diodoro Século 18.28. Egas tinha sido capital da Macedónia antes de Pela e era lá que, por tradição, eram sepultados os soberanos macedónios.

o Egito em estado de alerta. Perdicas, para arranjar um pretexto, invocou ser protetor de Arrideu, filho de Filipe, e de Alexandre, filho de Alexandre e de Roxana, filha de Oxiartes,[117] quando pretendia de facto retirar-lhe o poder sobre o Egito.[118] Depois de repelido, e tendo perdido com esta campanha o prestígio anterior, além de se ter tornado alvo da censura dos Macedónios por outros motivos, acabou assassinado pelos seus guarda-costas. **6.4.** A morte de Perdicas estimulou de imediato Ptolemeu a tomar outras iniciativas; foi então que ocupou a Síria e a Fenícia, e acolheu Seleuco,[119] filho de Antíoco, que

[117] Alexandre capturou Roxana, filha de um nobre da Bactriana, Oxiartes, em 328 a.C., e casou com ela no ano seguinte, no verão de 327. Deste casamento veio a nascer um herdeiro, Alexandre IV, já após a morte do pai. Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 77.6. A atribuição aos dois herdeiros possíveis da casa real macedónia nunca passou de uma hipótese, incapaz de travar a disputa encarniçada que se gerou entre os generais do rei.

[118] Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 77.7: "Porque foi ele que logo se catapultou para o poder, servindo-se de Arrideu como aval da sua soberania". A campanha de Perdicas contra o Egito ocorreu em 321 a.C. e a sua morte à traição pelos próprios subordinados aconteceu ainda antes da retirada.

[119] A aliança entre Ptolemeu, Seleuco, Lisímaco e Cassandro contra Antígono sucedeu após a fuga de Seleuco para o Egito, c. 315 a.C. (cf. Diodoro Sículo 19.56). Seleuco foi um dos generais de Alexandre Magno, que veio a ser o fundador da dinastia dos Selêucidas. Aquando da divisão do império de Alexandre entre os seus generais, Seleuco recebeu Babilónia, onde reinou entre 358-281 a.C., e, a partir daí, foi estendendo o seu poder sobre a Síria a um vasto território asiático até ao Indo. Foi em 301 a.C. que o conflito com Antígono I Monoftalmo da Macedónia, seu antigo companheiro de armas ao serviço de Alexandre e agora seu rival, teve desfecho na batalha de Ipso, na Frígia, com vantagem para Seleuco e os seus aliados, os acima referidos Ptolemeu, Lisímaco e Cassandro. Foi ainda na mesma ocasião que Lisímaco da Trácia, também ele associado ao exército macedónio, recebeu o poder sobre boa parte da Ásia Menor. Veio mais tarde a ser vencido e morto por Seleuco, o que permitiu a este último ampliar ainda o seu território.

tinha sido expulso por Antígono[120] e andava em fuga. Pegou mesmo em armas para fazer frente a Antígono, e tratou de convencer Cassandro, filho de Antípatro,[121] e Lisímaco, rei da Trácia,[122] a aliarem-se-lhe nesta guerra, argumentando com o exílio de Seleuco e com o crescimento temível para eles do poder de Antígono.[123] **6.5.** Este, por seu lado, preparava-se para a guerra, muito pouco seguro da situação. Mas quando foi informado de que Ptolemeu avançava contra a Líbia onde havia uma revolta dos Cireneus, tratou de tomar a Síria e a Fenícia, que lhe não resistiram. Depois de as ter confiado ao filho, Demétrio,[124] ainda um jovem mas dando já sinal de

[120] Também um general de Alexandre que, ao tempo da morte do rei, era sátrapa da Síria, mas com aspirações a assumir a autoridade sobre todo o império. Viu nessa altura o seu poder alargado à parte ocidental da Ásia Menor, incluindo a Frígia, a Lícia e a Panfília. Acabou derrotado e morto na batalha de Ipso, em 301 a.C.

[121] Na altura da partilha do império de Alexandre, Antípatro foi considerado o responsável pela parte europeia do território e governador da Macedónia. Sobre Cassandro, *vide* Plutarco, *Vida de Alexandre* 74.2.

[122] Lisímaco (c.360-281 a.C.), um macedónio natural de Pela, era um dos generais de Alexandre. Após a morte do rei, ascendeu à categoria de rei (306 a.C.) e governou boa parte da Ásia Menor, além da Trácia. *Vide infra* 1.9-10.

[123] No ano de 312 a.C. ocorreu a repressão da revolta de Cirene e a derrota de Demétrio por Ptolemeu em Gaza. A estes acontecimentos seguiu-se uma trégua, estabelecida em 311 a.C., entre Antígono e a aliança que integrava Cassandro, Ptolemeu e Lisímaco. Seleuco, por seu lado, não se compromete com esta trégua e prossegue em guerra contra Antígono por mais dois anos. O ano de 311 a.C. representou mesmo assim o termo de uma primeira fase da luta entre Antígono Monoftalmo e um pequeno grupo de diádocos de Alexandre. Em 301 a.C. irão reabrir-se hostilidades entre os mesmos beligerantes.

[124] Demétrio, depois da morte do pai, Antígono, viria a ter um papel importante no governo da Grécia. De facto, morto Cassandro, em 297 a.C., Demétrio tornou-se rei da Macedónia e procurou – com a expulsão de Demétrio de Falero que representava na Grécia os interesses de Cassandro – chamar a si esse controle. Coube-lhe o cognome de Poliorceta ("o invasor"), justamente depois de ter tentado, sem sucesso, o cerco de Rodes (304 a.C.).

ser um espírito superior, virou-se para o Helesponto. Ainda antes de terminar a marcha, teve de regressar com o exército, perante a notícia da derrota de Demétrio frente a Ptolemeu. Demétrio não lhe tinha, no entanto, entregado toda a região; tinha mesmo atraído a uma emboscada uns tantos Egípcios, não muitos, que dizimou. Dadas as circunstâncias, Ptolemeu não esperou a chegada de Antígono e retirou para o Egito. **6.6.** No fim do inverno, Demétrio navegou para Chipre e venceu, numa batalha naval, o sátrapa Menelau,[125] um aliado de Ptolemeu e, a seguir, o próprio Ptolemeu, que passou também ao ataque. Este último pôs-se em fuga para o Egito, perseguido ao mesmo tempo por Antígono por terra e pela armada de Demétrio. Viu-se então encurralado até ao limite; salvou-lhe o poder um exército aquartelado em Pelúsio[126] e as trirremes que barravam o rio. Antígono, obrigado por enquanto a desistir da esperança de tomar o Egito, enviou Demétrio com uma armada e um exército numeroso contra Rodes. Esperava ele que, se a ilha fosse tomada, lhe podia servir de plataforma para atacar os Egípcios. Mas os Ródios defenderam-se com tanta determinação e estratégia da invasão, enquanto Ptolemeu lhes fornecia todos os meios de combate, que ele teve de desistir. **6.7.** Apesar do insucesso em Rodes e já antes no Egito, Antígono, não muito tempo depois destes acontecimentos, ousou ainda atacar Lisímaco, Cassandro e Seleuco. Foi então que perdeu a maior parte das suas forças e ele próprio morreu, muito enfraquecido pela duração da guerra contra Êumenes.[127]

---

[125] Sobre a batalha travada entre Demétrio e Menelau, irmão de Ptolemeu, cf. Diodoro Sículo 20.47-53, Plutarco, *Vida de Demétrio* 15-7.

[126] Pelúsio era uma das bocas do Nilo (cf. Heródoto 2.17.4, 2.154.3, 3.10.1), no extremo oriental do Egito. Todas estas operações – em Chipre, no Egito e em Rodes – decorreram entre 306-305 a.C.

[127] A descrição prossegue agora com a batalha de Ipso, travada em 301 a. C., em que Antígono foi vencido e morto. A guerra contra

Na minha opinião, dos reis que derrubaram Antígono, o mais desonesto foi Cassandro, que lhe estava em dívida por ele lhe ter garantido o poder da Macedónia, e que veio a declarar guerra ao seu benfeitor. **6.8.** Morto Antígono, Ptolemeu tomou de novo a Síria e Chipre, e reconduziu Pirro ao trono do Epiro, na Tesprótide.[128] Cinco anos passados sobre a sublevação de Cirene, Magas, filho de Berenice,[129] então esposa de Ptolemeu, tomou a cidade. Se Ptolemeu era realmente filho de Filipe, filho de Amintas, herdou do pai a obsessão por mulheres.[130] Pois tendo por esposa e mãe dos seus filhos Eurídice, filha de Antípatro,[131] deixou-se encantar por Berenice, que Antípatro

---

Êumenes (321-316 a.C.) tinha decorrido já há uns tantos anos, o que torna a sua influência sobre a campanha de 301 a.C. difícil de admitir.

[128] A Tesprótide é uma região do Epiro (*vide infra* 1.17.4-6, 4.35.3, 5.23.2, 6.14.9, 9.36.3). Pirro (319-272 a.C.), um primo de Alexandre, foi rei do Epiro a partir de 307. Na instabilidade que acompanhou a divisão do império de Alexandre, a permanência de Pirro no trono foi instável; em 302 viu-se privado do poder. Foi aliado de Demétrio I da Macedónia na batalha de Ipso (301 a.C.). Com a intervenção de Ptolemeu I foi reposto no trono em 297 a.C.

[129] Depois de reprimir a rebelião de Cirene (iniciada em 305 a.C. e abafada em 301 a.C.), ainda em tempo de Ptolemeu I, Magas veio a tornar-se governador dessa cidade. Mais tarde, quando o seu meio-irmão Ptolemeu II Filadelfo sucedeu ao pai no trono do Egito, Magas revoltou-se e atacou o país. Berenice, com quem Ptolemeu manteve uma relação de concubinato, tinha sido casada com um aristocrata macedónio, Filipe, de quem teve pelo menos dois filhos, Magas e Antígona. De Ptolemeu I Sóter esta mulher veio a ter mais três filhos, Ptolemeu II Filadelfo, Arsínoe II e Filótera.

[130] Sobre as aventuras românticas de Filipe, cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 9.5-7.

[131] No séquito que acompanhou Eurídice para o Egito, na altura do seu casamento com Ptolemeu I Sóter (321 a.C.), seguia também Berenice, ainda sua prima. O repúdio de Eurídice, filha de Antípatro e irmã de Cassandro, deteriorou as relações entre irmão e marido, os senhores da Macedónia e do Egito. Após a morte de Antípatro, Ptolemeu desposou Berenice, que elevou ao estatuto de rainha e cujos filhos (Ptolemeu Cerauno, Meleagro, Argeu, Lisandra e Ptolemaida) beneficiou sobre aqueles que Eurídice lhe tinha dado (Arsínoe II, Filótera, Teóxena e

enviou com Eurídice para o Egito. Da relação com essa mulher veio a ter filhos; e já perto da hora da morte, foi a Ptolemeu (de quem a tribo ateniense recebeu nome),[132] filho de Berenice e não da filha de Antípatro, que atribuiu o trono do Egito.

1.7.1. *Ptolemeu II Filadelfo*

Este Ptolemeu, apaixonado por uma sua irmã de pai e de mãe, Arsíone,[133] casou com ela, o que era completamente estranho aos costumes dos Macedónios, mas consentido pelos Egípcios sobre que ele reinava.[134] Em segundo lugar, matou o irmão Argeu[135] que, ao que se diz, conspirara contra ele. Foi Ptolemeu II quem retirou os restos mortais de Alexandre de Mênfis.[136] Matou também um outro irmão nascido de Eurídice, por ter promovido uma revolta dos Cipriotas. Então Magas,[137] irmão de Ptolemeu pelo lado da mãe, que, por interferência de Berenice, era governador de Cirene – era filho Berenice e de Filipe, um Macedónio, de resto um sujeito desconhecido e anónimo – pois esse Magas incentivou Cirene

---

Ptolemeu II). Esta afastou-se então do Egito e refugiou-se na corte de Lisímaco, na Ásia Menor, onde se juntou à filha, Arsínoe, que desposara esse soberano.

[132] *Vide supra* 1.5.5 e respetiva nota. A informação aqui dada sobre o Ptolemeu a quem esta homenagem foi prestada por Atenas está errada. Não se trata de Ptolemeu II, mas III.

[133] *Vide supra* nota 131. O próprio apelido de Filadelfo parece aludir à paixão que este Ptolemeu teria alimentado pela irmã.

[134] O convívio entre a dinastia ptolemaica, de origem macedónia, e a sociedade egípcia passou por sucessivos ajustamentos. Por isso, ao longo da dinastia, foram sendo adotadas práticas egípcias, como títulos reais, o casamento entre irmãos, ou o culto divinizado dos monarcas.

[135] *Vide supra* nota 131.

[136] E transferiu-os para Alexandria. Segundo outros testemunhos – Diodoro Sículo 18.28, Quinto Cúrcio 10.10.20 – teria sido já Ptolemeu I a encarregar-se desta transladação.

[137] *Vide supra* nota 129.

contra Ptolemeu e marchou contra o Egito.[138] **7.2.** Ptolemeu barricou a entrada e aguardou os invasores cirenaicos; mas, pelo caminho, chegou a Magas a notícia de uma revolta dos Marmáridas – os Marmáridas são Líbios nómadas –, o que o fez voltar a Cirene. Ptolemeu pretendia persegui-los, mas houve um motivo que o impediu: perante a notícia da revolta de Magas, Ptolemeu tinha arregimentado tropas estrangeiras e, entre elas, quatro mil gálatas. Ao descobrir que eles pretendiam tomar o Egito, deportou-os para uma ilha deserta no meio do rio, onde se mataram uns aos outros ou morreram de fome. **7.3.** Entretanto Magas, que estava casado com Apama,[139] filha de Antíoco, filho de Seleuco, persuadiu o sogro a romper os tratados que o pai, Seleuco, tinha feito com Ptolemeu e a atacar o Egito. Mas quando Antíoco se pôs em marcha, Ptolemeu enviou tropas contra todos os povos sob a autoridade daquele; aos mais fracos, devastava-lhes o território com incursões, e contra os mais fortes fazia campanhas militares, de tal maneira que retirou a Antíoco qualquer possibilidade de atacar o Egito.[140] Este Ptolemeu é aquele que, como foi dito

[138] Esta investida de Magas contra o Egito terá ocorrido por volta de 275 a.C., em conivência com Antíoco I, filho de Seleuco e seu sogro.

[139] Apama, uma mulher síria, era portanto filha de Antíoco I e de Estratonice, e neta de Seleuco. O episódio aqui narrado por Pausânias testemunha como se prolongaram, numa segunda geração, os conflitos que antagonizaram os homens próximos de Alexandre após a sua morte. É o caso do confronto entre Antíoco I da Síria, filho de Seleuco, com Ptolemeu II do Egipto, conhecido por "primeira guerra síria" (275-271 a.C.), em que Magas desempenhou um papel preponderante. Ao desencadear uma rebelião contra o rei do Egito, Magas, como tinha casado com Apama, filha de Antíoco I da Síria, incentivou o sogro a aliar-se-lhe na campanha, violando assim os acordos que seu pai Seleuco tinha feito com Ptolemeu I. Após a morte do marido, Magas (258 a.C.), Apama governou Cirene.

[140] Esta guerra entre Ptolemeu II e Antíoco I decorreu entre 274 e provavelmente 271 a.C., sem resultados decisivos.

acima,[141] para acudir a Atenas no confronto com Antígono, rei da Macedónia, enviou uma armada, que não trouxe nenhum benefício de relevo a Atenas. A mãe dos seus filhos foi Arsínoe, filha de Lisímaco, e não a sua irmã.[142] A que era irmã e mulher de Ptolemeu[143] morreu antes dele sem deixar filhos; dela recebeu o nome uma das províncias do Egito, Arsinoíte.

1.8.1. *Átalo*

Vem aqui a propósito falar das questões relacionadas com Átalo, que se encontrava também entre os heróis epónimos de Atenas.[144] Um Macedónio, de nome Dócimo, general de Antígono[145] – que mais tarde se entregou a Lisímaco, ele próprio e o seu património – tinha um eunuco paflagónio, um tal Filetero. Como é que esse Filetero[146] se revoltou contra Lisímaco e atraiu à sua causa Seleuco[147] é um assunto que deixo para quando tratar de Lisímaco.[148] Este Átalo, filho de Átalo, sobrinho de Filetero, recebeu o poder de Êumenes, seu primo.[149] O maior dos seus feitos foi o seguinte: fazer uma

---

[141] *Vide supra* 1.1.1.

[142] *Vide supra* 1.6.4.

[143] *Vide supra* 1.7.1.

[144] *Vide supra* 1.5.5 e nota 108. Pausânias passa a tratar agora da dinastia reinante em Pérgamo.

[145] *Vide supra* nota 126. Diodoro Sículo 19.75 refere o mesmo Dócimo.

[146] Filetero (c. 343-263 a.C.) provinha da Bitínia e veio a ser o primeiro rei da dinastia atálida, em Pérgamo. Sucedeu-lhe Êumenes I, seu sobrinho, e a este Átalo I. Lisímaco depositou em Pérgamo um tesouro, à guarda de Filetero. Entre o eunuco e Lisímaco existia uma relação de confiança, que foi perturbada por Arsínoe (*vide supra* nota 131) com denúncias eventualmente caluniosas e deu origem aos acontecimentos narrados adiante.

[147] *Vide supra* nota 119.

[148] *Vide infra* 1.10.4.

[149] *Vide supra* nota 127.

campanha contra os Gauleses para os afastar da zona costeira e os empurrar para o território que ainda hoje habitam.[150]

8.2. A seguir às imagens dos heróis epónimos[151] encontram-se estátuas de deuses, Anfiarau[152] e a Paz, com Pluto,[153] ainda criança, ao colo; a estátua em bronze de Licurgo,[154] filho

[150] *Vide supra* 1.4.5-6.

[151] Pausânias retoma agora a descrição que vinha a fazer em 1.5.1.

[152] Anfiarau era um herói e profeta argivo (cf. *Odisseia* 15.244-7), que participou, sob o comando de Adrasto, no ataque a Tebas. Ésquilo (*Sete contra Tebas* 568-619) louva-lhe com ênfase a prudência como excepção à arrogância generalizada entre os atacantes da cidade de Édipo; cumula-o mesmo de elogios (610-1), "sensato, justo, bravo, piedoso, grande profeta". Segundo a tradição, ao fugir de Tebas perante a resistência dos seus defensores, foi engolido por uma greta no solo, aberta pelo raio de Zeus que o salvou da morte (cf. Píndaro, *Olímpica* 6.18-22, *Nemeia* 9.57-9, 10.14-6). Foi esta a circunstância que deu origem ao oráculo de Anfiarau em Oropo (*vide infra* 1.34), diante da Eubeia. O seu nome andava também ligado à saga dos Argonautas. Pausânias refere-se ao trajeto de vida de Anfiarau em 2.13.7.

[153] No mito, o deus Pluto era considerado filho de Deméter (*Hino Homérico a Deméter* 488-9; Hesíodo, *Teogonia* 969-73) e o seu poder estava, em primeiro lugar, associado a uma produção agrícola abundante; em consequência, era representado como um jovem portador de uma cornucópia recheada de cereais. O seu culto estava estritamente ligado ao de Deméter e Perséfone (cf. Aristófanes, *Tesmofórias* 299). Deste pressuposto mítico e cultual, adveio o entendimento de que Pluto pudesse representar um modelo de vida utópico, perfeito, abundante, como que um regresso à Idade do Ouro, onde todos os bens se oferecessem espontaneamente ao Homem. Por outro lado, a ideia de que o Dinheiro seja cego – como na versão cómica em que Aristófanes faz do deus o seu protagonista – e, por isso, causador de muitos males, tinha já uma tradição na poesia iâmbica, que se disseminou na tragédia e na comédia; cf. Timocreonte, fr. 731 *PMG*; Hipónax, fr. 36 West; Eurípides, fr. 776 N^2; Ânfis, fr. 23 K.-A.; Antístenes, fr. 259 K. Esta imagem da Paz e Pluto era obra de Cefisódoto, pai de Praxíteles (séc. IV a.C.; *vide infra* 9.16.2); uma outra estátua da deusa Paz estava no Pritaneu (*vide infra* 1.18.3).

[154] Licurgo (c. 390-325 a.C.) foi um destacado orador e político ateniense. Com Demóstenes partilhou uma posição vigorosa de resistência contra qualquer possibilidade de negociação com o poder macedónio sobre a Grécia. Governou com particular sucesso as finanças públicas em Atenas após a derrota sofrida pelos Atenienses na batalha

de Lícofron; a de Cálias que, de acordo com a maioria dos Atenienses, fez a paz com Artaxerxes, filho de Xerxes[155] em nome dos Gregos; e também Demóstenes, que os Atenienses obrigaram a exilar-se em Caláuria, uma ilha diante de Trezena;[156] mais tarde chamaram-no de volta, mas tornaram a persegui-lo depois da derrota em Lâmia. **8.3.** Aí Demóstenes,

---

de Queroneia, contra Filipe II da Macedónia (338 a. C.). Teve uma ação destacada na política de obras públicas e no reforço da armada ateniense, com a reconstrução e amplificação das docas do Pireu (*vide infra* 1.29.16); foi ainda responsável, como testemunha também Pausânias (*vide infra* 1.29.16), pela reflorestação do Liceu e pela construção de um ginásio nesse local. Foi igualmente sua a iniciativa de promover uma cópia oficial das tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. *Vide infra* 1.29.15-6.

[155] Ou seja, Artaxerxes I (que reinou entre 465-424 a.C.) estabeleceu com uma delegação grega dirigida por Cálias um tratado de paz (449-448 a.C.), segundo o qual Grécia e Pérsia determinavam fronteiras claras para os seus domínios no Mediterrâneo Oriental: a Pérsia conservava a sua autoridade sobre o Egito e Chipre e comprometia-se a respeitar a zona costeira da Ásia Menor como de influência grega; cf. Heródoto 7.15.1; Tucídides 1.112.2-4; Diodoro 12.2.3-4.6, 26.2; Plutarco, *Címon* 13.4-6. Foi durante o seu reinado que Temístocles, o comandante dos Atenienses em Salamina e o maior inimigo de Xerxes, foi acolhido na corte persa (*vide supra* nota 5). Cf. Shrader (1994) 323-6.

[156] O Demóstenes aqui referido é o célebre orador ateniense (384-322 a. C.), que, entre os anos 351-340 a.C., se dedicou a atacar nos seus discursos – *Filípicas* – a política de expansão da Macedónia, desencadeada por Filipe II, e a evidente ameaça que representava para a independência e autonomia da Grécia. Quando o que deixou de ser uma ameaça se tornou uma investida, concretizada com a batalha de Queroneia, Demóstenes participou ativamente na luta que, de resto, se saldou numa derrota para a Grécia. A seguir, quando Alexandre angariou apoios entre os Gregos para a sua campanha asiática, Demóstenes prosseguiu com a sua conhecida oposição. Tornou-se, por isso, uma das vozes mais ativas em Atenas na resistência antimacedónia. Decerto posições tão frontalmente assumidas justificaram que se tenha visto condenado ao exílio na ilha de Caláuria (uma primeira vez em 324 e, a seguir, em 322 a.C.), onde morreu (*vide infra* 2.33.3). A sua estátua, erigida alguns anos depois da sua morte (280 a.C.), era obra de Polieucto.

quando fugiu nessa segunda vez, voltou para Caláuria, onde tomou um veneno e morreu. Foi ele o único fugitivo grego que Árquias não entregou a Antípatro e aos Macedónios. Este Árquias, oriundo de Túrios, assumiu um papel abominável: todos aqueles que fizeram oposição aos Macedónios antes da derrota dos Gregos na Tessália, Árquias entregou-os a Antípatro para serem punidos.[157] Foi este o prémio que teve o grande empenho de Demóstenes em favor dos Atenienses. Julgo que têm razão os que dizem que quem se entrega sem reservas à política e confia no povo não acaba bem.

8.4. Perto da estátua de Demóstenes está um templo de Ares, onde existem duas imagens de Afrodite, uma de Ares – obra de Alcâmenes –,[158] e uma de Atena – trabalho de um sujeito de Paros, de nome Locro. Lá está também uma imagem de Énio,[159] feita pelos filhos de Praxíteles. Em volta do templo estão Héracles, Teseu, Apolo com os cabelos cingidos por uma fita,[160] uma representação de Cálades que, ao que se diz, redigiu leis para os Atenienses, e Píndaro que, entre outras homenagens, recebeu também deles esta estátua, por os ter

[157] Trata-se, portanto, de um denunciante e perseguidor dos ativistas da oposição ao poder macedónio ao serviço de Antípatro, a quem Demóstenes escapou pela fuga. Plutarco, na *Vida de Demóstenes* 28-9, identifica-o como um ator trágico e descreve em pormenor a perseguição que fez ao orador.

[158] *Vide supra* nota 23.

[159] Cf. Hesíodo, *Teogonia* 270-4, que identifica Énio como uma das Graias, deusas belas, mas de cabelo cinzento desde que nasceram, com um só olho e um só dente. Está associada com a guerra; cf. Graves (1977) I.127, 129. Os filhos de Praxíteles, Cefisódoto (o mesmo nome do avô) e Timarco, estiveram ativos entre finais do séc. IV e inícios do séc. III a.C.

[160] Este Apolo 'anadúmeno', de cabelos cingidos com uma fita, é uma estátua atribuída a Fídias, que hoje se conhece por uma cópia romana.

louvado nos seus poemas.[161] **8.5.** Não longe estão Harmódio e Aristogíton, os assassinos de Hiparco.[162] Qual foi a causa deste

[161] Lesky (1968) 221-2 recorda alguns dos cantos de Píndaro de elogio a Atenas, entre eles o famoso ditirambo 76 Schr. que se inicia: "Ó resplandecente Atenas, coroada de violetas, envolta em cantos, plena de glória, baluarte da Grécia, cidade divina!". O entusiasmo com que este canto foi acolhido fica demonstrado pela referência que lhe é feita por Aristófanes, *Acarnenses* 636-7, como a um artifício demagógico usado pelos que queriam cativar as boas graças dos Atenienses. Mas também o fr. 77 dá aos Atenienses primazia na defesa da liberdade. Admite mesmo Lesky que esta estátua referida por Pausânias como existente na ágora de Atenas fosse uma homenagem prestada ao poeta depois que os Tebanos – cidade natal de Píndaro e inimiga de Atenas – o perseguiam por esta espécie de traição.

[162] O tirano Hiparco, filho mais novo de Pisístrato, partilhou o poder de Atenas, juntamente com seu irmão Hípias, entre 527-514 a.C., ou seja, entre a morte do pai e a data em que foi assassinado por Harmódio e Aristogíton, durante as Panateneias. Era conhecido o seu gosto pela diversão e pelas artes. Além de questões políticas, as fontes antigas assinalam também motivos pessoais como igualmente responsáveis por este homicídio. Como ambos os tiranicidas pereceram na sequência do golpe, passaram a ser vistos como mártires da causa democrática e libertadores de Atenas da tirania. Ora, na verdade, essa impressão não correspondia à realidade, porque Hípias manteve-se no governo após o atentado. Consideram Calonge Ruiz, Torres Esbarranch (1990) 159 que "esta exaltação de Harmódio e Aristogíton, sem dúvida, era fomentada pelos adversários dos Alcmeónidas, cujos partidários afirmavam que eram eles os verdadeiros libertadores de Atenas com a sua intervenção na derrocada da tirania". Os tiranicidas foram os primeiros Atenienses a terem, na ágora, uma estátua, sendo a mais antiga obra de Antenor, depois substituída por uma de Crítias. Sobre o sentido desta substituição, Rodrigues (2018) 170 comenta: "A estátua da autoria de Antenor, primeiro, e as de Crítias e Nesiotes, depois, deverão ter sustentado de forma eficaz rituais públicos de natureza religiosa, mas de funcionalidade essencialmente política. Como nota M. W. Taylor, a rapidez com que a escultura de Antenor foi substituída pelas de Crítias e Nesiotes depois do saque persa só pode significar que as estátuas se tinham tornado elementos centrais na manutenção de uma memória histórica recente fundamental para a vivência política do presente". Dela resta uma cópia romana no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Sobre os tiranicidas, cf. Rodrigues (2018) 158-86. São testemunhos relevantes deste episódio Heródoto 5.55-6, 5.63-5, 6.123.1-2; Tucídides 1.20.2, 6.53.3-9; Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 18-9.

ato e o modo como o levaram a cabo, é referido por outros autores. A autoria destas estátuas é de Crítias, apesar de ter sido Antenor quem realizou as antigas. Xerxes, quando tomou Atenas depois de os cidadãos a terem abandonado, levou, com o saque, essas estátuas, que mais tarde Antíoco devolveu aos Atenienses.[163]

8.6. À entrada do teatro conhecido por Odeón,[164] estão as estátuas dos reis do Egito, todas designadas pelo mesmo nome de Ptolemeu, mas distintas pelo cognome; assim a um chamam Filometor, a outro Filadelfo; o Ptolemeu filho de Lago recebeu dos Ródios o nome de Sóter.[165] Entre eles, Filadelfo é o que já referi acima entre os epónimos; ao lado está a imagem de Arsínoe, a irmã.[166]

---

[163] As estátuas terão sido levadas para Susa por Xerxes em 480/479 (*vide infra* 8.46.3). Rodrigues (2018) 173 considera "possível que este saque de Xerxes não tenha sido obra do acaso ou de mera cobiça de bens valiosos de Atenas, mas sim um ato simbólico de subtrair aos Atenienses o objeto do seu culto à liberdade representado pelos tiranicidas". Foram posteriormente devolvidas aos Atenienses, mas os testemunhos variam quanto ao responsável por essa devolução: Antíoco I (segundo Pausânias), Alexandre Magno (Arriano, *Anábase* 3.16.7-8, 7.19.2, Plínio, *História Natural* 34.70), ou Seleuco (Valério Máximo 2.10, ext. 1). Dado o valor simbólico que as estátuas representavam para os Atenienses, eles fizeram substituir as levadas pelo rei persa por outras (477 a.C.).

[164] Odeón era o nome dado a um teatro coberto, destinado a concertos e palestras. Aquando da visita de Pausânias, o odeón construído por Péricles, na vertente sul da Acrópole, não se adequava ao tipo de teatro coberto romano. Aquele aqui referido, chamado de Agripa (e identificado por Filóstrato, *Vida dos Sofistas* 2.5.4, 2.8.4), situava-se no Ceramico (final do séc. I a.C.). Com a construção do Odeón de Herodes Ático muitas das atividades ali desenvolvidas foram transferidas para o novo edifício, restringindo-se este odeón a funcionar como uma espécie de auditório. Cf. Musti, Beschi (1982) 291.

[165] Respetivamente, "amante da mãe", "apaixonado pela irmã" e "salvador". Este é Ptolemeu Filometor I, que reinou entre 181-161 a.C.; cf. Musti, Beschi (1982) 292.

[166] *Vide supra* 1.7.1-3.

1.9.1. *Os Ptolemeus*

O chamado Filometor[167] é o oitavo descendente de Ptolemeu filho de Lago,[168] e recebeu esse cognome por ironia. É que não se conhece nenhum rei por quem a mãe tivesse tamanha aversão; sendo ele o filho mais velho, a mãe, incapaz de tolerar a ideia de que ele ascendesse ao poder, arranjou forma de o pai o enviar para Chipre. Entre os diversos motivos dessa má vontade de Cleópatra pelo filho estava a esperança de encontrar no mais novo, Alexandre, maior submissão. **9.2.** Por isso tentou que os Egípcios nomeassem Alexandre rei. Como o povo se opôs, num segundo momento ela enviou Alexandre para Chipre sob o pretexto de lhe atribuir um comando, mas no propósito de, com essa ação, se tornar, através dele, mais temível a Ptolemeu. Por fim, depois de ferir aqueles dos seus eunucos que considerava mais fiéis, apresentou-os ao povo como se fosse ela própria que Ptolemeu pretendesse atingir e tivesse sido ele a pô-los naquele estado. Os apoiantes de Alexandre atacaram Ptolemeu para o matar, mas ele antecipou-se a embarcar num navio; foi então que entregaram a Alexandre, entretanto regressado de Chipre, o trono. **9.3.** Cleópatra, como castigo pelo exílio de Ptolemeu, foi assassinada por Alexandre, que ela tinha feito soberano do Egito. Quando o seu ato foi descoberto, Alexandre pôs-se em fuga com receio dos cidadãos. E assim Ptolemeu regressou e governou o Egito pela segunda vez. Enfrentou a sublevação dos Tebanos, e acabou

[167] Pausânias refere-se agora a Ptolemeu IX Filometor II, filho de Ptolemeu VIII e de uma sua sobrinha, Cleópatra III. Ptolemeu IX exerceu o poder entre 116-108 a.C., ano em que foi deposto graças às intrigas políticas da mãe. Foi então a vez de seu irmão Alexandre II governar o Egito, juntamente com a mãe, até (em 101 a.C.) ter promovido o seu assassinato. Manteve-se sozinho no poder até 88 a.C., ano a partir do qual Ptolemeu o retomou, para o exercer até à morte, em 80 a.C.

[168] *Vide supra* 1.6.1-7.

por os dominar no terceiro ano após a revolta.[169] De tal modo que não restou memória do bem-estar daqueles tempos em que Tebas ultrapassava em riqueza as cidades mais ricas da Grécia, caso do santuário de Delfos e de Orcómeno.[170] Pouco tempo passado, chegou a vez de Ptolemeu cumprir o seu destino. Então os Atenienses, que ele muito tinha beneficiado – benesses que não vou relatar –, fizeram-lhe uma estátua de bronze, a ele e a Berenice, a única descendente legítima entre os seus filhos.

9.4. A seguir às estátuas dos Egípcios, estão as de Filipe e de seu filho, Alexandre, autores de façanhas com importância tal que não convém a um apêndice de outro relato. As homenagens que os Atenienses prestaram aos Egípcios são devidas a um verdadeiro reconhecimento pelas benesses recebidas; as atribuídas a Filipe e a Alexandre resultam sobretudo da bajulice popular;[171] quanto a Lisímaco, a homenagem não se deveu à simpatia, mas por o considerarem útil aos seus objetivos imediatos.

9.5. Este Lisímaco era de origem macedónia e membro do corpo de guarda de Alexandre;[172] um dia, depois de o trancar,

---

[169] Esta revolta foi vencida por Ptolemeu IX no seu segundo reinado, entre 88-80 a.C.

[170] Orcómeno é nome de diversas cidades gregas, mas a mais conhecida situava-se junto do lago Copaís, na Beócia. Era célebre a sua prosperidade, sobretudo em consequência da fertilidade da planície, depois que o lago foi drenado. Em Orcómeno existia um antigo santuário das Graças. Esta é possivelmente a cidade aqui referida, se tivermos em conta que já a *Ilíada* (9.381-2) fazia a mesma comparação ao referir-se à cidade beócia: "nem que fossem os tesouros de Orcómeno, ou de Tebas do Egito, onde nas casas existe riqueza em quantidade" (*vide infra* 8.33.2, 8.34.6, 9.38.8). Havia também uma cidade com o mesmo nome na Arcádia (que Pausânias irá descrever em 8.13.2), onde dois templos celebravam Posídon e Afrodite.

[171] *Vide supra* 1.4.1.

[172] *Vide supra* 1.6.4 e nota respetiva.

num acesso de cólera, na jaula de um leão, o rei descobriu que ele tinha dominado a fera. Surpreendido com este desfecho, atribuiu-lhe uma distinção digna dos melhores entre os Macedónios.[173] Após a morte de Alexandre, Lisímaco foi rei dos Trácios, vizinhos da Macedónia, aqueles que, já no passado, Filipe e Alexandre tinham dominado, e que constituíam não mais do que uma pequena parcela dos Trácios.[174] É que, excetuados os Celtas,[175] nenhum outro povo pode ombrear com os Trácios em número; por isso, ninguém, antes dos Romanos, os submeteu a todos.[176] Agora a Trácia inteira está sujeita a Roma, bem como, dos Celtas, os que se poderia considerar interessante submeter; porque aquelas zonas que o frio ou a esterilidade do solo fustigam, desprezaram-nas voluntariamente, para se apropriarem do que poderia ter maior importância. **9.6.** Foi então, de entre os povos vizinhos, contra os Odrísios[177] que Lisímaco primeiro fez campanha, e, em segundo lugar, avançou

[173] Esta era uma história célebre, reproduzida por diversos autores: e.g., Séneca, *Sobre a ira* 3.17.2, Plínio, *História Natural* 8.54, Plutarco, *Vida de Demétrio* 27.6.

[174] Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 70.5, em que se menciona a invasão que Filipe levou a cabo de Perinto, na Trácia, em 340 a.C. Sobre esta campanha, *vide* Bury, Cook, Adcock (1969) 254-5. Este caso concreto fazia parte de uma política de expansão levada a cabo pelo rei macedónio. Submetidos os Trácios, Filipe impôs-lhes um tributo e, para estabilizar o seu poder na região, fundou nesse território uma cidade a que deu o seu nome, Filipópolis.

[175] *Vide supra* 1.4.1-6.

[176] A mesma ideia sobre o número elevado do povo trácio é afirmada por Heródoto 5.3.1. A conquista romana da Trácia aconteceu já no séc. I a.C. e resultou de um conflito de décadas na região (92-46 a.C.), iniciado por um ataque dos Trácios à então província romana da Macedónia. Conquistada a região, os Romanos dividiram-na em dois blocos, que designaram por Mésia (a parte norte) e Trácia (a sul). A província da Trácia viria a ganhar grande importância pela proximidade com Constantinopla, quando esta se tornou capital.

[177] Um povo da Trácia que veio a ocupar uma parte das atuais Bulgária, Roménia, Turquia e norte da Grécia.

contra Dromiquetes e os Getas.[178] Ao atacar gente que não era inexperiente na guerra e capaz de mobilizar forças em muito maior número, ele próprio, colocado em situação extrema, escapou ao perigo, enquanto o filho, Agátocles, que o acompanhava em campanha pela primeira vez, foi feito prisioneiro pelos Getas. Depois de ter sofrido ainda outros reveses e tomando a peito a captura do filho, Lisímaco fez um tratado de paz com Dromiquetes; cedeu-lhe a parte do seu território além do Istro[179] e, compelido pela necessidade, deu-lhe a filha em casamento. Há também quem diga que não foi Agátocles, mas o próprio Lisímaco a ser capturado, tendo sido Agátocles a salvá-lo através de um acordo com o rei geta. De regresso ao seu reino, casou Agátocles com Lisandra, filha de Ptolemeu, filho de Lago e de Eurídice.[180] **9.7.** Atravessou depois em navios para a Ásia, onde se aliou à investida contra o poder de Antígono.[181] Fundou a cidade de Éfeso junto à costa,[182] onde agora ela se encontra, e instalou

[178] Cf. Heródoto 4.93-7. Trata-se de outra tribo da Trácia instalada entre os Balcãs e o Danúbio. Em 5.3, Heródoto volta a referir-se-lhes, bem como Tucídides 2.96, sublinhando as particularidades que os caraterizavam entre os povos do grupo trácio. Por sua vez Plutarco, *Vida de Demétrio* 39.6, 52.6, menciona também Dromiquetes como seu rei. Sobre as campanhas de Lisímaco nesta região, cf. Diodoro Sículo 19.73, 21.12, Estrabão 7.302, 7.305. Mais tarde, alargaram o seu território para sul e misturaram-se com os Dácios. Cf. Boardman *et alii* (1991) 597-9.

[179] Danúbio.

[180] *Vide supra* 1.6.8 e nota respetiva.

[181] *Vide supra* 1.6.4.

[182] Éfeso era uma das cidades importantes da Iónia, fundada por colonos atenienses. Teve um destino atribulado em função dos sucessivos ocupantes: os Cimérios (séc. VII a.C.), depois Creso da Lídia (séc. VI a.C.), e, no séc. V a.C., o império persa. O templo de Ártemis, o mais emblemático da cidade, ardeu em 356 a.C., segundo a tradição no dia do nascimento de Alexandre Magno (cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 3.5-6). Anos mais tarde, em 334 a.C., o mesmo Alexandre tomou Éfeso, vindo, no tempo de Átalo III (133 a.C.) a cair sob domínio romano. Uma das vantagens de Éfeso era a sua localização costeira que, de resto,

lá colonos de Lébedo e Cólofon,[183] cujas cidades arrasou. Este foi um episódio que Fénix, um poeta iâmbico de Cólofon,[184] lamentou nos seus versos; e Hermesíanax não o registou nas suas elegias,[185] julgo eu, porque já tinha morrido, ou com certeza não teria deixado de lastimar a destruição de Cólofon. Lisímaco fez também guerra a Pirro, filho de Eácides.[186] Aproveitando a ausência dele do Epiro – porque muitas vezes se ausentava –,[187] dizimou-lhe o território inteiro, chegando a aproximar-se dos túmulos dos reis. **9.8.** Há ainda uma outra história que me não

não impediu uma progressiva perda de relevância à medida que o rio Caístro, que lhe ficava próximo, lhe foi assoreando o porto.

[183] Lébedo e Cólofon são duas cidades do noroeste da Ásia Menor, que Heródoto (1.142) refere entre as *póleis* gregas da Iónia situadas na região da Líbia ("Éfeso, Cólofon, Lébedo, Teos, Clazómenas e Foceia. Todas estas cidades, no respeitante à língua, em nada se assemelham às anteriormente mencionadas, mas constituem entre si um bloco"). Sobre o seu despovoamento e transferência das populações, *vide infra* 7.3.4-5.

[184] Sobre Fénix de Cólofon, cf. Lesky (1968) 701-2. Seguindo uma prática difundida pelos cínicos, a poesia grega do séc. III a.C. adotou a crítica social como tema da sua preferência. É o caso de Fénix de Cólofon e de Hipónax de Éfeso. Os poucos testemunhos conservados documentam ataques a glutões e ao excesso de riqueza e seus vícios.

[185] Sobre Hermesíanax de Cólofon, repetidamente referido por Pausânias, *vide infra* 7.17.9, 8.12.1, 9.35.5; cf. ainda Lesky (1968) 731-2. Trata-se de um poeta elegíaco, bem relacionado com os principais nomes da poesia alexandrina, ainda que para nós escassamente conhecido. Foi autor de um poema em três livros, que dedicou à mulher amada. Através de Ateneu (*Deipnosofistas* 13.597), conservamos um fragmento relativamente extenso do seu poema.

[186] Pirro (318-272 a.C.) sucedeu a Eácides I no trono do Epiro. *Vide supra* 1.6.8 e respetiva nota. Segundo a tradição, Éaco (*vide* Graves (1977) I.212-6) era rei de Egina e responsável pela origem do povo dos Mirmidões, uma dádiva de Zeus; mais tarde Peleu, pai de Aquiles, por sua vez o progenitor de Neoptólemo (também conhecido por Pirro), conduziu-os para a Ftia. Sobre os ascendentes de Alexandre, cf. Arriano, 1.11.8, 4.11.6; Diodoro Sículo 17.1.5. A guerra entre Pirro e Lisímaco e a invasão deste último do Epiro terão ocorrido c. 294 a.C.

[187] Cf. Plutarco, *Vida de Pirro* 12.5, 13.1, que dá conta do caráter irrequieto de Pirro.

parece credível; escreveu Hierónimo de Cardia[188] que Lisímaco violou os túmulos dos mortos e dispersou as ossadas. Ora esse Hierónimo tem fama de usar de acrimónia no que escreveu sobre outros reis, à excepção de Antígono,[189] a quem sempre dirigiu elogios injustificados. Pois no que se refere aos túmulos dos Epirotas é evidente que apostou na calúnia, ao atribuir a um Macedónio a violação dos túmulos dos mortos. Além do mais, Lisímaco sabia muito bem que ali jaziam não apenas os antepassados de Pirro, mas também de Alexandre, uma vez que este era Epirota e descendente dos Eácidas pelo lado materno.[190] Aliás, a aliança, que se fez mais tarde entre Lisímaco e Pirro, prova que, nesta guerra, nada se passou de irremediável entre ambos. Provavelmente outros motivos houve de agravo da parte de Hierónimo contra Lisímaco, sendo o mais relevante o facto de ele ter destruído a cidade de Cardia e, em seu lugar, fundado Lisimaquia,[191] no istmo do Querosoneso Trácio.[192]

---

[188] Cf. Lesky (1968) 799. Hierónimo de Cardia (c. 370-260 a.C.) teve um papel importante no relato dos acontecimentos que se sucederam à morte de Alexandre, tendo sido autor de *Histórias dos Diádocos* (*FGrHist* 154). Ele mesmo tomou parte na luta entre os diádocos, ao lado de Êumenes, Antígono e Demétrio Poliorceta. Pensa Lesky que o seu relato abarcava os acontecimentos desde a morte de Alexandre até à de Pirro (272 a.C.) e que constituiu a fonte principal para os historiadores que se lhe seguiram (e. g., Diodoro, Arriano e Plutarco). Pausânias é, no entanto, muito crítico sobre o rigor do relato de Hierónimo.

[189] Cf. Musti, Beschi (1982) 296, que põem em dúvida qual o Antígono a que Pausânias aqui se refere, ou Antígono I Monoftalmo, ou II Gónatas.

[190] Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 2.1-2, 9.11. O casamento de Filipe e Olímpia realizou-se em 357 a.C. e constituiu para o monarca macedónio uma terceira união. Este casamento representou uma aliança política com a Molóssia, pátria de origem da noiva, e foi a mais relevante das alianças contraídas por Filipe. Alexandre nasceu no ano seguinte, em 356.

[191] Em 309 a.C.

[192] Querosoneso Trácio é a designação dada à região norte do mar Egeu, que se separa da Ásia pelo Helesponto. Constituía, portanto, um ponto de passagem entre a Europa e a Ásia.

1.10.1. *Lisímaco*

Lisímaco manteve uma boa relação com os Macedónios durante o reinado de Arrideu,[193] depois nos de Cassandro[194] e dos filhos. Mas quando o poder passou para Demétrio, filho de Antígono,[195] aí já Lisímaco, prevendo que ia ser atacado, entendeu tomar ele próprio a iniciativa da guerra. Sabia que este rei, tal como o pai, tinha propensão para a intriga; e tinha visto também que, quando chamado à Macedónia por Alexandre, filho de Cassandro, mal lá chegou, matou Alexandre e assenhoreou-se do trono da Macedónia. **10.2.** Foram estas as razões que o impulsionaram a atacar Demétrio; mas saiu vencido em Anfípolis[196] e por pouco não perdeu a Trácia. Valeu-lhe a ajuda de Pirro;[197] manteve então a Trácia e veio mesmo a anexar o território dos Néstios[198] e dos Macedónios. A maior parte da Macedónia, no entanto, estava sob o domínio de Pirro, que tinha vindo do Epiro com uma força considerável e tinha boas relações com Lisímaco. Demétrio, entretanto, atravessou para a Ásia onde foi atacar Seleuco. Em todo o tempo em que Demétrio esteve em vantagem, a aliança entre Pirro e Lisímaco manteve-se; amizade essa que se

---

[193] *Vide supra* 1.6.2-3 e nota respetiva.

[194] *Vide supra* 1.6.4 e nota respetiva. Os filhos de Cassandro eram, além de Alexandre, Filipe e Antípatro, que detiveram o poder até 294 a.C., momento em que Demétrio, confiando a Grécia ao filho Antígono Gónatas, voltou à Macedónia e liquidou Alexandre.

[195] *Vide supra* 1.6.5 e nota respetiva.

[196] Anfípolis era uma cidade implantada em território trácio, que tinha sido fundada pelos Atenienses em 437 a.C.

[197] *Vide supra* 1.6.8 e nota respetiva.

[198] Povo vizinho do rio Nesto, que desagua diante da ilha grega de Tasos. Era conhecido pelo volume de caudal e por uma extensão de duas centenas de quilómetros. Cf. Heródoto 7.109.1. Foi decisiva esta ajuda de Pirro, que levou à fuga de Demétrio e à divisão do seu reino entre os vencedores.

rompeu quando Demétrio se submeteu à autoridade de Seleuco.[199] Entraram então em guerra. Depois de vencer Antígono, filho de Demétrio,[200] e o próprio Pirro, Lisímaco apoderou-se da Macedónia e forçou Pirro a retirar-se para o Epiro. **10.3.** Muitas são as desgraças a que, normalmente, os homens se sujeitam por razões sentimentais. Assim Lisímaco, já entrado nos anos, ele que se podia considerar feliz pela descendência que tinha – além dos filhos que Agátocles tinha tido de Lisandra[201] –, casou-se com Arsínoe, irmã de Lisandra. Esta, por temer que os seus filhos, depois da morte de Lisímaco, caíssem nas mãos de Agátocles, conspirou contra ele (é o que consta). Mas houve também quem escrevesse que Arsínoe se tinha apaixonado por Agátocles, e que, para se vingar da indiferença dele, lhe planeou a morte. Contam também que Lisímaco veio a saber mais tarde das maquinações da mulher, mas não pôde reagir, abandonado pela maioria dos amigos. **10.4.** Assim, no momento em que Lisímaco tolerou que Agátocles fosse eliminado por Arsínoe, Lisandra foi refugiar-se junto de Seleuco, levando com ela os filhos e os irmãos,[202] que, face aos acontecimentos, procuraram acolher-se junto de Ptolemeu. Com os fugitivos que se refugiaram junto de Seleuco, foi

[199] Demétrio, que tinha o projeto de se estabelecer na Ásia, confrontou Seleuco até 285 a.C. Logo no ano seguinte, instalou-se a guerra entre Pirro e Lisímaco.

[200] Antígono II Gónatas, filho de Demétrio Poliorceta e neto de Antígono Monoftalmo.

[201] *Vide supra* 1.9.6 e notas respetivas. A morte de Agátocles, envenenado por Arsínoe, ocorreu entre 284-282 a.C. Pausânias omite a outra versão (Estrabão 13.623) que atribui ao próprio Lisímaco, forçado pela mulher, o envenenamento do filho.

[202] Irmãos esses que eram Ptolemeu Cerauno e Meleagro. O Ptolemeu, rei do Egito, junto de quem se refugiaram, será ou Ptolemeu Sóter, falecido em 283 a.C., ou Ptolemeu II Filadelfo. O estado do texto neste passo cria algumas dificuldades de interpretação.

também Alexandre, filho de Lisímaco e de uma mulher odrísia.[203] Chegados a Babilónia, pediram a Seleuco que declarasse guerra a Lisímaco. Ao mesmo tempo Filetero, a quem estavam confiados os tesouros de Lisímaco,[204] indignado com a morte de Agátocles e inseguro com as intenções de Arsínoe, tomou Pérgamo, junto do Caíco; enviou então um arauto a Seleuco a entregar-se-lhe, juntamente com os seus tesouros. **10.5.** Ciente de todos estes acontecimentos, Lisímaco antecipou-se a atravessar para a Ásia e a dar ele próprio início à guerra. Atacou Seleuco, mas foi completamente derrotado e morreu.[205] Alexandre, aquele filho que ele tinha de uma mulher odrísia, recuperou o cadáver depois de uma grande insistência junto de Lisandra. Transportou-o então para o Quersoneso, onde o sepultou. É lá que ainda hoje se pode ver o seu túmulo, entre a povoação de Cárdia e a de Páctia.

1.11.1. *Pirro*

Eis o que se passou com Lisímaco. Em Atenas há também uma estátua de Pirro. Esse Pirro nada mais tinha a ver com Alexandre a não ser o parentesco.[206] É que Pirro era filho de Eácides, filho de Arribas, e Olímpia, mãe de Alexandre, filha de Neoptólemo,[207] ambos – Arribas e Neoptólemo – filhos de Álcetas, filho de Táripas. Há quinze gerações de intervalo

---

[203] Sobre os Odrísios, *vide supra* nota 177.

[204] *Vide supra* 1.8.1. Esta atitude de Filetero valeu-lhe a confiança de Seleuco e uma posição em Pérgamo que viria a dar origem à dinastia dos Atálidas.

[205] Lisímaco morreu em 281 a.C., após a derrota na batalha de Curupédio, na Lídia.

[206] *Vide supra* 1.6.8 e nota respetiva.

[207] Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 2.1. Segundo a tradição, no regresso de Troia, Neoptólemo passou pela Molóssia, onde fundou a dinastia dos Pirríadas.

entre Táripas e Pirro, filho de Aquiles. Este foi o primeiro que, depois da tomada de Troia, desistiu da Tessália e desembarcou no Epiro, onde se estabeleceu de acordo com os oráculos de Heleno. Nunca teve filhos de Hermíone, mas de Andrómaca teve Molosso, Píelo e Pérgamo, o mais novo.[208] De Heleno nasceu também Cestrino,[209] quando se casou com Andrómaca após a morte de Pirro em Delfos.[210] **11.2.** Como, quando morreu, Heleno deixou a Molosso, filho de Pirro, o seu reino, Cestrino e os Epirotas que assim o desejaram ocuparam o território acima do rio Tíamis.[211] Por sua vez Pérgamo atravessou para a Ásia e matou num duelo pelo poder Ario, rei da Teutrânia.[212] Deu então à cidade o seu próprio nome, que ela ainda

[208] Eurípides usou este episódio do mito na peça que intitulou *Andrómaca* (c. 425 a.C.), atribuindo a Pirro/Neoptólemo, o filho de Aquiles, e a Andrómaca apenas um filho, de resto anónimo (Eurípides, *Andrómaca* 24-8), enquanto outras versões lhes davam um número de descendentes variável. Além da submissão da fiel esposa de Heitor ao filho do pior inimigo e assassino do príncipe de Troia, Eurípides valoriza ainda a animosidade surgida, no palácio dos Eácidas, entre a concubina troiana e a esposa legítima, uma grega, Hermíone, filha de Menelau e Helena; não só a concorrência afetiva, mas também a esterilidade de Hermíone tornaram o conflito entre as duas mulheres insustentável. A peça remata com uma intervenção *ex machina* da deusa Tétis, a mãe de Aquiles (1243-51), que determina a sobrevivência de uma Andrómaca ameaçada pelos seus inimigos mais diretos – Menelau e Hermíone – para ser esposa de Heleno e rainha da Molóssia.

[209] Heleno, um dos filhos de Príamo e Hécuba, partilhava com a irmã, Cassandra, o dom da profecia. Voluntária ou involuntariamente, a sua intervenção apoiou a ação de Neoptólemo, o filho de Aquiles, na queda de Troia. Este benefício justifica que ele tenha acompanhado o filho de Aquiles no seu regresso, e que tenha podido, depois da sua morte, herdar-lhe o poder. Dares da Frígia (41-3) relata como, depois de tomada Troia, Agamémnon concedeu a liberdade a Heleno, que pôde então ir para o Quersoneso com Cassandra, Andrómaca e Hécuba.

[210] Sobre o homicídio de Pirro em Delfos vítima de uma cilada montada por Orestes, cf. Eurípides, *Andrómaca* 993-1006, 1063-160.

[211] No Epiro, este rio constitui uma fronteira entre a Caónia e a Tesprótide.

[212] *Vide supra* 1.4.5 e nota respetiva.

mantém. De Andrómaca – que o acompanhava – existe na cidade um monumento. Píelo permaneceu no Epiro, e é dele que descendem Pirro, filho de Eácides e os seus antepassados, não de Molosso. **11.3.** Os Epirotas, até Álcetas, filho de Táripas, tiveram um rei único. Os seus filhos,[213] porém, depois de várias disputas entre eles, acordaram numa partilha igual do poder, que respeitaram escrupulosamente. Mais tarde, depois da morte de Alexandre, filho de Neoptólemo,[214] na Lucânia, e do regresso de Olímpia ao Epiro por medo de Antípatro,[215] Eácides, filho de Arribas,[216] mostrou-se submisso aos conselhos de Olímpia e aliou-se-lhe na campanha contra Arrideu e os Macedónios,[217] apesar de os Epirotas não quererem

[213] Neoptólemo, pai de Olímpia, e Arribas, pai de Eácides e avô de Pirro.

[214] Alexandre I, rei do Epiro entre 350-331 a.C., era filho de Neoptólemo I, um dos filhos de Álcetas (*vide supra* 1.11.1), e irmão de Olímpia, logo primo de Alexandre Magno. Após a morte do pai, Neoptólemo e o irmão, Arribas, concordaram em dividir o poder sobre o Epiro. Foi este Arribas o tio de Olímpia que promoveu o seu casamento com Filipe II da Macedónia (cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 2.2). Alexandre, o irmão de Olímpia, mereceu o apoio de Filipe, que se encarregou de destronar Arribas e de lhe atribuir o poder do Epiro. Também ele um general distinto, Alexandre I do Epiro fez uma campanha na Magna Grécia (334 a.C.), confrontando tribos locais, entre as quais os Lucanos. Depois de sucessos incertos e alternados com alguns reveses, acabou morto na Lucânia (c. 331 a.C.).

[215] Antípatro assumiu a regência da Macedónia quando Alexandre Magno partiu para a campanha da Ásia. *Vide supra* 1.6.4 e nota respetiva. Mas a partir daí, a presença de Olímpia, que detinha grande influência na corte, resultou em constantes conflitos entre os dois (*vide*, e. g., Plutarco, *Vida de Alexandre* 27.8). Há, no entanto, que reconhecer que Antípatro, na qualidade de Macedónio, tinha vantagem sobre a adversária, uma estranha pela sua origem epirota. Confrontada com essa oposição, Olímpia regressou ao Epiro (331 a.C.), de onde organizou uma contestação a Antípatro.

[216] *Vide supra* 1.11.1.

[217] Esta campanha ocorreu depois da morte de Alexandre Magno, quando o trono da Macedónia estava confiado à regência de Antípatro,

acompanhá-lo. **11.4.** Vencedora, Olímpia agiu com impiedade; levou Arrideu à morte,[218] mas com muito mais impiedade ainda agiu contra vários Macedónios. Por isso, mais tarde, ninguém considerou injusto o tratamento que lhe deu Cassandro. Quanto a Eácides, os Epirotas, por ressentimento para com Olímpia, começaram por o expulsar; mas com o tempo obteve deles perdão, ainda que Cassandro o tenha impedido de regressar ao Epiro. Numa batalha que se travou em Eníadas,[219] entre Filipe, irmão de Cassandro, e Eácides, este último foi ferido e veio a morrer pouco tempo depois. **11.5.** Os Epirotas confiaram então o trono a Álcetas,[220] filho de Arribas e irmão mais velho de Eácides, um sujeito com um feitio tão destemperado que o pai o tinha expulsado de casa. Mal que chegou, cometeu tais desaguisados contra os Epirotas que eles se revoltaram e, pela calada da noite, o mataram, a ele e aos filhos. Morto ele, fizeram vir Pirro, filho de Eácides.[221] Mal que ele regressou, Cassandro fez-lhe frente, sendo ele um jovem em idade e impreparado para consolidar o seu poder.

---

por Arrideu, meio irmão de Alexandre, ser ainda muito jovem (*vide supra* 1.6.2. e nota respetiva).

[218] Vencedora neste recontro, Olímpia controlou por pouco tempo o poder da Macedónia, mas o bastante para, pelas atrocidades cometidas, granjear o ódio em sua volta. Além de liquidar Filipe III Arrideu, seu enteado – que se mostrava um obstáculo aos seus intentos –, eliminou também uns tantos macedónios. Por isso, Cassandro, filho de Antípatro, que se encontrava ausente no Peloponeso, avançou em sua perseguição. Olímpia retirou-se para Pidna (317 a.C.), onde, depois de dominada a cidade, foi capturada, condenada à morte por lapidação e executada.

[219] Eníadas era uma cidade da Acarnânia, situada junto da foz do rio Aqueloo (cf. Tucídides 2.102.5-6). A batalha aqui travada ocorreu em 313 a.C.

[220] Álcetas II foi rei entre 312-307 a.C., ano em que foi assassinado.

[221] *Vide supra* 1.11.1. Pirro tinha nessa altura apenas 12 anos. Ptolemeu I veio a dar-lhe em casamento a filha de um primeiro casamento de Berenice, Antígona, e a repô-lo no trono do Epiro em 297 a.C.

Perante o ataque dos Macedónios, Pirro escapou para o Egito, onde reinava Ptolemeu, filho de Lago.[222] Ptolemeu deu-lhe por esposa uma meia-irmã dos seus próprios filhos por parte da mãe, e repô-lo no trono valendo-se de uma força egípcia. **11.6.** Durante o seu reinado, foi o povo de Corcira que Pirro atacou em primeiro lugar. Ao ver que a ilha ficava fronteira ao seu território, quis prevenir que outros a usassem como base para o atacarem. Tomada Corcira, avançou contra Lisímaco, depois atacou Demétrio a quem retirou do trono da Macedónia,[223] de onde mais tarde ele próprio foi afastado por Lisímaco. Ao falar sobre este, já adiantei as informações mais relevantes sobre a vida de Pirro naquela altura.[224] **11.7.** Tanto quanto sabemos, nenhum outro grego antes de Pirro combateu os Romanos,[225] na medida em que, entre Diomedes e os Argivos que o acompanhavam, não houve, ao que se diz, nenhum combate contra Eneias.[226] Aos Atenienses não faltaram também esperanças de

---

[222] *Vide supra* 1.6.2, 1.6.8.

[223] Plutarco, *Vida de Pirro* 10.1-5, dá a este conflito motivos pessoais, somados aos políticos. A tomada de Corcira representava não apenas uma defesa cautelar, mas também um ato de vingança contra Lanassa, esposa de Pirro, que Demétrio tinha seduzido e com quem casou e passou a viver em Corcira.

[224] *Vide supra* 1.9.7, 1.10.1-2.

[225] Num conflito surgido entre Roma e Tarento (280-279 a.C.), os Tarentinos, antes aliados de Pirro na campanha contra Corcira, apelaram ao seu apoio. Esta foi uma campanha relevante para a expansão do poder romano na Itália, ao mesmo tempo que um fracasso para eventuais pretensões de Pirro a alargar o seu poder. Duas batalhas foram marcantes nesta guerra que confrontou Epirotas e Romanos; a de Heracleia, onde apesar de vencedor Pirro sofreu baixas pesadas; e da mesma maneira na batalha de Ásculo que se lhe seguiu (279 a.C.). Neste último confronto teve origem a célebre expressão de 'vitória pírrica', ou seja, conseguida a custo demasiado elevado.

[226] Na versão da *Ilíada*, Eneias conta-se entre os guerreiros ilustres do lado troiano. O poeta refere com atenção as armas de que o filho de Anquises dispõe: o escudo e a espada, comprida e poderosa (5.297, 20.162-3, 267), a armadura que Ihe reveste o corpo – "ombros cobertos

conquistar a Itália inteira, mas a derrota em Siracusa foi um obstáculo à tentativa de enfrentarem os Romanos.[227] Por fim, Alexandre, filho de Neoptólemo, que pertencia à família de Pirro e era mais velho do que ele, morreu na Lucânia antes de combater contra eles.[228]

---

de um couro curtido e rijo, sobre que assenta o bronze maciço", 17.492-4; cf. 20.117 –, e o elmo que lhe protege a cabeça (20.162), robusto e pesado. Este é um conjunto sólido e esplendoroso, que um inimigo ilustre como Diomedes se honraria em capturar (5.434-5). Por diferentes motivos os deuses mobilizam-se em defesa de Eneias. Afrodite age por amor materno, preocupada com a vida do mais querido dos seus filhos (5.311-7). E quando a deusa, atingida pelo fervor ousado de Diomedes, deixa cair Eneias (5.343, 376-8), Apolo prontamente o agarra e esconde, sob a proteção de uma nuvem (5.344-6). Perante a persistência do filho de Tideu, que não hesita em investir contra os deuses na sua determinação de ferir o Troiano (5.432-5), Apolo decide retirar, milagrosamente, o seu protegido do campo de batalha, frustrando assim o empenho de um inimigo que vivia então a sua aristeia. Não quis o deus que o combate se esbatesse de vigor, ou que os Troianos esmorecessem, por falta de um dos mais distintos dos seus chefes; por isso, enquanto sua mãe e irmã, Latona e Ártemis, promovem, sob a proteção refrigerante do seu templo em Pérgamo, o restabelecimento do herói, Apolo substitui-o, em pleno combate, por um "fantasma", que se lhe assemelha no aspeto e nas armas, em volta do qual a refrega se encarniça (5.445-53). Mas a generosidade atenta de Apolo vai ainda mais longe: depois de recuperado pelos cuidados divinos, na distância protetora de Pérgamo, o deus promove o seu regresso ao combate e à companhia dos seus homens, ileso e revigorado, capaz de trazer à resistência troiana uma força nova (5.512-6). Portanto Pausânias está correto, não chegou a haver propriamente luta entre os dois guerreiros.

[227] Desta vez Pausânias recorda a campanha que, durante a guerra do Peloponeso (415-413 a.C.), os Atenienses promoveram contra a Sicília e se saldou num tremendo fracasso. A armada que partiu de Atenas tinha por objetivo atacar Siracusa e mesmo outras regiões da Itália, a partir de onde Esparta se abastecia de cereais. Siracusa acabou sendo a promotora de uma resistência organizada na ilha e o cenário para o desfecho deste desastre para as pretensões atenienses. Tucídides, nos seus Livros VI-VII da *História da Guerra do Peloponeso*, é sem dúvida um dos melhores relatores desta campanha em todas as suas fases: discussão, preparação, execução e desfecho.

[228] *Vide supra* 1.11.3.

1.12.1 *Ainda as campanhas de Pirro*

Pirro foi, portanto, o primeiro que, provindo da Grécia, passou além do mar Iónio, para atacar os Romanos. Fez essa travessia chamado pelos Tarentinos, que se mantinham em guerra com os Romanos há já algum tempo.[229] Sozinhos, porém, eram incapazes de lhes fazer frente. Pirro, por sua vez, estava em dívida para com eles, por lhe terem prestado antes ajuda com uma armada aquando da campanha contra Corcira.[230] Foram sobretudo os embaixadores de Tarento que o persuadiram, quando lhe deram a conhecer como a Itália, em riqueza, poderia competir com a Grécia inteira; e que seria injusto da parte dele não os atender, quando, nas presentes circunstâncias, se apresentavam como amigos e suplicantes. Perante estes argumentos dos embaixadores, Pirro recordou a destruição de Troia, e encheu-se de esperança de que esta campanha terminasse da mesma forma, sendo ele parente de Aquiles a enfrentar colonos dos Troianos.[231] **12.2.** Animado com estes pensamentos – porque nunca adiava depois de tomada uma decisão – tratou desde logo de equipar navios de guerra e embarcações para transporte de cavalos e combatentes. Há relatos de historiadores pouco conhecidos com o

[229] De facto, o poder romano via-se confrontado com a soberania tradicional das cidades da Magna Grécia, que entretanto alimentavam entre si conflitos constantes. A oportunidade de uma intervenção surgiu em 282 a.C., quando Túrios apelou à ajuda de Roma e decidiu os Romanos a violarem um anterior acordo com Tarento que os impedia de navegar em águas tarentinas. Incapazes de levar a bom termo uma negociação que pusesse fim à divergência, os Romanos passaram ao ataque, o que justificou o apelo de Tarento a Pirro, concretizado com um envio de tropas em 280 a.C.

[230] *Vide supra* 1.11.6.

[231] Sobre o parentesco de Pirro com o filho de Aquiles, *vide supra* 1.11.1. Por outro lado, é lembrada a origem troiana de Roma através de Eneias.

título de *Memórias* das suas façanhas.[232] Ao lê-los, não pude deixar de admirar a determinação com que Pirro se envolvia na luta,[233] e a ponderação que punha nos preparativos das guerras constantes que travava. Fez então a travessia para Itália com os seus navios[234] sem que os Romanos se apercebessem, e nem mesmo ao chegar lhes tornou de imediato percetível a sua presença. Só quando o recontro entre Romanos e Tarentinos se desencadeou, é que ele, pela primeira vez, apareceu com o seu exército; caindo-lhes em cima de improviso, causou o caos, como seria de esperar. **12.3.** De resto, como sabia muito bem que não teria capacidade bélica para enfrentar os Romanos, muniu-se de elefantes para os lançar contra eles. Alexandre foi o primeiro dos soberanos europeus a possuir elefantes, após a derrota que infligiu a Poro e aos Indianos.[235] Morto Alexandre, houve outros reis que também os tiveram, Antígono mais do

---

[232] Entre os relatores das façanhas de Pirro contam-se, como fonte principal, Plutarco (séc. II d.C.), autor de uma *Vida de Pirro*; e ainda Timeu de Tauroménio (séc. IV-III a.C.), autor de uma monografia sobre o soberano; Hierónimo de Cardia (séc. III a.C.), com um registo importante sobre o tempo dos diádocos e uma das fontes principais de Plutarco; Dionísio de Halicarnasso (séc. I a.C. – I d.C.), *Antiguidades Romanas*, e Cássio Dio (séc. III d.C.), *História Romana*. Sobre as fontes utilizadas por Plutarco a propósito de Pirro, nomeadamente Dionísio de Halicarnasso e Hierónimo, cf. *Vida de Pirro* 17.7, 21.12, 27.7, Filarco de Atenas (séc. III a.C.) (*Vida de Pirro* 27.7, *Vida de Cleómenes* 29, *Obras Morais* 342d).

[233] Cf. Plutarco, *Vida de Pirro* 7.4, 8.2, que faz um elogio equivalente à determinação e destreza militar de Pirro.

[234] Em 280 a.C. A primeira batalha entre Tarentinos e Pirro contra Romanos ocorreu em Heracleia, na Lucânia.

[235] Poro governava um território próspero junto ao Hidaspes, Jhelum, e procurou obstaculizar a travessia das tropas macedónias no seu progresso através da Índia. Mas acabou vencido por Alexandre na primavera de 326 a.C. Sobre esta campanha e o papel que tiveram, na intervenção de Poro, os elefantes, *vide* Plutarco, *Vida de Alexandre* 60.1-13; e ainda 72.2-4, sobre a importância que os elefantes, um meio comum nas hostes indianas, tiveram em toda a campanha do Macedónio.

que nenhum outro. Os de Pirro foram capturados no combate que travou contra Demétrio.[236] Ao vê-los, os Romanos ficaram apavorados, imaginando que se tratava de outra coisa que não de animais. **12.4.** É que os dentes dos elefantes e o seu emprego em diversas obras e utilidades eram de há muito largamente conhecidos; mas os animais em si mesmos, antes da travessia dos Macedónios para a Ásia, só eram conhecidos dos próprios Indianos, dos Líbios e dos povos vizinhos. Já Homero dá testemunho de que os leitos régios e as mansões mais opulentas eram ornamentadas com marfim,[237] sem nunca mencionar o animal em si. Se os tivesse visto ou tivesse sobre eles informação não deixaria de os referir – julgo eu – de preferência ao combate dos Pigmeus e dos grous.[238] **12.5.** Entretanto uma embaixada de Siracusanos chamou Pirro à Sicília. É que os Cartagineses tinham atravessado o mar e dizimado as cidades gregas, com excepção de Siracusa que mantinham cercada. Ao receber esta mensagem dos embaixadores, Pirro deixou Tarento e os povos desse lado da Itália; atravessou para a Sicília, e forçou os Cartagineses a retirarem de Siracusa. Encantado com o sucesso obtido, esqueceu-se de que os Cartagineses – Tírios e Fenícios de origem –, eram ao tempo, entre

[236] *Vide supra* 1.10.2.

[237] No mito, os sonhos moviam-se por duas portas, uma das quais de marfim (*Odisseia* 19.560-5). Mas, tal como diz Pausânias, nas casas faustosas, o marfim contava-se entre os materiais preciosos (cf. *Ilíada* 4.141-5, 5.583, *Odisseia* 4.73, 8.404, 18.196, 19.56, 21.7, 23.200).

[238] Ao longo das Literaturas Grega e Latina, os Pigmeus mereceram repetidas referências: Heródoto 2.32.6-7 relata o primeiro contacto estabelecido por exploradores líbios, da tribo dos Nasamones, numa incursão pelo então desconhecido Sahara ocidental, com os Pigmeus. Mas já antes dele Homero (*Ilíada* 3.1-7) aludia à luta travada entre Pigmeus, homens de muito baixa estatura, e grous – para eles inimigos enormes –, que quase os dizimou. Esta lenda repercutiu com evidência na Literatura Latina; cf. Juvenal, *Sátira* 13.167-70, Ovídio, *Metamorfoses* 6.90-2.

os bárbaros, os mais experientes no mar.[239] Atreveu-se então a enfrentá-los numa batalha naval ao comando de Epirotas, que na sua maioria nem conheciam o mar ao tempo da destruição de Troia, nem sequer sabiam servir-se do sal. Dá disso testemunho Homero, em versos da *Odisseia*: "não conhecem o mar, esses homens, nem misturam sal nos alimentos".[240]

1.13.1. *Campanhas de Pirro. Depois da Itália*

Nessa altura Pirro, vencido, voltou para Tarento com os navios que lhe restavam. Lá sofreu uma derrota em grande escala[241] e prevendo que os Romanos não lhe permitiriam uma retirada fácil, tratou de se preparar desta forma. Após a derrota sofrida no regresso da Sicília, começou por enviar cartas para a Ásia e para Antígono,[242] a uns soberanos a pedir um exército, a outros dinheiro e a Antígono ambas as coisas. Quando os mensageiros voltaram com as respostas, reuniu as autoridades dos Epirotas e Tarentinos; mas em vez de lhes ler as cartas, anunciou que iam chegar reforços. Rapidamente chegou aos ouvidos dos Romanos que os Macedónios e outros povos da Ásia vinham em socorro de Pirro. Perante tais notícias, os

[239] Para desagrado dos Tarentinos, que continuavam preocupados com a ameaça romana, Pirro decidiu aceder à solicitação dos Siracusanos e passar à Sicília, a que a ambição o chamava (278-276 a.C.). O seu trajeto de libertação das diversas cidades da ocupação cartaginesa saldou-se, a princípio, em êxito. Todavia o projeto que então alimentou de passar à África, para que possuía navios mas não uma tripulação competente, ruiu face ao ascendente indesmentível dos Cartagineses no mar. Ao mesmo tempo, o tratamento tirânico que exerceu sobre os Sículos criou um descontentamento tal que o obrigou a retirar.

[240] *Odisseia* 11.122-3.

[241] Na batalha de Benevento, em 275 a. C. (cf. Plutarco, *Vida de Pirro* 25.2).

[242] Antígono II Gónatas.

Romanos ficaram quietos. Pirro então, na noite seguinte, partiu em direção ao promontório chamado Ceráunio.[243]

13.2. Depois de uma pausa a seguir ao revés sofrido na Itália, declarou guerra a Antígono,[244] invocando diversos pretextos, e principalmente a recusa de o socorrer na Itália. Derrotadas as forças de Antígono e os mercenários celtas que ele tinha ao seu serviço, perseguiu-o até às cidades costeiras e dominou a parte alta da Macedónia, bem como a Tessália. É patente a dimensão da luta e da vitória de Pirro, efetivamente importante a julgar pelas armas dos Gauleses depositadas no templo de Atena Itónia,[245] entre Feres e Larissa,[246] e por esta inscrição: **13.3.** "Estes escudos capturados aos valentes Celtas são uma oferta de Pirro, rei dos Molossos, a Atena Itónia, depois de derrotadas todas as forças de Antígono. Não há razão para maior espanto; a valentia, agora como antes, é a marca dos Eácidas".[247] Estas são as ofertas que fez a este templo, mas em Dodona consagrou a Zeus[248] os escudos dos próprios Macedónios, desta vez com esta inscrição: "Estes escudos devastaram um dia a Ásia rica em ouro, e foram eles também a impor aos Gregos a servidão. Mas agora, como despojos órfãos do orgulho macedónio, ornamentam as colunas

---

[243] Promontório da costa do Epiro.

[244] O confronto com Antígono II Gónatas ocorreu em 275-272 a.C.

[245] Culto da deusa Atena em Itono, na Beócia (*vide infra* 9.34.1), e também na Tessália (*vide infra* 10.1.10); cf. Baquílides fr. 15.

[246] Cidades da Tessália.

[247] Inscrição citada também por Plutarco, *Vida de Pirro* 26.10, e na *Antologia Palatina* 6.130.

[248] O santuário de Dodona, dedicado a Zeus no Epiro, era dos mais antigos e célebres em toda a Grécia. A sua antiguidade e ritos são atestados pelas referências que lhe são feitas por Homero (*Ilíada* 2.750, 16.233-5, *Odisseia* 14.327-9, 19.296-8). Era a partir do rumor da folhagem de um carvalho consagrado ao deus que se imaginava provirem os oráculos. Sobre a possível origem egípcia deste oráculo, cf. Heródoto 2.55-7; *vide* ainda Lloyd, Fraschetti (^{3}1996) 276.

do templo de Zeus". **13.4.** O facto de Pirro não levar a cabo a conquista da Macedónia apesar de pouco faltar para o conseguir e de estar muito disposto a aproveitar a oportunidade que se lhe oferecia deve-se a Cleónimo, pois foi ele que convenceu Pirro a abandonar o projeto da Macedónia e a voltar-se para o Peloponeso. Apesar de ser Lacedemónio, introduziu um exército inimigo na sua terra por razões que vou explicar, depois de ter exposto a sua ascendência.

Plistóanax,[249] filho de Pausânias,[250] comandante dos Gregos em Plateias, foi pai de um outro Pausânias,[251] por sua vez pai de Cleômbroto. Este morreu em combate contra Epaminondas e os Tebanos, em Leuctras.[252] Cleômbroto teve dois filhos, Agesípolis e Cleómenes. Como Agesípolis morreu sem descendência, Cleómenes assumiu o trono.[253] **13.5.** Cleómenes

---

[249] Foi rei de Esparta até 445 a.C. (cf. Diodoro Sículo 11.88.3, 13.75.1). Plutarco, *Vida de Péricles* 22.2-3 relata uma campanha empreendida por forças lacedemónias contra a Ática sob seu comando, num momento em que ainda era muito jovem e imaturo; por isso o acompanhava como conselheiro Cleândridas, a quem Péricles subornou (cf. Tucídides 2.21.1, 5.16.3, Diodoro Sículo 13.106.10), conseguindo assim a retirada do invasor. Perante o fracasso da campanha e o desagrado dos Lacedemónios, Plistóanax refugiou-se na Arcádia; Cleândridas, por sua parte, foi condenado à morte. Mais tarde, em 427-426 a.C., foi consentido a Plistóanax regressar a Esparta. Coube-lhe, em 421 a.C., negociar com Atenas a trégua conhecida por 'Paz de Nícias'. Foi ainda o promotor de uma campanha contra a Arcádia (cf. Tucídides 1.114.2).

[250] Filho de Cleômbroto I, veio a ser regente em Esparta na menor idade de seu sobrinho Plistarco (cf. Tucídides 1.132.1). Sobre a história de Pausânias I e as acusações de traição de que foi vítima, cf. Lazenby (1975) 235-51. Sobre a vitória grega em Plateias (479 a.C.) e o seu significado para a expulsão da Grécia do invasor persa, cf. Heródoto 9.10.1, 9.64.1, 9.76-88, Tucídides 2.71.2.

[251] 408-394 a. C. (cf. Tucídides 3.26.2).

[252] *Vide supra* 1.3.4. Cleômbroto foi rei de Esparta entre 380-371 a.C.

[253] Trata-se de Cleómenes II, rei de Esparta entre c. 370-309 a.C. Sucedeu ao irmão, Agesípolis II, cujo reinado durou apenas um ano

teve dois filhos, Acrótato o mais velho e Cleónimo o mais novo. Acrótato morreu primeiro, e quando, mais tarde, faleceu Cleómenes, Areu,[254] o filho de Acrótato, reivindicou o poder. Então Cleónimo procurou Pirro e arranjou maneira de o fazer vir para a região. Os Lacedemónios, antes da batalha de Leuctras,[255] nunca tinham sofrido qualquer revés, de tal maneira que se recusavam a admitir terem sido vencidos num combate terrestre. Leónidas, na opinião deles, tinha a vitória na mão, apenas as forças de que dispunha não eram suficientes para arrasar os Medos.[256] Por outro lado, na ilha de Esfactéria, a ação dos Atenienses, comandados por Demóstenes, foi um golpe militar e não uma vitória.[257] **13.6.** A primeira derrota

(371-370 a.C.).

[254] Que veio a ser rei entre 309-265 a.C. Com certeza o tio, Cleónimo, reclamou o trono, mas terá sido confrontado com o requisito de uma sucessão linear (cf. Diodoro Síclo 20.29.1).

[255] *Vide supra* 1.3.4.

[256] Leónidas foi o comandante das forças espartanas que defenderam o estreito de Termópilas perante a invasão persa (480 a.C.), durante as chamadas Guerras Pérsicas. A desproporção de forças que aí se confrontaram, por milhares as persas e por centenas as gregas, fizeram deste recontro um momento exemplar de bravura em defesa da liberdade da pátria. Certamente a vitória então alcançada por Leónidas foi apenas simbólica, apesar de que a vitória persa não se consumou sem um número elevado de baixas. Sobre esta batalha, *vide* Heródoto 7.201-28.

[257] Em 424 a.C., no decurso da guerra do Peloponeso, o general Demóstenes, no comando de uma armada ateniense, tomou de assalto o porto de Pilos, situado na Messénia e vizinho de Esparta. Além da importância desta posição bélica para futuras investidas em território inimigo, a vitória quebrava a tradicional supremacia espartana em campanhas terrestres. Alertados para o perigo que a presença dos Atenienses constituía, os Lacedemónios organizaram-se e ocuparam Esfactéria, uma ilha fronteiriça a Pilos. Um cerco ateniense às tropas espartanas aquarteladas na ilha ameaçava alongar, sem resultados, o processo. Foi então que Cléon, o demagogo, teve a ousadia de assumir, juntamente com Demóstenes, a solução do problema; cf. Tucídides 4.27-30. É neste episódio que Aristófanes baseia a sua ação de *Cavaleiros*.

que eles sofreram foi, portanto, na Beócia,[258] e, a seguir, foram completamente batidos por Antípatro e pelos Macedónios. Em terceiro lugar, aconteceu o ataque inesperado de Demétrio ao seu território. Aquando de uma quarta incursão desta vez por Pirro, eles organizaram a resistência, contando com a aliança dos Argivos e dos Messénios. Pirro venceu-os, e por pouco lhes não tomou a cidade num primeiro assalto; nessa altura, depois de ter saqueado o território e reunido o saque, permitiu-se uma pequena pausa; foi então que eles se prepararam para o cerco da cidade, de resto já antes barricada com trincheiras profundas e paliçadas resistentes ao tempo da guerra contra Demétrio,[259] e com muralhas nos sítios mais vulneráveis.[260]

13.7. Durante este tempo em que durou a guerra da Lacónia, Antígono, que tinha recuperado as cidades macedónias,[261] apressou-se a avançar para o Peloponeso, seguro que estava

[258] Em Leuctras (371 a.C.). *Vide supra* 1.3.4, 1.13.5. A seguir, contra Antípatro (331 a.C.), em Megalópolis; e, por fim, em Mantineia, em confronto com Demétrio Poliorceta (294 a.C.).

[259] Cf. Diodoro Síc ulo 18.75.2, 19.35.1. Em 294 a.C., Arquidamo IV, rei de Esparta, desencadeou uma campanha contra Demétrio Poliorceta, de que saiu completamente derrotado, tendo perdido a vida bem como 700 dos seus homens. Demétrio avançou então com uma investida contra a Lacónia (cf. Plutarco, *Vida de Demétrio* 35.1-2). As duas campanhas aqui enunciadas por Pausânias (a primeira em 330 a.C.) documentam os conflitos gerados perante a descentralização do poder ancestral da Grécia, de uma zona mais central e sul, onde predominavam cidades como Atenas, Esparta, Argos, para o privilégio de regiões mais a norte, como é o caso da Macedónia.

[260] Esta campanha que, como conta Pausânias, foi suscitada por questões internas da política espartana, decorreu em 272 a.C. A Pirro essa invasão surgia como uma possibilidade de ampliar o poder do Epiro na Grécia. No entanto, a defesa espartana foi eficaz e o invasor viu-se derrotado, até que, com o apoio de reforços macedónios, o invasor foi expulso. A proporção de forças subverteu-se, passando Pirro a ser perseguido pelos adversários vitoriosos. Tentou ainda, sem sucesso, uma investida contra Argos, onde de resto perdeu a vida.

[261] *Vide supra* 1.13.2. Trata-se de Antígono II Gónatas.

das intenções de Pirro: se ele ocupasse a Lacónia e a maior parte do Peloponeso, não voltaria ao Epiro, mas iria antes retomar a guerra com a Macedónia. Antígono preparava-se para avançar de Argos para a Lacónia, quando o próprio Pirro chegou a Argos. Senhor então da vitória, entrou na cidade em perseguição dos fugitivos, o que naturalmente desmantelou a sua ordem de batalha. **13.8.** Desencadeou-se o combate nos templos, nas casas, nas ruas e por toda a parte na cidade. Aí Pirro viu-se sozinho e foi ferido na cabeça. Ao que se diz foi atingido por uma mulher com uma telha que lhe causou a morte. Os Argivos, porém, contrapõem que não foi uma mulher que o matou, mas Deméter sob figura de mulher.[262] É isso que dizem, sobre a morte de Pirro, os Argivos, e também um dos relatores da tradição local, Líceas,[263] nos seus versos. Por determinação divina, existe um templo de Deméter no local onde Pirro morreu. E nele está sepultado o próprio Pirro. **13.9.** Parece-me surpreendente que três dos chamados Eácidas tenham tido um fim semelhante por intervenção divina; assim, segundo Homero, Aquiles foi morto por Alexandre, filho de Príamo, e por Apolo;[264] Pirro, o filho de Aquiles, a Pítia deter-

[262] Cf. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 174-5, que chamam a atenção para o facto, documentado por Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas* 20.9-10, de, em Locres, na Itália, Pirro ter saqueado um santuário de Perséfone, o que lhe valeu a ira de Deméter.

[263] Sobre esta figura repetidamente referida por Pausânias, *vide infra* 2.19.5, 2.22.2, 2.23.8. Foi autor de um poema de modelo épico que tratava de tradições argivas (*FGrHist* 312), região de onde era natural.

[264] Cf. *Ilíada* 22.359-60, em que a morte do herói é adiantada como uma profecia. Porque a morte de Aquiles propriamente dita excede os limites da narrativa homérica. Aquiles teria sido vítima, ao que recorda Pausânias, de uma cilada. A pedido de Políxena, que Príamo lhe teria concedido em casamento, Aquiles apresentou-se em Troia descalço e desarmado, e disposto a realizar um sacrifício a Apolo. Foi então atingido com uma flecha no calcanhar por Páris Alexandre, que se ocultava por trás da imagem do deus. Cf. Graves (1977) II.316.

minou que o matasse a gente de Delfos;[265] e finalmente como morreu este Eácida, segundo o que dizem os Argivos e o que descreve Líceas. Há, no entanto, uma diferença em relação ao que escreveu Hierónimo de Cardia.[266] É que, para quem convive de perto com soberanos, forçoso é escrever o que lhes agrada. E se também Filisto, na esperança de abrir caminho para Siracusa, assumiu uma postura desculpável ao ocultar atitudes perversas de Dionísio,[267] mais perdão merece ainda Hierónimo por escrever o que podia agradar a Antígono.

1.14.1. *A caminho da Acrópole de Atenas*

Foi esta a forma como terminou o apogeu do poder no Epiro. Ao entrar no Odeón de Atenas,[268] entre outras obras há um Dioniso que merece ser visto. Perto fica uma fonte, a que chamam Eneacruno,[269] que foi assim decorada por Pisístrato.[270] Poços há-os por toda a cidade, mas nascente esta é a única. Adiante desta fonte, fica o templo de Deméter e

---

[265] *Vide supra* 1.4.4, 1.11.1-2. Outras versões são dadas por Pausânias quanto ao mandante da morte de Pirro em Delfos: Pílades, *infra* 2.29.9, e um sacerdote de Apolo, *infra* 10.24.5.

[266] *Vide supra* 1.9.8. Cf. *FGrHist* 154F 15.

[267] *Vide supra* 1.2.3. Cf. Lesky (1968) 658. Filisto de Siracusa (c. 430-356 a.C.) inclui-se entre os historiadores sículos. No desejo de agradar a Dionísio I, que o havia exilado, manifestou-se simpatizante da tirania praticada em Siracusa. Foi autor de um longo relato, intitulado *Sikeliká*, dedicado à história da Sicília em geral, numa primeira parte, e aos tiranos de Siracusa numa segunda. Cf. *FGrHist* 556F 13.

[268] *Vide supra* 1.8.6, onde se falou do Odeón de Agripa.

[269] "Das nove bicas". Esta é, portanto, uma fonte construída no séc. VI a.C. De modo diferente de Pausânias, que a situa na ágora – ou interrompe, sem aviso, a descrição da ágora para saltar para as margens do Ilisso, antes de regressar à ágora –, Heródoto (6.137) e Tucídides (2.15) corroboram a sua localização nas franjas da cidade, junto ao rio. Por outro lado Pausânias, contrariando esta sua afirmação, irá identificar outras fontes em Atenas (*vide infra* 1.21.4, 1.28.4).

[270] *Vide supra* 1.3.3.

Perséfone, e ainda um outro de Triptólemo, com a estátua correspondente.[271] Registo o que se diz sobre este herói, mas passo adiante o que tem a ver com o relato sobre Déiope.[272]

14.2. Entre os Gregos, são os Argivos os que mais disputam com os Atenienses a antiguidade e as benesses que dizem concedidas pelos deuses, como, entre os bárbaros, os Frígios em relação aos Egípcios.[273] Assim, diz-se que Deméter, quando se dirigiu a Argos,[274] Pelasgo a terá recebido no palácio, e que lá Crisântis, que sabia do rapto de Perséfone, lho teria contado. Tempos depois, Tróquilo, o hierofante,[275] fugiu de Argos, devido à inimizade de Agenor, e – dizem – foi para a Ática onde desposou uma mulher de Elêusis, de quem teve dois filhos, Eubuleu e Triptólemo. Esta é a versão dos Argivos. Os Atenienses e os que alinham com eles sabem que Triptólemo, o filho de Celeu, foi o primeiro a semear produtos agrícolas.[276]

---

[271] O Eleusínio, templo dedicado a Deméter e Perséfone, ficava já no sopé da Acrópole. Sobre a relação entre os dois templos aqui mencionados – o das deusas eleusínias e o de Triptólemo – e as dúvidas que subjazem à sua identificação, cf. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 176.

[272] Considerada, numa versão, mãe de Triptólemo, e noutras sua filha.

[273] Cf. Heródoto 2.2.5 sobre esta disputa de antiguidade entre Egípcios e Frígios. Sobre a antiguidade dos Atenienses, que se consideravam autóctones do próprio solo ático, e das respetivas vantagens, *vide* Leão (2011). Por seu lado os Argivos reivindicavam antecedência e, por isso, um especial patrocínio divino.

[274] Em busca da filha, Perséfone, que o deus dos infernos tinha raptado. O monarca que acolheu a deusa seria Pelasgo II, filho de Tríopas. Viria a fundar um templo em honra de Deméter em Argos (*vide infra* 2.22.1).

[275] Literalmente, "aquele que mostra os objetos sagrados", refere-se ao sacerdote que conduz os rituais mistéricos. Agenor era monarca de Argos. Segundo algumas fontes, seria filho e sucessor de Tríopas, portanto irmão de Pelasgo (*vide infra* 2.16.1).

[276] São, portanto, referidas por Pausânias duas versões, uma argiva e outra ateniense. A versão argiva defendia a intervenção de Argos no estabelecimento dos mistérios de Elêusis. Por seu lado os Atenienses,

14.3. Ouve-se cantar em versos de Museu – se é que são de Museu –,[277] que Triptólemo era filho de Oceano e da Terra, e em versos de Orfeu – que também me não parece que sejam dele – que Disaules[278] teve dois filhos, Eubuleu e Triptólemo, a quem Deméter ensinou a cultivar cereais, em recompensa das informações que lhe deram sobre a filha. Cérilo de Atenas, por seu lado, diz, na sua tragédia *Álope*,[279] que Cércion e Triptólemo eram irmãos, ambos descendentes de uma filha de Anfíction,[280] sendo o pai de Triptólemo Raro e o de Cércion Posídon. Propunha-me eu a prosseguir esta narrativa e a descrever tudo o que se vê no templo em Atenas – chamado

---

reivindicando o seu ascendente nessa fundação, consideravam Triptólemo natural de Elêusis (*vide infra* 2.14.3). Apolodoro, *Biblioteca* 1.5.1-2 refere, no mesmo périplo de Deméter em busca da filha, uma passagem por Elêusis, onde o rei, Celeu, lhe deu também acolhimento. Aí a deusa teria instruído o filho do soberano, Triptólemo, na arte de semear o trigo.

[277] Heródoto (7.6, 8.96.2, 9.43) refere a popularidade de que os oráculos de Museu gozavam em Atenas, no séc. VI a.C. Como poeta lendário, Museu é associado a Orfeu (como seu filho ou discípulo, Platão, *Apologia* 41ª, *Íon* 536b, *Protágoras* 316d, *República* 364e), também ele autor de poemas cosmogónicos e de hinos que tinham poderes terapêuticos (cf. Platão, *República* 364 e). Por sua vez Orfeu, o símbolo lendário do cantor e do poder da poesia, andava associado à Trácia. A prova máxima do valor do seu dom, com que fascinava a natureza, deu-a ao obter dos deuses infernais a devolução da sua amada Eurídice. No séc. V a.C., circulavam poemas de sentido cosmogónico, que lhe eram atribuídos. O seu nome está também ligado a um culto; cf. Burkert (1985) 296-9, (1987) 33 sq., 87 sq.

[278] *Vide infra* 2.12.4, 2.14.2-4. Esta é uma figura que representa um estádio civilizacional anterior às práticas agrícolas.

[279] O nome de Cérilo, juntamente com os de Téspis e Pratinas, representava uma fase muito antiga (finais do séc. VI a.C.) da tragédia, anterior a Ésquilo. Além de Cérilo (*TrGF* 1 2 F 1), também Cárcino e Eurípides foram autores de uma *Álope. Vide supra* nota 98. Sobre a *Álope* de Cérilo, *vide* Karamanou (2003) 27-8.

[280] *Vide supra* 1.2.5.

Eleusínio[281] – mas um sonho travou-me. Sendo assim, é para aquilo que é legítimo que todos conheçam que me vou voltar. **14.4.** Diante deste templo, onde está a estátua de Triptólemo, há um boi de bronze a ser levado para o sacrifício. Lá está também uma estátua de Epiménides de Cnossos sentado, de quem se diz que, num dia em que foi para o campo, entrou numa caverna e adormeceu. Desse sono só acordou quarenta anos depois; a partir daí passou a compor versos e a purificar várias cidades, entre elas Atenas.[282] Tales, que livrou os Lacedemónios da peste, não tinha qualquer parentesco com Epiménides, nem era da mesma cidade. Um era de Cnossos, enquanto Tales, segundo os versos que Polimnasto de Cólofon produziu para os Lacedemónios em sua homenagem, era de Gortina.[283]

[281] Este templo era dedicado a Deméter e estava particularmente vinculado à celebração dos rituais mistéricos de Elêusis. Em tempo de festa, os objetos sagrados eram trazidos de Elêusis e depositados neste templo, no sopé da Acrópole. No dia seguinte tinha lugar o cortejo que os levaria de volta a Elêusis. Aí eram então celebrados os Mistérios, restritos aos iniciados, comprometidos com um voto de sigilo.

[282] Cf. Lesky (1968) 185. A Epiménides de Cnossos (séc. VII-VI a.C.; cf. Estrabão 10.4.14), profeta e poeta, é atribuída uma *Teogonia*, com cerca de 5000 versos, bem como poemas expiatórios e oráculos – uns *Kretiká* e uns *Katharmoí* ("Purificações"). A sua figura era envolta em fantasia; depois de um longo sono, passou a manifestar uma sabedoria de inspiração divina, o que permitiu que, segundo algumas versões, fosse incluído entre os Sete Sábios. Plutarco, *Vida de Sólon* 12.7-12, Diógenes Laércio 1.110-5 situam-no em Atenas (c. 596-593 a.C.), no tempo de Sólon, onde livrou a cidade de uma praga e promoveu rituais e purificações. *Vide* ainda Platão, *Leis* 642d, Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 1.

[283] Cf. Lesky (1968) 174. Este era, portanto, um cretense que se radicou em Esparta (séc. VII a.C.). Como uma espécie de Orfeu, a sua música tinha um poder pacificador, sobre as iras divinas e as dissensões políticas. É-lhe atribuída uma verdadeira reforma no estilo musical (cf. Pseudo-Plutarco, *Sobre a Música* 9.42), que veio renovar a velha escola de Terpandro. Também Polimnasto de Cólofon pertence ao número dos músicos que se acolheram a Esparta, onde teria sido discípulo de Tales

14.5. Um pouco afastado fica o templo de Eucleia,[284] um memorial da vitória contra os Medos que desembarcaram em Maratona.[285] Considero ser por esta vitória que os Atenienses sentem maior orgulho. Até Ésquilo, na hora da morte, não recordou na sua lápide nenhum outro feito, nem a poesia que lhe trouxe tanta fama, nem a sua participação nas batalhas do Artemísio e de Salamina; registou apenas o seu nome, o do pai, o da cidade, e, como testemunhas da sua valentia, o bosque de Maratona e os Medos que lá desembarcaram.

14.6. Adiante do Ceramico[286] e do chamado Pórtico Real[287] fica um templo de Hefesto.[288] E que lá exista uma estátua de Atena não me causou a mínima surpresa, por conhecer a

---

e responsável por inovações na composição musical; mereceu a atenção e referência de Álcman e Píndaro.

[284] A Boa Fama. Este culto foi estabelecido depois da vitória dos Gregos em Maratona. Pausânias testemunha o orgulho que os Gregos mantiveram em relação a essa vitória, que persistia ainda no seu tempo. Ésquilo parece ter composto o seu próprio epitáfio e foi o feito de Maratona o único que julgou digno de registo. Veio a falecer na Sicília, em 456 a.C.

[285] Estes são momentos emblemáticos das guerras pérsicas, que marcaram a derrocada do projeto oriental de conquista da Grécia. Maratona (490 a.C.) funcionou como um propósito de vingança dos Persas contra os Atenienses, pela sua intervenção na revolta iónica contra os interesses orientais. Sob o comando de Milcíades, os Atenienses confrontaram a chefia de Mardónio, cunhado de Xerxes, e hastearam a bandeira do pan-helenismo, com uma vitória que beneficiava toda a Grécia (cf. Heródoto 6.102-17; *vide infra* 1.28.2, 1.32.3). Anos mais tarde, já sob a chefia de Xerxes, os Persas haviam de sofrer outro revés em Artemísio (480 a.C.), na costa norte de Eubeia, numa batalha naval em que Temístocles teve um papel fundamental (cf. Heródoto 8.1-25). Por fim, Salamina (480 a.C.) foi determinante para a retirada do invasor (cf. Heródoto 8.70-97, Ésquilo, *Persas*).

[286] *Vide supra* nota 41.

[287] *Vide supra* 1.3.1 e respetiva nota.

[288] Pausânias regressa aos monumentos do lado ocidental da ágora, para fazer menção do templo de Hefesto, conhecido por Teséion. Deste destaca os objetos de culto e as tradições míticas que lhe estão associadas.

história de Erictónio.[289] Perante a cor verde dos olhos de Atena descobri que se tratava de uma tradição líbia. Dizem os Líbios que Atena é filha de Posídon e da ninfa do lago Tritonis;[290] daí que, como também Posídon, tenha olhos verdes. **14.7.** Ao lado fica o templo de Afrodite Urânia.[291] Foram os Assírios os primeiros, de toda a humanidade, a venerar esta deusa Urânia, e, depois deles, os Cipriotas de Pafos, e os Fenícios de Áscalon, na Palestina. Foi dos Fenícios que a gente de Citera recebeu este culto. Em Atenas foi Egeu[292] que o estabeleceu, considerando que o facto de não ter filhos – porque nessa altura não os tinha – e a desgraça das suas irmãs provinha da cólera da

[289] *Vide supra* nota 53. De facto a paixão de Hefesto por Atena não se consumou. O esperma do deus, derramado no solo, deu origem a Erictónio, que a deusa protegeu e que veio a ser rei de Atenas.

[290] Esta ninfa, segundo a tradição, habitava o lago com o mesmo nome, na Líbia. Cf. *infra* 2.21.6, 9.33.7; Heródoto 4.180.5.

[291] "Celeste". A propósito da evolução sofrida pela religião persa (1.131.3), Heródoto faz uma referência à origem deste culto: "Só mais tarde (os Persas) aprenderam, com os Assírios e os Árabes, a sacrificar também a Urânia, que os Assírios designam por Afrodite Milita ...". O culto de Urânia era, portanto, para os Persas, como para os Gregos, uma importação de proveniência irânica. Heródoto faz também uma aproximação entre o culto grego de Afrodite e os de Milita na Babilónia, Istar na Assíria e Astarte na Fenícia. E acrescenta ainda a propósito do templo de Áscalon (1.105.3): "Este templo (...) é o mais antigo de todos os santuários edificados em honra desta deusa. O de Chipre inspirou-se nele, ao que dizem os próprios Cipriotas; o de Citera foi fundado por Fenícios, provenientes desta parte da Síria" (*vide infra* 3.23.1). Cf. ainda Diodoro Século 5.77.5sq. Os Gregos mantiveram a noção da origem oriental da deusa, que receberam com o epíteto de Urânia (cf. Burkert (1985) 152-3). Vindo da Ásia, o seu culto penetrou as ilhas, de Chipre e Citera, e acabou difundido por todo o mundo grego. Pafos, em Chipre, tornou-se o local por excelência deste culto. Pausânias identifica um templo de Atena Urânia situado na região dos Jardins, em Atenas (*vide infra* 1.19.2), e um outro em Élide (5.25.1).

[292] *Vide supra* 1.5.2 e respetiva nota. De facto, das duas primeiras esposas, Melite e Calcíope, Egeu não teve filhos, parecendo por isso condenado à esterilidade e falta de herdeiros. Por sua vez as irmãs infelizes de Egeu são Procne e Filomela (*vide supra* 1.5.4 e respetiva nota).

deusa Urânia. A estátua, em mármore de Paros, que ainda lá se pode ver é obra de Fídias.[293] Entre os Atmónios, um povo da Ática,[294] existe um templo de Urânia, edificado, segundo eles, por Porfírio, que foi rei da Ática antes de Acteu.[295] Mas nas aldeias conta-se muitas histórias que não conferem com as da cidade.

1.15.1. *A stoa poikile, uma galeria de pintura na ágora de Atenas*

Quem se dirige para o pórtico a que chamam *Poikile* (Pintado)[296] devido às pinturas que o ornamentam, encontra o chamado Hermes Agoreu[297] em bronze, e junto dele uma

---

[293] Afrodite Urânia, representada com um pé apoiado numa tartaruga, veio a ser considerada paradigma do amor conjugal; esta era uma escultura criselefantina atribuída a Fídias.

[294] O *demos* de Atmónia situava-se na vizinhança de Atenas, do lado norte.

[295] Sobre Acteu, *vide supra* nota 106. Quanto a Porfírio, esta é uma versão conhecida no tempo de Pausânias, a que fazia do gigante rei de Atenas antes de Acteu.

[296] Entre os pórticos, passagens cobertas e com colunata existentes nos espaços públicos diante de alguns edifícios, funcionando de abrigo em relação às condições climatéricas, era particularmente célebre a chamada *Stoa Poikile*, "Pórtico Pintado", no lado norte da ágora de Atenas. Construída c. 460 a.C., reunia obras da mão de artistas famosos, como é o caso de Polignoto de Tasos (o mesmo artista cujo nome ficou associado a Delfos, *vide infra* 10.25.1-10.31.12). A particularidade desta decoração, no que se refere aos motivos, residia na combinação de temas míticos – a vitória de Teseu contra as Amazonas, ou o final da guerra de Troia – com temas históricos, como é o caso da vitória alcançada pelos Atenienses contra os Lacedemónios, em Énoe, ou a conseguida em Maratona contra os Persas. O testemunho de Pausânias é essencial para a informação sobre as pinturas deste pórtico. A utilização que lhe foi dada pelos filósofos, nomeadamente por Zenão e pelos seus discípulos, como lugar de encontro e discussão, justifica a designação de "estóica" dada a uma determinada escola filosófica.

[297] Protetor das assembleias e mercados. A porta ao lado era uma das entradas principais da ágora.

porta. Sobre ela está um troféu alusivo à vitória da cavalaria ateniense contra Plistarco, irmão de Cassandro, que lhe atribuíra o comando da sua cavalaria e da dos mercenários.[298] Neste pórtico, estão representados, em primeiro lugar, os Atenienses em linha de batalha diante dos Lacedemónios, em Énoe, na Argólida.[299] Não é ainda o auge do combate o que a pintura regista, nem propriamente uma ação vigorosa em curso, mas o combate iminente numa primeira arremetida. **15.2.** Na parede central, os Atenienses e Teseu lutam contra as Amazonas.[300] Estas são as únicas mulheres a quem as derrotas não impediram de enfrentar o perigo. Pois apesar de derrotadas em Temiscira por Héracles e da chacina do seu exército enviado contra os Atenienses, mesmo assim foram para Troia,[301] para lutar contra os próprios Atenienses e todos

[298] Esta batalha terá decorrido em 318 a.C., em circunstâncias por nós mal conhecidas. Plistarco era irmão de Cassandro, ambos filhos de Antípatro, rei da Macedónia. Habicht (1985) 77-80 aprofunda a controvérsia e os diferentes testemunhos disponíveis sobre este assunto; sublinha a dificuldade de conciliar a data de 318 com Plistarco, que, de acordo com as fontes de que dispomos, aparece referido apenas a partir de 312 a.C. Por isso outras datas têm sido propostas, como por exemplo um ano entre 307-302 a.C., período em que Atenas se tinha visto compelida a opor resistência a Cassandro.

[299] Não existe sobre esta batalha nenhuma outra referência além das menções de Pausânias (*vide infra* 10.10.4). Terá talvez ocorrido c. 460 a.C., em Énoe, uma cidade situada entre Argos e Mantineia (*vide infra* 2.25.2-3), confrontando Atenienses e Argivos contra Lacedemónios. Sobre as dificuldades em identificar esta batalha, cf. Taylor (1998) 223-43. Quanto à interpretação desta referência, *vide* ainda Habicht (1985) 77-84.

[300] *Vide supra* 1.2.1 e nota respetiva; e ainda *infra* 1.41.7. Era Mícon, o pintor ateniense, o autor desta imagem; cf. *schol.* Aristófanes, *Lisístrata* 668, Arriano, *Anábase* 7.13.5.

[301] No séc. III a.C., Quinto de Esmirna, nos seus *Pós-homéricos*, fez o relato dos acontecimentos em Troia para além da morte de Heitor, dando assim continuidade à *Ilíada*, muito provavelmente a partir de material do ciclo épico. É sua a descrição da intervenção das Amazonas, como aliadas dos Troianos, que pretenderam completar a ação deixada

os Gregos. A seguir às Amazonas, estão os Gregos depois da tomada de Ílion, e os reis a deliberarem sobre o atentado de Ájax contra Cassandra.[302] A pintura representa Ájax, as outras cativas e Cassandra. **15.3.** A última pintura representa os guerreiros em Maratona.[303] Os Beócios de Plateias[304] e todos os povos da Ática enfrentam os bárbaros. Neste contexto, a ação é equilibrada entre ambas as partes. Mas no meio da refrega, os bárbaros estão em fuga e vão-se empurrando uns aos outros para o pântano. No fundo do quadro, estão os navios fenícios,

---

em aberto pela morte do defensor de Troia, a vingança sobre Aquiles (1.98-119). É neste contexto que tem lugar o célebre episódio do duelo entre Aquiles e Pentesileia, a rainha das Amazonas.

[302] Já depois de tomada Troia pelos invasores gregos, Cassandra procurou abrigo no templo de Atena, onde foi atacada e violada por Ájax, filho de Oileu, rei da Lócrida, num ato de manifesto desrespeito pela princesa virgem e de sacrilégio contra os deuses. Ájax viria a pagar com a morte, na viagem de regresso, esta ofensa. Segundo um resumo de Proclo, em *Crestomatia* (p. 62 Davies), este episódio foi pela primeira vez narrado por Arctino de Mileto, no poema *Iliou Persis*, e também na *Pequena Ilíada*, atribuída a Lesques. Existem dele algumas referências em Eurípides, *Troianas* 69-71, Quinto de Esmirna, *Pós-homéricos* 13.428-9. A assembleia a que Pausânias se refere poderá ser a que a revelação de Calcas motivou, ao dar a conhecer a ofensa cometida por Ájax e o desagrado da deusa Atena. O mesmo episódio estava também representado na *Lesche* dos Cnídios, em Delfos (*vide infra* 10.26.3). A autoria desta representação na *Stoa Poikile* era obra de Polignoto; cf. Plutarco, *Vida de Címon* 4.

[303] *Vide supra* 1.14.5 e respetiva nota, e *infra* 1.32.3-7. O relato que Heródoto faz da batalha de Maratona dá suporte, nas suas diferentes etapas, à 'descrição gráfica' da *Stoa Poikile*. Em 6.108.1-6, 6.111.2 assinala e justifica precisamente o apoio dado a Atenas por Plateias. Em 6.111.1, o autor de *Histórias* relata também o posicionamento das forças no campo de batalha. Pode ainda ser sugestiva para uma reconstituição eventual da imagem a informação dada em 6.112.3: "Na verdade, foram eles (...) os primeiros Helenos a usarem a tática do assalto em corrida e os primeiros a suportarem a visão do equipamento medo e dos homens que o envergavam". O autor desta pintura, aqui não mencionado, é referido por Pausânias (5.11.6) como sendo Paneno, um pintor da família de Fídias (cf. Estrabão 8.354, Plínio, *História Natural* 35.57).

[304] *Vide supra* nota 22 e *infra* 1.32.3.

e os Gregos a caírem sobre os bárbaros e a matarem-nos.[305] Pode ver-se também representado o herói Máraton,[306] de quem a planície recebeu o nome; e Teseu que dá ideia de brotar da terra;[307] além de Atena e Héracles. De facto, os habitantes de Maratona, ao que eles próprios dizem, foram os primeiros a considerar Héracles um deus.[308] Entre os combatentes, avulta no quadro Calímaco, que era então polemarco eleito pelos Atenienses, Milcíades,[309] um dos generais, e o herói chamado Equetlo, que vou recordar adiante.[310] **15.4.** No pórtico há ainda escudos de bronze, alguns deles – de acordo com uma inscrição – capturados aos Ciónios e seus aliados;[311] e outros, impregnados de resina para não serem comidos pelo tempo e pelo bicho, que se diz serem os dos Lacedemónios aprisionados na ilha de Esfactéria.[312]

---

[305] Sobre a fuga dos bárbaros, o embarque e a perseguição dos Gregos, cf. Heródoto 6.113.2-115.1. Sobre o pântano de Maratona, causador de uma enorme chacina dos bárbaros em fuga, *vide infra* 1.32.7.

[306] *Vide infra* 1.32.4.

[307] *Vide supra* nota 252.

[308] Cf., e. g., Heródoto 6.108.1. *Vide infra* 1.32.4.

[309] Como general, ao tempo da polemarquia de Calímaco, Milcíades (c. 550-489 a.C.) foi o autor da estratégia vencedora em Maratona. Heródoto 6.109.1-111.1 enfatiza o papel desempenhado por Milcíades num momento de hesitação, em que a decisão dos generais atenienses se repartia entre lutar ou recuar, por temor da desproporção de forças em relação ao potencial persa. A sua primeira 'vitória' foi ter captado para a sua posição de passar imediatamente ao ataque o polemarco (magistrado que superintendia em assuntos de guerra), nesse momento Calímaco de Afidnas, que acabaria morto em combate (Heródoto 6.114.1). Sobre a glória conquistada por Milcíades pela façanha de decidir e planear a estratégia do combate, *vide infra* 1.32.4; cf. ainda Plutarco, *Vida de Temístocles* 3.4.

[310] *Vide infra* 1.32.4-5. Sobre este herói, *vide* Jameson (1951).

[311] Na campanha ateniense contra Cione, na península de Palene, na Calcídica, tomada em 421 a.C. Cf. Tucídides 5.32.1.

[312] *Vide supra* nota 257.

1.16.1. *Estátuas diante da Stoa Poikile*

Diante deste pórtico há umas estátuas de bronze: de Sólon, que produziu leis para os Atenienses,[313] e um pouco adiante de Seleuco, a quem a felicidade futura tinha sido antes anunciada por sinais irrefutáveis. De facto, no momento em que Seleuco partia da Macedónia com Alexandre, e fazia um sacrifício a Zeus em Pela, a lenha que estava sobre o altar aproximou-se espontaneamente da imagem e inflamou-se sem que se lhe tenha pegado o fogo. Quando Alexandre morreu, Seleuco, receoso com a vinda de Antígono à Babilónia, escapou-se para junto de Ptolemeu, filho de Lago; no regresso a Babilónia, derrotou o exército de Antígono e matou-o. A seguir, aprisionou Demétrio, o filho de Antígono, que o tinha vindo atacar.[314]

16.2. Depois de conseguir estes sucessos e, pouco tempo

[313] Sólon é identificado como o primeiro legislador ateniense, autor de uma espécie de primeiro ensaio com vista a uma orientação democrática da cidade; os tempos eram de profunda crise económica para Atenas e, com a constituição que tinha sido chamado a redigir, era-lhe conferida também a missão de árbitro entre ricos e pobres (cf. Plutarco, *Vida de Sólon* 13-4). Em 594-593 a.C., ano do seu arcontado, assumiu portanto a redação de uma primeira constituição ateniense (cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 7-10, Plutarco, *Vida de Sólon* 14-25). Trata-se, de facto, de uma figura de referência para o mundo grego; a sua *sophia* ultrapassou, de resto, os limites da Grécia e tornou-se famosa extra-fronteiras (cf. Heródoto 1.30.2), dando-lhe o estatuto de 'sábio' (cf. Plutarco, *Vida de Sólon* 5-6). Na célebre entrevista incluída por Heródoto nas suas *Histórias* entre Sólon e o rei da Lídia (1.29-33), Creso estabelece as caraterísticas que definem 'o Sábio' de que Sólon é paradigma: o gosto pelo saber (φιλοσοφέων) e a curiosidade (θεωρίης), que faz do sábio um viajante natural. Sobre Sólon, *vide* Leão (2006). A existência desta sua estátua é também testemunhada por Demóstenes 26.24, Eliano, *Histórias Várias* 8.16.

[314] *Vide supra* 1.6.4, 1.6.7, 1.10.2 e respetivas notas. Do trajeto de vida de Seleuco aqui narrado faz parte o regresso a Babilónia, em 311 a.C., a batalha de Ipso contra Antígono I Monoftalmo, em 301 a.C., e a captura de Demétrio, em 285 a.C.

passado, de liquidar Lisímaco,[315] entregou a seu filho Antíoco todo o poder que tinha na Ásia e pôs-se em marcha contra a Macedónia, com um exército de Gregos e bárbaros. Também Ptolemeu, irmão de Lisandra, em fuga da corte de Lisímaco, se lhe tinha vindo reunir. Esse Ptolemeu que, por ser muito aguerrido, era conhecido por Cerauno,[316] quando o exército de Seleuco chegou a Lisimaquia,[317] matou Seleuco à traição,[318] permitiu aos reis que lhe saqueassem o património e apoderou-se do poder da Macedónia. Foi ele o primeiro, tanto quanto sabemos, a pegar em armas contra os Gauleses, o que nenhum outro rei se tinha atrevido a fazer, mas acabou morto pelos bárbaros. O poder regressou então às mãos de Antígono, filho de Demétrio.[319] **16.3.** Seleuco, é minha profunda convicção, foi, dos reis, o mais correto e o mais piedoso. Assim, foi ele quem devolveu aos Milésios, e ao santuário dos Brânquidas,[320] a estátua de bronze de Apolo, que Xerxes tinha trazido para Ecbátana, na Média. Além disso, quando fundou Selêucia junto ao rio Tigre, e para lá trouxe colonos de Babilónia, poupou a muralha da cidade, preservou o tempo de Belo,[321] e autorizou os Caldeus a instalarem-se-lhe em redor.

---

[315] *Vide supra* 1.6.4, 1.10.1-5. Na batalha de Curupédio, em 281 a.C.

[316] "O raio".

[317] *Vide supra* 1.9.8. e nota respetiva.

[318] Em 281 a.C.

[319] Em 279 a.C.

[320] O santuário de Apolo de Dídima, em Mileto (cf. Heródoto 1.46.2, 1.92.2, 1.157.3, 6.9.2), era um oráculo entre os mais prestigiados do mundo grego e estava a cargo dos sacerdotes Brânquidas (do nome do seu ascendente Branco). Talvez este culto se centrasse, inicialmente, em volta de uma fonte e de uma árvore, ligadas por tradição ao nascimento de Apolo. Xerxes apoderou-se dessa estátua para punir os Milésios pela intervenção cobarde tida na batalha de Salamina (*vide infra* 8.46.3).

[321] Talvez seja de Heródoto a descrição mais fidedigna de Babilónia no seu passado (1.178-83). É particularmente realçada a dimensão e

1.17.1. *Altares, ginásio e templo de Teseu*

Na ágora de Atenas há também outros monumentos em geral não muito notados, caso do altar da Piedade,[322] uma divindade útil principalmente para as questões da vida e imprevistos da fortuna, que, entre os Gregos, só os Atenienses veneram. Esta é uma sociedade que se distingue não só pela filantropia, mas também, mais do que outras, pela piedade para com os deuses; assim, tem um altar dedicado ao Pudor, outro à Fama e outro ainda ao Valor.[323] Fica então bem evidente que é àqueles povos que mais praticam a piedade, que a sorte bafeja em igual medida. **17.2.** No ginásio ali perto da

---

robustez das suas muralhas, cuja construção se ficou a dever à iniciativa de Nabucodonosor (605-562 a.C.). Além das fortificações, a cidade ganhava imponência pelos templos, entre os quais o de Zeus Belo, que Heródoto descreve minuciosamente (1.181.2-3): "do outro lado, fica o templo de Zeus Belo, de portas de bronze (...); de forma quadrangular, mede, de lado, dois estádios. No meio do templo, foi construída uma torre maciça, com um estádio de altura e outro de largura. Sobre esta torre ergue-se uma outra, sobre esta, outra, e assim sucessivamente até um total de oito. A rampa que lhe dá acesso está construída exteriormente e em espiral em volta das oito torres". Esta é a descrição de uma zigurate, construção em altura típica na arquitetura religiosa assíria e babilónica (cf. Estrabão 16.1.5). Por sua vez os Caldeus, encarregados do culto executado no templo, eram uma tribo semítica, de origem desconhecida, que se fixou numa região entre o Tigre e o Eufrates, nas margens do golfo Pérsico. Em Babilónia, fundaram, com Nabopolassar, a dinastia caldaica ou neobabilónica, e exerceram funções sacerdotais (cf. Heródoto 1.181.5, 3.155.5, 7.63). Selêucia, junto ao Tigre, seria portanto vizinha de Babilónia.

[322] Este altar era um local sagrado de refúgio para suplicantes, pessoas em dificuldade e estrangeiros em busca de direito de asilo. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 182 colocam a possibilidade de o fazer coincidir com o altar dos Doze Deuses. Outras referências lhe são feitas por Aquiles Estácio, *Tebaida* 12.481-505, Diodoro Síc ulo 13.22.7.

[323] O altar do Pudor e do Valor situavam-se na Acrópole, junto ao templo de Atena Políade (cf. Hesíquio, *s.u.* Αἰδοῦς βωμός); sobre o da Fama, cf. Ésquines 1.128, 2.145.

ágora, que recebeu o nome de 'Ptolemeio' do seu fundador,[324] há Hermes em mármore[325] dignos de se ver, e uma imagem em bronze de Ptolemeu. Lá está também Juba, o Líbio, e Crisipo de Solos.[326] Junto ao ginásio, fica um templo de Teseu, com pinturas que representam a luta dos Atenienses contra as Amazonas.[327] Este combate está igualmente representado no escudo de Atena e sobre o pedestal de Zeus em Olímpia. No templo de Teseu está também pintada a luta dos Centauros

[324] Provavelmente Ptolemeu II Filadelfo. Este ginásio foi tomado por Platão como cenário para vários dos seus diálogos (*Cármides*, *Eutidemo*, *Laques*, *Lísis*, *Teeteto*); cf. ainda Xenofonte, *Memoráveis* 1.1.10-1.

[325] Trata-se de um tipo de estátua muito corrente nas ruas de Atenas (junto a edifícios públicos, nas encruzilhadas ou simplesmente diante das casas), que constava de uma coluna quadrangular, encimada por um busto, com barba, do deus e exibindo um falo ereto. Foram tomados como símbolos protetores (*vide infra* 1.24.3). Daí o escândalo gerado, em vésperas da campanha ateniense contra a Sicília (415 a.C.), pela mutilação dos Hermes. Sobre os vestígios destes edifícios encontrados pelos arqueólogos e sobre a sua leitura, cf. Dickenson (2015) 734-5.

[326] Juba II (52 a.C.-23 d.C.) sucedeu, na Mauritânia (região correspondente à franja costeira dos atuais Marrocos e Argélia), ao pai, Juba I. Feito refém pelos Romanos ainda criança, foi educado em Roma. Sob a proteção de Augusto, veio a ser instalado no trono da Mauritânia em 25 a.C., onde desenvolveu a romanização do território, numa atitude de fidelidade e colaboração com Roma. Foi um intelectual destacado, autor de tratados de literatura, história, artes e medicina, além de relatos geográficos, em grego, sendo sobretudo esta faceta a que o tornou respeitado entre Gregos e Romanos. Os seus escritos vieram a ter uma enorme influência sobre autores como Tito Lívio, Diodoro Sículo ou Plínio-o-Jovem. Crisipo (280-207 a.C.) deixou o seu nome ligado à filosofia estóica. Tornou-se responsável pela *stoa* após a morte do seu mestre, Cleanto de Assos, em 232 a.C. Os seus escritos, para nós perdidos, tornaram-se um manual de referência para a doutrina estóica. A estátua representava-o sentado, numa atitude reflexiva (Diógenes Laércio 7.182, Plínio, *História Natural* 34.88).

[327] *Vide supra* nota 24. Este templo de Teseu junto ao ginásio é também referido por Plutarco, *Vida de Teseu* 36.4. As pinturas aí existentes diziam naturalmente respeito às façanhas do herói. Sobre a representação do motivo da Amazonomaquia no pedestal da estátua de Zeus em Olímpia, *vide infra* 5.11.7.

e dos Lápitas.[328] Teseu já matou um Centauro, e com os outros a luta está ainda indecisa. **17.3.** Na terceira parede, o motivo não é claro para quem não conhece a tradição, ou devido à passagem do tempo, ou porque Mícon[329] não pintou a história completa. Quando Minos levou para Creta Teseu e a expedição de jovens, apaixonou-se por Peribeia.[330] E como Teseu

[328] Os Centauros eram criaturas híbridas, habitantes do monte Pélion, na Tessália. Eram símbolo do impulso e violência sexual. Num dia em que os seus vizinhos Lápitas os convidaram para a celebração do casamento do seu rei, Pirítoo, com Hipodamia, os Centauros tentaram raptar a noiva e outras mulheres ali presentes, mas saíram derrotados. Na luta que os confrontou com os Lápitas tomou parte Teseu, solidário com os interesses de Pirítoo (cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 30.3). Findo o combate, o rei de Atenas deslocou os inimigos do monte Pélion para o Pindo. Não impediu, mesmo assim, que mais tarde, os Centauros voltassem a atacar os Lápitas e a exigir muita valentia, da parte de grandes heróis como Héracles, para serem finalmente dominados. Este era um motivo muito popular, que se encontrava também representado nas métopas do Pártenon e no templo de Zeus em Olímpia (*vide infra* 5.10.2). *Vide* Graves (1977) I.360-2. Sobre a representação da Centauromaquia no Teseion, cf. Woodford (1974) 158-65.

[329] Mícon foi um pintor e escultor do séc. V a.C. ateniense. O seu nome aparece associado ao de Polignoto, como autores das pinturas da *Stoa Poikile* e do próprio templo de Teseu. Conhecido pela capacidade de retratar emoções, terá introduzido na pintura inovações técnicas, como por exemplo a atenção ao contexto paisagístico que envolve as suas cenas.

[330] *Vide* Graves (1977) I.338. Este era um episódio associado com a aventura de Teseu em Creta, a quem Atenas pagava anualmente um tributo pela morte de Androgeu, filho de Minos (*vide supra* 1.1.2 e respetiva nota). Conta o mito que, logo à chegada do grupo de jovens, rapazes e moças, atenienses a Creta, Minos, ao fiscalizar o tributo, se apaixonou por Peribeia. Tê-la-ia violado de imediato se Teseu não interviesse com o argumento de que, como filho de Posídon, era seu dever defender donzelas em perigo. Foi então que o soberano o desafiou a provar essa paternidade pelo teste do anel. Em certas versões, teria sido Tétis, uma das Nereides, a presenteá-lo com a coroa; Pausânias atribui a oferta a Anfitrite, a própria deusa do mar, ao mesmo tempo que encarregava as Nereides de nadarem em busca do anel. Sobre o mito que fazia de Teseu filho de Etra e Posídon, cf. *Odisseia* 11.631, Eurípides, *Hipólito* 887 sqq., Isócrates 10.18, Apolodoro, *Biblioteca* 3.15.7, Higino, *Fábula* 37. Verrall, Harrison 1890: XCIX colocam a

se lhe opunha frontalmente, Minos, encolerizado, insultou-o dizendo, entre outras coisas, que ele não era filho de Posídon, pois se lançasse ao mar um anel que costumava usar, ele não seria capaz de o resgatar. Ao que se conta, mal tais palavras eram ditas, Minos atirou ao mar o anel. Teseu então saiu do mar com o anel e uma coroa de ouro, presente de Anfitrite. **17.4.** Quanto à morte de Teseu, as versões são muitas e discordantes.[331] Diz-se, por exemplo, que ele ficou retido até que Héracles o trouxe de volta;[332] mas a mais credível das que tenho ouvido é a seguinte: Teseu invadiu o território dos Tesprotos, na intenção de raptar a mulher do seu rei, e perdeu a maior parte do exército. Ele próprio e Pirítoo – que por estar ansioso por este casamento o acompanhou – foram capturados e o rei Tesproto[333] manteve-os presos em Cíquiro. **17.5.** Em território tesprótida há outras coisas dignas de se ver, como o templo de Zeus em Dodona e o carvalho sagrado do deus.[334] Junto de Cíquiro, fica o lago chamado Aquerúsia,

---

origem destas duas lendas em diferentes territórios: em Trezena, a que atribui a paternidade a Posídon; em Atenas a que dá a Egeu esse papel. A versão ateniense acaba por se tornar dominante.

[331] Graves (1977) I.366-70.

[332] Quando, no Hades, Teseu e Pirítoo procuravam raptar Perséfone, foi Héracles quem salvou o herói ateniense das grilhetas (cf. Eurípides, *Heraclidas* 218-9, 240-1, *Héracles Furioso* 1220-2). Mas este foi simplesmente um caso, que deixou Teseu em dívida; na verdade um companheirismo anterior unia os dois heróis, uma vez que o soberano ateniense tinha colaborado com Héracles nas lutas contra as Amazonas e os Centauros (cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 27, 29, 30). De resto, as métopas do Tesouro dos Atenienses em Delfos celebravam em conjunto os dois valentes; *vide* Davie (1982) 26, Graves (1977) I.362-6.

[333] À versão mítica, Pausânias prefere outra mais racional. Os Tesprotos eram um antigo povo do Epiro. Segundo a tradição, o nome provém-lhes do seu primeiro rei, Tesproto, que edificou a cidade de Éfira, mais tarde chamada Cíquiro. Para servir a paixão de Pirítoo pela esposa do rei local, Teseu ensaiou esta campanha.

[334] *Vide supra* I.13.3 e nota respetiva.

o rio Aqueronte e o Cocito com um caudal de água muito desagradável. Julgo que foi depois de ver todos estes lugares que Homero[335] se propôs compor aqueles versos sobre o que existe no Hades, e que aos rios pôs nomes inspirados nos da Tesprótide. Enquanto Teseu estava detido, os filhos de Tíndaro atacaram Afidnas,[336] tomaram-na e reinstalaram Menesteu no poder. **17.6.** Menesteu não se preocupou minimamente com os filhos de Teseu, que se tinham refugiado na Eubeia, junto de Elefenor;[337] mas quanto a Teseu, considerando que se ele alguma vez regressasse dos Tesprotos seria um concorrente temível, tratou de influenciar o povo, de modo que, quando ele regressou, o rejeitaram.[338] Teseu meteu-se ao mar ao encontro de Deucalião de Creta, mas foi arrastado pelos ventos para a

[335] *Odisseia* 10.513-4. O mesmo motivo inspirou uma representação pintada por Polignoto, na *Lesche* dos Cnídios, em Delfos.

[336] Afidnas é o nome de uma região da Ática, próxima de Atenas. Segundo o mito, lá se encontrava Helena, depois de raptada por Teseu (cf. Apolodoro, *Biblioteca* 3.10.7). Enquanto Teseu se encontrava retido no Hades, os Dioscuros, irmãos de Helena, organizaram uma campanha para a resgatar. E para dificultarem a vida a Teseu, trouxeram de volta a Atenas Menesteu (*vide supra* 1.1.2 e nota respetiva), neto de Erecteu – que Egeu tinha exilado por questões que dividiram os herdeiros ao trono da cidade – e fizeram dele regente. Menesteu foi o primeiro demagogo. Aproveitando a ausência de Teseu, procurou insinuar-se nas simpatias populares, denunciando os prejuízos resultantes da fusão que Teseu tinha feito das populações áticas e da submissão que tinham aceitado de um aventureiro como o filho de Egeu, que agora nem se sabia se estava vivo ou morto. Quando Afidnas cedeu à campanha, Menesteu convenceu os Atenienses atemorizados a aceitar os Dioscuros como seus benfeitores, de resto um título merecido pela forma tolerante como trataram a cidade. Puderam então levar Helena de volta a Esparta, juntamente com Etra, a mãe de Teseu; cf. Heródoto 9.73.2, Isócrates, *Helena* 18-9, Plutarco, *Vida de Teseu* 32-4. *Vide* Graves (1977) I.366-70. Sobre Afidnas, *vide infra* 1.23.8, 1.41.4-5, 2.25.6, 3.18.5.

[337] Elefenor, o neto de Abante, comandava um contingente na guerra de Troia, para onde foi acompanhado dos filhos de Teseu (*vide infra* 9.15.6, *Ilíada* 2.536-54, Plutarco, *Vida de Teseu* 35.7).

[338] Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 35.4-5.

ilha de Ciro. Os Círios receberam-no com a distinção devida à sua origem e à consideração que as suas façanhas lhe tinham granjeado. Eis porque Licomedes decidiu dar-lhe a morte.[339]

O memorial de Teseu em Atenas só foi construído após o ataque dos Medos a Maratona,[340] quando Címon, filho de Milcíades, arrasou Ciro – como punição pela morte de Teseu – e lhe trouxe as ossadas para Atenas.

1.18.1. *Outros templos de Atenas. O Olimpieu*

O templo dos Dioscuros[341] é antigo. Eles próprios estão representados de pé e os filhos deles montados a cavalo. Nesse templo, Polignoto[342] pintou a cerimónia do casamento das filhas de Leucipo,[343] e Mícon os heróis que navegaram com

---

[339] Ciro é uma ilha próxima de Eubeia. Licomedes, o rei da ilha, um amigo de Menesteu, fez mesmo assim a Teseu uma recepção condigna. No entanto, quando o príncipe de Atenas mostrou a intenção de se instalar na ilha onde possuía propriedades, Licomedes, que lhas tinha usurpado, matou-o à traição. Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 35.5-6.

[340] Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 35.8, que relata como Teseu recuperou a simpatia dos Atenienses quando, na batalha contra os Persas em Maratona, houve quem dissesse ter visto o seu fantasma armado a lutar contra os bárbaros. Segundo Plutarco (*Vida de Teseu* 36.1) teria sido a Pítia a prescrever aos Atenienses que as ossadas de Teseu fossem trazidas para Atenas. Foi quando Címon (507-449 a.C.) se apoderou da ilha (cf. Plutarco, *Vida de Címon* 8.3-7, *Vida de Teseu* 36.2-4) que descobriu o féretro de Teseu e o fez regressar à sua cidade (469 a.C.). Sobre Címon, vale a pena transcrever, como elucidativo, o elogio de Plutarco (*Vida de Címon* 5.1): "Todos os demais traços de caráter de Címon são nobres e merecem admiração. Era tão bravo quanto Milcíades, tão inteligente quanto Temístocles e, em geral, considerado mais correto do que qualquer um deles". Sobre Milcíades, *vide supra* 1.15.3 e nota respetiva.

[341] *Vide supra* 1.17.5 e nota respetiva.

[342] Sobre a colaboração entre os dois pintores, Polignoto e Mícon, na decoração de vários edifícios da ágora, *vide supra* 1.17.3 e nota respetiva.

[343] Conta Higino, *Fábula* 80.1, que "Idas e Linceu, filhos de Afareu, procedentes de Messana, tinham como prometidas Febe e Hilaíra, filhas de Leucipo. No entanto, como elas eram moças de extrema beleza

Jasão para a Cólquida. Foi a Acasto e aos seus cavalos que ele prestou maior atenção.[344] **18.2**. Adiante do templo dos Dioscuros fica o santuário de Aglauro. Conta-se que Atena depositou Erictónio num baú e o entregou a Aglauro e às irmãs, Herse e Pândroso, proibindo-as de procurar saber o que lhes tinha sido confiado. Pândroso, ao que se diz, obedeceu, mas as outras duas abriram o baú e, ao verem Erictónio, enlouqueceram; precipitaram-se então da acrópole, onde ela era mais escarpada.[345] Foi por esse lugar que os Medos subiram e mataram aqueles que, convencidos de terem percebido o oráculo melhor do que Temístocles, tinham barricado a acrópole

– Febe era sacerdotisa de Atena, e Hilaíra de Ártemis –, Castor e Pólux, ardentes de amor, raptaram-nas"; cf. ainda Apolodoro, *Biblioteca* 3.11.2.

[344] A campanha dos Argonautas. Acasto era filho de Pélias, o rei de Iolco, na Tessália, e responsável pela aventura chefiada por Jasão na Cólquida, em que Acasto participou. Durante a expedição, Pélias tratou de liquidar toda a família do Argonauta (cf. Apolodoro, *Biblioteca* 1.9.27). Foi então que, com o auxílio de Medeia, Jasão se vingou, convencendo as filhas de Pélias a ferverem o pai num banho que lhe restituiria a juventude. Por sua vez Acasto expulsou de Iolco os dois homicidas.

[345] *Vide supra* 1.2.6. Provindo do solo como legítimo "filho da Terra", Erictónio foi entregue ao abandono que fez dele um filho sem pais e uma criança rejeitada à sua sorte. Desse destino salvou-o a deusa Atena que, oculto num baú, o confiou à primogénita de Cécrops, soberano mítico de Atenas. A curiosidade culpada das princesas, que as levou a abrir o baú e a observar-lhe o conteúdo – além do recém-nascido, duas serpentes que deviam protegê-lo –, contra a determinação da deusa, condenou à morte as três filhas de Cécrops e Aglauro e deixou, sem herdeiro directo, o bastião da Acrópole.

com tábuas e estacas.[346] **18.3.** Lá perto fica o pritaneu,[347] em que se encontram registadas as leis de Sólon,[348] e onde estão as imagens da Paz e de Héstia, e outras estátuas, entre as quais a de Autólico o pancratiasta.[349] As figuras de Milcíades[350] e de Temístocles também lá se encontram, ainda que com legendas trocadas, referentes a um Romano e a um Trácio. **18.4.** Quem vai daqui até à parte baixa da cidade[351] encontra o santuário de Serápis, que os Atenienses assimilaram como deus a partir

[346] Cf. Heródoto 7.141-144.1, 8.51-3. Perante a dúvida oferecida, aquando da invasão persa (480 a.C.), sobre a melhor forma de enfrentar o inimigo, as opiniões em Atenas dividiam-se entre resistir-lhe em terra ou no mar. Consultado o oráculo de Delfos, a resposta continuou ambígua: que Zeus concederia a Atena um muro de madeira, único – mas inexpugnável – para a salvação da cidade. As opiniões dividiram-se, entre os que entendiam que o oráculo aconselhava a barricada da Acrópole, enquanto outros, com particular relevo para a opinião influente de Temístocles, interpretavam as palavras do deus como referentes aos navios, aconselhando uma resistência naval. Foi para Atenas, e para a Grécia, a salvação que esta opinião tivesse finalmente prevalecido. E a prova esteve em que aqueles que se mantiveram na Acrópole, ainda que barricada, foram totalmente dizimados pelos Persas.

[347] *Vide supra* nota 95. No Pritaneu mantinha-se aceso o fogo sagrado e prestava-se culto a Héstia, "a deusa do lar".

[348] *Vide supra* 1.16.1 e nota respetiva.

[349] Cf. Xenofonte, *Banquete* 1.2. Famoso atleta do séc. V a.C., de uma beleza sedutora, por quem Cálias, filho de Hipónico, se deixou seduzir. Para homenagear a sua vitória no pancrácio, nas Panateneias de 422 a.C., Cálias deu um banquete que serve de cenário ao texto de Xenofonte (cf. Plutarco, *Vida de Lisandro* 15.5). A sua popularidade justificou que o comediógrafo Êupolis lhe tenha dedicado uma comédia intitulada justamente *Autólico* (frs. 48-75 K.-A.). A sua estátua era obra de Leócares (cf. Plínio, *História Natural* 34.79); *vide infra* 9.32.8.

[350] *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva. A alteração das inscrições identificativas, para homenagear outras personalidades, tornou-se prática comum em época romana.

[351] Cf. Wycherley (1963) 161 e as diferentes interpretações a dar a esta indicação: ou a região norte de Atenas, ao descer da Acrópole; ou, mais provavelmente, a região sudeste na margem do Ilisso. A propósito o referido autor sublinha a impossibilidade de uma localização precisa destes edifícios a partir do testemunho de Pausânias.

de Ptolemeu. O templo mais célebre de Serápis fica no Egito, em Alexandria, e o mais antigo em Mênfis.[352] A sua entrada está interdita a estrangeiros e a sacerdotes, antes de enterrarem Ápis. Não longe do santuário de Serápis fica um lugar onde se diz que Pirítoo e Teseu congeminaram a expedição à Lacedemónia e mais tarde aos Tesprotos.[353] **18.5.** Lá perto foi edificado um templo de Ilitia,[354] que terá vindo dos Hiperbóreos[355] para Delos para dar assistência a Leto no parto; dizem então os Délios que foi com eles que outros aprenderam o nome de Ilitia.[356] Lá fazem sacrifícios à deusa e cantam-lhe o

[352] Por vezes o deus Serápis foi identificado com Dioniso, como também com Hades, pelas suas prerrogativas ctónicas. Como deus curador pôde também ser aproximado de Asclépio. O seu culto teve início no Egito, entre os reinados de Ptolemeu I Sóter e Ptolemeu II Filadelfo (c. 306-282 a.C.; cf. Plutarco, *Ísis e Osíris* 28-9), e obedeceu à preocupação de harmonizar as divindades de tradição egípcia com os soberanos de origem grega que então dominavam o país. Cf. Howatson (1991) 744-5, que afirma, a propósito deste deus que lhe parece derivado de uma "divindade sincrética Osíris-Ápis" cultuada em Mênfis: "O propósito de Ptolemeu Sóter poderá ter sido o de dar ao povo de Alexandria um deus protetor". E a partir de então, o culto estendeu-se a várias cidades gregas. Mais tarde Ptolemeu III Evérgeta (rei entre 246-221 a.C.), construiu em Alexandria um grande templo dedicado a Serápis. Cf. ainda Sousa (2015).

[353] *Vide supra* 1.17.4. Sobre Pirítoo e a sua amizade com Teseu, *vide supra* 1.17.2. Sobre a campanha que ambos fizeram na Lacedemónia dá testemunho Plutarco, *Vide de Teseu* 31.2, relatando o rapto de Helena que então levaram a cabo.

[354] É uma deusa muito antiga, já referida por Homero (*Ilíada* 11.269-71) como detentora de um santuário em Amniso; por sua vez Hesíodo (*Teogonia* 922) dá-a como filha de Zeus e Hera. Aparece particularmente associada com Hera e Ártemis. Sobre a intervenção de Ilitia no nascimento de Apolo e Ártemis, filhos de Leto nascidos em Delos, cf. *Hino Homérico a Apolo* 108. Como protetora dos partos, Ilitia era uma deusa muito popular entre as mulheres; cf. Aristófanes, *Lisístrata* 742, *Mulheres na assembleia* 369-70.

[355] *Vide supra* 1.4.4 e nota respetiva.

[356] Ilitia tem a ver com a ideia de "auxílio, alivio". Em Delos, a deusa teria auxiliado Leto aquando do nascimento de Apolo e Ártemis.

hino de Ólen.[357] Consideram os Cretenses, por seu lado, que Ilitia provinha da região de Cnossos, de Amniso, e era filha de Hera.[358] Só os Atenienses cobrem de véus as imagens de Ilitia da cabeça aos pés. Duas dessas imagens provêm de Creta e diziam as mulheres que foram uma oferenda de Fedra;[359] a mais antiga trouxe-a de Delos Erisícton.[360]

18.6. À entrada do santuário de Zeus Olímpico – foi o imperador Adriano[361] quem ergueu o templo e uma imagem digna de ser vista, que, em tamanho, excetuados os colossos de Rodes e de Roma, excede as restantes estátuas, feita de marfim e de ouro e trabalhada com uma técnica apreciável tida em conta a dimensão –, pois aí estão duas imagens de Adriano em mármore de Tasos, e outras duas em pedra egípcia. Diante das colunas, há estátuas de bronze a que os Atenienses chamam

---

[357] *Vide infra* 8.21.3, 9.27.2, 10.5.7-8, em que Pausânias se refere a Ólen como o mais antigo compositor de hinos originário dos Hiperbóreos; e 2.13.3 que o identifica como autor de um hino a Hera. A relação que alguns estabelecem entre o poeta e a Lícia (cf. Heródoto 4.35.3) justifica-se pelo elo que o liga a Apolo. Se de facto é mais do que um simples mito, Ólen teria vivido no séc. VIII a.C. *Vide* Lesky (1968) 107-8, que fala de Ólen, juntamente com Panfo, Museu e Orfeu, como autores da mais remota poesia grega, sob forma de cantos líricos dedicados aos deuses.

[358] Em Amniso foi identificada uma gruta consagrada a este culto (cf. *Odisseia* 19.188, Diodoro Sículo 5.72, Estrabão 10.476).

[359] Segundo o mito, Fedra era filha do rei Minos de Creta e de Pasífae. A sua relação com Atenas era profunda por ter casado com Teseu. Tornou-se símbolo das mulheres depravadas, por ter contraído uma paixão incestuosa pelo enteado, Hipólito, episódio que inspirou tragédias célebres como as duas versões do *Hipólito* de Eurípides e a *Fedra* de Séneca.

[360] *Vide supra* 1.2.6.

[361] *Vide supra* 1.3.2 e nota respetiva. O Olimpieu, situado a sudeste da Acrópole, junto ao antigo rio Ilisso, reunia um conjunto impressionante de obras associadas com o imperador Adriano. Ainda hoje, o arco dedicado ao mesmo imperador faz fronteira entre a 'cidade de Teseu' e a 'cidade de Adriano'. A construção vinha do tempo dos Pisistrátidas (c. 530 a.C.), e foi melhorada e reformada por Adriano (131 a.C.).

'colónias'. Todo o perímetro, que há-de andar pelos quatro estádios,[362] está cheio de estátuas; de facto, cada cidade das colónias erigiu uma imagem em honra do imperador Adriano. Mas os Atenienses ultrapassaram-nas a todas, ao erguerem-lhe, atrás do templo, uma estátua colossal digna de ser vista. **18.7.** Neste recinto existem obras antigas: um Zeus em bronze, um templo de Cronos e Reia, e um santuário dedicado à Terra[363] com o epíteto de Olímpica. Neste lugar, o solo tem uma abertura de mais ou menos um côvado,[364] por onde se diz que a água se escoou após o dilúvio de Deucalião.[365] Todos os anos

[362] À roda de 700 metros.

[363] Na concepção cosmogónica traçada pela *Teogonia* de Hesíodo, cabe à Terra e ao Céu (*Gaia* e *Úrano*) constituir um primeiro casal destinado a dar à luz múltiplos deuses, o mesmo é dizer vários elementos vitais do universo (45-6, 126-7, 132-4). Subjacente à questão geracional, está, no processo como o descreve a *Teogonia*, a forma básica de relacionamento entre os sexos, o masculino e o feminino, a sua cooperação e intervenção relativa, como ponto de partida de qualquer evolução, familiar ou cívica. A partir desta união primordial, o poema acompanha mais duas gerações divinas: aquela em que, entre os Urânidas ou descendentes de Úrano, domina Cronos, e a dos Crónidas, em que Zeus avulta como superior. Aos filhos que a companheira, a Terra, generosamente produzia, o Céu impedia-os de ver a luz do dia, devolvendo-os ao seio materno (156-8). A esta tentativa de barrar a renovação da espécie, pela devolução da cria ao corpo da mãe, engendrada por Úrano, seu filho Cronos, na geração seguinte, respondeu com outra táctica: ele mesmo passou a devorar os filhos que Reia lhe depositava nos braços, mal nasciam (459-60, 466-7); ao engolir os filhos, Cronos, simbolicamente, não apenas liquidava a vida da sua descendência, como usurpava a Reia o espaço do feminino na procriação. Sobre este templo dedicado à Terra, cf. Tucídides 2.15.4.

[364] Cerca de 45 cm.

[365] Este dilúvio funcionou como um castigo de Zeus, disposto a fazer submergir a humanidade inteira. O intuito divino foi barrado por Deucalião, rei da Ftia, que, informado por seu pai, Prometeu, construiu uma arca, onde se refugiou com a mulher, Pirra, filha de Epimeteu. Este casal foi o único sobrevivente da tremenda inundação. Apaziguada a ira divina, puderam então reconstituir a humanidade, lançando para trás das costas pedras que se iam transformando em homens e mulheres. Cf. Graves (1977) I.138-9.

se lança lá para dentro farinha de trigo misturada com mel. **18.8.** Sobre uma coluna ergue-se uma estátua de Isócrates,[366] que deixou três referências memoráveis: a de ser muito persistente no trabalho, porque nunca deixou de ter alunos durante os seus 98 anos de vida; de muito prudente, porque se manteve afastado da política e ausente das questões públicas; e muito livre, porque, perante a notícia da batalha de Queroneia,[367] se deixou morrer voluntariamente de dor. Há ainda uma trípode em bronze sustentada por Persas, em mármore da Frígia, todos eles notáveis, trípode e homens. Diz-se que o antigo templo de Zeus Olímpico foi construído por Deucalião; e como prova de que viveu em Atenas, mostra-se o seu túmulo não muito longe do templo atual. **18.9.** Adriano ornamentou ainda Atenas com outras construções: um templo de Hera e de Zeus Pan-helénico, e um panteão. Mas é sobretudo o pórtico de cem colunas, em mármore da Frígia, o mais digno de apreço, cujas paredes são feitas do mesmo material. Aí estão também compartimentos com tetos de ouro e alabastro, decorados com estátuas e pinturas, que guardam livros. No mesmo local fica

[366] Isócrates (436-338 a.C.) foi um célebre orador ateniense que encontrou no ensino e na retórica a sua forma de intervenção política. Foi aluno dos sofistas mais distintos (Pródico e Górgias). Começou como logógrafo, mas c. 393 a.C. – ensino que ministrou durante 55 anos, até 338 – fundou, em Atenas, uma escola (próxima do Liceu, onde há-de situar-se também o Liceu de Aristóteles; *vide infra* 1.19.3 e respetiva nota) e passou a dedicar-se à retórica política, preservando, sob a agilidade da palavra, um firme critério moral e uma finalidade cívica; assim se justificam os seus ensaios sobre educação intitulados *Contra os Sofistas* e *Antidosis*. Em função da crise do momento, a sua argumentação política orienta-se muito para a causa pan-helénica (cf. *Panegírico* 50). Ficou célebre o *Panegírico*, uma proposta de coesão para a Grécia sob a hegemonia de Atenas e Esparta. Sobre Isócrates, cf. Rocha Pereira ([10]2006) 484-7. A sua estátua, vizinha do Olimpieu, tinha sido dedicada pelo seu filho adotivo Afareu.

[367] *Vide supra* nota 81.

um ginásio com o nome de Adriano, ornado com cem colunas de mármore da Líbia.

1.19.1. *O Olimpieu e as margens do Ilisso*

A seguir ao templo de Zeus Olímpico, lá próximo, há uma estátua de Apolo Pítio,[368] e um outro templo de Apolo chamado Delfínio.[369] Conta-se que, quando a construção deste templo ficou pronta, exceto o teto, Teseu chegou a Atenas, onde era ainda totalmente desconhecido. Usava uma túnica até aos pés e os cabelos cuidadosamente entrançados. Ao passar junto do templo de Apolo Delfínio, os operários que construíam o teto perguntaram-lhe, por brincadeira, o que é que uma moça em idade de casar andava ali a fazer sozinha. Teseu não deu resposta, mas desatrelou – segundo consta – os bois de um carro, que estava ali perto, e levantou-o mais alto do que o teto que eles estavam a construir. **19.2.** Sobre o lugar a que chamam os Jardins[370] e sobre o templo de Afrodite não se diz nada de especial. Nem sobre Afrodite, que está ao lado do templo: a estátua tem forma quadrangular, como as dos Hermes,[371] com uma inscrição que identifica Afrodite Urânia,[372] a mais velha das chamadas Meras. Em contrapartida, a estátua de Afrodite que está nos Jardins, da autoria de Alcâmenes,[373] é uma obra notável como poucas em Atenas. **19.3.** Há também um templo de Héracles chamado Cinossarges.[374] Quem

[368] Cf. Tucídides 2.15.4.

[369] Aqui se situava um dos tribunais de Atenas (*vide infra* 1.28.10).

[370] Provavelmente devido à vegetação. Cf. Plínio, *História Natural* 36.16.

[371] *Vide supra* 1.17.2 e nota respetiva.

[372] *Vide supra* 1.14.6 e nota respetiva.

[373] *Vide supra* 1.1.5 e nota respetiva.

[374] "Cadela branca". Cf. Heródoto 6.116.1, Demóstenes 23.213, Plutarco, *Vida de Temístocles* 1.3. Este é um culto que reúne diversas

tiver lido o oráculo sobre a cadela branca conhece a história. Os altares são de Héracles e de Hebe,[375] filha de Zeus, que dizem ter casado com Héracles. Existe também um altar de Alcmena e Iolau,[376] companheiro de Héracles na maioria dos seus trabalhos. O Liceu recebeu o nome de Lico, filho de Pandíon;[377] desde o princípio e ainda agora é consagrado a Apolo, um deus que aqui tomou a designação de Liceu.[378] Diz-se também que o exílio de Lico, em fuga de Egeu, foi o motivo de os Térmilas passarem a chamar-se Lícios.[379] **19.4.** Atrás do Liceu está o túmulo de Niso, que reinava em Mégara quando foi assassinado por Minos; os Atenienses trouxeram-no

---

figuras associadas ao mito de Héracles: Hebe, a esposa, Iolau, o companheiro, e Alcmena, a mãe. Segundo a tradição, quando Díomo – que deu nome ao *demos* de Diomia, junto ao Ilisso, no sudeste de Atenas – sacrificava a Héracles, uma cadela branca roubou-lhe a vítima. Um oráculo ordenou-lhe então que, no lugar onde a cadela largasse a sua presa, fosse construído um templo a Héracles. Deste mesmo complexo fazia parte um ginásio e um bosque sagrado.

375 Foi depois do seu primeiro trabalho, contra o leão de Nemeia, que Héracles desposou Hebe. Cf. Graves (1977) II.107.

376 Segundo a tradição, Alcmena, esposa de Anfitrião, foi mãe de Héracles após uma relação amorosa com Zeus. Por sua vez Iolau esteve envolvido em vários trabalhos de Héracles, em particular na luta contra a Hidra de Lerna (cf. Hesíodo, *Teogonia* 313-8). Eurípides, *Íon* 190-204 identifica a representação deste trabalho, envolvendo os dois heróis, numa métopa do templo de Apolo em Delfos. É também a Iolau que Eurípides atribui a incumbência de proteger a família do herói, em *Heraclidas*.

377 Sobre Pandíon, *vide supra* 1.5.3-4.

378 Foi aqui que, em 335 a.C., Aristóteles fundou a sua conhecida escola, a que deu o nome de Liceu.

379 Cf. Heródoto 1.173.3, 7.92. Lico faz parte do mito de Teseu, cuja história se expandiu também na Lícia, sobretudo quando esta região se integrou na Liga de Delos (c. 460-440 a.C.). Segundo a lenda, Lico era um dos quatro filhos de Pandíon, irmão de Egeu. Foi-lhe dada uma parte da Ática, mas, expulso por Egeu, refugiou-se na Messénia. É conhecido como sacerdote e adivinho e atribui-se-lhe a fundação de um culto de Apolo Lício. Segundo a versão de Pausânias, Lico emigrou para a Lícia, a cujo território veio a dar o nome.

e sepultaram-no lá. Segundo a tradição, esse Niso tinha os cabelos cor de púrpura, e devia morrer quando os cortasse. Quando os Cretenses lhe invadiram o território, começaram por atacar as outras cidades da Megáride, e depois cercaram Niseia onde Niso se tinha refugiado. Aí conta-se que uma filha de Niso, apaixonada por Minos, cortou os cabelos do pai.[380]

19.5. Eis o que reza a lenda. Os rios que correm em Atenas são o Ilisso e o Erídano – com o mesmo nome que o dos Gauleses –,[381] afluente do Ilisso. O Ilisso é aquele onde – segundo se conta – Oritia, quando brincava, foi raptada pelo vento Bóreas. Este casou com Oritia e foi devido a esse parentesco que veio em socorro de Atenas e fez perecer a maioria das trirremes bárbaras.[382] Pretendem os Atenienses que o Ilisso é consagrado a diversas divindades; junto ao seu curso existe um altar das Musas Ilissíadas. Lá é também mostrado o lugar

---

[380] Cf. Graves (1977) I.308-10. O mesmo mito é tratado por Ovídio, *Metamorfoses* 7.6-151. Esta menção antecipa o tratamento de Mégara reservado para os capítulos finais deste livro. Niso descendia de Pandíon II de Atenas; depois de reinar sobre Mégara, acabou sepultado em Atenas. Sobre a sua morte, *vide infra* 1.39.6.

[381] *Vide supra* 1.4.1 e nota respetiva.

[382] O Ilisso era realmente o rio de referência de Atenas, e lugar de vários cultos antigos: o de Bóreas (o vento norte) e das Ninfas, como refere Pausânias, mas também o dedicado ao rio Aqueloo e ao deus Pã. A pujança vegetal das suas margens é referida por Platão, *Fedro* 229a-c (cf. 242a): Sócrates e Fedro, em dia de grande calor, tiram prazer num pequeno passeio junto ao Ilisso, mergulhando os pés na água límpida e aproveitanto a frescura da brisa, das árvores e da relva. Em *Fedro* 229b, Platão alude a este mesmo mito do rapto de Oritia por Bóreas. Esta ninfa era, segundo a tradição, filha de Erecteu, rei de Atenas, e de Praxítea. De acordo com uma versão da lenda, após as recusas de Erecteu ao seu desejo, Bóreas optou pelo rapto quando a jovem brincava descuidadamente junto ao rio (cf. Apolónio de Rodes, *Argonáuticas* 1.213 sqq., Virgílio, *Geórgicas* 4.463-6; e ainda Graves (1977) I.170-2). Na medida em que Bóreas se tornou parente dos Atenienses, estes teriam apelado à sua intervenção para destruir a armada de Xerxes junto ao Artemísio (*vide supra* nota 285), durante as Guerras Pérsicas; cf. Heródoto 7.189.1-3.

onde os Peloponésios mataram Codro, filho de Melanto[383] e rei de Atenas. **19.6.** Quando se atravessa o Ilisso há um lugar chamado Agras,[384] onde fica um templo de Ártemis Agrótera.[385] Ao que se ouve dizer, este foi o primeiro lugar em que Ártemis caçou depois de vir de Delos,[386] e por isso a estátua tem um arco. Não é a mesma coisa descrever a quem ouve a admiração de quem vê o estádio feito de mármore branco. Eis como se poderia sugerir a sua dimensão: vem a direito desde cima do monte sobranceiro ao Ilisso, em forma de meia lua, e ambos os seus extremos vão bater na margem do rio, de uma forma direta e simétrica. Foi um sujeito ateniense, de nome Herodes,[387] que o construiu, e para essa edificação esgotou a maior parte da pedreira do Pentélico.[388]

---

[383] *Vide supra* 1.3.3 e nota respetiva. Codro teria sido, de acordo com a tradição, o último rei de Atenas. Foi durante o seu reinado que ocorreram as invasões dóricas. Perante o oráculo délfico que anunciava, como condição para a salvação de Atenas, o sacrifício do seu rei, Codro não hesitou em dar a vida pela cidade. Disfarçado, desafiou os inimigos, que o mataram. A partir de então, Atenas adotou um governo de arcontes, inaugurado por Médon, filho de Codro (cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 3.3).

[384] Cf. Platão, *Fedro* 229c.

[385] "Caçadora".

[386] *Vide supra* 1.18.5 e nota respetiva.

[387] Trata-se de Herodes apelidado de 'Ático' (séc. II d.C., ou seja, contemporâneo de Pausânias), um grego muito ligado, como retórico e político, ao Império Romano (foi membro do senado e cônsul em 143 d.C.), membro de uma família endinheirada, a quem se deve a construção de numerosos edifícios importantes na cidade de Atenas – desde logo o teatro que tem o seu nome, Odeón de Herodes Ático (*vide infra* 7.20.6) – e em outros lugares da Grécia (caso de Corinto, *vide infra* 2.1.7). O estádio panatenaico foi primeiro construído por Licurgo (330 a.C.) e mais tarde reconstruído em mármore por Herodes Ático (140-144 d.C.). Sobre a intervenção pública de Herodes Ático e o seu papel de 'benfeitor', *vide* Arafat (1996) 191-2, 195-201.

[388] O mármore do Pentélico, um monte a nordeste de Atenas, foi o material escolhido, pela sua qualidade, para a construção de

1.20.1. *A Rua das Trípodes e o Templo de Dioniso*

Existe uma rua, a partir do Pritaneu,[389] chamada 'das Trípodes'; o nome vem-lhe de uns templetes com dimensão suficiente para suportarem trípodes de bronze, com obras de grande valor. Lá está o Sátiro, que – ao que se diz – Praxíteles[390] considerava uma obra prima. Quando Frine[391] lhe pediu aquela que seria a mais bela das suas obras, consta que ele concordou facilmente em dar-lha, mas não quis identificar a que lhe parecia a melhor. Aí apareceu a correr um escravo de Frine com a notícia de que, num incêndio lá na oficina, a maior parte das obras de Praxíteles tinha perecido, mas nem todas. **20.2.** Praxíteles saiu logo porta fora a dizer que toda a sua obra se teria perdido se o fogo tivesse destruído o Sátiro e o Eros. Frine tranquilizou-o e ordenou-lhe que se acalmasse, porque nada de grave se tinha passado; mas com esta artimanha o tinha feito confessar qual era o melhor dos seus trabalhos. E então escolheu o Eros. No templo de Dioniso ali ao lado existe um Sátiro ainda criança, a empunhar uma taça. O Eros em pé e Dioniso são obra de Tímilo.[392]

20.3. O templo de Dioniso a caminho do teatro é o mais antigo de todos. Há, no mesmo recinto, dois templos e duas estátuas de Dioniso, uma do Eleutereu[393] e outra, obra de

---

monumentos centrais na cidade, como os templos da Acrópole, o Pártenon nomeadamente.

[389] *Vide supra* nota 95. Ainda subsistem as bases de vários destes monumentos, mas o mais bem preservado é o monumento corégico a Lisícrates, corego nas Dionísias de 334 a.C.

[390] *Vide supra* 1.2.3 e nota respetiva. Este episódio é também relatado por Ateneu 13.591b.

[391] Cortesã famosa pela beleza, amante e modelo de Praxíteles. Frine – "Sapo" – é uma alcunha alusiva à cor da pele.

[392] Nada se sabe deste Tímilo.

[393] Era sob esta designação que Dioniso presidia ao maior dos festivais de teatro de Atenas, as Grandes Dionísias. Por altura da festa,

Alcâmenes,[394] em marfim e ouro. As pinturas nesse lugar representam Dioniso a levar Hefesto para o céu. Conta-se, entre os Gregos, que Hera precipitou, na altura do nascimento, Hefesto;[395] e que este, ressentido, lhe mandou de presente um trono de ouro com umas cadeias invisíveis. Quando a deusa se sentou, ficou presa. Mas como nenhum dos outros deuses conseguiu persuadir Hefesto, Dioniso – em quem Hefesto tinha toda a confiança – embebedou-o e levou-o de volta ao céu. Lá está também representado o castigo de Penteu e Licurgo pela ofensa feita a Dioniso;[396] e Ariadne adormecida, Teseu que embarca, e Dioniso que chega e rapta Ariadne.[397]

---

a imagem do deus era trazida de um templo localizado no caminho para Elêuteras, na fronteira da Ática com a Beócia, e depositada no antigo templo de Dioniso, na Acrópole. Dos dois templos aqui referidos, o mais antigo e mais pequeno datava do séc. VI a.C. e o outro, um pouco maior, do séc. V a.C. O primeiro dos dois abrigava uma estátua de madeira do deus, e o segundo um colosso criselefantino de Dioniso, obra de Alcâmenes, além de pinturas ilustrando o poder do deus. Esta combinação de ouro e marfim constituía o material mais precioso e estava relacionada com grandes criações da escultura grega.

394 *Vide supra* 1.1.5 e nota respetiva.

395 Embora Hefesto fosse filho de Zeus e Hera, a mãe não hesitou em precipitá-lo do Olimpo ao verificar que era débil e coxo (cf. *Ilíada* 1.590-4, 18. 394-9, *Odisseia* 8.306-12). Hefesto ficou conhecido pela competência demonstrada como metalúrgico. Cf. Graves (1977) I.86-8.

396 Penteu e Licurgo tiveram destino semelhante em função da resistência que ambos – o primeiro como rei de Tebas e o segundo dos Edónios, na Trácia – opuseram à penetração do culto de Dioniso nas suas cidades. Ambos foram então despedaçados pelos fiéis do deus. Na tragédia, ambos os mitos tinham já inspirado Ésquilo: para um *Penteu* o tebano, e o trácio para uma tetralogia – *Licurgia* –, formada pelas tragédias *Edónios, Bassárides* e *Jovens,* e ainda pelo drama satírico *Licurgo*. Por seu lado Eurípides dedicou a Penteu a bem conhecida tragédia *Bacantes.* Sobre Penteu e Licurgo, cf. Graves (1977) I.104-6. *Vide infra* 2.2.7, 9.5.4.

397 É bem conhecida a participação que Ariadne, apaixonada, teve na aventura cretense de Teseu, fornecendo-lhe um novelo que o orientou dentro do labirinto e na saída depois de ter matado o Minotauro, com a condição de acompanhar o herói para Atenas e vir a ser sua

20.4. Perto do templo e do teatro de Dioniso existe um edifício que, ao que se diz, terá sido feito segundo o modelo da tenda de Xerxes.[398] Foi mais tarde reconstruído, depois que Sula, o general romano, o incendiou aquando da tomada de Atenas.[399] A causa dessa guerra foi a seguinte. Mitridates era rei dos bárbaros da região do Ponto Euxino. Qual o pretexto de que se serviu para fazer guerra aos Romanos, por que meio atravessou para a Ásia, quais as cidades que tomou pela força ou quais aquelas com que fez aliança, tudo isso fica ao cuidado dos que pretendam conhecer as questões ligadas a Mitridates. Eu limito-me a tratar do que diz respeito à tomada de Atenas. **20.5.** Existia então um ateniense, Arístion, a quem Mitridates recorria como embaixador junto das cidades gregas. Foi ele que persuadiu os Atenienses a apoiarem Mitridates de preferência

---

esposa. Ora na viagem de regresso, Teseu desrespeitou o compromisso, ao abandonar, na ilha de Naxos, Ariadne adormecida. Dioniso entra no episódio de acordo com diferentes versões: ou como sendo autor de uma exigência de que Teseu lhe cedesse a jovem cretense; ou salvando uma Ariadne abandonada à traição, que veio a desposar. Cf. Graves (1977) I.339-40.

[398] Sobre a invasão de Atenas por Xerxes, *vide supra* 1.8.5. A surpresa com que os Gregos olhavam para o luxo da tenda dos reis persas em campanha está abonada por Plutarco, *Vida de Alexandre* 20.10-3 a propósito da tenda de Dario III. Este edifício era o Odeón de Péricles, construído em 442 a.C. e destinado a concertos. Cf. a descrição que dele faz Plutarco, *Vida de Péricles* 13.9.

[399] Esta invasão de Atenas dirigida por Sula ocorreu nos anos de 87-86 a.C., aquando da chamada Primeira Guerra Mitridática. O objetivo final da campanha era confrontar Mitridates VI, rei do Ponto, que tinha invadido a província romana da Ásia e influenciava o governo da Grécia, pondo em causa os interesses romanos na região. Por isso Sula começou por invadir Atenas, então governada por um aliado de Mitridates, Arístion. Com as suas vitórias, Mitridates tinha conseguido que várias cidades gregas se revoltassem contra os Romanos. Com o desembarque de Sula, porém, todas elas, com exceção de Atenas, voltaram para o lado romano. Foi então em Atenas que se concentrou o recontro entre as forças romanas, de um lado, e as do Ponto e da Grécia, comandadas respetivamente por Arquelau e Arístion, do outro.

aos Romanos. Mas nem todos se deixaram persuadir, só o povo e do povo apenas os mais arruaceiros. Os Atenienses respeitáveis passaram-se espontaneamente para o lado dos Romanos. Quando o confronto se deu, a vantagem para os Romanos foi enorme; perseguiram então Arístion e os Atenienses em fuga até à cidade, e Arquelau e os bárbaros até ao Pireu. Este era também o tal general de Mitridates, que antes os Magnésios[400] habitantes do Sípilo[401] tinham ferido quando lhes devastava o território, além de matarem a maioria dos bárbaros. **20.6.** Durante o cerco de Atenas, Táxilo, um general de Mitridates, que por acaso sitiava Elateia, na Fócida, quando os mensageiros chegaram, mobilizou o exército e conduziu-o para a Ática. Ao saber dessa manobra, o comandante dos Romanos deixou uma parte do exército no cerco de Atenas, e marchou, com a maior parte das suas forças, ao encontro de Táxilo, na Beócia. Dois dias mais tarde, chegaram mensageiros a ambos os acampamentos romanos: a Sula, com a notícia de que tinham sido tomadas as muralhas de Atenas; e aos que faziam cerco a Atenas, que Táxilo tinha sido vencido num recontro junto a Queroneia.[402] Sula, de regresso à Ática, aprisionou no Ceramico[403] os Atenienses que se lhe tinham mostrado adversos, e, através de um sorteio, condenou à morte um em cada

[400] Sobre a Magnésia, *vide supra* nota 5. Pausânias está a referir-se à primeira guerra mitridática (88-84 a.C.). Depois da derrota, Sula, o comandante das hostes vencedoras, cercou Atenas e o Pireu, de cuja defesa se encarregou Arquelau, ao comando de tropas e de uma armada de Mitridates. Apesar de se tratar de um general distinto, Arquelau é mencionado por Pausânias em termos modestos, valorizando sobretudo um revés contra ele infligido pelos Magnésios. Esta interpretação de Pausânias tem sido lida como abonatória da sua origem magnésia (cf. Habicht (1985) 15).

[401] O monte Sípilo fica na antiga Lídia, próximo do litoral da Ásia Menor.

[402] Na Beócia.

[403] *Vide supra* 1.2.4 e nota respetiva.

dez. **20.7.** Como a cólera de Sula contra os Atenienses se não acalmava, houve alguns que, clandestinamente, se escaparam para Delfos. E perante a sua pergunta sobre se estaria escrito que Atenas havia de ser arrasada, a Pítia respondeu com o oráculo do odre.[404] Tempos depois, Sula adoeceu, ao que julgo saber de uma doença que vitimou também Ferecides de Siro.[405] O tratamento que Sula deu à maioria dos Atenienses foi mais cruel do que era a atuação normal dos Romanos. Todavia a causa da sua desgraça não me parece estar tanto nestas atrocidades, mas sobretudo na ira de Zeus Hicésio,[406] por ele ter capturado e morto Arístion que se tinha refugiado no templo de Atena.

Atenas, assim maltratada por esta guerra contra os Romanos, voltou a florescer durante o império de Adriano.

1.21.1. *O Teatro em Atenas*

No teatro de Atenas, há imagens de poetas – de tragédia e de comédia –, na sua maior parte bastante obscuros. A não ser

[404] Ou seja, que Atenas precisava de uma nova geração para se revigorar. O oráculo que dizia "não abras o odre antes de chegares a Atenas" correspondia a algo como não te cases nem tenhas filhos antes da chegada a esse destino. Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 3.5, em que a mesma profecia foi transmitida a Egeu, que tinha consultado o oráculo em busca de uma resposta para a sua esterilidade. E ainda Plutarco, *Vida de Teseu* 24.6.

[405] Trata-se do prosador grego (meados do séc. VI a.C.), originário de Siro, uma das Cíclades, autor de um texto de tema mitológico e cosmológico intitulado *Heptámico*. Depois de uma teogonia inicial, esta obra, em 10 livros, relatava façanhas dos tempos heróicos associadas com as grandes famílias. Cf. Lesky (1968) 187-8. Sobre a doença que afetou Sula, *vide infra* 9.33.6, Plutarco, *Vida de Sula* 36.3-5. E sobre o sacrilégio por ele cometido, cf. Plutarco, *Vida de Sula* 14.11, 23.2.

[406] "Protetor dos suplicantes".

Menandro,[407] nenhum outro poeta de comédia dos que lá estão tem celebridade; quanto à tragédia, entre os famosos estão lá Eurípides e Sófocles.[408] Conta-se que, já depois da morte de Sófocles, os Lacedemónios invadiram a Ática; Dioniso então apareceu em sonhos ao comandante e ordenou-lhe que prestasse à nova Sereia a homenagem devida aos mortos.[409] Pareceu-lhe que o sonho se referia a Sófocles e à sua poesia, porque ainda hoje é costume comparar a sedução de poemas e discursos com as Sereias. **21.2.** A estátua de Ésquilo – julgo eu – foi feita muito tempo depois da sua morte, e da pintura que representa Maratona.[410] Dizia Ésquilo que, quando era ainda um jovem, adormeceu no campo quando se encontrava de guarda a uma vinha, e que Dioniso lhe apareceu em sonhos e lhe ordenou que compusesse uma tragédia. Quando amanheceu, no desejo de obedecer à visão, ele tentou e compôs uma com a maior das facilidades. Era isto que ele contava. **21.3.** Sobre a chamada muralha sul da Acrópole, que se prolonga até ao teatro, há uma cabeça dourada da Górgona Medusa, envolta numa égide.[411] Na parte alta do teatro, nas rochas subjacentes à Acrópole, há uma gruta, encimada por uma trípode,

[407] *Vide supra* 1.2.2 e nota respetiva. Em 1862, os arqueólogos identificaram o pedestal sobre que esta estátua se encontrava, com a indicação dos seus autores, os filhos de Praxíteles, Cefisódoto e Timarco (primeiros anos do séc. III a.C.).

[408] As estátuas dos dois trágicos foram erigidas por Licurgo, c. 330 a.C.

[409] Cf. *Vida de Sófocles* 15. O fascínio do canto das Sereias está consagrado desde Homero (*Odisseia* 12.39-54, 12.158-200). Sófocles morreu c. 406-405 a.C., o mesmo ano em que os Lacedemónios penetraram em definitivo na Ática, para derrotarem Atenas no ano seguinte.

[410] *Vide supra* 1.14.5, 1.15.3 e notas respetivas.

[411] A égide, feita com a pele da cabra Amalteia, era uma insígnia protetora de Zeus e de Atena. Trata-se de uma oferenda do rei Antíoco IV Epífanes (*vide infra* 5.12.4).

em que estão Apolo e Ártemis a matar os filhos de Níobe.[412] Esta Níobe, eu próprio a vi quando subi ao monte Sípilo.[413] Trata-se de um penedo escarpado que, visto de perto, não tem nenhuma semelhança com uma mulher, em sofrimento ou seja no que for. Mas se nos afastarmos um pouco mais, parece que se vê uma mulher em pranto e de cabeça baixa.

21.4. Quando se segue para a Acrópole de Atenas a partir do teatro, encontra-se o túmulo de Calo. Dédalo matou este Calo, filho da sua irmã e seu discípulo, e escapou para Creta;[414] tempos depois foi refugiar-se na Sicília, junto de

[412] Níobe, mulher de Anfíon de Tebas, foi punida por um ato de *hybris.* Orgulhosa dos seus muitos filhos, 7 rapazes e 7 raparigas, ousou desvalorizar a maternidade de Leto, limitada a dois, Apolo e Ártemis (*vide supra* 1.18.5 e respetiva nota). Por isso os dois deuses foram encarregados de lhe dizimar os filhos, mergulhando-a numa dor infinita. Níobe refugiou-se então no monte Sípilo, morada do seu pai Tântalo, onde Zeus, apiedado, a converteu em estátua que ainda se podia ver chorando copiosamente; cf. Graves (1977) I.258-60. Talvez um dos tratamentos literários mais expressivos deste mito tenha sido a tragédia de Ésquilo, *Níobe,* de que Aristófanes, *Rãs* 911-3 recorda ainda o impressionante silêncio na abertura da peça; a mesma impressão é confirmada pela *Vida de Ésquilo*, p. 3, 10, que descrevia: "Na *Níobe*, até ao terceiro episódio, a heroína ficava sentada sobre o túmulo dos filhos, de rosto velado, sem dizer palavra" (cf. ainda *schol.* Ésquilo, *Prometeu* 436, Eustácio, *Odisseia* p. 1941, 1, *Ilíada* 1343, 62). Sobre esta produção de Ésquilo, *vide* Silva ([2]1997) 192-3.

[413] *Vide supra* 1.20.5 e nota respetiva. Já a *Ilíada* 24.614-7 faz referência a esta pedra do monte Sípilo, na Lídia, que sugeria a imagem de uma mulher chorosa identificada com Níobe; cf. ainda *infra* 8.2.7. Muito provavelmente esta era uma região relacionada com a origem do próprio Pausânias.

[414] Embora o pai e mãe de Dédalo variem de acordo com os diferentes testemunhos, é-lhe sempre reconhecido o parentesco com a casa real de Atenas (*vide infra* 9.3.2). Quando o seu sobrinho e discípulo Calo se mostrou capaz de o ultrapassar na metalurgia, em que Dédalo era considerado exímio, este, por ciúmes, matou-o e exilou-se em Creta para escapar ao castigo. Recebido a princípio com muita satisfação por Minos, acabou por cair em desgraça pela colaboração que deu aos amores de Pasífae com o touro. Foi-lhe então necessário construir um par de asas para escapar de Creta a caminho da Sicília (*vide infra* 9.11.4).

Cócalo. O templo de Asclépio[415] é notável pelas estátuas, do deus e dos filhos, e pelas pinturas. Nele há uma fonte, junto da qual – ao que se conta – Halirrótio, filho de Posídon, violou Alcipe, a filha de Ares, e foi morto por este. Este crime produziu um processo, o primeiro do género.[416]

21.5. Lá está também, entre outras coisas, uma couraça saurómata;[417] perante ela, fica provado que os bárbaros não são menos industriosos do que os Gregos. Os Saurómatas

---

Voltou a ser aí recebido com grande apreço pelo rei Cócalo, da cidade de Cámico, na região de Agrigento, a cujo serviço fez valer os seus talentos em múltiplas construções; cf. Graves (1977) I.311-8. Foi até lá que Minos o perseguiu, mas, mesmo depois de se garantir que ele ali se encontrava, não conseguiu que lho entregassem; pelo contrário, as filhas de Cócalo optaram por eliminar Minos de preferência a prescindirem do encanto das obras de Dédalo. Este mito terá inspirado Sófocles a compor uma tragédia cujo título – *Dédalo* ou *Minos* – é motivo de discussão. Claro é que Aristófanes lhe dedicou a última das suas comédias – *Cócalo* –, que talvez fosse também uma paródia da versão trágica de Sófocles. Ao que parece, a intriga assentava na ideia de que uma das filhas de Cócalo, apaixonada por Dédalo, solicitava do pai que eliminasse Minos. Sobre o assassínio de Calo, *vide infra* 7.4.5-7. É de registar como Pausânias aceita, na consideração de algumas obras de arte, a autoria de uma figura puramente mítica como Dédalo.

[415] Situado entre os dois teatros, o de Dioniso e o Odeón de Herodes Ático. O mito atribuía a Asclépio, o deus da saúde, 5 filhas e 3 filhos, cujos nomes os relacionavam com a mesma ideia de saúde e terapia: Panaceia ("Curadora de todos os males"), Higia ("Deusa da saúde"), Iaso ("Deusa dos remédios e da cura"), Aceso ("Deusa da convalescença"), Egle ("Deusa do resplendor"), Telésforo ("Deus da recuperação"), Podalírio e Macáon (nomes de médicos lendários divinizados; cf. *Ilíada* 2.732, 11.833).

[416] O julgamento, assumido por um júri divino, decorreu na chamada 'colina de Ares', ou seja, Areópago. Este é, portanto, um mito etiológico em relação ao Areópago e ao seu tribunal. Cf. Eurípides, *Electra* 1258-62, Apolodoro 3.14.2; Graves (1977) I.73-4.

[417] Sobre os Saurómatas, cf. Heródoto 4.21, 4.110-7. Este mesmo autor situa-os já fora dos limites da Cítia, na direção nordeste, no sentido da Ásia Central – ou seja, da margem esquerda do rio Don até ao Volga, e do mar de Azov à zona montanhosa da província de Saratov. Os Saurómatas são um povo de origem irânica, praticantes de um regime nómada de vida e ativos na pastorícia.

não são produtores de ferro, nem o importam, porque são, entre os bárbaros, os que menos contactos estabelecem. Eis o que engendraram para superar essa dificuldade. Em vez de ferro, nos dardos usam pontas de osso, os arcos e as flechas fazem-nos de madeira de corniso, estas últimas com pontas de matéria óssea. Investem contra os inimigos com cordas, e, quando conseguem apanhá-los, intercetam-lhes os cavalos e com as cordas derrubam-nos. **21.6.** As couraças fazem-nas da maneira seguinte. Todos eles são grandes criadores de cavalos, já que não repartem o território em talhões privados, nem a terra produz mais do que uma vegetação selvagem, porque são nómadas. Servem-se dos cavalos não apenas na guerra, mas também para sacrificarem aos deuses locais e como produto alimentar. Juntam os cascos, limpam-nos, talham-nos e fazem com eles uma espécie de escamas de serpente. Quem nunca viu uma serpente, viu com certeza uma pinha de alepo ainda verde, e não erra se comparar as lascas dos cascos com essas escamas. Então perfuram-nas, cosem-nas umas às outras com fibras de cavalos ou de bois, e usam-nas como couraças, que não são menos elegantes nem menos resistentes do que as dos Gregos. A verdade é que resistem aos golpes na luta corpo a corpo e aos projéteis. **21.7.** As couraças de linho não são igualmente úteis para o combate, porque com um golpe forte o ferro perfura-as. Quando usadas na caça, porém, partem os dentes dos leões e dos leopardos. Pode ver-se couraças de linho oferecidas noutros templos, por exemplo em Grínia,[418] onde existe um bosque sagrado a Apolo lindíssimo, com árvores de

[418] Este bosque sagrado a Apolo situava-se na Eólia, junto da cidade de Grínia (cf. Virgílio, *Bucólicas* 6.72-3); cf. a enumeração de cidades eólicas da Ásia Menor, colonizadas por Gregos, feita por Heródoto 1.149.1.

cultivo, e outras que, mesmo se estéreis, são um prazer para o olfato e para a vista.

1.22.1. *Na subida para a Acrópole*

A seguir ao santuário de Asclépio, quem toma esse caminho para a Acrópole encontra um templo de Témis,[419] diante do qual foi erguido um memorial de Hipólito. Ao que se conta, a morte dele foi causada por maldições. É conhecida, até de um bárbaro que tenha aprendido grego, a paixão de Fedra e a ousadia da Ama posta ao seu serviço.[420] Há também

[419] Hesíodo (*Teogonia* 16, 135, 901-6) considera-a uma Titânide, filha da Terra e do Céu, que se tornou, juntamente com Zeus, progenitora das estações e dos fados. Algumas versões identificam-na como mãe de Prometeu (cf. Ésquilo, *Prometeu agrilhoado* 18). Mas é sobretudo como deusa da lei que ficou conhecida. Musti (1982) XXXI sugere algumas fontes perdidas, usadas por Pausânias, para a descrição da Acrópole de Atenas, como por exemplo, Pólemon de Ílion (séc. II a.C.).

[420] Certamente que a popularidade desta versão da história de Fedra se ficou a dever em boa parte a Eurípides, que dela compôs duas tragédias, *Hipólito Velado* e *Hipólito Coroado*. Já Aristófanes dá conta dela, ao lembrar as heroínas escandalosas do poeta das Fedras, Estenebeias e Melanipas (cf. *Tesmofórias*, 497-8, 544-50, *Rãs* 1049-52). É semelhante o destino que aproxima Fedra de Estenebeia; mulheres casadas, numa fase da vida já madura, conceberam por um jovem um amor adúltero, que, por não obter correspondência, as incita à denúncia do amante renitente. Assim Fedra, ao ver-se repudiada pelo enteado, Hipólito, acusou-o ao marido como responsável por um atentado contra o seu pudor; indignado, Teseu acionou uma maldição e provocou a morte dolorosa do filho que julgava culpado. Sobre o tratamento deste mito em Eurípides, *vide* Silva (2005) 167-93. Pausânias é também sensível ao efeito da figura da Ama, que Eurípides consagrou como colaboradora e cúmplice da paixão da senhora; e talvez se possa mesmo afirmar que, dos dois *Hipólitos* euripidianos, é o segundo que tem em mente, onde o papel da Ama parece ter sido mais relevante, perante uma maior fragilidade no perfil de Fedra; é agora a serva que assume a declaração de amor a Hipólito, provavelmente feita de viva voz pela rainha no *Hipólito Velado*, e estimula a senhora a pôr de lado limites morais e a dar largas à paixão. Mas Eurípides estava a renovar um mito referido desde muito cedo na literatura grega; assim, a *Odisseia* (11.321-5) cita,

um túmulo de Hipólito em Trezena, onde se conta a história seguinte. **22.2.** Quando Teseu se preparava para casar com Fedra, por não querer, se viesse a ter filhos, que Hipólito lhes ficasse subordinado, ou que fosse rei em prejuízo deles, o enviou a Piteu, para que o criasse e fizesse dele rei de Trezena.[421] Tempos mais tarde, Palante e os filhos[422] insurgiram-se contra Teseu, que, depois de os ter matado, se dirigiu a Trezena para se purificar. Foi lá que, pela primeira vez, Fedra viu Hipólito; perdida de amor, tramou a morte dele. Em Trezena existe um mirto com as folhas totalmente perfuradas. Ao que se diz, nem sempre foi assim, mas esses furos teriam sido feitos por Fedra que, na dor da paixão, as perfurava com os ganchos do cabelo. **22.3.** Afrodite Pandemos,[423] quando Teseu reuniu

---

entre as mulheres que Ulisses encontrou na sua visita ao Hades, Fedra, ao lado de Prócris e Ariadne, ou seja, entre mulheres adúlteras ou infelizes no amor. Se a poesia lírica não valoriza este mito, a pintura dos séc. V e IV a.C. multiplica-lhe as representações. *Vide infra* 10.29.3 sqq., em que Pausânias recorda, na *Lesche* de Delfos, uma pintura em que Polignoto tinha traçado uma imagem do inferno semelhante à descrita na *Odisseia*. O entusiasmo dos pintores pelo mito de Fedra deve-se muito provavelmente à influência da tragédia.

[421] Piteu, o pai de Etra, a mãe de Teseu, era portanto avô de Hipólito. Daí a legitimidade de Teseu propor o filho como herdeiro do trono de Trezena. Sobre a relação de Teseu com Trezena, cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 3.5, 19.9, 36.5.

[422] Sobre a concorrência que os Palântidas – Palante era filho de Pandíon, e irmão de Niso, Lico e Egeu – opunham a Egeu e a Teseu pelo poder de Atenas, cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 3.7, 13.1-3. Esperançados em ocuparem o trono da cidade após a morte de Egeu – enquanto não tinha ainda herdeiros –, procuraram eliminar o opositor incómodo em que Teseu, nascido tardiamente, se tinha tornado. É ao reagir a uma emboscada dos 50 Palântidas, que Teseu sujou de sangue as mãos e por isso procurou a purificação em Trezena. *Vide infra* 1.28.10.

[423] "Padroeira de todos os *demos* ou de todo o povo, pública". O nome advinha-lhe, por um lado, de patrocinadora da fusão, mas também (cf. Herrero Ingelmo (1994) 139) do facto de o seu templo estar situado num mercado, lugar público por excelência. Cf. ainda Dickenson (2015) 724, que explora a discussão sobre a existência de

os Atenienses dos diferentes *demos* numa só cidade,[424] passou a ter um culto, bem como a Persuasão. As estátuas antigas já não existiam no meu tempo, mas aquelas que pude ver eram obra de artistas com uma certa fama. Existe também um templo da Terra Curótrofa e de Deméter Cióe.[425] Basta conversar com as sacerdotisas para se ficar a saber a razão dos nomes que as deusas usam.

22.4. O acesso à Acrópole faz-se por uma única entrada, não há outra possibilidade, porque toda ela é escarpada e cercada de muralhas robustas. O teto dos Propileus[426] é em mármore branco, e pela perfeição e tamanho dos blocos de mármore até aos dias de hoje não tem rival. Não sei dizer ao certo se as figuras dos cavaleiros representam os filhos de Xenofonte[427] ou se são simplesmente decorativas. À direita dos

---

uma 'antiga agorá', distinta da da época clássica, onde o povo fazia as suas assembleias, o que justificaria o epíteto. Ateneu 13.562d acrescenta outra explicação para este qualificativo, ao dizer que o templo foi construído por Sólon com dinheiro reunido pelas heteras. Cf. Platão, *Banquete* 181ª.

[424] *Vide supra* 1.3.3 e nota respetiva. Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 24.1. Esta primeira medida governativa tomada por Teseu foi aquela que mais o celebrizou: o sinecismo, ou seja, a fusão de todas as comunidades da Ática numa só cidade, de modo a que existisse um só Estado para um só povo. Numa forma ainda embrionária, o futuro imperialismo de Atenas começava a adivinhar-se, neste primeiro projeto de Teseu.

[425] "Terra alimentadora dos jovens" e "Deméter verdejante". A associação da Terra ateniense (Curótrofa, associada a Erictónio-Erecteu; *vide supra* 1.2.6 e nota respetiva) e Deméter Cióe (eleusínia), já no séc. VII a.C. traduz também uma mensagem política: a da integração de Elêusis no sinecismo ático nessa época já remota.

[426] Nome dado à entrada monumental situada do lado ocidental da Acrópole, obra do arquiteto Mnésicles (437-432 a.C.). O material usado é o mármore do monte Pentélico.

[427] Trata-se de duas estátuas equestres, hoje perdidas, que ladeavam a escada monumental de acesso à Acrópole. Inscrições preservadas (cf. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 198) identificam as duas estátuas como oferta dos cavaleiros feita após uma campanha (446 a.C.) dirigida por três hiparcos, um dos quais chamado Xenofonte. O artista foi Lício

Propileus está o templo da Vitória Áptera.[428] De lá pode ver-se o mar, e foi daí que – ao que consta – Egeu se precipitou e morreu. **22.5.** É que o navio que levou os jovens a Creta partiu com velas pretas, mas Teseu – quando embarcou confiante em matar o chamado Minotauro – tinha prometido ao pai usar velas brancas se regressasse vitorioso. Ora a perda de Ariadne[429] fê-lo esquecer a promessa. E então Egeu, ao ver o navio de velas pretas hasteadas, convencido de que o filho tinha morrido, atirou-se lá de cima e matou-se.[430] Existe em Atenas o chamado monumento heróico a Egeu.

22.6. Existe, à esquerda dos Propileus, um edifício com pinturas. Entre aquelas que não se apagaram com o tempo estão Diomedes e Ulisses, este em Lemnos a apropriar-se do arco de Filoctetes,[431] e aquele trazendo de Troia a estátua de

---

de Elêuteras, filho de Míron. Há um erro interpretativo da parte de Pausânias sobre a identificação deste Xenofonte, que ele confunde com o historiador e os filhos (*vide supra* nota 69).

[428] "Sem asas", provavelmente em função de uma estátua de Atena existente no seu interior e com esta caraterística (*vide infra* 3.15.7, 5.26.6). A associação da Vitória a asas é comum na arte clássica. O templo em causa é o geralmente designado por "de Atena *Nike*", à direita de quem ingressa na Acrópole. Calícrates foi o responsável técnico pela construção deste templo em estilo iónico.

[429] *Vide supra* 1.20.3 e nota respetiva.

[430] Sobre a aventura de Teseu em Creta, cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 15-23.

[431] Pausânias passa a descrever as pinturas da chamada Pinacoteca (que abrigava pinturas sobre madeira, πίνακες), à esquerda dos Propileus. Este é o episódio que inspirou Sófocles para o seu *Filoctetes* (409 a.C.). Segundo a tradição já conhecida de Homero (cf. *Ilíada* 2.718-25), Filoctetes, um herói originário da Tessália, teria sido mordido por uma víbora no santuário da ninfa Crise, como castigo por um crime de insolência. A enfermidade, que se tornou dolorosa e pestilenta, levou a que os companheiros de armas o abandonassem entregue à sua sorte na ilha de Lemnos, durante o trajeto para Troia. Mais tarde, vieram a saber que as armas invencíveis de Héracles, na posse de Filoctetes, bem como a presença do guerreiro, eram essenciais para se levar a bom termo a conquista de Troia. Consciente da ofensa feita a Filoctetes, Ulisses

Atena.[432] Lá está também representado Orestes a matar Egisto, e Pílades a liquidar os filhos de Náuplio que tinham vindo em socorro de Egisto.[433] Perto do túmulo de Aquiles está Políxena

---

percebeu que só pelo engano se poderia apropriar das armas e convencer o inimigo a acompanhá-lo; para isso tentou aliciar, como seu aliado, Neoptólemo, o filho de Aquiles. Durante uma crise de dor, ambos, já de posse das armas, pensam escapar. É essa a intenção traiçoeira de Ulisses a que, no entanto, Neoptólemo, em nome dos bons princípios, renuncia. Só uma aparição de Héracles demove, enfim, Filoctetes a seguir para Troia.

[432] Segundo a tradição, Troia sobreviveria enquanto mantivesse a salvo as estátuas dos seus deuses protetores, entre os quais Atena (cf. Dioniso de Halicarnasso 1.68.4). Durante a campanha, Diomedes e Ulisses infiltraram-se na cidadela, de noite, e roubaram a estátua da deusa que levaram para os navios argivos. Este episódio estava já presente no ciclo épico (*Pequena Ilíada* Arg. 1.15-8 Bernabé) e posteriormente teve várias ocorrências: Pseudo-Eurípides, *Reso* 498-502, Quinto de Esmirna, *Pós-homéricos* 10.353-7, Virgílio, *Eneida* 2.162-79, 13.339. Cf. Liapis (2012) 205-7.

[433] Segue-se o bem conhecido episódio da vingança da morte de Agamémnon, levada a cabo por seu filho, Orestes. A *Odisseia* já consagrava Orestes como o vingador da memória do pai (3.196-8) e Egisto como o alvo incontornável do golpe vingativo (cf. ainda 1.29-30, 1.40-1, 3.198, 306, 4.546-7), sendo o papel de Clitemnestra na versão épica menos claro. É certo que, após a vingança, o jovem príncipe "deu sepultura a essa mãe odiosa e ao cobarde Egisto" (3.309-10), sem no entanto que, em Homero, a responsabilidade pelo matricídio ganhe prioridade no ato de Orestes. A deusa Atena contribui para o significado omisso desta responsabilidade, ao apresentar Orestes a Telémaco como um exemplo de filho leal, defensor da dignidade paterna, que o príncipe de Ítaca deve seguir no confronto com os pretendentes que assolam a sua corte (1.298-302; cf. 1.29-30). O matricídio certamente não poderia fazer parte deste quadro. Este episódio teve mais tarde uma enorme repercussão na tragédia, estando presente em peças conservadas de todos os grandes autores: *Coéforas* de Ésquilo e as *Electras* de Sófocles e Eurípides. Em todas as criações trágicas a vingança penaliza os dois cúmplices na morte do rei de Micenas, a mulher, Clitemnestra, e o amante, Egisto. A pintura a que Pausânias se refere exclui o matricídio, mas inclui a intervenção dos filhos de Náuplio, um herói de tradição argiva, pai de Éax e Palamedes. Enfurecido com a condenação à morte de que Palamedes tinha sido vítima por intrigas no acampamento aqueu em Troia, Náuplio passou a incentivar as esposas dos seus inimigos ao adultério. Esta foi uma oportunidade que Egisto aproveitou para

no momento em que vai ser sacrificada.[434] Homero fez bem em omitir um ato tão cruel. Parece-me que teve também razão quando disse que Aquiles tomou Ciro,[435] em vez de o representar em Ciro – como outros, caso de Polignoto,[436] fizeram – no meio das moças. Foi ele que pintou também Nausícaa, junto ao rio a lavar a roupa com as companheiras, e Ulisses diante delas, de acordo com igual versão de Homero.[437] **22.7.** Há ainda outros motivos nas pinturas: Alcibíades com os galardões da vitória obtida em Némea, na corrida de cavalos;[438]

---

se tornar amante de Clitemnestra e mesmo para planear a morte de Agamémnon no seu regresso. Cf. Graves (1977) II.52-3.

[434] O sacrifício de Políxena, uma das princesas troianas filha de Príamo e Hécuba, sobre o túmulo de Aquiles por exigência do herói, era já referido em poemas do ciclo épico, em *Saque de Troia* de Arctino, por exemplo (cf. Proclo, *Crestomatia*, p. 108, 6-8 Allen). Na tradição lírica, Íbico dava a Neoptólemo, o filho de Aquiles, o papel de sacrificador (*schol.* Eurípides, *Hécuba* 41 = Íbico fr. 26 Page; cf. ainda Simónides fr. 52 Page). A tragédia interessou-se também pelo tema. Sófocles foi autor de uma *Políxena* (frs. 522-8 Radt), cujo conteúdo nos é praticamente desconhecido; e Eurípides tratou com minúcia o episódio em *Hécuba* 37-44, 107-437, 518-628, além das alusões que lhe faz em *Troianas* 261-70, 622-7. A sugestão de que Aquiles reivindicasse na morte a pretensão frustrada à mão de Políxena é uma versão helenística. Cf. ainda Séneca, *Troianas* 195, 942-4. Sobre a tradição do sacrifício de Políxena, *vide* Conacher (1967) 145-51, Hughes (1991) 61-2. Polignoto tinha representado esta mesma cena na *Lesche* dos Cnídios, em Delfos (*vide infra* 10.25.10).

[435] Era Licomedes rei da ilha de Ciro (*vide supra* 1.17.6 e nota respetiva), quando acolheu, disfarçado de mulher e incluído entre as suas filhas, Aquiles, que a deusa Tétis, mãe do herói, numa tentativa de o proteger de uma morte prevista em Troia, procurava esconder. Foi de uma relação então estabelecida entre Aquiles e Deidamia, uma das jovens, que nasceu Neoptólemo (cf. Sófocles, *Filoctetes* 239-44, 326). *Ilíada* 9.668 já refere esta relação de Aquiles com a ilha. Cf. Graves (1977) II.280.

[436] Sobre Polignoto, *vide supra* 1.18.1.

[437] *Odisseia* 6.127-41.

[438] Plutarco, *Vida de Alcibíades* 16.7 fala de uma pintura de Aristofonte, em que a deusa Nemeia (a personificação da cidade) sustentava Alcibíades nos braços, sentado, como uma forma de glorificação do

Perseu que se dirige a Serifos, para levar a Polidectes a cabeça de Medusa[439] (o motivo de Medusa não pretendo incluí-lo a propósito da Ática). Entre estas pinturas, além de um garoto com uma bilha e o lutador pintado por Timéneto,[440] está ainda Museu.[441] Eu consultei uns versos em que se dizia que Museu tinha recebido de Bóreas o dom de voar, versos esses, julgo eu, de Onomácrito;[442] de facto nada existe que seja garantidamente

---

Alcmeónida. Ateneu 534 d-e fala de um pintor de nome Aglaofonte, sobrinho de Polignoto, e informa de que ele teria pintado duas vezes Alcibíades. Plutarco refere ainda outras vitórias conseguidas por Alcibíades nos jogos olímpicos (11-12).

[439] Perseu era filho de Dánae, fecundada por Zeus sob forma de chuva de ouro. Desconfiado desta paternidade, Acrísio, o pai de Dánae, fechou a filha e o neto recém-nascido numa caixa de madeira e lançou-a ao mar. Levada pelas ondas, a arca foi dar à ilha de Serifos, uma das Cíclades, onde um pescador a retirou das águas e, ao aperceber-se do conteúdo, entregou Dánae e Perseu ao rei da ilha, Polidectes; este assumiu então a criação do jovem. Mais tarde, ao serviço de Polidectes – que assediava a mãe –, Perseu cometeu a proeza de cortar a cabeça de Medusa, com a ajuda da deusa Atena. Ao regressar a Serifos com o seu troféu, e ao dar-se conta da violência de que Dánae era vítima, Perseu procurou Polidectes e, mostrando-lhe a cabeça de Medusa que tinha o poder de petrificar quem a olhava, transformou-o em pedra. Entregou depois a cabeça da Górgona a Atena, que passou a usá-la no escudo. Cf. Graves (1977) I.238-45. Pausânias regressa a este mito *infra* 2.21.5-6.

[440] Pintor desconhecido.

[441] *Vide supra* 1.14.3 e nota respetiva.

[442] Poeta ateniense do séc. VI a.C., que reuniu os oráculos atribuídos a Museu e a Orfeu. Foi também autor de poemas órficos de temática cosmogónica. Em 7.26.13, Pausânias alude àqueles que foram encarregados por Pisístrato de reestruturar os Poemas Homéricos, entre os quais podia estar Onomácrito. Heródoto 7.6.3, por sua vez, refere Onomácrito como um adivinho ateniense encarregado de compilar os oráculos de Museu. No entanto, surpreendido a fazer interpolações nos oráculos com intuitos políticos, foi expulso de Atenas por Hiparco, filho de Pisístrato (*vide supra* 1.8.5 e nota respetiva). Parece ser também a uma interpolação que Pausânias aqui se refere.

de Museu a não ser um hino a Deméter composto para os Licómidas.[443]

22.8. Já propriamente na entrada da Acrópole, está um Hermes a que chamam dos Propileus, e as Graças, obra, segundo a tradição, de Sócrates, filho de Sofronisco.[444] De acordo com o testemunho da Pítia, este foi o mais sábio dos homens, uma honra que nem Anacársis[445] teve apesar de o desejar e, com esse objetivo, ter vindo a Delfos.

1.23.1. *Os Sete Sábios*

Segundo a tradição grega, houve sete sábios;[446] entre eles – ao que consta – figuram o tirano de Lesbos e Periandro, filho

---

[443] Uma família muito tradicional da Ática, que se dizia descendente de Lico, filho de Pandíon. Era proprietária de um santuário em Flias, onde se realizavam cultos mistéricos provavelmente associados com Deméter (cf. Plutarco, *Vida de Temístocles* 1.4, e ainda *infra* 1.31.2, 4.1.5-7, 9.30.12).

[444] Esta tradição que fazia de Sócrates o autor de uma estátua das Graças era, já na Antiguidade, muito controversa. *Vide infra* 9.35-7, Plínio, *História Natural* 36.32. Célebre se tornou também a resposta dada pela Pítia, em Delfos, a Querefonte, um filósofo e discípulo de Sócrates (cf. Aristófanes, *Nuvens* 144-6). Supreendido com o seu muito saber, Querefonte recebeu do oráculo a confirmação de que Sócrates era de facto o homem mais sábio do mundo, reputação essa que o próprio repudia em Platão, *Apologia* 21 a-b.

[445] Um dos Sete Sábios, proveniente da Cítia (séc. VI a.C.). Cf. Heródoto 4.76-7, Plutarco, *Vida de Sólon* 5.1-6. Em volta desta personagem amontoaram-se lendas, dentro de um perfil que se manteve mais ou menos constante: o de um bárbaro sensato e superior, que fez inúmeras viagens numa tentativa de conhecer o mundo. Heródoto faz sobressair o seu entusiasmo pelos costumes gregos, também referido por Diógenes Laércio 1.103. Cf. Leão (2003) 36-7, (2019) 57-70.

[446] De acordo com os diversos testemunhos da Antiguidade, os nomes dos Sete Sábios – figuras de prestígio político e cultural do séc. VI a.C. – não são constantes (cf. Plutarco, *Banquete dos Sete Sábios*, Higino, *Fábula* 221, Diógenes Laércio 1.40-1, 1.141-2, Diodoro Sículo 9.10.1). A menção mais antiga a uma lista de Sábios ocorre em Platão, *Protágoras* 342e-343b; aí se refere as suas caraterísticas comuns: uma

de Cípselo, ainda que Pisístrato e o seu filho Hípias fossem muito mais humanos e mais competentes em assuntos de guerra e em tudo o que se refere à governação – se bem que, a partir da morte de Hiparco, Hípias se insurgiu contra tudo e contra todos, a começar por uma mulher de nome Leena.[447]
23.2. Mulher esta que, após a morte de Hiparco (o que vou dizer não está escrito em lado nenhum, mas é reconhecido pela maioria dos Atenienses), Hípias torturou até à morte, por

---

educação de tipo lacedemónio, a autoria de fórmulas sucintas de grande alcance ético ou cultural, a relação com Delfos, onde as suas sentenças foram inscritas e disponibilizadas a todo o mundo grego. No entanto, já antes, Heródoto tinha referido várias dessas figuras, valorizando a sua influência sobretudo junto de soberanos. Os aqui expressamente referidos por Pausânias são Pítaco de Mitilene e Periandro de Corinto. Pítaco (c. 640-568 a.C.) foi tirano de Lesbos (referência a Pítaco é feita em Heródoto, 1.27.2-5). Do seu saber, Platão (*Protágoras* 343b-344b) recorda a célebre máxima "é difícil ser bom". Fez reformas no sentido de reduzir o poder da aristocracia e manter um equilíbrio social, o que lhe granjeou o apoio popular. Teve fama de legislador e foi capaz, cumprida a sua missão política, de se retirar do poder (cf. Platão, *Protágoras* 338e-347a, *Hípias Maior* 281c, *República* 335e, Diógenes Laércio 1.75). Por sua vez Periandro governou Corinto entre os séculos VII-VI a.C., sucedendo ao pai, Cípselo. Segundo o testemunho de Heródoto (1.20.1, 1.23-4, 3.48-53, 5.92 ζ 1-η 5), a cidade de Corinto, no tempo de Periandro, dava sinais de clara prosperidade, com o seu templo de Apolo e os pórticos da ágora, onde fervilhava um comércio vivo, ainda que o seu governante não se exima de responsabilidade por algumas violências. Outras fontes, porém, associavam-lhe uma maior moderação, permitindo a sua inclusão entre os Sete Sábios. Cf. Leão (2003) 23-41.

[447] *Vide supra* 1.8.5 e nota respetiva. A propósito de outras tradições sobre a figura de Leena e dos seus relacionamentos amorosos, cf. Plutarco, *Obras Morais* 505e, Ateneu 13.70, Plínio, *História Natural* 7.87, 34.72. O que a celebrizou foi o silêncio que manteve sob tortura a respeito dos implicados no tiranicídio. Por isso, a estátua em forma de leoa, obra de Anfícrates – em homenagem ao próprio nome da mulher, Leena – sugeria o vigor da homenageada, além de ter sido feita sem língua em memória da sua disposição de cortar a própria língua para garantir o silêncio. Para maior informação sobre os testemunhos relativos a Leena, cf. Pimentel (2015) 887-93.

imaginar que, pela relação que ela mantinha com Aristogíton, não haveria de desconhecer os seus planos. Como recompensa, quando se viram livres da tirania dos filhos de Pisístrato, os Atenienses consagraram a esta mulher uma leoa de bronze. Junto dela está uma estátua de Afrodite, que se diz ser uma oferenda de Cálias e obra de Cálamis.[448]

23.3. Lá perto está uma estátua de bronze de Diítrefes,[449] crivada de flechas. Sobre este Diítrefes, das diversas histórias que os Atenienses contam, diz-se que foi encarregado de repatriar uns mercenários trácios, que, por terem chegado depois da partida de Demóstenes para Siracusa,[450] não puderam embarcar. Diítrefes levou-os pelo Euripo de Cálcis[451] até à Beócia central onde fica a cidade de Micalesso.[452] Aí ele subiu,

---

[448] Cálias foi um político do séc. V a.C. (*vide supra* 1.8.2), combatente em Maratona. Distinguiu-se como vencedor olímpico e pítico nas corridas de cavalos e de carros. Era conhecido como um dos homens mais ricos de Atenas; cf. Heródoto 6.121-2, 7.151. É na sua casa que decorre o *Protágoras* de Platão. Sobre Cálamis *vide supra* 1.3.4 e nota respetiva. No entanto, esta estátua, que se situava do lado oriental dos Propileus, parece ter sido de facto obra de Anfícrates (séc. VI a.C.; Plínio, *História Natural* 34.72).

[449] Este é um episódio narrado por Tucídides em 7.27.1-2, 7.29 (cf. ainda 8.64.2), a respeito de Diítrefes, um oligarca. Tucídides insurge-se vivamente contra o barbarismo do invasor, e principalmente contra a chacina de todas as crianças de uma escola. A comédia retrata-o como um cretino, ambicioso e sem escrúpulos (cf. Aristófanes, *Aves* 798-800, Cratino, fr. 251 K.-A., Platão Cómico, fr. 30 K.-A.). Desempenhou funções de comandante de cavalaria em 414 a.C., momento a que esta narrativa se refere.

[450] Trata-se da campanha empreendida pelos Atenienses na Sicília, entre 415-413 a.C. (*vide supra* 1.11.7 e nota respetiva); cf. Tucídides 7.16.2-1.17.1, 7.20.2-3.

[451] Euripo é a designação que se dá a um estreito caraterizado por uma corrente forte. Aplicou-se como topónimo ao estreito que separa a ilha de Eubeia da Beócia.

[452] Micalesso situava-se a noroeste de Tânagra, na Beócia. Foi apanhada desprevenida e desguarnecida para enfrentar a invasão. Tebas, que mantinha o controle sobre as cidades beócias, não deveria favorecer

vindo da costa, e tomou-a. Então os Trácios chacinaram o povo de Micalesso, não só os combatentes, mas também as mulheres e crianças. Eis aqui, na minha opinião, a prova. As cidades beócias que os Tebanos destruíram, todas elas, no meu tempo, tinham sido reconstruídas, por os seus habitantes terem escapado à destruição. Logo, se os bárbaros não tivessem matado todo o povo de Micalesso, também ela teria sido reocupada pelos sobreviventes. **23.4.** Constituiu para mim uma surpresa esta imagem de Diítrefes crivada de flechas, porque entre os Gregos – tirando os Cretenses – não é habitual o uso de arcos. De facto, sabemos que os Lócrios de Opunte, já ao tempo das guerras pérsicas, usavam armamento de infantaria, enquanto, na versão de Homero, compareceram em Troia com arco e fundas.[453] Nem mesmo os Málios[454] preservaram o uso de arcos. Estou convencido de que o não conheciam antes de Filoctetes, e que deixaram de o usar pouco tempo depois. Perto de Diítrefes – passando adiante as estátuas menos relevantes – há imagens de deuses: Higia,[455] que dizem ser filha de

esse robustecimento defensivo, inconveniente aos seus propósitos de supremacia.

[453] *Ilíada* 13.712-8. A Lócrida dividia-se numa região oriental, chamada Opúncia, e noutra ocidental ou Ozólia (cf. Estrabão 9.4.1). A primeira estendia-se em volta do Golfo de Mália e do Desfiladeiro das Termópilas, e a outra em torno do Golfo de Corinto. A capital dos Lócrios Opúncios era Opunte, enquanto a dos Lócrios Ozólios era a cidade portuária de Naupacto. Homero já incluía os Lócrios, sob o comando de Ájax, filho de Oileu, no catálogo das naus (*Ilíada* 2.527-35); Heródoto (7.203.1, 8.1-2, 8.66.2, 9.31.5) relata as posições por eles adotadas na resistência à invasão persa; e mais tarde Tucídides refere os Lócrios Opúncios como inimigos dos Atenienses e aliados dos Lacedemónios na guerra do Peloponeso (1.108.3, 2.9.2, 2.26.1-2).

[454] Povo da Tessália de que Filoctetes era rei (cf. Sófocles, *Filoctetes* 4-5). Como barreiras geográficas esta região tem o golfo Malíaco, o rio Esperquio e o monte Eta. Sobre Filoctetes, *vide supra* 1.22.6 e nota respetiva.

[455] *Vide supra* 1.21.4 e nota respetiva.

Asclépio, e de Atena, com o epíteto ela também de Higia.[456] **23.5.** Há ainda uma pedra suficientemente grande para permitir que um sujeito de pequena estatura se sente. Foi nela, ao que se diz, que, quando Dioniso veio para esta região, o Sileno repousou.[457] É aos Sátiros já avançados na idade que se dá o nome de Silenos. A respeito dos Sátiros e da sua identidade, no intuito de conhecer o assunto melhor do que outros, ouvi depoimentos de muita gente. E eis o que me disse Eufemo, um sujeito da Cária:[458] que, ao navegar para a Itália, devido aos ventos perdeu o rumo e foi arrastado para o mar exterior, fora das rotas marítimas. Dizia ele que lá havia muitas ilhas desertas, mas algumas habitadas por povos selvagens. **23.6.** Os marinheiros não queriam aproximar-se destas ilhas, por já antes terem atracado em algumas e terem experiência dos moradores; mas também desta vez foram forçados a fazê-lo.

[456] Plutarco, *Vida de Péricles* 13.13 justifica este epíteto de Atena com um episódio ocorrido durante as obras de reconstrução da Acrópole desencadeadas pelo célebre estadista. Um operário, gravemente ferido após uma queda de um plano alto da obra, quando já desenganado pelos médicos, foi milagrosamente restabelecido. Daí Péricles inferiu que a deusa colaborava ativamente na reconstrução da sua cidadela sagrada. Fez então erigir uma estátua de bronze a Atena Higia, a deusa da cura. Pérez Jiménez (1996) 449 associa com este episódio a base semicircular de uma estátua, encontrada junto aos Propileus, com a inscrição "Os Atenienses a Atena Higia. Fê-la Pirro de Atenas" (*IG* I^2 395).

[457] *Vide supra* 1.2.5 e nota respetiva. Os Sátiros eram imaginados como acompanhantes de Dioniso e criaturas selvagens associadas com paisagens não urbanas. Eram representados como seres híbridos, porque humanos mas com caudas de cavalo e/ou patas de bode. Foram sempre considerados como lúbricos. Relacionados com os Sátiros, os Silenos eram considerados mais velhos e, por isso, mais sábios.

[458] As viagens extraordinárias de Eufemo da Cária tornaram-se conhecidas durante o séc. VI a.C. Já num vaso dessa época está representado este encontro de Eufemo com os Sátiros, no "mar exterior" (= Atlântico), o que poderá abonar da popularidade do episódio. Cf. Gozalbes Cravioto (2003) 278.

A estas ilhas os marinheiros chamavam Satíridas, e os seus habitantes são bronzeados e têm nos flancos caudas não muito menores do que as dos cavalos. Quando os viram, correram para os navios, sem emitir qualquer som, e atiraram-se às mulheres a bordo. Por fim, os marinheiros, atemorizados, desembarcaram na ilha uma mulher bárbara; então os Sátiros, não só tiraram dela prazer de forma natural, como lhe atacaram o corpo inteiro.

23.7. Houve outras coisas que vi na Acrópole de Atenas: um menino em bronze com um aspersor, feito por Lício, filho de Míron,[459] e um Perseu depois de vencer a Medusa, obra de Míron. Há também um templo de Ártemis Braurónia, cuja imagem é de Praxíteles[460] e cujo nome lhe vem do *demos* de Bráuron. Está em Bráuron a estátua de madeira original, que se diz ser Ártemis da Táuride.[461] **23.8.** Entre as oferendas, há

[459] Míron é um escultor da primeira metade do séc. V a.C. (ativo entre 480-440 a.C.), que conta, entre os seus temas favoritos, além de episódios míticos, a representação de atletas. Através de cópias, conhecemos duas das suas obras mais célebres: o Discóbolo ("o lançador do disco"), e Atena e Mársias, esta uma estátua originalmente em madeira que se encontrava na Acrópole de Atenas. Aqui Pausânias testemunha outro motivo tratado por Míron, a aventura de Perseu, o vencedor da Medusa (*vide supra* 1.22.7 e nota respetiva). A representação do "menino com o aspersor" tem a ver com um ato ritual (cf. Plínio, *História Natural* 34.79).

[460] *Vide supra* 1.2.3 e nota respetiva.

[461] A associação do mito do sacrifício de Ifigénia com Ártemis e o exílio da jovem entre os Tauros é já conhecido dos *Poemas Cíprios.* Mas sem dúvida é de Eurípides, *Ifigénia entre os Tauros*, a versão que em definitivo consagrou esta lenda. Ora as determinações dadas aos dois filhos de Agamémnon por Atena *ex machina* no fecho desta peça (1446-72) são fundamentais para o conhecimento do mito e sua articulação com o culto de Ártemis em Bráuron: Orestes deve, no regresso à Grécia, dirigir-se a um lugar remoto da Ática e aí construir um templo para instalar a estátua da deusa resgatada à barbárie; esse templo e o culto que ele abriga passará a usar o nome de Táurico e a deusa aí celebrada o epíteto de Taurópola. Por sua vez Ifigénia deverá tornar-se a guardiã do templo de Ártemis em Bráuron. Tem sido discutido se as

um cavalo de bronze, chamado "de pau". Que esta obra de Epeu fosse uma artimanha para penetrar nas muralhas é o que pensa quem faz dos Frígios uma gente completamente estúpida. Segundo a tradição, os Gregos mais valentes ter-se-ão metido dentro desse cavalo, e a sua representação em bronze está de acordo com essa versão. Dele vêm a sair Menesteu, Teucro e ainda os filhos de Teseu.[462] **23.9.** Ao cavalo seguem-se estátuas: de Epicarino,[463] vencedor na corrida com armas, obra de Crítias; quanto a Enóbio, foi louvável o seu gesto para

---

duas localidades são de facto independentes, ainda que vizinhas, ou simplesmente coincidem. A versão de Pausânias parece suportar esta segunda hipótese. Sobre as contingências a que esta estátua foi sujeita, em função da invasão persa da Grécia, *vide infra* 1.33.1, 3.16.8-9, 8.46.3. O culto de Bráuron, um dos mais antigos da Ática (talvez já do séc. VII a.C.), era feminino e vocacionado para as grandes etapas da vida da mulher: a adolescência e a maternidade. Na Acrópole, o templo de Ártemis Braurónia ficava do lado sudeste dos Propileus.

462 A lenda do 'cavalo de pau', alusiva ao artifício de que os Aqueus se serviram para, enfim, penetrarem nas muralhas de Troia, é aqui censurada como inconcebível. Contava-se que a sugestão desta artimanha teria sido dada por Atena e o cavalo construído por Epeu (cf. *Odisseia* 8.492-5, 11.523), um fócio, seguindo as instruções da deusa. De acordo com outra versão, Ulisses seria o autor da cilada, e certamente aquele que convenceu os mais valentes dos Aqueus a ocultarem-se, armados, dentro do bojo do cavalo (cf. *Odisseia* 4.271-89). Apesar da sua conhecida cobardia, Epeu acedeu a entrar também para o animal, tendo-se mantido junto da entrada. Entre esses heróis, que a escultura da Acrópole representava, estavam três guerreiros atenienses, Menesteu (*vide supra* 1.1.2 e nota respetiva) e os dois filhos de Teseu, Acamante e Demofonte (*vide supra* 1.1.4 e nota respetiva); Teucro, o salamínio, era também um vizinho próximo de Atenas (*vide supra* 1.3.2 e nota respetiva). Tratava-se, portanto, de recordar a célebre investida final contra Troia, e de louvar a valentia dos Atenienses desde tempos muito recuados. Cf. Graves (1977) II.330-6.

463 Atribuída a Crítias e Nesiotes, os mesmos artistas de uma das estátuas dos Tiranicidas (*vide supra* 1.8.5 e nota respetiva). A vitória de Epicarino ocorreu em 480 a.C.; da sua estátua foi identificada a base, nas escavações levadas a cabo na Acrópole, com uma inscrição identificativa (*IG* I^2 531). Cf. Lo Mónaco, La Rocca (2016) 35.

com Tucídides, filho de Óloro.[464] Assim, Enóbio conseguiu fazer aprovar um decreto para que Tucídides voltasse para Atenas. Mas assassinado à traição no regresso, fizeram-lhe um memorial não longe da porta Melítida. **23.10.** Passo adiante a história de Hermólico, o lutador do pancrácio,[465] e de Formião,[466] filho de Asópico, sobre quem já outros escreveram. Sobre Formião apenas acrescento o seguinte: que, apesar de ombrear com os Atenienses ilustres e de gozar ele próprio de uma excelente reputação pela sua ascendência, viu-se crivado de dívidas. Retirou-se por isso para o *demos* da Peânia[467] e lá permaneceu até que os Atenienses o elegeram almirante. Só que ele recusou-se a embarcar, com o argumento de que,

---

[464] Trata-se do grande historiador a quem se deve a *História da Guerra do Peloponeso.* Tucídides, ao tempo da guerra do Peloponeso, encontrava-se distante de Atenas, na Trácia, onde tinha propriedades de família. Mesmo ausente, foi encarregado de uma missão na altura em que Brásidas, o comandante dos Lacedemónios, cercou Anfípolis, na região. Pelo facto de não ter conseguido chegar a tempo, com as forças que dirigia, de evitar a conquista da cidade, foi acusado – talvez por Cléon, o demagogo ateniense – de inoperância ou mesmo traição. Enóbio foi estratego em 410 a.C.

[465] Heródoto (9.105.1) regista-o, entre os Atenienses que se destacaram na batalha de Mícale, no final das guerras pérsicas. Esta (479 a.C.) foi uma das duas grandes batalhas que puseram fim à invasão persa da Grécia, travada junto ao monte Mícale, na Iónia. Terá ocorrido no mesmo dia em que, ainda na Grécia, as últimas forças asiáticas sofriam a derrota de Plateias.

[466] De facto, Formião tinha grandes credenciais como comandante naval. Participou no ataque a Potideia (Tucídides 1.64.2), Samos (Tucídides 1.117.2), Acarnânia (Tucídides 2.68.7-8), Patras e Naupacto (Tucídides 2.83.1-84.5, 2.90.1-92.7). A fama de que gozava fez dele um paradigma que, na comédia, se opunha aos ineptos na marinharia; assim, em *Taxiarcos* de Êupolis, o deus Dioniso aparecia como recruta da marinha e submetia-se à aprendizagem necessária, sob a direção de Formião (cf. escólio Aristófanes, *Paz* 347; *Papiro de Oxirinco* XXXV, nº 2740).

[467] *Demos* da Ática a oriente do monte Himeto, de onde era natural o orador Demóstenes.

enquanto não pagasse as dívidas, não poderia impor-se aos seus soldados. Nessa altura os Atenienses – que a todo o custo queriam Formião para seu almirante – saldaram-lhe todas as dívidas.

1.24.1. *Outros monumentos e rituais na Acrópole. O Pártenon*

Lá está também Atena prestes a bater no Sileno Mársias, por ele ter apanhado a flauta que a deusa pretendia lançar fora.[468] Adiante destas peças a que me venho a referir, está o que se diz ser a luta de Teseu com o chamado Minotauro,[469] fosse ele um homem ou uma fera, segundo a versão que prevalece; é que houve mulheres, ainda no meu tempo, que deram à luz monstros bem mais surpreendentes. **24.2.** Segue-se Frixo, o filho de Atamante,[470] levado para a Cólquida por

[468] Cf. Graves (1977) I.77. Conta o mito que Atena teria construído um *aulos* e, durante um banquete dos deuses, executado uma música; apesar do agrado geral, a deusa reparou nos risos irónicos que despertava em Hera e Afrodite. Ao testar a sua imagem de tocadora num espelho de água, verificou como a execução da melodia lhe deformava o rosto. Desgostada com a própria imagem, lançou fora o instrumento e amaldiçoou todo aquele que o recuperasse. Mársias, o sileno, foi a vítima desta maldição, quando encontrou a flauta e a usou perante um público frígio. Entusiasmados com a sua execução, os ouvintes louvaram-na como rival da do próprio Apolo, sem que Mársias repudiasse esse excesso. Desafiado por Apolo para uma competição em que o derrotado fosse eliminado pelo vencedor, o deus, por vingança, arrancou-lhe a pele e suspendeu-a de uma árvore, junto ao que veio a tornar-se a nascente de um rio com o nome de Mársias. Esta estátua de Atena e Mársias era obra de Míron (cf. Plínio, *História Natural* 34.57).

[469] *Vide supra* 1.22.5.

[470] Cf. Graves (1977) I.225-31. Por intrigas de Ino, sua segunda esposa, Atamante, rei da Beócia, decidiu eliminar os filhos que tinha tido de Néfele – Frixo e Hele – a Zeus Lafístio (venerado junto ao monte com o mesmo nome). Mas o deus enviou um carneiro alado, de pelo de oiro, que os salvou de uma morte ritual, voando para a Cólquida. Hele, antes de chegar ao destino, caiu da montada e afogou-se

um carneiro; depois de o ter sacrificado a um qualquer deus, muito provavelmente ao que a gente de Orcómeno[471] chama Lafístio,[472] e de – segundo o costume grego – lhe ter cortado as coxas, ficou a vê-las arder. Seguem-se-lhe outras estátuas, por exemplo: a de Héracles a estrangular as serpentes, como conta o mito;[473] a de Atena a sair da cabeça de Zeus;[474] e um touro oferta do Conselho do Areópago.[475] Sobre o motivo desta oferta, é só querer que não faltam conjeturas. **24.3.** Já antes

---

no mar que passou a ter o seu nome, Helesponto. Mas Frixo atingiu a Cólquida e lá sacrificou o carneiro a Zeus salvador, oferecendo a Eetes, o rei da região, a pele do animal. Foi esta que mais tarde motivou a aventura dos Argonautas na Cólquida. O mito de Atamante, nos seus diversos episódios, tornou-se muito popular na tragédia; assim Ésquilo foi autor de um *Atamante* (frs. 1-4a Radt); Sófocles de um *Frixo* e de duas peças com o título de *Atamante* (frs. 721-3 e 1-10 Radt); por fim Eurípides dedicou a este mito várias tragédias: *Ino* e duas peças com o título de *Frixo* (frs. 819-38 Kannicht), estas duas últimas sobre a tentativa de Ino de eliminar o enteado. A versão dos dois *Frixos* de Eurípides parece inspirar-se em textos mais antigos, como Hesíodo, *Eeias* frs. 38-41, Ferecides fr. 3 F 98, Píndaro, *Pítica* 4.159-62.

[471] *Vide supra* 1.9.3 e nota respetiva.

[472] "Devorador". Este epíteto de Zeus resulta de um monte, situado entre Coroneia e Orcómeno (*vide infra* 9.34.5).

[473] Cf. Graves (1977) II.91. Este é um bem conhecido episódio da primeira infância de Héracles. Ciumenta por mais esta infidelidade de Zeus, que gerara com Alcmena este filho prodigioso, Hera enviou para o berço da criança duas serpentes terríveis que a deveriam destroçar. Em vez disso, Héracles estrangulou as duas feras cometendo assim um primeiro trabalho.

[474] Esta é a versão mais comum do nascimento de Atena, saindo já armada da cabeça de Zeus. Atena seria filha de Zeus e Métis, a Prudência, a primeira esposa de Zeus. Receoso de se ver destronado pelo filho que dela nascesse, Zeus iludiu Métis e engoliu-a. Mesmo assim, Métis gerou Atena no ventre de Zeus, de cuja cabeça a deusa haveria de nascer, já completamente adulta e armada. Cf. Hesíodo, *Teogonia* 886-900, 924-6, *Hino Homérico a Atena* 1.4-15.

[475] Este foi o primeiro conselho de Atenas, sediado no Areópago e constituído por ex-arcontes que lhe davam um pendor fortemente aristocrático. Cf. Ateneu 396d.

afirmei[476] que os Atenienses têm um fervor religioso muito superior ao dos outros povos. Foram eles os primeiros a dar a Atena o epíteto de *Ergane*,[477] os primeiros a consagrar Hermes sem membros,[478] e a incluir no templo ... uma divindade dos *Spoudaion*.[479] Todo aquele que desvaloriza a antiguidade em favor da técnica, há-de prestar atenção a um sujeito com um elmo na cabeça e com unhas de prata, obra de Cleetas.[480] Há também uma estátua da Terra que suplica a Zeus por chuva, seja porque os Atenienses tivessem falta de água, ou porque a seca afetasse a Grécia inteira. Segue-se Timóteo, filho de Cónon, e o próprio Cónon;[481] Procne a congeminar a morte do filho, e com ela Ítis,[482] oferenda de Alcâmenes;[483] Atena e Posídon, ela a fazer brotar a oliveira e ele uma onda.[484] **24.4.** Há também uma estátua de Zeus obra de Leócares, e o chamado *Polieu*.[485] Vou relatar quais os trâmites do sacrifício

---

[476] *Vide supra* 1.7.1, 1.17.1. Heródoto 2.51.1 emite a mesma opinião.

[477] "Trabalhadora", a protetora dos trabalhos mecânicos.

[478] *Vide supra* 1.17.2 e nota respetiva.

[479] Divindade protetora dos "Esforçados". Há uma lacuna no texto, o que prejudica a sua compreensão.

[480] *Vide infra* 5.24.5, 6.20.14.

[481] *Vide supra* 1.3.2 e nota respetiva. Os dois estavam também representados em Samos, no templo de Hera, e em Éfeso, no Artemísio (*vide infra* 6.3.16).

[482] *Vide supra* 1.5.4 e nota respetiva.

[483] *Vide supra* 1.1.5 e nota respetiva.

[484] Na altura em que Cécrops, o rei de Atenas, procurava uma divindade que funcionasse como padroeira da cidade, Atena e Posídon manifestaram o seu interesse, e anunciaram as benesses que podiam trazer à cidade. Posídon, golpeando o chão com o tridente, produziu uma nascente de água salgada e por isso menos interessante para os habitantes. Atena, por seu lado, plantou uma oliveira como símbolo de paz e prosperidade e foi a escolhida. Este era um mito muito popular (cf., e.g., Eurípides, *Erecteu*, *Troianas* 799-803, Platão, *Menéxeno* 237c-d), representado no pedimento ocidental do Pártenon (*vide infra* 1.24.5).

[485] "Da cidade". O templo de Zeus *Polieu*, "protetor da cidade", era um destacado santuário que, juntamente com o templo de Atena *Políade*, formava um culto determinante na Acrópole. Sobre Leócares,

que lhe é feito, sem referir o motivo que os justifica. Sobre o altar de Zeus Polieu deposita-se cevada misturada com trigo sem qualquer vigilância. Entretanto o boi, que se mantém já preparado para o sacrifício e sob vigilância, aproxima-se do altar e toca nos grãos; aí os Atenienses chamam por um dos sacerdotes designado por *bouphónos* – o matador do boi – que lança fora o machado, como manda a regra, e põe-se em fuga. Os presentes, como se não soubessem quem foi o autor daquele ato, submetem o machado a um processo.[486]

24.5. É esta a descrição de como se processa o ritual. Quando se entra no templo designado por Pártenon,[487] tudo o que está representado no chamado frontão diz respeito ao nascimento de Atena, e, no lado oposto, à disputa entre Posídon e a deusa pela posse daquela terra.[488] A estátua da deusa é feita de ouro e marfim; ao centro do elmo está uma imagem da Esfinge (o que se conta sobre a Esfinge é um assunto de que vou tratar a propósito da descrição da Beócia)[489] e de cada lado do elmo há grifos em relevo. **24.6.** Estes Grifos, diz Arísteas de Proconeso nos seus versos, lutam pelo ouro contra os Arimaspos,[490] situados acima dos Issédo-

---

vide supra 1.1.3. Pausânias acrescenta a descrição do culto conhecido por *Bufónias* ou *Diipólias*, "matança do boi" ou "festas de Zeus Polieu".

[486] *Vide infra* 1.28.10.

[487] O Pártenon foi construído entre 447-438 a.C., em mármore do Pentélico, sob a direção dos arquitetos Ictino e Calícrates. A imagem da deusa no seu interior – *Atena Parthenos* – era criselefantina e obra de Fídias.

[488] *Vide supra* 1.24.3 e nota respetiva.

[489] *Vide infra* 10.26.4.

[490] Cf. Heródoto 3.116.1. Heródoto reconhece que é do norte da Europa que vem a maior parte do ouro e reproduz esta mesma tradição de que os Grifos o protegem dos Arimaspos. Sobre este povo, cf. Heródoto 4.13.1-2, 4.27.1. A referência feita aos Arimaspos por Plínio, *História Natural* 7.10, inspira-se em Heródoto e em Arísteas (para alguns do séc. VIII a.C., para outros do VI a.C.), um poeta da região

nes[491] – o ouro que os grifos guardam provém da terra; esses Arimaspos todos têm, de nascença, apenas um olho; quanto aos grifos, são animais parecidos com leões, mas com asas e bico de águia. **24.7.** Sobre os Grifos é o que há a dizer. A estátua de Atena está ereta, com uma túnica até aos pés; no peito, tem uma cabeça de Medusa[492] feita em marfim. Segura numa mão uma Vitória com uns quatro côvados de altura,[493] e na outra uma lança; o escudo tem-no pousado aos pés e junto da lança existe uma serpente, que representará Erictónio.[494] O nascimento de Pandora está esculpido em relevo no pedestal da estátua. Segundo Hesíodo[495] e outros poetas, Pandora teria sido a primeira mulher sendo que, antes dela, o género feminino não existia. No templo, a única estátua que estou

---

do mar de Mármara, autor de um poema épico intitulado *Arimaspeia*, onde narra, com grande carga de fantástico, a sua própria viagem aos limites norte do mundo conhecido (Heródoto 4.13.1-15.4). O etnónimo é possivelmente de origem irânica, tendo na sua composição o elemento –aspa-, "cavalo". A existência mítica destes povos fantásticos, os Arimaspos de um só olho e os grifos e dragões que vigiavam o ouro, é um tipo de fantasia comum em relação a povos remotos e de acesso difícil. Nesta região do Altai, onde o ouro abundava, a arqueologia comprovou a crença em criaturas extravagantes e ameaçadoras, encarregadas da vigilância e defesa do ouro local.

[491] Cf. Heródoto 4.13.1-2, 4.27.1. Os Issédones eram um povo cita, situado a oriente dos Urais.

[492] *Vide supra* 1.22.7 e nota respetiva.

[493] Cerca de 1,80 m.

[494] *Vide supra* 1.2.6 e nota respetiva.

[495] *Teogonia* 590-3, *Trabalhos e Dias* 80-2, 94-9. Hesíodo serve-se do mito de Pandora para expor a origem do mal. É como vingança pelo roubo do fogo por Prometeu para benefício dos mortais que Zeus cria a primeira mulher, Pandora, "dom de todos os deuses", unânimes na vontade de punir os homens. Bela e perversa, como o género feminino a que deu origem. Ao destapar a vasilha em que se encontram todos os males, Pandora derrama-os pela terra, restando apenas, colocada a tampa de novo na vasilha, a Esperança. Sobre a discussão gerada em volta da versão hesiódica de Pandora, cf. Rocha Pereira ([10]2006) 164-5; Graves (1977) I.144-5.

certo de ter visto é a do imperador Adriano,[496] e, à entrada, a de Ifícrates que se distinguiu por inúmeras façanhas.[497]

24.8. Diante do templo está uma estátua de Apolo em bronze, que se diz ser obra de Fídias. Chamam-lhe 'Parnópio',[498] por o deus ter prometido livrar o território de uma praga de gafanhotos. É sabido que cumpriu a promessa, mas não se diz de que forma. Eu próprio sei que, por três vezes, os gafanhotos foram dizimados no monte Sípilo, mas nem sempre da mesma maneira. Num caso, levantou-se um vento forte que os varreu; outra vez foram arrasados por uma chuva a que se seguiu um calor intenso; noutra ocasião, morreram apanhados por um frio repentino.

1.25.1. *Outras estátuas. Guerra entre Atenienses e Macedónios*

Foi isto que eu vi que lhes aconteceu. Existe também na Acrópole de Atenas uma estátua de Péricles, filho de Xantipo, e a do próprio Xantipo, que travou uma batalha naval em Mícale contra os Medos.[499] Mas a estátua de Péricles está

---

[496] *Vide supra* 1.3.2 e nota respetiva.

[497] Ifícrates (415-353 a.C.) foi um general ateniense, responsável por numerosas campanhas bem sucedidas para Atenas durante a guerra de Corinto, e nos confrontos que se prolongaram, após o termo da guerra do Peloponeso, com os Lacedemónios: expedição contra Anfípolis (367--364 a.C.); durante a guerra social, ao comando da armada ateniense em Quios (355 a.C.). Estes sucessos ficaram a dever-se em boa parte às significativas reformas que impulsionou na infantaria, nomeadamente com a criação de um corpo de peltastas, com equipamentos novos e mais adequados ao combate corpo a corpo, assim remodelando a arte da guerra. *Vide infra* 9.14.6.

[498] "Dos gafanhotos". Este parece ser um culto asiático; cf. Estrabão 3.613. Além de desencadeador de pestes, Apolo era também considerado como a divindade capaz de as combater.

[499] Sobre a estátua de Péricles, *vide infra* 1.28.2. Sobre a participação de Xantipo na batalha de Mícale (479 a.C.), cf. Heródoto 9.114.2,

num sítio diferente, ao passo que, junto da de Xantipo, está Anacreonte de Teos,[500] o primeiro – depois de Safo de Lesbos[501] – a dedicar-se a compor sobretudo poemas de amor. A pose em que está é a de alguém que canta sob o efeito do vinho. As mulheres que ali estão perto, obra de Dinómenes,[502] são Io, filha de Ínaco,[503] e Calisto, filha de Licáon.[504] A história que se conta delas é em tudo semelhante: paixão de Zeus, raiva de Hera, que transformou uma em vaca e a outra em ursa.

9.120.4. Depois de ter oferecido oposição a Milcíades (cf. Heródoto 6.136.1), Xantipo foi condenado ao ostracismo (484 a.C.), tendo entretanto regressado a Atenas. Após a decadência da popularidade de Temístocles, foi ele quem prosseguiu a política naval da cidade. Foi sob seu comando que se conquistou Sesto, durante o movimento de retirada persa.

[500] *Vide supra* 1.2.3 e nota respetiva.

[501] De facto, Safo (séc. VII a.C.) ficou conhecida como a poeta das emoções fortes e do amor (e.g., frs. 1, 55, 126, 211 Voigt), como também de belas descrições da natureza (e.g., frs. 2, 168B Voigt).

[502] Escultor argivo, ao que parece, discípulo de Policlito, ativo na transição do séc. V para o IV a.C. (c. 400 a.C.; cf. Plínio, *História Natural* 34.50, 34.76). Sem dúvida estas seriam duas das suas estátuas mais famosas.

[503] Io, a filha de Íaso, rei de Argos, teria exercido, segundo a tradição, a função de sacedotisa no culto de Hera argiva (*vide infra* 2.16.1, 3.18.13) Tornou-se personagem com visibilidade no *Prometeu Agrilhoado* de Ésquilo. O poeta recorda o assédio divino (589-92, 649-51) e o exílio a que a jovem se viu condenada (652-72). Depois de transformada em vaca (588, 673-82), a princesa argiva vagueia numa fuga eterna e desvairada, perseguida pelo aguilhão de um moscardo, instrumento do ciúme de Hera contra a jovem amada por Zeus (568-81, 877-86). Em *Suplicantes*, Ésquilo recorda-a como ascendente das Danaides e de novo o seu périplo até ao Egito (15-9, 41-8, 291-314, 535-89). Cf. Graves (1977) I.190-3.

[504] Cf. Graves (1977) I.84. Calisto ("a mais bela"), companheira da deusa Ártemis, pareceu desobedecer à castidade praticada e imposta pela deusa, quando apareceu grávida. Segundo uma versão, depois de transformada por Ártemis em ursa, a jovem só escapou a ser caçada porque Zeus a salvou a tempo e a levou para os céus, onde a instalou entre as estrelas (*vide infra* 8.3.6). Mas conta-se também que foi o próprio Zeus a transformá-la em ursa, e que Hera, ciumenta, levou Ártemis a disparar contra ela.

25.2. Perto da muralha sul, está representado o célebre conflito dos Gigantes, que outrora habitavam o istmo de Palene,[505] na Trácia; a luta dos Atenienses contra as Amazonas;[506] a batalha de Maratona contra os Medos;[507] e a derrota dos Gauleses na Mísia,[508] aí com dois côvados de altura cada uma,[509] e todas oferta de Átalo.[510] Lá está também Olimpiodoro, que se tornou famoso pela grandeza dos seus feitos, e não menos pelas circunstâncias em que agiu; foi ele que levantou o moral dos Atenienses face a reveses contínuos, que os deixaram incapazes de ter esperança em sucessos futuros.[511]

---

[505] Palene é a península mais ocidental da Calcídica. Cf. Graves (1977) I.131-3. Os 24 gigantes tinham nascido da mãe Terra, na Trácia. Era célebre a luta que travaram com os deuses olímpicos. A chamada Gigantomaquia sucedeu à Titanomaquia, a luta que Zeus e os outros deuses começaram por travar com os Titãs, de modo a restabelecerem a ordem do universo. Indignada, a Terra, ao ver alguns dos seus filhos vencidos e aprisionados no Tártaro, incitou outros dos seus descendentes, os Gigantes, a empilharem montanhas e a escalarem o céu, de forma a travar uma nova batalha, rebelando-se contra os deuses do Olimpo e o seu reinado. Esta segunda luta foi a última que Zeus travou até instalar uma autoridade definitiva sobre o universo.

[506] *Vide supra* 1.2.1 e nota respetiva.

[507] *Vide supra* 1.14.5 e nota respetiva.

[508] *Vide supra* 1.4.5-6 e nota respetiva.

[509] C. 90 cm.

[510] *Vide supra* 1.5.5 e nota respetiva.

[511] Olimpiodoro, um político e militar ateniense, destacou-se pelas suas posições antimacedónias, barrando em diferentes ocasiões as pretensões de Cassandro (rei entre 305-297 a.C.) sobre a Grécia e Atenas em particular: primeiro em 304 a.C., quando impediu a captura da cidade com o auxílio de tropas etólias e, mais tarde (c. 295 a.C.), a retomada do Pireu (*vide infra* 1.26.3). Protagonizou as divergências que separaram Atenienses pró- e antimacedónios, nos primeiros anos do séc. III a.C. Foi um opositor determinado da tirania de Lácares (296-295 a.C.; *vide infra* 1.25.7) e considerado um libertador da Grécia. A referência a Olimpiodoro permite a Pausânias algumas considerações antimacedónias, rememorando a progressiva submissão de Atenas a partir de Queroneia, que perdurou sob sucessivos monarcas macedónios. Foi então a Olimpiodoro que se ficou a dever a recuperação de uma

25.3. Foi no desastre de Queroneia[512] que esteve, para todos os Gregos, a origem do mal, reduzindo sobretudo à escravatura os indiferentes e os que alinharam com os Macedónios. A verdade é que Filipe[513] se apropriou da maior parte das cidades e, mesmo se, em palavras, fez acordos com os Atenienses, prejudicou-os muito, tirando-lhes ilhas e privando-os do império naval. Estes mantiveram-se passivos durante um certo tempo, enquanto Filipe foi rei e, a seguir, Alexandre. Mas após a morte deste, quando os Macedónios elegeram Arrideu como seu soberano,[514] e atribuíram a Antípatro o poder por inteiro,[515] os Atenienses entenderam que não havia razão para a Grécia continuar para sempre subordinada à Macedónia. Foi então que decidiram desencadear uma guerra e estimular outros à mesma atitude. **25.4.** Foram estas as cidades lacedemónias que alinharam: Argos, Epidauro, Sícion, Trezena, Eleia, Fliunte e Messene; e já fora do istmo de Corinto, os Lócrios, Fócios, Tessálios, Caristo, e os Acarnanos, que eram membros da confederação etólia. Os Beócios, que tinham ocupado o território de Tebas, agora que não havia gente na cidade, temeram que os Atenienses lá se estabelecessem, e por isso recusaram aderir e apoiaram a causa macedónia com todos os seus meios. **25.5.**

---

atitude determinada e corajosa que levou à libertação. A sua intervenção é descrita com mais pormenor *infra* 1.26.1-3; cf. ainda 10.18.7, 10.34.3.

[512] *Vide supra* 1.4.1 e nota respetiva.

[513] *Vide supra* 1.4.1 e nota respetiva. Foi sobretudo entre 353-346 a.C. que Filipe desenvolveu uma política de ocupação da Grécia, começando por firmar a intervenção macedónia nas zonas do norte, Ilíria, Peónia, Trácia e Epiro. Prosseguiu com a Tessália e com a costa norte e leste do mar Egeu, ameaçando seriamente os interesses atenienses na região. Uma tentativa de negociação de paz desencadeada por Atenas e aceite por Filipe parecia ocultar uma verdadeira intenção do monarca macedónio de aceder à armada ateniense para levar a cabo uma sonhada campanha contra a Pérsia.

[514] *Vide supra* 1.6.2 e nota respetiva.

[515] *Vide supra* 1.4.1, 1.11.3 e notas respetivas.

Dos que alinharam nesta confederação, cada uma das cidades tinha o seu comandante próprio, tendo o comando geral sido atribuído ao ateniense Leóstenes,[516] graças ao prestígio da cidade a que pertencia, e também porque ele próprio era tido como um militar competente. Merecia mesmo o reconhecimento de todos os Gregos; na verdade, todos os Gregos recrutados ao serviço de Dario e dos sátrapas, Alexandre pretendia deportá-los para a Pérsia; mas Leóstenes antecipou-se a transferi-los por mar para a Europa.[517] Também nesta outra ocasião o brilhantismo da sua intervenção foi além das expectativas; daí que a sua morte tenha desmoralizado toda a gente e tenha sido a causa principal do fracasso. Os Atenienses receberam então uma guarnição macedónia, que ocupou Muníquia[518] e, a seguir, o Pireu e as grandes muralhas.[519] **25.6.** Com a morte de Antípatro, Olímpia regressou do Epiro e

[516] *Vide supra* 1.1.3 e nota respetiva.

[517] Pouco antes da morte de Alexandre, Leóstenes encarregou-se de reunir e organizar a retirada para o cabo Ténaro de um corpo de mercenários gregos, desmobilizados pelos sátrapas persas em obediência a ordens do rei depois da batalha de Isso (333 a.C.). De resto, estas tropas viriam a ser de novo mobilizadas por Leóstenes para o conflito contra a Macedónia após a morte de Alexandre. Com elas avançou até ao golfo de Corinto e aí, juntamente com os Etólios, promoveram uma revolta e deram origem à guerra de Lâmia (*vide supra* 1.1.3). Com o mesmo corpo de tropas, Leóstenes venceu os Beócios e a guarnição macedónia de Tebas em Plateias, ocupou as Termópilas e derrotou Antípatro em Heracleia, forçando-o a retirar-se para Lâmia. Foi aí que morreu, em 322 a.C. (*vide infra* 3.6.1).

[518] *Vide supra* 1.1.4 e nota respetiva. Após a morte de Alexandre, Atenas viu-se forçada a negociar com Antípatro as condições da dominação macedónia. É Fócion o escolhido como delegado de Atenas para esta negociação. Ora entre as imposições macedónias estava a permanência de uma guarnição no porto de Muníquia, que representava o que Plutarco (*Vida de Fócion* 28.1-2) descreve como "uma arrogância insultuosa e inspirada mais pelo desejo de demonstrar um autoritarismo insolente do que por uma precaução necessária à segurança dos seus interesses".

[519] *Vide supra* 1.1.2-3 e nota respetiva.

governou durante algum tempo, depois de eliminar Arrideu.[520] Pouco depois, sofreu a invasão de Cassandro,[521] que a entregou à multidão. Quando assumiu o trono, Cassandro (vou relatar apenas o que diz respeito aos Atenienses) tomou Panacto – uma fortificação na Ática – e Salamina, e estabeleceu como governador dos Atenienses Demétrio, filho de Fanóstrato, já então conhecido pela sua sabedoria.[522] Este veio a ser deposto por Demétrio, filho de Antígono, um jovem que soube cativar a adesão dos Gregos. **25.7.** Cassandro, porém, cuja inimizade para com os Atenienses era feroz, aliado a Lácares que então estava à frente do partido popular, persuadiu-o a assenhorear-se do poder; este Lácares foi, dos tiranos que conhecemos, o mais cruel para com os homens e o mais impiedoso para com os deuses.[523] Demétrio, filho de Antígono, apesar de algumas divergências com o povo de Atenas, mesmo assim livrou-o da prepotência de Lácares, que, ao ver a cidadela tomada, escapou para a Beócia. Como ele tinha saqueado os escudos de ouro

[520] *Vide supra* 1.11.4 e nota respetiva.

[521] *Vide supra* 1.6.4 e nota respetiva.

[522] Demétrio de Falero, bem relacionado com a escola de Aristóteles, governou Atenas entre 317-307 a.C. Demétrio – que veio a receber o nome de Poliorceta –, filho de Antígono, foi o responsável pelo seu afastamento. *Vide supra* 1.6.6 e nota respetiva.

[523] A influência política de Lácares em Atenas, depois que Demétrio Poliorceta restabeleceu a democracia na cidade, foi grande. De uma intervenção aplaudida pelo povo contra Demócares, que então dirigia os destinos de Atenas, Lácares passou a tirano da cidade por influência e suborno de Cassandro (c. 298-295 a.C.). A forma como exerceu o poder, a crer no testemunho de Pausânias, terá sido violenta. Não se eximiu a saquear os tesouros da cidade, mesmo os mais sagrados como os que a Acrópole abrigava (de resto o saque dos tesouros existentes nos templos é uma prática a que Pausânias é sensível e que parece comum; cf., e.g., 1.4.4., 10.7.1, 10.15.4-5, 10.19.8). Polieno (*Estratagemas* 3.7) relata em pormenor as ciladas de que Lácares se servia para levar a cabo múltiplas ilicitudes e as suas evasões secretas de diversas cidades. Depois da sua fuga, Demétrio Poliorceta governou Atenas entre 294-287 a.C.

da Acrópole, e despojado a estátua de Atena de todos os ornamentos que se pudessem retirar, desconfiou-se de que possuísse enormes riquezas. **25.8.** Foi por isso que uns tantos homens de Coroneia o mataram. Demétrio, filho de Antígono, apesar de ter livrado os Atenienses da tirania, não foi logo a seguir à fuga de Lácares que lhes devolveu o Pireu; mas, mais tarde, depois de os vencer em combate, instalou uma guarnição na própria cidadela, e fortificou o chamado *Mouseion*. Este *Mouseion* fica dentro do perímetro antigo da cidade, diante da Acrópole. Ao que consta, era aí que Museu[524] cantava e, quando morreu de velhice, foi sepultado. Mais tarde, nesse mesmo lugar foi erigido um memorial a um sujeito da Síria.[525] Portanto, naquela altura Demétrio fortificou-a e ocupou-a.

1.26.1. *Reação ateniense contra o poder macedónio*

Tempos depois impôs-se a uns tantos Atenienses a memória dos seus antepassados e a mudança que o prestígio de Atenas tinha sofrido; e de imediato elegeram seu comandante Olimpiodoro.[526] Este guiou-os – velhos e novos sem distinção – no confronto contra os Macedónios, confiante no resultado mais pelo entusiasmo deles do que pela capacidade. Perante os Macedónios que vieram confrontá-los, venceu-os e tomou

[524] *Vide supra* 1.14.3 e nota respetiva.

[525] Esta colina situa-se por trás da Pnix, na direção sudoeste em relação à Acrópole, dentro do perímetro antigo da cidade, ou seja, o espaço definido pela muralha de Temístocles (cf. Wycherley (1963) 160). É também conhecida por "colina de Filopapo", graças ao memorial a Gaio Júlio Antíoco Filopapo (65-116 d.C.), descendente do rei Antíoco IV da Síria, um príncipe que veio a obter cidadania ateniense e foi considerado benfeitor da cidade. O desgosto causado pela sua morte incentivou que a irmã, Júlia Balbila, e os cidadãos de Atenas erigissem, em sua homenagem, este monumento em mármore do Pentélico na chamada "colina das Musas". Sobre esta figura, *vide* Arafat (1996) 192-3.

[526] *Vide supra* 1.25.2 e nota respetiva.

o *Mouseion* onde eles se tinham refugiado.[527] **26.2.** Foi assim que Atenas se libertou dos Macedónios. No combate, os Atenienses, todos eles, se comportaram com denodo, mas – ao que se diz – foi Leócrito, filho de Protarco, o que mostrou maior ousadia na ação: foi ele o primeiro a escalar a muralha e o primeiro a saltar para dentro do *Mouseion*. Quando morto em combate, os Atenienses prestaram-lhe diversas homenagens; entre elas esteve a consagração do seu escudo no templo de Zeus Eleutereu,[528] acompanhado de uma inscrição com o seu nome e os seus feitos. **26.3.** Esta foi a maior façanha de Olimpiodoro, além de ter recuperado o Pireu e Muníquia.[529] Quando os Macedónios fizeram uma incursão em Elêusis, ele mobilizou os Eleusínios e derrotou-os. Mas já antes, quando Cassandro invadiu a Ática, Olimpiodoro navegou até à Etólia e convenceu os Etólios a virem em seu socorro.[530] Essa aliança foi vital para os Atenienses porem fim ao ataque de Cassandro. Por isso existem diversos monumentos comemorativos de Olimpiodoro não só em Atenas, na Acrópole e no Pritaneu, mas também uma pintura em Elêusis. Por sua vez os Fócios de Elateia ergueram-lhe em Delfos uma estátua de bronze, pelo auxílio que também lhes prestou na resistência a Cassandro.

26.4. Junto da estátua de Olimpiodoro está uma imagem em bronze de Ártemis, com o epíteto de Leucófrine,[531] oferta

---

[527] *Vide supra* 1.25.8.

[528] *Vide supra* 1.3.2.

[529] Musti, Beschi (1982) 359 sintetizam desta forma a situação do Pireu, alternadamente sob autoridade ateniense e macedónia: "a) sob o poder macedónio entre 322-307; b) sob controle ateniense de 307 a 294; c) seguramente na mão dos Macedónios (com Demétrio) de 294 a 287 e ainda, mais tarde (no período do Gónata e de Demétrio II) de 262/1 a 229".

[530] Uma aliança obtida c. 307 a.C.

[531] Lêucofris é o nome de uma cidade da Magnésia, onde existia um culto de Ártemis (Xenofonte, *Helénicas* 3.2.19). Sobre a passagem de Temístocles pela Magnésia, *vide supra* 1.1.2 e nota respetiva.

dos filhos de Temístocles. É que os Magnésios, que Temístocles governou por incumbência do Grande Rei, têm Ártemis Leucófrine em grande devoção.

Tenho de avançar na minha narrativa, no objetivo de descrever em igual medida todas as questões relacionadas com a Grécia. Endeu, um ateniense, discípulo de Dédalo,[532] quando este foi exilado pela morte de Calo, acompanhou-o a Creta.[533] É dele uma estátua de Atena sentada, com uma inscrição onde se lê que foi oferta de Cálias[534] e obra de Endeu.

26.5. Existe ainda um edifício chamado Erectéion,[535] diante de cuja entrada há um altar de Zeus Altíssimo. Aí não se sacrifica qualquer ser vivo; as ofertas são bolos, considerando-se também inconveniente fazer libações com vinho. Quando se entra há três altares: um dedicado a Posídon, sobre o qual também se sacrifica a Erecteu, de acordo com um oráculo; outro ao herói Butes,[536] e um terceiro a Hefesto. As pinturas nas paredes referem-se à família dos Butades e – como

[532] A Endeu, um artista do séc. VI a.C., Pausânias atribui um parentesco mítico talvez aludindo à antiguidade da sua produção e estilo.

[533] *Vide supra* 1.21.4 e nota respetiva.

[534] *Vide supra* 1.23.2 e nota respetiva, ainda que a identidade deste Cálias seja duvidosa.

[535] A sua reconstrução data das últimas décadas do séc. V a.C., determinada pelo projeto de Péricles de recuperação da Acrópole, tendo vindo substituir um templo anterior destruído pelos Persas. É um edifício subdividido internamente, sendo a divisão essencial a que separa um corpo oriental de um ocidental. O projeto do Erectéion talvez seja da autoria de Mnésicles, o mesmo arquiteto dos Propileus, e dedicado a Atena e Posídon. A fonte de água salgada no seu interior era considerada oferta de Posídon à cidade, do mesmo modo que a oliveira no exterior se entendia como dádiva de Atena, na altura em que os dois deuses competiram pela posse da cidade. *Vide supra* 1.24.3 e nota respetiva.

[536] Filho de Pandíon I e irmão de Erecteu, de acordo com certas versões, ou de Posídon, segundo outras. Cf. Graves (1977) I.169-70. Os descendentes de Butes eram, no séc. VI a.C., por herança familiar os sacerdotes de Atena *Políade* e de Posídon do Erecteu.

este é um edifício com dois compartimentos[537] – há lá dentro também um poço com água do mar, o que não causa grande surpresa, porque o mesmo acontece em outros lugares de interior, caso de Afrodísias na Cária.[538] O que esse poço tem de especial é que, sob o efeito do vento sul, produz um ruído semelhante ao das ondas. Na pedra há a marca de um tridente; ao que se conta, esses são sinais visíveis para testemunhar a luta travada por Posídon pela posse daquela terra.

26.6. A cidade está em geral consagrada a Atena, como de resto toda a região. Mesmo nos *demos* em que o culto de outros deuses está estabelecido, não é menor a devoção que se tem por Atena. Mas, entre todas as estátuas da deusa, a mais venerada – já naqueles anos remotos anteriores à fusão dos *demos*[539] – é a que se encontra no que agora se chama *Acrópolis* (Acrópole), e antes *Pólis* (cidade).[540] Sobre ela diz a tradição que caiu do céu, e não vou discutir se foi assim ou de outra forma. A lamparina de ouro consagrada à deusa é obra de Calímaco. **26.7.** Depois de se encher a lamparina de azeite, aguarda-se pelo mesmo dia do ano seguinte, e o mesmo azeite é suficiente para manter a lamparina acesa dia e noite,

---

[537] Pausânias alude, ainda que de forma discreta, à irregularidade do plano a que obedece este templo, talvez justificada pelo objetivo de "reunir diversos santuários primitivos (...), atendendo às numerosas e prepotentes tradições religiosas ligadas ao sítio" (Rocha Pereira ([10]2006) 579).

[538] Por se encontrar numa região sujeita a terramotos, a cidade de Afrodísias, ainda que situada longe do mar, experimentava inundações frequentes devido às alterações produzidas no seu lençol freático.

[539] Sobre a fusão dos *demos* da Ática por Teseu, *vide supra* nota 63.

[540] Segundo a maioria dos estudiosos, o culto especificamente religioso de Atena na Acrópole estava concentrado no santuário mais antigo, o Erectéion, onde estaria entronizada a pequena, mas sagrada estátua de madeira de Atena *Políade* ("da cidade"), também chamada do Paládio. Segundo a tradição, esta imagem teria caído do Olimpo e era dotada de poderes extraordinários.

em todo esse intervalo de tempo. A mecha que se usa é de linho carpásio,[541] o único linho que não arde com o fogo. Uma tamareira em bronze colocada sobre a lamparina ergue-se até ao teto e dá saída ao fumo. Calímaco, o autor da lamparina, embora, na sua arte, não se encontre entre os melhores, tinha uma perícia ímpar, de tal maneira que foi o primeiro a furar o mármore. Passou a usar o nome de *Catatexítecnos*,[542] ou outros lho deram e ele limitou-se a aceitá-lo.

1.27.1. *Templo de Atena Políade*

No templo de Atena Políade há uma estátua em madeira de Hermes, ao que se diz oferta de Cécrops,[543] que mal se vê sob os ramos de mirto. As oferendas dignas de referência são (entre as mais antigas) uma cadeira desdobrável obra de Dédalo,[544] alguns despojos dos Medos como, por exemplo, a couraça de Masístio, que tinha o comando da cavalaria em Plateias, e um sabre dito de Mardónio.[545] Quanto sei, Masístio foi morto pela cavalaria ateniense, enquanto Mardónio, em luta contra os Lacedemónios, foi morto por um Espartano; sendo assim os Atenienses não teriam podido apropriar-se do sabre, e certamente os Lacedemónios não lho teriam deixado levar. **27.2.** Quanto à oliveira, estes nada mais têm a dizer se

---

[541] Originário de Carpásia, em Chipre.

[542] "O que refina a sua arte". Arafat (1996) 45-6 vê nesta afirmação o testemunho do interesse pelo passado e pelo que este comentador designa por "*protos heuretes* ou primeiro descobridor, um nome a quem invenções ou novos desenvolvimentos possam ser atribuídos".

[543] *Vide supra* 1.5.3 e nota respetiva.

[544] *Vide supra* 1.21.4 e nota respetiva.

[545] Sobre a morte de Mardónio na batalha de Plateias, *vide supra* 1.1.5 e nota respetiva. Quanto a Masístio, um destacado comandante de cavalaria persa morto pelos Atenienses em Plateias, e sobre a sua bela figura e impressionante couraça de ouro, cf. Heródoto 9.20.1, 9.22.1-3, 9.24.1, 9.25.1, 9.31.1.

não que a deusa a produziu como argumento na luta pela posse da terra. Mas diz-se também que a oliveira ardeu, quando os Medos incendiaram a cidade de Atenas, e voltou a rebentar no próprio dia com dois côvados de altura.[546]

O templo de Pândroso segue-se ao de Atena. Esta foi a única das irmãs inocente em relação ao depósito que lhes foi confiado.[547] **27.3.** Houve uma prática que me causou muita surpresa, que passo a descrever uma vez que possivelmente nem todos a conhecem. Há duas moças que vivem perto do templo de Atena Políade, a quem os Atenienses chamam arréforas.[548] Durante um certo tempo vivem junto da deusa. Quando chega a ocasião da festa, durante a noite, elas procedem desta forma. Carregam à cabeça aquilo que a sacerdotisa de Atena lhes dá para transportarem, e nem aquela que lho entrega, nem as que o transportam sabem do que se trata. Existe na cidade, lá perto, um recinto da chamada Afrodite nos Jardins,[549] cruzado por um caminho subterrâneo aberto espontaneamente; é por aí que as moças descem. Lá em baixo deixam o que transportaram e recebem outra coisa, coberta, para trazerem. Aí são dispensadas e outras jovens completam, em vez delas, o trajeto para a Acrópole. **27.4.** Perto do templo de Atena está a estátua de uma velha, com um côvado

---

[546] C. 90 cm. Heródoto 8.55 atribui-lhe apenas metade do tamanho e o ressurgimento no dia seguinte.

[547] *Vide supra* 1.18.2 e nota respetiva.

[548] "Portadoras de objetos de que se não pode falar". Ser arréfora, entre os sete e os dez anos, era distinção reservada a meninas de boas famílias e correspondia a um período de transição entre infância e adolescência. Durante cerca de oito meses, estas crianças permaneciam na Acrópole, ocupadas na confeção do manto de Atena e na participação em ritos de homenagem à deusa. A sua missão culminava com o ritual das Arrefórias, em que desfilavam, levando em caixas objetos sagrados para um santuário subterrâneo. Cf. Aristófanes, *Lisístrata* 641.

[549] *Vide supra* 1.19.2 e nota respetiva.

de altura[550] se tanto, que se diz ser uma serva de Lisímaca;[551] há também grandes estátuas de bronze representando dois homens que se enfrentam em combate; a um dão o nome de Erecteu, ao outro o de Eumolpo. No entanto os Atenienses, pelo menos os que conhecem o passado, sabem que se trata de Imárado, o filho de Eumolpo que foi morto por Erecteu.[552]

27.5. Sobre um pedestal, está também uma estátua de Teéneto, que foi adivinho de Tólmides, e o próprio Tólmides. Este, ao comando de uma armada ateniense, provocou grandes danos noutros territórios, entre eles o dos Peloponésios situado perto da costa.[553] Incendiou, em Gítio,[554] os estaleiros lacedemónios, e arrasou Beas, uma cidade dos periecos,[555] e a ilha de Citera.[556] Desembarcou na Siciónia, onde o povo tinha pegado em armas para lhe fazer frente; pô-los em fuga e perseguiu-os até à cidade.[557] De regresso a Atenas, conduziu colonos atenienses para Eubeia e Naxos. Penetrou na Beócia com um exército, arrasou a maior parte do território, cercou e tomou

---

[550] C. 45 cm.

[551] Lisímaca (cf. Aristófanes, *Lisístrata* 554), de resto como Lisístrata, é um nome falante, que significa "a que dissolve, desmobiliza o exército ou põe fim à guerra". Na altura da representação desta comédia (411 a.C.), a sacerdotisa que procedia ao culto de Atena Políade tinha exatamente este nome, o que permite pensar que tenha inspirado o projeto pacifista da peça e a sua protagonista feminina.

[552] *Vide supra* 1.5.2 e nota respetiva.

[553] Cf. Tucídides 1.108.5. Esta campanha contra o Peloponeso aconteceu em 456-455 a.C. (cf. Diodoro Sículo 11.75). Tólmides morreu em Coroneia (447 a.C.) e foi sepultado no Ceramico (*vide infra* 1.29.14).

[554] No golfo da Lacónia (cf. Diodoro Sículo 11.84.6).

[555] Habitantes de outras cidades da Lacedemónia sem serem propriamente Espartanos. Os periecos eram libertos e, portanto, um grupo com menos direitos políticos do que os Espartanos propriamente ditos.

[556] Citera inclui-se entre as ilhas gregas do mar Iónio, e situa-se diante da extremidade oriental do Peloponeso.

[557] Cf. Tucídides 1.108.5. Sícion situava-se a noroeste de Corinto.

Queroneia.[558] Quando avançou para Haliarto,[559] ele próprio foi morto em combate e o seu exército totalmente destroçado. Eis o que fiquei a saber da história de Tólmides.

27.6. Há ainda umas tantas estátuas de Atena já antigas, que se mantêm inteiras, mas tão negras e frágeis que não aguentariam uma pancada. Foram também vítimas do incêndio, quando o Grande Rei ocupou a cidade, enquanto os Atenienses em idade de combater a abandonaram e se refugiaram nos navios.[560] Segue-se uma caçada ao javali – não estou certo se é o de Cálidon[561] –, e Cicno[562] a lutar com Héracles.

---

[558] Queroneia era uma cidade da Beócia ocidental, perto do limite com a Fócida. Cf. Plutarco, *Vida de Péricles* 16.3, 18.2-3, 19.2, em que Plutarco testemunha como Péricles via com apreensão a ousadia de Tólmides e os riscos excessivos para que arrastava os seus homens, incentivado por múltiplos sucessos e pelo apreço que lhe granjearam. Sobre a chacina sofrida pelos Atenienses nesta campanha (447 a.C.), cf. Tucídides 1.113.1-2, Isócrates 16.28, Plutarco, *Vida de Alcibíades* 1.1, Platão, *Alcibíades* 112c, Diodoro Sículo 12.6.2.

[559] Cidade da Beócia.

[560] *Vide supra* 1.18.2 e nota respetiva.

[561] São vários os heróis a quem é atribuída a vitória sobre este monstro que assolava a Etólia, uma punição de Ártemis aplicada ao rei Eneu, omisso nos sacrifícios que devia à deusa. Perante a devastação causada pelo javali, Eneu convocou múltiplos guerreiros para participarem na caçada: Meleagro, seu filho, e Drias, filho de Ares, ambos de Cálidon; Idas e Linceu, da Messénia; Castor e Polideuces, de Esparta; Teseu de Atenas; Admeto de Feras; Anceu e Cefeu da Arcádia; Jasão, de Iolco; Héracles e Íficles, irmãos gémeos, de Tebas; Pirítoo, de Larissa; Télamon, de Salamina; Peleu e o sogro Eurícion, da Ftia; e Anfiarau, de Argos. Associou-se ainda à campanha Atalanta, a jovem caçadora da Arcádia. *Vide infra* 8.45.6.

[562] Segundo a tradição, Cicno era filho de Ares e um modelo de salteador de estradas que atuava na Tessália, visando sobretudo os peregrinos que se dirigiam a Delfos para consulta do oráculo. Desafiava-os para um combate de carros, de que saía sempre vencedor; depois cortava-lhes as cabeças de que fazia oferenda ao templo do deus seu pai. Foi, enfim, Apolo, irritado com o ataque aos seus fiéis, quem suscitou o combate de Cicno com Héracles, que poria fim a esta chacina. *Vide* Apolodoro, *Biblioteca* 2.7.7., 2.15.11-12. Cf. Graves (1977) II.197.

Este Cicno, ao que se diz, cometeu vários homicídios, como o de Lícon da Trácia, quando lutavam em duelo por um prémio. Foi morto por Héracles junto ao rio Peneu.[563]

27.7. Entre as lendas que se contam em Trezena a respeito de Teseu,[564] há esta: quando Héracles veio a Trezena ao encontro de Piteu, durante o jantar teria tirado a pele. Apareceram então várias crianças da cidade, entre elas Teseu, que teria como muito sete anos. Os outros garotos, conta a história, quando viram a pele, fugiram, enquanto Teseu voltou atrás sem mostrar grande receio, arrancou das mãos dos criados um machado e logo arremeteu contra o que pensava ser um leão verdadeiro.[565] **27.8.** Esta é uma primeira lenda que se conta sobre ele em Trezena. Mas há uma outra: que Egeu, antes de navegar para Atenas, colocou debaixo de um penedo umas sandálias e uma espada que haveriam de servir ao filho de sinais de reconhecimento. Quando Teseu completou dezasseis anos, levantou o penedo, e partiu, levando consigo esses objetos de Egeu.[566] Este é um episódio representado na Acrópole, numa imagem toda em bronze à excepção da pedra. **27.9.** Foi consagrada também uma outra façanha de Teseu, que se conta assim. Em Creta, um touro dizimava, entre outras regiões, as

---

[563] O Peneu era um grande curso fluvial da Tessália, que corria no vale de Tempe, entre as montanhas elevadas do Olimpo e do Ossa, para desaguar no mar Egeu (cf. Heródoto 7.20.2-7.21.1, 7.128.1-2).

[564] *Vide supra* 1.22.2 e nota respetiva.

[565] Cf. Graves (1977) I.325.

[566] Cf. Graves (1977) I.324-5. Apesar de provindo de mãe não ateniense e de nascido fora de Atenas, Teseu ganha legitimidade como filho de Egeu quando recupera, de sob um rochedo onde haviam sido ocultos, bens paternos (uma espada e um par de sandálias; cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 3.6-7, 6.2-3). Esta façanha – a de levantar um penedo para recuperar objetos ocultos – não é tanto representativa de uma força extraordinária do jovem Teseu, quanto da recuperação da sua identidade.

margens do rio Tetris.[567] Noutros tempos havia monstros mais assustadores para os homens, como o leão de Némea[568] e o do Parnaso, serpentes por toda a parte na Grécia,[569] o javali de Cálidon e o de Erimanto,[570] e o javali-fêmea de Crómion, na região de Corinto.[571] De tal modo que se dizia que uns tinham brotado da terra, outros estariam consagrados aos deuses, e outros ainda teriam sido enviados como castigo aos homens. Quanto a este touro, dizem os Cretenses que foi Posídon que o enviou para a sua terra, porque Minos, tornado senhor do mar,[572] não lhe prestava homenagens especiais em relação às

---

[567] Sobre a façanha de Teseu em Creta na luta contra o Minotauro, *vide supra* 1.20.3 e nota respetiva.

[568] Este foi o inimigo enfrentado por Héracles no seu primeiro trabalho (cf. Hesíodo, *Teogonia* 326-32; cf. ainda Graves (1977) II.103-7). Depois de o vencer, o herói retirou-lhe a pele, que passou a usar como uma insígnia e escudo protetor. Não há qualquer outra informação sobre o leão do Parnaso.

[569] Caso, por exemplo, da hidra de Lerna, com as suas múltiplas cabeças de serpente, também aniquilada por Héracles; *vide infra* 2.37.4; cf. Graves (1977) II.107-10.

[570] Este era um monstro que habitava as encostas do monte Erimanto, na Arcádia. Héracles estava incumbido de o capturar vivo. Depois de o aprisionar com cadeias, o herói trouxe-o para Micenas. Cf. Graves (1977) II.113-6. Sobre o javali de Cálidon, *vide supra* 1.27.6 e nota respetiva.

[571] Este último javali-fêmea foi liquidado por Teseu (cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 9.1-2, *Obras Morais* 987f, e ainda Baquílides 17.24, Eurípides, *Suplicantes* 316-7). Crómion designa o lado ocidental da região de Corinto vizinho de Mégara, junto ao golfo Sarónico. Feia ("a Negra"), o javali-fêmea que a habitava (*vide infra* 2.1.3), era considerada, segundo diferentes versões, mãe do javali de Erimanto e do de Cálidon. Plutarco (*Vida de Teseu* 9.2) cita também uma outra interpretação da história, que alude a uma mulher, ladra e sem escrúpulos, apodada de "porca" pelo seu caráter e modo de vida.

[572] Cf. Tucídides 1.8.2-3. Porque Tucídides valoriza, no seu preâmbulo arqueológico, a capacidade marítima como o principal fator de progresso e de supremacia, foi esse, do seu ponto de vista, o motivo que determinou o aparecimento de um primeiro foco de poder em Creta, onde Minos, um talassocrata, assumiu o controle do mar e dos piratas que o povoavam.

dos outros deuses. **27.10.** Esse touro, conta-se, foi levado por Héracles da ilha de Creta para o Peloponeso, o que funcionou como um dos seus ditos doze trabalhos.[573] Quando o soltou na planície de Argos, ele fugiu através do istmo de Corinto, dirigiu-se à Ática, e aí fez rumo a Maratona. Foi matando, entretanto, todos os que encontrava, entre eles Androgeu, filho de Minos.[574] Este navegou então contra Atenas, persuadido de que os Atenienses não estavam inocentes na morte de Androgeu. Tantos foram os danos que lhes causou que eles se viram forçados a enviar para Creta sete rapazes e outras tantas raparigas destinados ao chamado Minotauro, que vivia no labirinto em Cnossos.[575] Esse touro de Maratona, diz-se que Teseu, mais tarde, o conduziu para a Acrópole e o sacrificou à deusa. O memorial respetivo é uma oferenda de Maratona.

1.28.1. *O Areópago e outros tribunais*

Sobre Cílon,[576] não tenho nenhuma justificação clara para o facto de lhe terem consagrado uma estátua de bronze apesar

---

[573] *Vide* Apolodoro, *Biblioteca* 2.5.7, Diodoro Sículo 4.13; cf. Graves (1977) II.121-2. Depois de vencer o touro, Héracles trouxe-o para Micenas, onde Euristeu – sob cujas ordens o herói realizava as suas façanhas –, depois de o dedicar a Hera, o soltou. Foi a deusa que primeiro o orientou para Esparta, e depois em sentido inverso através do Istmo de Corinto para Maratona. Plutarco, *Vida de Teseu* 14.1 relata a vinda do touro para a Acrópole, por ação de Teseu.

[574] *Vide supra* 1.1.2 e nota respetiva.

[575] *Vide supra* nota 409.

[576] Cf. Heródoto 5.71.1-2, Tucídides 1.126.3-10, *schol.* Aristófanes, *Cavaleiros* 445, Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 1, Plutarco, *Vida de Sólon* 12.1-2. Cílon contava, entre os fatores de prestígio, a vitória na corrida do duplo estádio (cf. Eusébio 1.198), na 35ª Olimpíada (640-639 a.C.). Do ponto de vista político teve intervenções menos brilhantes, como protagonista de um dos vários golpes de Estado de que foi alvo o governo de Atenas durante a época arcaica (c. 632 a.C.). Mobilizou para isso correligionários da mesma idade e propôs-se tomar a Acrópole de assalto. Vendo-se em perigo, perante a reação dos Atenienses que

de ele pretender instalar uma tirania. Mas imagino que a razão seja a seguinte: porque se tratava de um sujeito muito esbelto, com alguma fama por ter ganho uma vitória em Olímpia, na corrida do duplo estádio, e por ter casado com a filha de Teágenes, tirano de Mégara.[577] **28.2.** Além do que acabo de referir, há ainda duas oferendas consagradas pelos Atenienses a partir do saque de guerra: uma estátua de Atena em bronze,[578] oferecida com o saque dos Medos que desembarcaram em Maratona,[579] obra de Fídias – mas foi Mis,[580] ao que se conta, quem lhe gravou no escudo a luta dos Lápitas e dos Centauros[581] e os outros motivos lá representados. Consta que Mis gravou essa e outras obras sobre desenhos de Parrásio, filho de Evenor.[582] A ponta da lança e o penacho do elmo dessa

---

sitiaram a cidadela, escapou-se, abandonando os seus cúmplices à sua sorte. Apesar de se refugiarem como suplicantes junto da estátua de Atena Políade e de parecer merecerem o respeito das autoridades atenienses, acabaram sendo mortos, o que constituiu um sacrilégio. Parte da responsabilidade por esse desrespeito em relação a suplicantes foi atribuída aos Alcmeónidas.

577 Cf. Tucídides 1.126.3-5. Teágenes foi tirano de Mégara na segunda metade do séc. VII a.C. (c. 640-620 a.C.); *vide infra* 1.40.1, 1.41.2, Aristóteles, *Política* 5.1305a. Dado o parentesco entre Cílon e o tirano de Mégara é de imaginar a sua colaboração no golpe em favor da tirania.

578 Atena *Promachos* ("Guerreira"), um ex voto da cidade pela vitória contra os Persas em Maratona, encontrava-se no espaço exterior da Acrópole (*vide infra* 7.27.2, 9.4.1). Tinha cerca de 10 metros de altura. Foi instalada na cidadela de Atenas c. 456 a.C., e mais tarde levada, pelo imperador Constantino, para Constantinopla, onde permaneceu até ao séc. XIII.

579 *Vide supra* 1.14.5 e nota respetiva.

580 Mis (c. 440 a.C.) distinguiu-se como escultor de altos relevos.

581 *Vide supra* 1.17.2 e nota respetiva.

582 Parrásio de Éfeso (c. 400 a.C.) viveu e trabalhou sobretudo em Atenas. Sobre a qualidade da sua pintura, e a rivalidade alimentada com Zêuxis, cf. Plínio, *História Natural* 35.4. Segundo o testemunho de Plínio, os principais méritos das suas criações estavam na precisão do traço, na correção das proporções e na expressão. Entre as suas obras

Atena já são visíveis a quem navega a partir de Súnio.[583] Lá está também um carro de bronze feito com os despojos dos Beócios e Calcídios de Eubeia.[584] Há mais duas oferendas: uma estátua de Péricles, filho de Xantipo, e uma Atena de Fídias, que é um dos seus melhores trabalhos. Em função dos ofertantes, é chamada Atena Lémnia.[585] **28.3.** Na Acrópole, exceção feita daquela parte que Címon, filho de Milcíades,[586] mandou edificar, diz-se que de resto todas as muralhas que a cercam são dos Pelasgos que outrora habitavam o sopé da Acrópole.[587] Segundo essa versão, foram Ágrolas e Hipérbio

---

mais célebres, conta-se um conjunto de figuras – *Povo de Atenas* – exprimindo diferentes sentimentos, ira, inconstância, placidez, piedade; e um *Teseu*. Cf. Howatson (1991) 618.

583 *Vide supra* 1.1.1 e nota respetiva.

584 Uma vitória dos Atenienses contra os Beócios e Calcidenses de Eubeia foi obtida em 507 a.C. Beócios, Calcidenses e Espartanos agiram aliados para fazer frente à democracia ateniense que então se instalava. Cf. Heródoto 5.77.1-4.

585 Sobre a estátua de Péricles, *vide supra* 1.25.1. A estátua de Atena Lémnia foi consagrada por colonos de Lemnos e outros testemunhos confirmam a sua excepcionalidade entre as obras de Fídias (cf. Plínio, *História Natural* 34.74, Luciano, *Imagens* 4.6).

586 *Vide supra* 1.17.6 e nota respetiva. As muralhas da Acrópole eram constituídas por duas cinturas, uma interior e outra exterior. A interior era o chamado 'muro pelárgico', e a exterior, construída do lado ocidental da colina, que é também o do acesso, era a que a tradição atribuía aos Pelasgos, por isso designada por 'muro pelásgico'. Sobre as muralhas de Atenas, cf. Tucídides 2.17.

587 Para os Gregos, Pelasgos era uma designação para povos pré-gregos, que falavam uma língua própria. Como ponto de partida, podemos tomar a chamada 'teoria pelásgica', "segundo a qual a Grécia pré-helénica se chamava Pelásgia e era habitada por uma população autóctone, os Pelasgos" (Heródoto 1.56.2, 2.56.1, 6.137-40, 7.94-5, 8.44.2; cf. *Ilíada* 2.681-4, 2.840-3, Tucídides 1.2.6); entre eles contavam-se as comunidades que reivindicavam autoctonia (Arcádios, Tessálios e Atenienses, por exemplo) e deles se excluíam os Dórios, segundo Heródoto "de origem helénica", que respondiam à permanência tradicional do primeiro grupo com uma enorme mobilidade (1.56.2). A helenização ocorreu, segundo esta teoria, quando a divergência étnica foi diluída pela imposição, por parte do invasor dórico, da sua língua,

que as edificaram. Ao informar-me sobre quem teriam sido, nada mais consegui apurar do que, oriundos da Sicília, eles se tinham transferido para a Acarnânia.

28.4. Quando se desce não propriamente até à parte baixa da cidade, mas um pouco abaixo dos Propileus, há uma fonte[588] e ali perto um templo de Apolo numa gruta. Segundo a tradição, foi lá que se deu o encontro entre o deus e Creúsa, a filha de Erecteu.[589] (...) Quando Filípides foi enviado à Lacedemónia para anunciar o desembarque dos Medos no seu território,[590] terá voltado com a notícia de que os Lacedemónios tinham adiado a saída, porque, de acordo com as suas regras, não podiam partir em campanha antes da fase da lua cheia. Filípides contou então que Pã lhe tinha casualmente aparecido na zona do monte Parténio[591] e lhe tinha anunciado a sua simpatia pelos Atenienses e que se aliaria a eles

---

o grego, aos povos autóctones, os Pelasgos utilizadores de uma língua bárbara (1.57.2). Sobre esta controversa questão, *vide* Myres (1907) 170-225; Ferreira (1983) 283-4. Sobre Ágrolas e Hipérbio, cf. Plínio, *História Natural* 7.194.

[588] Fonte da Clepsidra (cf. Aristófanes, *Aves* 913).

[589] O principal testemunho sobre esta tradição é dado por Eurípides, no *Íon* (c.413-411 a.C.). Esta peça tem o seu eixo central na figura da princesa de Atenas: filha de Erecteu, amante de Apolo, esposa de Xuto, mãe de um bastardo de semente divina, Íon, vítima de uma aparente esterilidade, e consulente do oráculo de Delfos. Como ponto de partida da experiência de Creúsa na peça está esse encontro amoroso da jovem com Apolo; nos recessos de uma gruta, oculta nas encostas da Acrópole, Apolo uniu-se à filha de Erecteu, produzindo, por umas bodas (10-1) consumadas à força, uma maternidade indesejada (946-9). Este episódio de violação é referido, na peça, com insistência e a vários tons (no prólogo por Hermes, 8-27; por Creúsa no primeiro encontro com Íon, 338 sqq.; pelo coro, 492-506; numa monódia da própria Creúsa, 881 sqq.; na cena final do reconhecimento, 1479 sqq.).

[590] *Vide supra* 1.14.5 e nota respetiva.

[591] O monte Parténio, situado entre a Argólida e a Arcádia, era o lugar de um conhecido culto de Pã. Sobre o encontro entre o mensageiro e o deus, *vide infra* 8.54.6. E sobre a gruta de Pã na Acrópole, cf. Aristófanes, *Lisístrata* 911.

em Maratona. O culto do deus resulta desta notícia.[592] **28.5.** Ali fica também o Areópago, assim chamado porque foi Ares o primeiro a ser lá julgado. Já atrás relatei que o deus teria matado Halirrótio, e a razão por que o fez.[593] Mais tarde, ao que se diz, foi ali também julgado Orestes pelo assassínio da mãe.[594] Lá existe um altar de Atena Areia,[595] por ele consagrado depois de absolvido. As pedras em bruto, destinadas ao acusado e à acusação, são chamadas uma "Pedra do delito" e a outra "da Severidade".

28.6. Lá perto fica o templo das deusas que os Atenienses apelidam de "Venerandas" e a que Hesíodo, na *Teogonia*, chamou Erínias. Ésquilo foi o primeiro a representá-las com serpentes entrelaçadas nos cabelos.[596] Todavia as respetivas

[592] *Vide infra* 8.54.6; cf. ainda Heródoto 6.105-6. Sobre este episódio narrado por Heródoto em termos muito semelhantes aos usados por Pausânias, *vide* Nenci (1998) 266-71. Heródoto atribui a este mensageiro qualidades de corredor célere.

[593] *Vide supra* 1.21.4 e nota respetiva.

[594] *Vide supra* 1.22.6 e nota respetiva.

[595] "Guerreira". Teria sido a deusa sob este epíteto a absolver Orestes no julgamento reproduzido por Ésquilo em *Euménides*.

[596] *Teogonia* 185, 472. Ésquilo, em *Euménides* (383, 1041), procede de facto a esta conversão, das Erínias em deusas Venerandas (*Semnaí*). Dentro da versão tradicional, as Erínias representam a vítima e é sua função perseguir impiedosamente o homicida. A justiça que garantem é, portanto, automática e taliónica. Como deusas das trevas, vingadoras do sangue derramado, elas são entidades tenebrosas, sombrias, de visão aterradora (cf. *Euménides* 34). Ésquilo demora-se no traçado da sua imagem: são negras (*Coéforas* 1049, *Euménides* 52); logo pelo aspecto geral, "asquerosas" (*Euménides* 52). O som que produzem no sono é atroz – "roncam" – e o odor que exalam nauseabundo (53); dos olhos brotam-lhes lágrimas de sangue (54; cf. *Coéforas* 1049); os acessórios que lhes caraterizam o exterior, as serpentes (*Coéforas* 1049-50), são-lhes exclusivos, porque estranhos aos homens e aos deuses (55-6). Sem deixarem de ser deusas justiceiras, representam no entanto uma legalidade primitiva, fundada na violência e obediente à regra de 'quem feriu tem de pagar'. Nessa medida a sua presença traz sombras, a sua imagem é assustadora, o seu relacionamento com os homens baseado

imagens, como as das outras divindades infernais aí existentes, nada têm de assustador. São elas representações de Pluto, Hermes e a Terra. Nesse templo fazem sacrifícios, por outros motivos, os que foram absolvidos de culpa no Areópago, estrangeiros ou nacionais. **28.7.** Dentro do recinto fica o memorial de Édipo; nas minhas diligências descobri que os seus restos mortais tinham sido trazidos de Tebas. De facto, a versão de Sófocles da morte de Édipo não me parece credível, tendo em conta Homero,[597] que afirma que Mecisteu, após a morte de Édipo, foi a Tebas para participar nos seus jogos fúnebres.

28.8. Existem em Atenas outros tribunais, que não têm o mesmo prestígio. Assim o Parabisto[598] e o Trígonon,[599] o primeiro, instalado num bairro pouco frequentado da cidade, que se destina a causas menores, e o segundo cujo nome lhe vem da forma do edifício. O hábito de se lhes chamar 'Verde' e 'Vermelho' devido à cor ainda agora se conserva. O maior e

---

no terror. Só a aparição magnífica de Atena, a cuja proteção Orestes apelava, consegue acalmar o excesso sangrento das Erínias, para abrir um espaço de reflexão e julgamento. Por fim, ditada a absolvição do réu e exacerbada a fúria das suas perseguidoras, a deusa vence-lhes a cólera diante da generosidade com que Atenas lhes franqueia acolhimento. Na cidade da justiça, elas reinarão como deusas dignas de todas as honras – "Venerandas" –, dentro de uma nova ordem onde perdura, em vez do sangue, a paz, na equidade, luz e bem-aventurança. De Erínias, as deusas convertem-se em Euménides, entidades protetoras e benfazejas. Referência ao mesmo templo é feita *infra* 7.25.1-2.

[597] *Ilíada* 23.678-80. Mecisteu era um herói argivo, que veio a tomar parte no ataque dos Sete contra Tebas. A versão sofocliana da morte de Édipo situa-a em Colono e não em Tebas (*Édipo em Colono* 1586-665). *Vide infra* 1.30.4.

[598] "Arredado" ou "congestionado", talvez pela estreiteza do lugar. Este tribunal estava adstrito a um grupo de magistrados designado por "Onze" e vocacionado para pequenos furtos e para a vigilância prisional.

[599] "Triangular". Cf. Pólux, *Onomasticon* 8.121.

onde a maioria dos pleitos é julgada é o chamado da Helieia.[600] Há ainda outros vocacionados para homicídios. Assim por exemplo, o designado por Paládio é onde são julgados os homicídios involuntários.[601] Que foi Demofonte[602] o primeiro a ser lá julgado não causa divergências. Mas por que crime? Aqui reside a polémica. **28.9.** Conta-se que Diomedes, após a tomada de Troia, na viagem de regresso, foi surpreendido pela noite já à vista do porto de Falero. Os Argivos desembarcaram então como se fosse em território inimigo, convencidos, na escuridão, de estarem noutro lugar que não na Ática. Por sua vez Demofonte procurou expulsá-los, por também ele não reconhecer os Argivos quando desembarcaram. Aí matou alguns deles e roubou-lhes o Paládio.[603] De regresso à cidade, derrubou e pisou, sob as patas do cavalo, um sujeito ateniense que o não tinha visto e morreu. Em consequência foi submetido a um processo, desencadeado pelos parentes da vítima segundo uns, ou pela comunidade argiva, segundo

[600] Este era o principal tribunal na Atenas clássica, com uma autoridade acrescida após as reformas democráticas de Efialtes, em 462 a.C., que lhe atribuíram a supervisão da administração judiciária. Os seus 6000 membros eram escolhidos por sorteio entre os cidadãos com mais de 30 anos e em pleno gozo dos seus direitos civis (cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 63.1-3). Funcionava ao ar livre, com juízes eleitos pelo povo. Talvez a sua existência remontasse ao séc. VI a.C., ao tempo em que Sólon parece ter consignado aos cidadãos o direito de recurso das sentenças emitidas pelos magistrados judiciais perante o povo reunido em assembleia. Os juízes estavam divididos em dez grupos, de 500 membros cada e 1000 suplentes.

[601] Cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 57.3, que alarga a competência deste tribunal dos homicídios involuntários ou apenas tentados, aos casos em que a vítima seja um escravo, meteco ou estrangeiro.

[602] Sobre Demofonte, um dos filhos de Teseu, e a sua participação na guerra de Troia, *vide supra* nota 18.

[603] A estátua de Palas Atena roubada aos Troianos por Diomedes e Ulisses e, com ela, a segurança da cidade. Cf. Quinto de Esmirna, *Pós-homéricas* 10.350-4, Apolodoro, *Epítome* 5.13.

outros. **28.10.** No Delfínio são julgados aqueles que afirmam ter cometido um crime legítimo;[604] foi o caso de Teseu que se viu absolvido, quando matou Palante e os filhos que se tinham revoltado.[605] Antes de Teseu ter sido isentado, quem quer que matasse alguém era obrigado a exilar-se, ou, caso permanecesse, a morrer da mesma forma. No Pritaneu há um tribunal[606] onde se julga o ferro e todos os outros instrumentos inanimados. Penso que foi esta a sua origem: reinava Erecteu sobre os Atenienses, quando o matador de bois matou um primeiro animal no altar de Zeus Polieu. Aí ele abandonou o machado e fugiu do país. De imediato sujeitou-se o machado a julgamento e foi absolvido. Esta é uma cerimónia que ainda hoje se renova todos os anos.[607] **28.11.** Conta-se também que outros instrumentos inanimados espontaneamente aplicaram um castigo a várias pessoas. O caso mais interessante e mais célebre é o do sabre de Cambises.[608] O Freato fica no Pireu, junto ao mar.[609] É aí que os exilados vêm defender-se se acusa-

[604] Cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 57.3, que especifica: "Se o homicida confessa o crime, mas sustenta que o fez legitimamente, como, por exemplo, ao apanhar um adúltero em flagrante, ao matar alguém por engano, na guerra, ou no decurso de uma competição, será julgado no tribunal do Delfínion" (tradução de Leão 2003).

[605] *Vide supra* 1.22.2 e nota respetiva.

[606] O tribunal do Pritaneu tratava sobretudo de causas civis, ainda que também se ocupasse de alguns processos criminais. A princípio integrava cinquenta juízes, mas este número sofreu um acréscimo até quinhentos, eleitos de entre todas as tribos. Julgavam crimes de morte de autor desconhecido e animais ou objetos que tivessem servido de instrumento de homicídio.

[607] *Vide supra* 1.24.4 e nota respetiva.

[608] Cf. Heródoto 3.64.3. Neste capítulo, Heródoto narra como Cambises acabou ferido pelo mesmo sabre e no mesmo sítio da perna onde antes tinha atingido o deus Ápis.

[609] Cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 57.3, onde se lê: "Se alguém tiver sido exilado por um crime que admite a reconciliação, mas for acusado de homicídio ou de ofensas corporais, será julgado no tribunal do Freato; porém, o arguido terá de defender-se a partir de

dos de outro crime na sua ausência. Fazem então a sua defesa a partir do navio e perante os juízes em terra. Teucro foi, ao que se conta, o primeiro a defender-se assim perante Télamon, de estar inocente da morte de Ájax.[610] Eis o que se me impunha narrar pela seguinte razão, para o dar a conhecer àqueles que se interessam por tribunais.

1.29.1. *A Academia e os túmulos da vizinhança*

Junto ao Areópago está exposto um navio construído para o cortejo das Panateneias,[611] que já foi superado em tamanho. Mas não conheço nenhuma embarcação que tenha levado a melhor ao navio que se encontra em Delos, apetrechado com nove filas de remadores debaixo do tombadilho.[612]

29.2. Fora da cidade de Atenas, nos *demos* e ao longo dos caminhos, há templos dos deuses e túmulos de heróis e de

---

um barco ancorado", de modo a que se não quebre o exílio (tradução de Leão 2003).

[610] *Vide supra* nota 59.

[611] Sobre as Panateneias, *vide* Rocha Pereira ([10]2006) 351-2. Estas eram as grandes festas celebradas em Atenas em honra da deusa sua padroeira todos os anos, mas com particular solenidade de quatro em quatro anos. O momento de maior solenidade era a procissão que reunia todas as forças vivas da cidade, as filhas de família com as oferendas, os cidadãos em geral, os carros para as corridas e a cavalgada dos efebos. O objetivo era levar em oferta à deusa o *peplos* confecionado por moças da cidade. A dada altura, na época clássica, instituiu-se a prática de usar o chamado "navio panatenaico", um barco de madeira com rodas, para levar o *peplos* como se fosse uma vela. O principal testemunho deste cortejo é o friso interior do Pártenon, hoje repartido entre o Museu da Acrópole, em Atenas, e o British Museum, em Londres. As festas incluíam ainda provas desportivas de várias modalidades, além de concursos musicais e da recitação dos Poemas Homéricos.

[612] Em Delos, havia também um navio destinado a figurar num culto, de dimensões notáveis, de que não dispomos de qualquer outro testemunho.

homens. Muito perto da cidade está a Academia,[613] outrora propriedade de um particular, transformada no meu tempo em ginásio. Ao descer nessa direção, há um recinto de Ártemis, e as estátuas de madeira de Ariste e Caliste.[614] Na minha opinião – confirmada por versos de Panfo[615] – trata-se de epítetos de Ártemis. Conheço sobre elas uma outra versão, que vou passar adiante. Há também um templo pequeno, para onde, todos os anos em dias determinados, se leva a estátua de Dioniso Eleutereu.[616] **29.3.** São então estes os templos que existem nesta zona. Quanto aos túmulos, está, em primeiro lugar, o de Trasibulo, filho de Lico, um sujeito a todos os títulos muito superior àqueles que, antes e depois dele, granjearam fama em Atenas. Passo adiante a maior parte dos seus feitos e vou deter-me nos que dão crédito à minha afirmação. Assim: começou por pôr fim à chamada Tirania dos Trinta,[617] avançando de Tebas à partida com apenas sessenta homens; pacificou as dissensões entre Atenienses, e persuadiu-os a unirem-se e a cumprirem os acordos.[618] Portanto, o primeiro túmulo é o dele,

---

[613] A Academia era um santuário dedicado ao herói Academo, dotado de jardins, um ginásio e alguns cultos (*vide infra* 1.30). Ganhou relevo a partir do momento (c. 384 a.C.) em que Platão aí fundou a sua escola.

[614] "A melhor" e "a Mais Bela".

[615] Lesky (1968) 107-8 fala do nome de Panfo, juntamente com os de Museu e Orfeu, como autores da mais remota poesia grega, sob forma de cantos líricos dedicados aos deuses. Pausânias menciona Panfo com frequência: *vide infra* 1.38.3, 1.39.1, 7.21.9, 8.35.8, 8.37.9, 9.27.2, 9.29.8, 9.31.9, 9.35.4.

[616] *Vide supra* 1.20.3 e nota respetiva.

[617] C. 403 a.C.

[618] Trasibulo (c. 440-388 a.C.) teve de facto uma enorme intervenção em favor da restauração da democracia em Atenas, já na última fase da guerra do Peloponeso. Tucídides (8.73.4, 8.75.2, 8.76.2, 8.81.1, 8.100.4, 8.104.3, 8.105.2-3) relata a missão que desenvolveu em Samos, em 411 a.C., onde organizou um movimento favorável à democracia e criou uma espécie de força de resistência em relação ao poder

seguido do de Péricles, de Cábrias[619] e de Formião.[620] **29.4.** Lá está também um memorial de todos os Atenienses mortos nas batalhas navais e nos combates em terra, à excepção dos que combateram em Maratona. Esses têm túmulo no próprio lugar,[621] em homenagem à sua bravura; os restantes estão sepultados no caminho para a Academia,[622] e sobre os seus

---

oligárquico então em exercício. Pouco tempo depois, promoveu a ocupação do Pireu por uma fação democrática que, aproveitando o apoio do descontentamento popular, conseguiu a destituição do governo dos Quatrocentos. Dada a sua grande experiência naval, empreendeu o restabelecimento de uma armada poderosa para Atenas. Participou na batalha de Arginusas (*infra* 3.5.1, 3.5.4-5, 6.7.7). Quando mais tarde (404 a.C.) foi condenado ao exílio pelo governo dos Trinta Tiranos, procurou refúgio em Tebas de onde organizou um novo movimento de oposição democrática, apoiado por um grupo de 70 exilados. Em 403, com apoio tebano, voltou a investir contra o Pireu, pondo fim ao regime tirânico dos Trinta. Conseguido finalmente o seu objetivo, promoveu uma amnistia a todos os que tinham apoiado o regime vencido, de modo a evitar maiores conflitos sociais.

[619] Cábrias (c. 420-357 a.C.) foi um general com atuação destacada no séc. IV a.C., quer ao serviço de Atenas ou como mercenário. Provavelmente os seus primeiros passos na política aproximaram-no de Trasibulo, numa missão na Trácia (390-389 a.C.), a que se seguiu um desempenho ao comando de mercenários atenienses em Corinto (398-388 a.C.). Após prestar serviço no Egito, voltou a Atenas. Ao comando de uma operação em Eubeia e nas Cíclades (377 a.C.), contribuiu para o estabelecimento de uma segunda confederação marítima ateniense.

[620] *Vide supra* 1.23.10 e nota respetiva.

[621] Na verdade, o costume grego era sepultar os caídos em combate no próprio terreno onde a luta tinha tido lugar (cf. o caso de Termópilas, Salamina e Plateias; cf. *infra* 9.2.5-6, Heródoto 5.63.4, 7.228, 9.85, Tucídides 3.58.4; sobre os túmulos dos mortos em Maratona, *vide infra* 1.32.3). Jacoby (*apud* Calonge Ruiz, Torres Esbarranch (1990) 444), ao tomar parte na discussão sobre o enterramento dos mortos em combate, sugere a prática do sepultamento nos arredores da cidade como "introduzida por uma nova lei, em 465-464 a.C., depois do desastre de Drabesco" (cf. Tucídides 1.100.3). Segundo outros estudiosos, esta prática poderia ser mais antiga.

[622] Tucídides 2.34.5 fala do "sepulcro público, situado no mais belo arrabalde da cidade, em que sempre se enterrou os mortos de guerra" e também ele excetua os de Maratona pela mesma razão de mérito. Esta

túmulos há estelas com o nome e o *demos* de cada um. Os primeiros a serem lá sepultados foram aqueles que conquistaram a Trácia até à região de Drabesco, onde os Edonos os apanharam de surpresa e os chacinaram.[623] Segundo a lenda, foram também vítimas dos raios que caíram sobre eles. **29.5.** Entre os generais está Leagro, que tinha o comando geral do exército, a seguir Sófanes de Deceleia, que matou Euríbates de Argos, outrora vencedor do pentatlo nos Jogos Nemeus e que veio prestar socorro aos Eginetas.[624] Este foi o terceiro exército enviado pelos Atenienses para fora da Grécia. De facto, contra Príamo e os Troianos a campanha que se fez foi comum a todos os Gregos. Os Atenienses por sua conta, juntamente com Iolau,[625] fizeram uma primeira campanha contra a Sardínia,[626]

---

era, portanto a zona do Ceramico, do lado noroeste de Atenas e já fora dos limites da cidade, por onde passava o caminho para a Academia.

[623] Cf. Tucídides 1.100.2-3, 4.102.2 que narra estes acontecimentos de 465 a.C. Perante a sublevação do povo da ilha de Tasos contra os Trácios por motivo de interesses na exploração de minas, os Atenienses atacaram a ilha, ao mesmo tempo que enviaram colonos com a intenção de ocupar Anfípolis, numa tentativa de controlar a zona. E apesar de se terem apoderado de Anfípolis, antes sob o domínio dos Edonos – um povo da Trácia situado num espaço entre a Ásia e a Grécia e detentor de um terreno aurífero (cf. Heródoto 4.124.2, 5.11.2, 7.110, 7.114, 9.75) –, quando avançaram para o interior foram dizimados em Drabesco, no norte do monte Pangeu. Esta expedição foi comandada por Sófanes, filho de Eutíquides, e por Leagro, filho de Gláucon, e a ela não foram estranhos os interesses pelas minas de ouro existentes na região (cf. Heródoto 9.75).

[624] Cf. Heródoto 6.92.2-3, 9.73-5. Esta invasão de Egina ocorreu entre as duas guerras pérsicas.

[625] A associação de Iolau, o mítico companheiro de Héracles em vários dos seus trabalhos, com esta campanha na Sardínia alude à vinda do herói a Ocidente. Sobre Iolau, *vide supra* 1.19.3 e nota respetiva.

[626] Este grupo de colonos da Sardínia, constituído por gente de Téspis e da Ática, foi, segundo esta tradição, dirigido por Iolau. Os Téspios teriam então fundado a cidade de Ólbia e os Atenienses Ogrile. Pausânias (7.2.2, 9.25.1, 10.17.5) documenta a existência na ilha de locais designados por Iolaia, onde se mantinha um culto a Iolau. A segunda

uma segunda contra o que agora é a Iónia, e uma terceira, a tal contra a Trácia. **29.6.** Diante do memorial existe uma estela com cavaleiros em combate. Os nomes deles são Melanopo e Macártato, que morreram no confronto com os Lacedemónios e os Beócios, na fronteira entre Éleon e Tânagra.[627] Segue-se o túmulo dos cavaleiros tessálios que vieram em nome de uma antiga aliança, quando, pela primeira vez, os Lacedemónios fizeram uma incursão na Ática com um exército, sob o comando de Arquidamo.[628] Lá perto está o túmulo dos

---

campanha dirigiu-se contra Sárdis, aquando da revolta iónica (cf. Heródoto 5.99.1).

[627] A tendência verificada entre diversos estudiosos para considerar que Pausânias se refere à batalha de Tânagra, ocorrida em 458-457 a.C., foi posta em causa a partir de uma inscrição encontrada na ágora. É com base nas caraterísticas da inscrição que se tem considerado que o registo corresponde mais ao final do que a meados do séc. V a.C. Daí a possibilidade aventada por Meritt (*apud* Bugh (1988) 43-4) de se tratar da celebração de uma qualquer batalha, sem outro registo, que tivesse ocorrido após a ocupação espartana de Deceleia, em 414 a.C. As fragilidades desta teoria são evidentes, de modo a haver um maior consenso em torno da primeira hipótese. A batalha de Tânagra integrou-se na chamada Primeira Guerra do Peloponeso (desencadeada em 460 a.C.), em que forças aliadas de Esparta se confrontaram com as que constituíam a Liga de Delos, encabeçada por Atenas. Estava em causa a predominância que Atenas ia ganhando, ameaçadora para os interesses de outras cidades gregas. Se nos primeiros anos desta guerra as vantagens beneficiaram Atenas, em Tânagra (458 a.C.) a vitória pendeu para Esparta, ainda que as baixas entre o vencedor fossem muito pesadas. Após a batalha, os Atenienses reorganizaram-se e atacaram a Beócia. Depois de destruírem as muralhas de Tânagra, devastaram a Lócrida e a Fócida, o que lhes deu um controle sobre a região; cf. Tucídides 1.108.1-3.

[628] Cf. Tucídides 2.10.3, 2.12.1; este foi o primeiro período da guerra do Peloponeso (431-421 a.C.), que recebeu o nome de "arquidâmico" justamente do chefe das forças lacedemónias. Em 2.22.2-3, Tucídides refere-se ao recontro, ocorrido nos subúrbios de Atenas, entre a cavalaria ateniense, auxiliada pela tessália, contra a cavalaria beócia, confirmando a aliança existente entre Atenienses e Tessálios (1.102.4, 1.107.7). Do relato de Tucídides se infere que não houve propriamente

archeiros cretenses, depois de Atenienses como Clístenes,[629] o criador das tribos como ainda agora existem, e daqueles cavaleiros que morreram quando os Tessálios partilharam com eles o combate.[630] **29.7.** Aí jazem os Cleoneus que vieram para a Ática juntamente com os Argivos[631] (por que razão é assunto de que vou tratar aquando do relato sobre os Argivos).[632] Há também o túmulo daqueles Atenienses que, antes da invasão dos Medos, fizeram guerra aos Eginetas.[633] Foi uma medida correta a do povo de Atenas, ao conceder aos escravos sepultura pública e a gravação dos seus nomes em estelas, a declarar o mérito que tiveram ao combater ao lado dos seus senhores. Há também memoriais de outros indivíduos, mortos na guerra em diferentes regiões; assim, por exemplo, os dos notáveis que

---

vitória, ainda que os Atenienses tivessem podido retirar os cadáveres das vítimas sem necessitar de maiores negociações.

[629] *Vide supra* 1.5.1 e nota respetiva.

[630] Túmulo dos Atenienses mortos em 431 a.C., quando contavam com tropas tessálias como aliadas.

[631] A região de Cleonas situava-se no noroeste do Peloponeso, a c. 30 quilómetros de Argos, e compreendia a cidade com o mesmo nome e o templo de Zeus em Némea. A sua situação geográfica, intermédia entre Argos e Corinto, fez dela um alvo cobiçado, levando-a, no séc. IV a.C., a perder a autonomia e a ficar sob a alçada dos Argivos. Antes, porém, viveu tempos de aliança com o seu futuro ocupante. Foi o caso da sua atuação conjunta na batalha de Tânagra, contra Atenas (*vide supra* 1.29.6 e nota respetiva). Cf. Nieto Izquierdo (2011) 36. A campanha a que corresponde este túmulo coletivo ocorreu em 457 a.C. (*vide infra* 1.29.8-9).

[632] *Vide infra* 2.15.1-2.

[633] Sobre as divergências entre Atenas e Egina (*vide supra* 1.29.5), cf. Heródoto 5.82-9, 6.49-50, 6.85-93. Foi exatamente para atacar Egina que Temístocles impulsionou a construção da armada ateniense que havia de vencer os Persas em Salamina (cf. Heródoto 7.144.1-3, Tucídides 1.14.3, 1.41.2, 1.67.2, 1.105.2, 1.108.4). Submetida pelos Atenienses (457-456 a.C.), Egina foi forçada a integrar a liga de Delos como membro tributário, além de sujeita às habituais condições de destruição das muralhas e entrega dos navios.

marcharam para Olinto,[634] e de Melesandro que navegou até à Cária com os seus navios, através do Meandro.[635] **29.8.** Lá estão sepultados também os mortos em combate contra Cassandro,[636] e os aliados argivos de Atenas. Foram, ao que se diz, as seguintes as condições em que se estabeleceu esta aliança com os Argivos. Após um tremor de terra na cidade, os hilotas revoltaram-se e retiraram-se para Itome.[637] Após esta

[634] Olinto, uma cidade desenvolvida da Calcídica, que pertencia à chamada Liga Calcídica aliada de Filipe II, por temor da ambição do monarca macedónio entendeu negociar uma aproximação com Atenas. Esta foi uma decisão que Filipe entendeu como rutura do acordo existente, o que justificou um ataque a Olinto (349 a.C.). Sob pretexto de exigir a entrega dos seus irmãos Arrideu e Menelau lá refugiados, que considerava rivais ao trono da Macedónia, Filipe encontrou justificação para o ataque à Calcídica (cf. Diodoro Sículo 16.40.2, Demóstenes, *Olíntias* 3.6-7, 23.107-9). Nesse mesmo ano, Demóstenes pronunciou, a propósito deste conflito, três discursos – as *Olínticas* –, contra os Macedónios e a favor de Olinto, que tinha apelado à ajuda de Atenas. O auxílio prestado foi, porém, tardio o que deu tempo à conquista da cidade, com isso completanto-se a ocupação macedónia da Calcídica (cf. Diodoro Sículo 16.52.9, 16.53.1-3).

[635] Cf. Tucídides 2.69.1-2, em que são narradas diversas operações navais levadas a cabo pelos Atenienses no início da guerra do Peloponeso (430 a.C.). É neste contexto que uma armada é enviada à Cária e à Lícia, na Ásia Menor, dirigida por Melesandro, com o objetivo de angariar dinheiro e de impedir a pirataria levada a cabo pelos Peloponésios na região. Esta veio a ser uma campanha mal sucedida, que resultou na morte de Melesandro e na perda de boa parte do seu exército. Já Homero (*Ilíada* 2.868-9), a propósito dos Cários, fazia referência ao rio Meandro, o mais caudaloso da Ásia Menor.

[636] *Vide supra* 1.6.4, 1.25.2, 1.25.7 e notas respetivas.

[637] Sobre a revolta dos hilotas, que travou um ataque lacedemónio a Atenas, e os indícios que perfilavam no horizonte uma guerra inevitável, cf. Tucídides 1.101.1-2. O terramoto mencionado por Pausânias e Tucídides (1.101.2, 1.128.1, Diodoro Sículo 11.63.1-6, Plutarco, *Vida de Címon* 16.4-5) ocorreu c. 464 a.C. Ao mesmo tempo deu-se a sublevação dos hilotas (Tucídides 1.101.2-3, 1.103.1), uma população de servos submetidos à autoridade dos Espartanos, também identificáveis com os antigos habitantes da Lacónia e Messénia, que os Dórios submeteram à escravatura. Itome era uma região montanhosa do centro da Messénia, com uma boa capacidade defensiva. Tucídides (1.102.1-4) relata o

retirada, os Lacedemónios pediram ajuda a vários povos e também aos Atenienses, que lhes enviaram uma força especial sob o comando de Címon, filho de Milcíades.[638] Os Lacedemónios, porém, desconfiados, devolveram-nos à procedência. **29.9.** Os Atenienses tomaram essa atitude como um insulto intolerável, e no regresso das tropas, fizeram uma aliança com os Argivos, inimigos de sempre dos Lacedemónios. A seguir, quando estava iminente o ataque ateniense, em Tânagra,[639] contra os Beócios e os Lacedemónios, os Argivos apresentaram-se em seu socorro. Começaram por estar em vantagem, mas entretanto a noite caiu sem deixar os Argivos seguros da vitória. No dia seguinte o combate recomeçou e, com a traição dos Tessálios que abandonaram os Atenienses, a vitória pendeu para o lado lacedemónio. **29.10.** Seguem-se outros túmulos que pretendo mencionar. O de Apolodoro, que era ateniense, ao comando de um grupo de mercenários de Arsites, sátrapa da Frígia, no Helesponto – e que recebeu ordem para ir em socorro dos Períntios, cuja cidade tinha sido invadida pelo exército de Filipe.[640] Está então ele lá sepultado, como também

---

mesmo episódio do pedido de socorro feito aos aliados (igualmente a Egina, 2.72.2, 4.56.2; Plateias, 3.54.5; Mantineia, Xenofonte, *Helénicas* 5.2.3), a que Atenas também acedeu, provocando alguma suspeita da parte dos Lacedemónios.

[638] *Vide supra* 1.17.6 e nota respetiva. Esta campanha, ocorrida em 462-461 a.C., contou com um número elevado de hoplitas (cf. Aristófanes, *Lisístrata* 1143-4, Plutarco, *Vida de Címon* 16.8-17, Diodoro Sículo 11.64.2-3). Este episódio colocou Címon, conhecido como pro-espartano, numa posição politicamente frágil, e suscitou impulsos antilacónicos, que levaram à condenação do filho de Milcíades ao ostracismo.

[639] *Vide supra* 1.29.6 e nota respetiva. Atenas aliou-se, neste momento, aos Argivos e aos Tessálios, que dispunham de um bom potencial de cavalaria. Cf. Tucídides 1.102.4.

[640] O ataque macedónio a Perinto (340 a.C.) inseriu-se na política de expansão de Filipe II na Trácia. Apesar da capacidade militar do atacante, a ineficácia no controle do porto permitiu que a cidade recebesse

Eubulo,[641] filho de Espíntaro, e outros indivíduos, a quem uma boa sorte não compensou na medida dos seus méritos. Uns conspiraram contra o tirano Lácares,[642] outros planearam recuperar o Pireu aos Macedónios;[643] mas uns e outros, traídos pelos seus cúmplices, morreram antes de levarem a cabo os seus desígnios. **29.11.** Lá estão também os caídos em Corinto.[644] A divindade mostrou à evidência, neste caso e de novo em Leuctras,[645] que aqueles que os Gregos consideravam notáveis nada eram sem a Sorte, a ter em conta os

---

reforços, do oriente e de Atenas, o que gorou o sucesso deste ataque. No que se refere a Arsites, sátrapa da Frígia, na região helespontina, tomou a iniciativa de enviar Apolodoro, ao comando de um grupo de mercenários, para fazer frente a Filipe.

641 Eubulo (c. 405-330 a.C.) foi um político e orador ateniense, contemporâneo de Demóstenes e Ésquines. Interveio, em tempo de conflito político e social em Atenas (355-346 a.C.), principalmente a seguir à revolta e separação dos aliados na Segunda Confederação Ateniense, com consequências económicas graves para Atenas. A sua posição foi interventiva mas pacificadora, em contraposição à de Demóstenes, de quem se tornou um claro opositor. Apesar de uma ação relevante na gestão financeira da cidade, e da sua tentativa de moderar os gastos investidos em campanhas em benefício da população mais pobre, desde logo contra a Macedónia, não foi distinguido com maiores honras ou méritos. Em 346 a.C. tomou parte, juntamente com Ésquines, numa embaixada que pretendia negociar um tratado de paz com Filipe II, encontrando, da parte dos Atenienses, resistências poderosas a esse projeto.

642 *Vide supra* 1.25.7 e nota respetiva.

643 *Vide supra* 1.25.5 e nota respetiva.

644 Em 394 a.C. A guerra de Corinto, então travada por uma aliança de Atenas, com Tebas, Argos e Corinto, com patrocínio persa, tinha por objetivo barrar a incursão lacedemónia na Lócrida e Fócida. As sequelas da guerra do Peloponeso continuavam a fazer-se sentir, dividindo o mundo grego desta vez perante o ascendente de que Esparta tinha passado a gozar. O combate decorreu na planície de Coroneia, com grande potencial de homens envolvido. Mais fortes em terra, ainda assim os Lacedemónios não asseguraram uma vantagem clara. Cf. Xenofonte, *Helénicas* 4.3.15-20, Plutarco, *Vida de Agesilau* 2.9sqq., Diodoro Sículo 14.84.1-2.

645 *Vide supra* 1.3.4 e nota respetiva.

Lacedemónios, que então venceram os Coríntios e os Atenienses, os Argivos e os Beócios todos juntos, e mais tarde, em Leuctras, foram arrasados pelos Beócios sozinhos. A seguir aos caídos em Corinto, está uma estela em versos elegíacos que se refere àqueles que morreram em Eubeia e em Quios,[646] outros nos confins do continente asiático, e outros ainda na Sicília. **29.12.** Aí estão registados os comandantes à excepção de Nícias, e os próprios soldados, fossem eles Atenienses ou de Plateias,[647] sem distinção. Nícias foi omitido pelo seguinte.[648] Diz Filisto[649] – e eu concordo – que Demóstenes assumiu a capitulação dos seus homens, mas não a aceitou para si próprio, e quando se viu capturado, preferiu a morte. Nícias, pelo contrário, rendeu-se voluntariamente. Por isso não tem o nome gravado na estela, porque aceitou ser preso o que não é digno

[646] Em 445 a.C., os Atenienses intervieram para abafar a revolta desencadeada em Eubeia (cf. Tucídides 1.23.4, 1.87.6, 1.114-5, 2.2.1), denotando desagrado pelo domínio ateniense. Sob o comando de Péricles, conseguiram o controle absoluto da situação e puderam então negociar diversos acordos com cidades da ilha, que tendiam a reduzir-lhes substancialmente a autonomia. Quanto às intervenções militares atenienses em Quios, Oriente e na Sicília, que Pausânias refere de uma forma global, trata-se certamente dos anos da campanha da Sicília (415-413 a.C.) e dos imediatamente subsequentes, que foram, um pouco por toda a Grécia, de insurreição contra uma Atenas então enfraquecida (cf. Tucídides 8.2 sqq.); cf. Knoepfler (1994) 285-90. Segundo este estudioso, Pausânias estaria a referir, numa só frase, acontecimentos históricos com diferentes cronologias: o cenotáfio dos mortos na Sicília, em 413 a.C.; o túmulo dos Atenienses mortos em Quios e na Ásia, em 412 a.C.; e, por fim, o dos mortos em Eubeia, em 411 a.C.

[647] Tucídides (7.57.5) enumera, no catálogo de povos que alinharam na campanha contra a Sicília, os Plateenses, que mantinham com Atenas uma relação de amizade (cf. Tucídides 2.2.1-6, 2.71-8, 3.20-4, 3.52-68).

[648] Pausânias refere-se agora aos comandantes envolvidos na campanha ateniense contra a Sicília, Nícias e Demóstenes (cf. Tucídides 7.16-17.1, 7.20.2). Sobre a rendição de Nícias e os acordos negociados com o poder siciliano, cf. Tucídides 7.85.1-3, 7.86.2-4.

[649] *Vide supra* 1.13.9 e nota respetiva. *FGrHist* 556 F 53.

de um combatente. **29.13.** Estão também numa outra estela os nomes dos mortos em combate na Trácia e em Mégara,[650] quando Alcibíades persuadiu os Arcádios de Mantineia e os Eleus a insurgirem-se contra os Lacedemónios;[651] e os nomes dos que venceram os Siracusanos antes da chegada de Demóstenes à Sicília.[652] Ali sepultaram também os mortos no combate naval do Helesponto,[653] e os caídos em Queroneia,[654] em luta contra os Macedónios; os que, com Cléon, fizeram a campanha de Anfípolis,[655] e os que morreram em Délio, na

[650] A história de Mégara ao longo da guerra do Peloponeso fez-se de incertezas e, em consequência, de declínio. O seu afastamento da Liga do Peloponeso e dos interesses espartanos (c. 460 a.C.) foi um dos motivos da primeira fase da guerra do Peloponeso (cf. Tucídides 1.103.4). Sobre as lutas travadas em território megarense e com a cidade por motivo, cf. Tucídides 1.105.3-6, 1.1114.1, 2.31.1. Mas com a chamada Paz dos Trinta Anos, acordada entre as duas partes (446-445 a-C.), Mégara realinhou com os seus antigos aliados. Quando a guerra propriamente começou (431 a.C.), Atenas retaliou, cortando o acesso da cidade vizinha ao seu mercado e com isso vedando-lhe um canal importante de negócios. A informação prestada por Pausânias é demasiado vaga para permitir uma interpretação mais precisa.

[651] Na tentativa de defender os interesses de Atenas – ou os seus próprios numa corrida ao poder –, Alcibíades procurou fomentar divisões e conflitos no Peloponeso (420 a.C.); cf. Tucídides 5.43-5, Plutarco, *Vida de Alcibíades* 15.1-2.

[652] Tucídides 7.2-7 relata a arremetida dos Atenienses, ainda sob o comando de Nícias apenas, contra Siracusa. Estes são factos que correspondem aos dois primeiros anos da campanha da Sicília (415-414 a.C.).

[653] Em 411 a.C. Cf. Tucídides 8.104-6.

[654] *Vide supra* nota 81.

[655] Foi no verão de 422 a.C. que o ateniense Cléon e o espartano Brásidas se confrontaram na Trácia, onde os Lacedemónios desenvolviam uma campanha em detrimento dos interesses atenienses na região. Alguma precipitação de Cléon, que entendeu avançar contra Anfípolis antes de chegados reforços, deu margem ao adversário para uma investida fatal, que resultou num desfecho desfavorável aos Atenienses e na morte dos comandantes das duas partes, Cléon e Brásidas (cf. Tucídides 5.6-10). A importância destas baixas foi tal que proporcionou, na guerra do Peloponeso, um momento de tréguas, conhecido como Paz de Nícias.

região de Tânagra;[656] aqueles que Leóstenes comandou para a Tessália;[657] os que navegaram para Chipre com Címon;[658] e, por fim, aqueles que, com Olimpiodoro, expulsaram a guarnição macedónia, treze homens não mais.[659] **29.14.** Dizem os Atenienses que enviaram um corpo de tropas, em pequeno número, em socorro dos Romanos, então em guerra com um qualquer povo da região; e que, mais tarde, aquando de um combate naval dos Romanos contra os Cartagineses, tiveram cinco navios atenienses do seu lado. A sepultura dos mortos nessas duas ocasiões encontra-se também aqui. Dos feitos de Tólmides e dos seus companheiros de armas foi por mim já feita menção, bem como do modo por que morreram.[660] Pois

---

[656] A campanha que visava submeter a Beócia aos interesses atenienses decorreu em 424 a.C. (cf. Tucídides 4.76-7, 4.90.1-4, 4.93.2, 4.96-7, 4.100.1, 4.101.1). O projeto não era propriamente a conquista da região numa batalha frontal, mas a aplicação de um longo processo de guerra fria, promovendo avanços contra diferentes cidades em tempos calculados. Desse projeto fez parte a investida ateniense contra Délio, uma pequena cidade situada na costa oriental da Beócia, diante da ilha de Eubeia, conhecida como centro de culto a Apolo. Sem conseguirem impor a sua autoridade no local, os Atenienses sofreram mesmo assim bastantes baixas.

[657] Esta campanha visou Alexandre de Feras, na Tessália, que aí exerceu o seu poder entre 369-358 a.C. Cf. Diodoro Sículo 15.95. O seu comportamento despótico e violento sobre outras cidades da região desencadeou reações de repúdio. Foi perante o seu ataque às Cíclades e a invasão de Pepareto que os Atenienses entenderam enviar Leóstenes ao comando de uma frota para lhe oferecer resistência. No entanto, vítimas de um ataque de surpresa, os Atenienses sofreram uma derrota e Leóstenes viu-se condenado à morte em Atenas (cf. Diodoro Sículo 15.95.2-3).

[658] Em 449 a.C., Címon, depois de regressado do exílio, comandou, sem sucesso, um ataque à guarnição fenícia e persa de Cício, na costa ocidental de Chipre, e veio a morrer por essa altura. Foi mais tarde sepultado em Atenas. Sobre esta campanha, cf. Tucídides 1.112.2-4, Diodoro Sículo 12.3-4, Plutarco, *Vida de Címon* 18-9.

[659] *Vide supra* 1.25.2 e nota respetiva.

[660] *Vide supra* 1.27.5 e nota respetiva.

a quem isso interessar fique a saber que esses também jazem no mesmo caminho. Lá estão igualmente os que obtiveram, sob as ordens de Címon, duas grandes vitórias num único dia, em terra e no mar.[661] **29.15.** Estão ainda Cónon e Timóteo,[662] que, depois de Milcíades e Címon, foram os segundos pai e filho a evidenciarem-se por feitos notáveis. Aqui jazem também Zenão, filho de Mnáseas;[663] Crisipo, de Solos;[664] Nícias, filho de Nicodemo, o melhor pintor do seu tempo; Harmódio e Aristogíton, os assassinos de Hiparco, filho de Pisístrato;[665] e, entre os oradores, Efialtes, o principal responsável pela abolição dos privilégios do Areópago;[666] e Licurgo, filho de Lícofron.[667] **29.16.** A este Licurgo ficou a dever-se a reserva, no tesouro público, de mais seis mil e quinhentos talentos do que aqueles que Péricles, filho de Xantipo, angariou; foi também ele quem providenciou, para as procissões da deusa, as vitórias em ouro e os adereços de uma centena de jovens;[668] para o combate forneceu armamento de defesa e ataque, e aumentou para quatrocentos o número de navios de guerra; quanto a

[661] A batalha de Eurimedonte, na região da Panfília, foi ganha aos Persas, em 470 a.C., por forças da Liga de Delos. Címon começou por confrontar as forças inimigas no mar, junto a Chipre, para depois passar a combater o inimigo em terra, na foz do rio. Cf. *infra* 10.15.4-5, Tucídides 1.100.1, Platão, *Menéxeno* 241d, Cornélio Nepos, *Vida de Címon* 2.2-3, Plutarco, *Vida de Címon* 12.1-13.2 Esta foi uma vitória de grande repercussão, porque pôs fim ao domínio persa nas costas da Ásia Menor.

[662] *Vide supra* 1.3.2 e notas respetivas.

[663] A menção seguinte vai para os filósofos. Sobre Zenão, *vide supra* nota 273.

[664] *Vide supra* 1.17.2 e nota respetiva.

[665] *Vide supra* 1.8.5 e nota respetiva.

[666] *Vide supra* 1.28.8 e nota respetiva.

[667] *Vide supra* 1.8.2 e nota respetiva.

[668] *Vide supra* nota 575.

edificações, terminou o teatro que outros tinham começado;[669] além disso, sob sua administração, construiu, no Pireu, docas para os navios, e, junto ao chamado Liceu, um ginásio.[670] Tudo o que era feito de prata e ouro foi saqueado por Lácares, o tirano.[671] Mas as construções ainda hoje existem.

1.30.1. *Nas imediações de Atenas, nas vizinhanças da Academia*

Diante da entrada da Academia,[672] existe um altar de Eros com uma inscrição onde se lê que Carmo foi o primeiro ateniense a erigir um altar a esse deus.[673] O altar, situado na cidade, conhecido por Anteros,[674] foi, ao que dizem, erigido por residentes estrangeiros. É que, Meles, um ateniense, despertou uma paixão em Timágoras, um meteco; por desprezo por essa paixão, ordenou-lhe que subisse ao ponto mais alto de um penhasco e se atirasse cá para baixo. Ora Timágoras que, com perigo da própria vida, estava disposto a fazer tudo o que lhe fosse ordenado para agradar ao rapaz, subiu lá acima e mandou-se do penhasco. Meles, quando viu que Timágoras tinha morrido, sentiu um tal remorso que ele próprio se atirou

---

669 O velho teatro de Dioniso, na vertente sul da Acrópole, que Licurgo fez reconstruir em pedra (330 a.C.).

670 *Vide supra* 1.8.2 e nota respetiva.

671 *Vide supra* 1.25.7 e nota respetiva.

672 *Vide supra* 1.29.2 e nota respetiva.

673 Este Carmo, um polemarco ateniense, ficou conhecido por ser o *erastês* de Hípias, filho de Pisístrato. Cf. ainda Plutarco, *Vida de Sólon* 1.7, que refere Carmo como amante do próprio Pisístrato. Ateneu 561d-e, 609c-d altera a versão e relata que Pisístrato teria casado Hípias com a filha de Carmo. Transcreve também a dedicatória gravada na estátua: "Eros, de múltiplas estratégias, erigiu este altar em tua honra, Carmo, nos limites sombrios do ginásio".

674 "Retribuidor do amor", divindade patrocinadora do amor correspondido, mas também punitiva do desprezo amoroso. *Vide infra* 6.23.5; e ainda Platão, *Fedro* 255e.

da mesma pedra e morreu. Desde então, os residentes estrangeiros decidiram estabelecer um culto de Anteros, como a divindade vingadora de Timágoras. **30.2.** Dentro da Academia existe um altar de Prometeu, que é o ponto de partida de uma corrida para a cidade com tochas acesas.[675] Na competição, no entanto, é preciso manter a tocha acesa durante a corrida, caso contrário a vitória é retirada ao que chega em primeiro lugar e transferida para o segundo; ou, se este não a conseguiu manter acesa, será o terceiro o vencedor; se, em todos os casos, ela se apagar, não se atribui a vitória a ninguém. Há também um altar das Musas, um outro de Hermes e, lá mais para dentro da Academia, um de Atena; fez-se ainda um outro de Héracles. Lá está uma oliveira, que se diz ter sido a segunda a aparecer.

30.3. Não longe da Academia há um memorial de Platão,[676] a quem a divindade predestinou para ser o melhor na filosofia. E foi assim que lho anunciou. Sócrates, na noite que precedeu a inclusão de Platão entre os seus discípulos, viu em sonhos um cisne que lhe pousava no colo.[677] Há uma tradição que faz do cisne um músico, a partir do momento em que – ao que se diz – um músico, de nome Cicno, foi rei dos Lígures, situados em território celta, para lá do Erídano.[678] Quando morreu, dizem que, por determinação de Apolo, se transformou em ave. Aceito que tenha havido um

[675] Cf. Plutarco, *Vida de Sólon* 1.7. Uma corrida com tochas estava incluída em vários festivais: nas Panateneias (Aristófanes, *Rãs* 1089-98), nas Hefesteias (Heródoto 8.98.2), nas Prometeias (*FGrHist* 334 F2), nas Bandideias (Platão, *República* 327a, 328a), ou em festas a Pã (Heródoto 6.105.3). À exceção das Bandideias, que se celebravam no Pireu, todas as outras corridas do mesmo género poderiam fazer trajeto equivalente.

[676] Cf. Diógenes Laércio 3.1.41.

[677] Diógenes Laércio 3.5 sqq.

[678] Os Lígures ocupavam a região norte da Península Itálica.

músico que foi rei dos Lígures, mas não acredito que, de homem, se tenha transformado em ave. **30.4.** Nesse mesmo lugar pode ver-se a torre de Tímon,[679] o único sujeito a entender que não há outra maneira de ser feliz que não seja isolar-se do resto da humanidade. Mostra-se o lugar chamado Colono Hípio,[680] que – ao que consta – foi o primeiro sítio na Ática a que Édipo veio ter, versão essa discordante da de Homero[681] apesar de ser corrente; e um altar de Posídon Hípio e de Atena Hípia, além de monumentos em honra dos heróis Pirítoo e Teseu,[682] e Édipo e Adrasto.[683] O bosque sagrado e o templo de Posídon foram incendiados por Antígono, numa das suas incursões pela Ática, onde já tinha feito outras campanhas.[684]

---

[679] Um misantropo referido por Aristófanes, *Aves* 1549, *Lisístrata* 809-12; quanto à torre, cf. ainda *Rãs* 130-1. Frínico o comediógrafo, no seu *Solitário* (fr. 19 K.-A.), caraterizou-o como "solteirão, livre de escravos, avinagrado, inabordável, avesso ao riso, lacónico, intransigente". Luciano, já na época de Pausânias, dedicou-lhe um dos seus diálogos, de título duplo: *Tímon ou o Misantropo*. Nascido c. 440 a.C., Tímon representava para os Atenienses a figura de um homem generoso que, depois de ajudar cidadãos em dificuldade, se viu pobre e abandonado por todos (*Tímon* 5). Foi então que cultivou uma tremenda misantropia e isolamento. Edificou uma torre, nos limites da cidade, e aí viveu o resto dos seus dias (*Tímon* 7).

[680] "Colina dos cavalos". Sobre a relação de Sófocles com Colono e a versão da morte de Édipo que deu no seu *Édipo em Colono, vide supra* 1.28.7 e nota respetiva.

[681] *Ilíada* 23.678-80. *Vide supra* 1.28.7 e nota respetiva.

[682] *Vide supra* 1.2.1 e nota respetiva.

[683] Estas duas figuras estavam unidas através do mito dos Sete contra Tebas. Foi com a ajuda de Adrasto, rei de Argos, que Polinices investiu contra a sua cidade-mãe, para reclamar direitos de sucessão que Etéocles parecia recusar reconhecer-lhe. No exílio, o filho de Édipo tinha casado com uma das filhas de Adrasto. Depois da derrota na invasão de Tebas, Adrasto procurou refúgio em Atenas (cf. Eurípides, *Suplicantes*).

[684] Antígono II Gónatas (*vide supra* 1.1.1).

1.31.1. *Os Demos da Ática e os seus cultos*

Os *demos* pequenos da Ática, segundo as contingências da sua formação, oferecem algumas curiosidades dignas de registo.[685] Em Halimunte,[686] há um templo das deusas tesmóforas,[687] Deméter e Perséfone. Em Zóster,[688] perto do mar, há um altar de Atena, Apolo, Ártemis e Leto. Diz-se não que Leto lá tenha dado à luz os filhos, mas que, na iminência do parto, desapertou o cinto (*zostêr*) e daí o nome do lugar. Os Prospálcios[689] têm também um templo de Perséfone e Deméter. Em Anagirunte[690] fica um santuário da Mãe dos Deuses. Em Céfalas[691] há um grande culto aos Dioscuros, a

[685] Pausânias é pouco criterioso no número e na identificação dos *demos*. Se considerarmos a informação de Heródoto (5.69) que referia 100, a par da de Estrabão (9.396) que falava em 174, os referidos por Pausânias são cerca de 20. Além disso, alguns dos lugares que ele identifica como *demos* na verdade não passam de pequenas localidades (caso de Zóster e Bráuron).

[686] Cf. Aristófanes, *Aves* 496, Plutarco, *Vida de Címon* 4.2. Halimunte situava-se próximo da costa, entre o Falero e Cólias (*vide supra* 1.1.5 e nota respetiva). Esta era a região de origem de Tucídides.

[687] Em Halimunte celebrava-se, no mês de Novembro, o primeiro dia das Tesmofórias, uma festa feminina em honra das deusas tesmóforas, Deméter e Perséfone. *Vide supra* nota 17.

[688] Cf. Heródoto 8.107.2. Trata-se de um promontório no extremo do monte Himeto, a sudeste do Falero (cf. Estrabão 9.1.21, 398). O culto a estes deuses situava-se justamente no cimo do promontório. Sobre o nascimento dos filhos de Leto, Apolo e Ártemis, *vide supra* 1.18.5 e nota respetiva.

[689] Cf. Platão, *Crátilo* 396d. O povo deste *demos* inspirou o título de uma comédia de Êupolis, *Prospálcios*.

[690] Cf. Aristófanes, *Lisístrata* 67, Platão, *Teágenes* 127e. Anagirunte situava-se entre o monte Himeto e o mar, perto do promontório de Zóster. O nome advém-lhe de ser abundante na produção de uma planta com a mesma designação, que se carateriza por um cheiro nauseabundo.

[691] *Demos* vizinho dos Prospálcios, já próximo da zona de Láurion.

quem lá chamam os Grandes Deuses.[692] **31.2.** Em Prásias[693] existe um templo de Apolo, aonde chegam, ao que se conta, as primícias dos Hiperbóreos. Os Hiperbóreos entregam-nas aos Arimaspos, os Arimaspos aos Issédones; destes passam aos Citas, que as levam para Sinope,[694] e então, através dos Gregos, seguem até Prásias. Daí são os Atenienses que as levam para Delos.[695] Essas primícias são embrulhadas em palha de trigo, e ninguém sabe em que consistem. Existe, em Prásias, um memorial de Erisícton, que, no regresso da missão sagrada a Delos, morreu na travessia.[696] **31.3.** Que Cránao, quando reinou sobre os Atenienses, foi destronado por Anfíction, um seu parente, já eu o disse acima.[697] Exilou-se então com os seus partidários no *demos* de Lâmpter, e, ao que dizem, lá morreu e foi sepultado. Existe ainda, no meu tempo, um memorial de Cránao em Lâmpter. Íon, filho de Xuto,[698] que viveu em Atenas e comandou os Atenienses na guerra contra Elêusis, tem o seu túmulo na região de Pótamo;[699] **31.4.** é essa, pelo menos, a tradição. Em Fliunte e em Mirrinunte[700] há altares de Apolo

---

[692] Sobre o culto dos Dioscuros, *vide supra* 1.18.1.

[693] Cf. Tucídides 8.95.1. Prásias situava-se na zona costeira oriental da Ática, pouco mais do que uma dezena de quilómetros a norte de Tórico, na região de Láurion, no que hoje é o porto Rafti.

[694] Na zona costeira do norte da atual Turquia.

[695] Cf. Heródoto 4.33-5. Heródoto faz um relato idêntico sobre o trajeto destas ofertas vindas dos Hiperbóreos (*vide supra* 1.4.4 e nota respetiva). Este era o tipo de informação proporcionada em Delos, pelo serviço de apoio ao santuário. Segundo alguns autores (Calímaco, *Hino a Delos* 283, Plutarco, *Obras Morais* 11.36), as oferendas eram simplesmente grãos.

[696] *Vide supra* 1.2.6, 1.18.5.

[697] *Vide supra* 1.2.6.

[698] *Vide supra* nota 589.

[699] *Demos* situado na costa oriental da Ática, a norte de Tórico.

[700] Estes são dois *demos* relativamente distantes entre si, Fliunte a noroeste de Atenas e Fliunte na chamada Mesogeia, região mais interior. Mirrinunte era o *demos* de origem de Fedro; cf. Platão, *Fedro* 176d.

Dionisódoto,[701] de Ártemis Selásfora,[702] de Dioniso Ântio,[703] das Ninfas Isménides[704] e da Terra, a que chamam a Grande Deusa. Um outro templo abriga os altares de Deméter Anesidora,[705] de Zeus Ctésio,[706] de Atena Titrona,[707] de Perséfone Protógona,[708] e das chamadas Deusas Venerandas.[709] Em Mirrinunte, há uma estátua de madeira da deusa Colénide.[710] O povo de Atmónia,[711] por sua vez, venera Ártemis Amarísia. **31.5.** Tentando obter uma informação, fui em busca dos guias da região que não tinham nenhum conhecimento claro sobre esta divindade; aí eu próprio cheguei a esta conclusão. Amarinto fica na Eubeia. São eles que veneram a deusa Amarísia, mas os Atenienses fazem uma festa em honra desta deusa que não fica a dever nada em importância à que lhe fazem os de Eubeia. E foi daí – julgo eu – que veio o nome à deusa venerada em Atmónia. Quanto à Colénide, venerada em Mirrinunte, deve ter recebido o nome de Coleno. Eu já escrevi que,[712] de acordo com a

---

Situava-se na costa oriental da Ática, próximo de Prásias, e recebia o nome da abundância de mirtos na sua paisagem. Fliunte era um *demos* particularmente agrícola e fértil.

701 "Dádiva de Dioniso". Este epíteto assinala a estreita relação entre os dois deuses, Apolo e Dioniso, e alude concretamente à intervenção do oráculo de Delfos na introdução de Dioniso em Atenas (*vide supra* 1.2.5).

702 "Portadora do facho".

703 "Deus das flores".

704 "Isménides" porque associadas ao rio Isménio, na Beócia, em cuja vizinhança havia um culto de Apolo Isménio (*vide infra* 9.10.2).

705 "Concessora de benesses (grãos)".

706 "Deus dos lucros".

707 Relacionada com Titrone, cidade da Fócida (*vide infra* 10.33.12).

708 "Primogénita".

709 *Vide supra* 1.28.6.

710 Cf. Aristófanes, *Aves* 873, Metágenes fr. 1 K.-A.

711 Cf. Aristófanes, *Paz* 190. Este *demos* situava-se ao norte de Atenas.

712 *Vide supra* 1.2.6, 1.14.1.

tradição de diversos *demoi*, houve reis antes de Cécrops.[713] Ora Coleno é o nome de um sujeito que reinou antes de Cécrops, ao que dizem os de Mirrinunte. **31.6.** Há também o *demos* de Acarnas,[714] onde se venera, entre outros deuses, Apolo Agieu[715] e Héracles. Lá existe ainda um altar de Atena Higia.[716] Chamam também a Atena Hípia, e a Dioniso Melpómeno[717] e Cisso,[718] com o argumento de que a planta chamada hera lá apareceu pela primeira vez.

1.32.1. *Os montes da Ática*

Os montes da Ática são: o Pentélico, onde ficam as pedreiras;[719] o Parnes, onde se caça javalis e ursos;[720] e o Himeto,[721] que produz a alimentação mais adequada para as abelhas, excetuado o caso dos Alazões;[722] é que, nessa região,

---

[713] *Vide supra* 1.2.6.

[714] O *demos* de Acarnas, a norte de Atenas, no sopé do Parnes, tinha sido uma das regiões mais atingidas pela invasão lacónia, em 431 a.C., no primeiro ano da guerra do Peloponeso e, pela posição central que ocupava no território, continuava a ser martirizado pelas razias frequentes do invasor. Aristófanes dedicou a esta população, de lavradores e carvoeiros, e à sua revolta perante a situação a comédia *Acarnenses*.

[715] Apolo Agieu era o "deus dos caminhos", e nesta acepção era frequentemente homenageado, tal como Hermes e Hécate, defronte das casas, com um altar ou com um pilar. O altar que, no teatro, se via em cena, representava habitualmente este culto a Apolo Agieu (*vide* Pólux 4.123). Cf., e. g., Aristófanes, *Tesmofórias* 489, 748, *Vespas*, 875, Menandro, *Díscolo* 659.

[716] *Vide supra* 1.23.4 e nota respetiva.

[717] "Cantor". *Vide supra* 1.2.5.

[718] A "hera", uma das insígnias do deus.

[719] *Vide supra* 1.19.6 e nota respetiva.

[720] Situado a norte de Atenas, o Parnes – o mais alto de todos – é densamente florestado e por isso conveniente para a caça.

[721] Este do lado sul de Atenas, celebrizou-se por uma flora muito favorável à apicultura.

[722] Os Alazões são um povo cita (cf. Heródoto 4.17.1). Habitavam a região mais ocidental da estepe cita, entre os cursos dos rios Hípanis

as abelhas procedem como os outros animais que vão para o pasto, estão livres e não se encontram fechadas em colmeias. Lá laboram seja em que lugar for, e o que produzem é tão compacto, que não se consegue separar a cera do mel. É isso que se passa. **32.2.** Nesses montes os Atenienses possuem também estátuas dos deuses. No Pentélico, de Atena; no Himeto, há uma imagem de Zeus do Himeto, e altares de Zeus Ômbrio[723] e de Apolo Proópsio;[724] no Parnes, está Zeus do Parnes, feito em bronze, e um altar de Zeus Semaleu.[725] No Parnes, há ainda um outro altar onde se sacrifica a Zeus Ômbrio, também chamado Apémio.[726] No monte Anquesmo,[727] que não é muito alto, existe uma estátua de Zeus Anquésmio.

32.3. Antes de passarmos à descrição das ilhas, vou voltar à questão dos *demos.* O de Maratona está, da cidade de Atenas, a uma distância equivalente à que o separa de Caristo, em Eubeia.[728] Foi nessa localidade da Ática que os bárbaros desembarcaram, foram vencidos em combate e, ao fazer-se ao mar, viram alguns dos seus navios destruídos.[729] Há um túmulo de Atenienses na planície – sobre o qual estão gravados em estelas, por tribo, os nomes de todos os que morreram –,[730] e um outro dos Beócios de Plateias[731] e dos escravos. Porque foi então que os escravos participaram numa guerra pela primeira vez. **32.4.** Há também, à parte, um memorial de Milcíades,

---

e Borístenes (hoje Bug e Dniepre).

723 "Da chuva".

724 "Muito visível".

725 "Deus dos presságios".

726 "Protetor".

727 Pequena elevação, a norte do Licabeto.

728 *Vide supra* 1.25.4.

729 *Vide supra* 1.14.5 e nota respetiva.

730 *Vide supra* 1.29.4 e nota respetiva.

731 *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva.

filho de Címon,[732] que veio a morrer mais tarde, depois do fracasso em Paros que lhe valeu ser levado a tribunal pelos Atenienses. Lá, todas as noites, é possível ouvir os relinchos dos cavalos e o ruído dos combatentes. Nunca trouxe nenhum benefício a quem quer que seja ir lá de propósito para ter esta visão, mas se for lá parar involuntariamente ou por qualquer outra razão, não incorre na ira dos espíritos. A gente de Maratona presta-lhes homenagem, e considera heróis os que lá morreram, como venera também Máraton,[733] a quem o *demos* deve o nome, e Héracles, afirmando terem sido eles os primeiros Gregos a considerar Héracles um deus.[734] **32.5.** Aconteceu – ao que se conta – que, na batalha, compareceu um sujeito com aparência e roupas de lavrador. Pois este homem, depois de matar muitos bárbaros com um arado, cometida essa façanha, desapareceu. Quando os Atenienses consultaram o oráculo, o deus, sobre o tal sujeito, não lhes deu qualquer resposta, mas ordenou que venerassem Equetlo como um herói.[735] Edificou-se também um troféu de mármore branco. Afirmam os Atenienses que deram igualmente sepultura aos Medos, porque a piedade exige que se dê sepultura a um cadáver seja ele quem for, mas eu não consegui descobrir tal sepultura. Realmente não é possível ver um túmulo ou qualquer outro sinal, porque certamente os levaram para um fosso e os atiraram para lá à sorte. **32.6.** Existe ainda em Maratona uma fonte chamada Macária, sobre que se conta o seguinte. Héracles,

[732] *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva. Sobre o insucesso de Milcíades em Paros, cf. Heródoto 6.132-6. Esta foi uma campanha empreendida em 489 a.C. A desistência desse cerco criou suspeitas em relação a Milcíades e justificou uma pesada multa estabelecida por um tribunal ateniense.

[733] *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva.

[734] *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva.

[735] *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva.

quando saiu de Tirinto em fuga de Euristeu, refugiou-se na corte de Céix, um seu amigo que reinava em Tráquis.[736] Depois que Héracles se afastou do convívio dos homens, e Euristeu lhe reclamava os filhos, o rei de Tráquis enviou-os para Atenas, com o argumento de que era fraco e de que Teseu seria bem capaz de os proteger. Ao chegarem, apresentando-se como suplicantes, os filhos de Héracles foram motivo de uma primeira guerra entre Atenienses e Peloponésios, porque Teseu os não entregou a Euristeu que os reclamava. Dizem ainda que os Atenienses receberam um oráculo segundo o qual um dos filhos de Héracles devia morrer voluntariamente, caso contrário não conseguiriam a vitória. Então Macária, filha de Dejanira e de Héracles, degolou-se, garantindo aos Atenienses a vitória na guerra. Foi dela que a fonte recebeu o nome.[737] **32.7.** Em Maratona há um lago na sua maior parte pantanoso. Por desconhecimento dos caminhos, foi nele que se precipitaram os bárbaros em fuga, e foi por isso – ao que se diz

[736] Cf. Graves (1977) II.195-6, 199-200.

[737] Esta é a tradição que serve de base a *Heraclidas* de Eurípides. Ao sacrifício de Macária correspondem os versos 381-630. Trata-se, no sentido geral da peça, de louvar a generosidade hospitaleira de Atenas (garantida por Teseu, segundo Pausânias, ou pelo seu filho Demofonte, de acordo com Eurípides), ao mesmo tempo em que aos suplicantes cabe também um papel relevante na própria salvação; e o sacrifício de Macária funciona como uma demonstração da capacidade interventora dos perseguidos. Ao prestígio de Atenas como cidade acolhedora de suplicantes, a tragédia acrescenta outros argumentos que não são estranhos ao relato de Pausânias: o parentesco e a dívida de gratidão que une Atenas aos suplicantes, pela intervenção decisiva de Héracles no resgate de Teseu dos infernos; a que, com dignidade, Macária acrescenta: o desejo de retribuir a generosidade e lealdade de Atenas, o sangue heróico que lhe corre nas veias e a fatalidade de um destino que lhe impõe uma morte precoce, em troca da vitória contra os Argivos. Outros testemunhos, relativamente escassos, em torno de Macária têm estimulado a possibilidade de assacar a Eurípides uma boa parte de inovação no tratamento deste episódio.

– que lá sofreram uma enorme chacina.[738] Sobre o lago estão os estábulos em pedra dos cavalos de Artafernes[739] e ainda as marcas da sua tenda nas pedras. A partir desse lago corre um rio, que fornece uma água conveniente para o gado das redondezas do dito lago, mas, em contrapartida, na foz, junto ao mar, torna-se salino e enche-se de peixes de água salgada. A pouca distância da planície, está uma colina de Pã e uma gruta que merece ser vista. Tem uma entrada estreita, mas lá dentro há compartimentos, banhos e o que chamam "rebanho de Pã", umas pedras muito semelhantes a cabras.

1.33.1. *Bráuron, na região de Maratona*

A uma certa distância de Maratona, fica Bráuron,[740] onde – segundo a tradição – Ifigénia, a filha de Agamémnon, em fuga dos Tauros, desembarcou portadora da estátua de Ártemis; depois de lá deixar a estátua, dirigiu-se a Atenas, e mais tarde a Argos. Nesse mesmo lugar, há também uma antiga estátua de madeira de Ártemis, mas onde pára aquela que considero como a proveniente dos bárbaros, é assunto a tratar num outro momento.[741] **33.2.** Ramnunte fica, no máximo, a sessenta estádios de Maratona,[742] na estrada que vai para Oropo ao longo da costa. As pessoas têm as suas habitações junto ao mar; lá mais acima, um pouco distanciado da costa, fica um templo de Némesis, que é, de todos os deuses, a mais implacável para quem peca por soberba. A ira desta deusa parece

[738] *Vide supra* 1.15.3 e nota respetiva.

[739] Em 6.94.2, 7.10β 1, 7.74.2, Heródoto especifica que Dátis e Artafernes, filho de um irmão de Dario com o mesmo nome (cf. 5.25.1), comandavam o ataque a Maratona, depois de um percurso pelas ilhas.

[740] A cerca de 20 km para sul de Maratona. Sobre o culto de Ártemis em Bráuron, *vide supra* 1.23.7 e nota respetiva.

[741] *Vide infra* 3.16.2.

[742] A um pouco mais de 10 quilómetros a norte de Maratona.

ter-se manifestado contra os bárbaros que desembarcaram em Maratona. Convencidos de que Atenas lhes não iria opor qualquer resistência, vieram já munidos de um bloco de mármore de Paros para edificarem um troféu, como se já o tivessem conseguido. **33.3.** Com esse mármore Fídias veio a produzir uma estátua de Némesis:[743] na cabeça, a deusa tem uma coroa, com miniaturas de veados e da Vitória; na mão esquerda segura um ramo de macieira, e na direita uma taça com uns Etíopes esculpidos. Não faço ideia da razão por que Fídias os lá representou, nem me satisfaz a explicação que me deram os que julgam saber porquê. Dizem eles que essa representação vem a propósito do rio Oceano, em cujas margens habitam os Etíopes; e que o rio Oceano é o pai de Némesis. **33.4.** Só que o Oceano não é um rio, mas um mar, e o mais longínquo de todos aqueles por que os homens navegam; habitam as suas costas os Ibérios e os Celtas, e nele se situa uma ilha chamada Bretanha. Entre os Etíopes que habitam além de Siene,[744] os mais remotos são os Ictiófagos, situados junto ao mar de Eritreia, em volta de um golfo que usa o seu nome.[745] Os mais civilizados são os que vivem na cidade de Méroe e na planície

[743] Cf. Plínio, *História Natural* 36.17, Estrabão 9.396, que atribuem a autoria desta estátua a Agorácrito, discípulo de Fídias. No British Museum pode ver-se uma parte da cabeça desta estátua. Sobre Némesis e o seu ascendente, *vide infra* 7.5.3, em que Pausânias confirma a ideia de que a deusa é filha de Oceano, contrariando uma antiga versão de Hesíodo (*Teogonia* 223) que a dá por filha da Noite. Cf. Graves (1977) I.125-7.

[744] Isto é, Assuão, a norte da primeira catarata do Nilo.

[745] Certamente era célebre a informação dada por Heródoto sobre os Etíopes (2.32, 3.17-24). Ictiófagos é a designação dada aos "comedores de peixe", marcando os hábitos alimentares deste povo, habitante das costas do mar Vermelho. Sobre os Ictiófagos, cf. Diodoro Sículo 3.15-20, Estrabão 16.4.13.

da Etiópia. São eles os que exibem a mesa do sol.[746] Não têm nenhum mar ou qualquer outro rio a não ser o Nilo. **33.5.** Há outros Etíopes vizinhos dos Mauros, cujo território se estende até aos Nasamões. Os Nasamões, a quem Heródoto chama Atlantes,[747] e a quem os que dizem conhecer as medidas da terra[748] dão o nome de Lixitas, habitam os extremos da Líbia, na direção do monte Atlas; não se dedicam à agricultura e vivem de vinhas selvagens. Não existe qualquer rio nem no território destes Etíopes, nem no dos Nasamões. É que a água que, junto ao monte Atlas, forma três cursos, não constitui o caudal de nenhum rio, porque é de imediato completamente absorvida pela areia. Logo os Etíopes não habitam junto de nenhum rio Oceano. **33.6.** A água proveniente do monte Atlas é impetuosa, e, logo junto à nascente, existiam crocodilos com dimensão não inferior a dois côvados, que, à aproximação humana, mergulhavam na nascente. Não são poucos os que pensam que esta água, depois de se infiltrar na areia, reaparece

[746] Os Etíopes, vizinhos dos Egípcios, habitavam o território entre a primeira catarata do Nilo, em Assuão, e a quinta ou sexta, em Méroe, correspondente ao que é hoje a Núbia e o Sudão setentrional. Na antiga Núbia, a partir do séc. VIII a.C., surge um reino de cultura muito marcada pela influência egípcia, com um centro religioso em Nápata; dois séculos mais tarde, é Méroe que passa a ocupar a função de centro político dos Etíopes. Heródoto (3.17-8) refere-se também à mesa do sol (*vide infra* 2.26.2); apesar de toda a fantasia a envolver as referências à mesa do sol, houve tentativas de a localizar junto a Méroe, onde existe um vale verdejante, coberto de ervas e matos (cf. Plínio, *História Natural* 6.185).

[747] Heródoto 4.184.1-4, que acentua como suas caraterísticas culturais o facto de este povo não usar nomes individuais. E acrescenta: "Segue-se (...) um monte chamado Atlas. É estreito e arredondado, e alto ao ponto de se dizer que o seu cume não consegue ver-se, sempre coberto de nevoeiro, seja verão ou inverno. Que se trata da coluna do céu é o que dizem os locais. Do monte provém o nome que designa esta população". Sobre os Nasamões, cf. Heródoto 2.32.2-3, 4.172.2-4.

[748] Estrabão 17.825.

e forma o Nilo, no Egito. O monte Atlas é tão alto que se diz que os seus cumes tocam o céu, mas devido à água e às árvores que o cobrem por completo torna-se inacessível. Só é conhecido do lado dos Nasamões, porquanto do lado do mar quanto sabemos não há navegação. **33.7.** Mas basta sobre este assunto. A estátua de Némesis não é alada, nem em geral o são as estátuas antigas desta deusa; nem mesmo em Esmirna, as imagens de madeira mais veneradas da deusa têm asas.[749] Houve, mais tarde, quem, por esta ser uma deusa que atua sobretudo sobre os apaixonados, lhe tenha atribuído asas como a Eros. Vou então passar aos motivos gravados no pedestal desta estátua, após alguns esclarecimentos prévios. Dizem os Gregos que Némesis era mãe de Helena, e que Leda a amamentou e criou.[750] Quanto ao pai de Helena, todos consideram que foi Zeus, e não Tíndaro. **33.8.** Foi por ter ouvido essa história que Fídias representou Helena a ser conduzida até Némesis pela mão de Leda; representou também Tíndaro e os filhos,[751] e junto deles um sujeito com um cavalo, a que se dá o nome de Hipeu;[752] Agamémnon e Menelau; e Pirro, filho de Aquiles e primeiro marido de Hermíone, a filha de Helena. Orestes não consta, devido ao crime que cometeu

[749] *Vide infra* 7.5.2, 9.25.6. Portanto a deusa de Ramnunte era representada sob uma forma arcaica, anterior à que lhe veio a corresponder como deusa associada com o Amor.

[750] Pausânias refere-se a uma versão – talvez dos *Cantos Cíprios*; cf. Eratóstenes, *Catasterismos* 25, Apolodoro, *Biblioteca* 3.10.7 – que faz de Helena a filha de Zeus e Némesis e atribui a Leda a função de Ama (*vide* Jouan (1966) 147-9). Este episódio inspirou o comediógrafo Cratino para a sua *Némesis* (429 a.C.). Nesta peça, a união entre Zeus, sob forma de cisne, e Némesis ocorria justamente em Ramnunte. O produto dessa união, expresso por um ovo, era então levado a Leda para que o chocasse. Dele nasceu Helena.

[751] *Vide supra* 1.17.5 e nota respetiva.

[752] Ou seja, "Cavaleiro", certamente um herói local e anónimo. Local seria também o herói designado por Époco.

contra a mãe.[753] No entanto, Hermíone permaneceu incondicionalmente com ele e dele teve mesmo um filho.[754] No pedestal está ainda o chamado Époco e um outro jovem. A seu respeito nada mais ouvi dizer senão que eram irmãos de Énoe, que deu nome ao *demos*.[755]

1.34.1. *Os limites da Ática. O culto de Anfiarau*

A região de Oropo,[756] entre a Ática e Tânagra, outrora pertencia à Beócia, mas no meu tempo ficou sob a alçada dos Atenienses; depois de terem travado, por ela, guerras contínuas, não lhe assumiram a posse de uma forma clara antes de Filipe, após a tomada de Tebas, lho ter atribuído.[757] Trata-se de uma cidade situada junto ao mar, e nada tem digno de registo. O templo de Anfiarau[758] dista no máximo uns doze estádios da cidade.[759] **34.2.** Diz-se que, em fuga de Tebas, a terra se abriu e engoliu Anfiarau com o carro, só que esta ocorrência

---

[753] *Vide supra* 1.22.6 e nota respetiva.

[754] *Vide supra* 1.4.4 e nota respetiva.

[755] O *demos* de Énoe situava-se entre a Ática e a Beócia, perto de Elêuteras.

[756] Porque fronteira a Erétria, na ilha de Eubeia, Oropo, fundada por colonos da ilha, esteve primeiro sob seu domínio. Como cidade fronteiriça entre a Beócia e a Ática, foi uma constante fonte de conflitos. A instabilidade no controle da região é documentada por Tucídides. Assim, em 2.23.3, 4.99, afirma-se o ascendente de Atenas sobre a região no início da guerra do Peloponeso; em 8.60.1-2, documenta-se a sua transferência para o controle beócio (c. 412 a.C.); entre 383-366 voltou ao domínio ateniense, para regressar ao tebano entre 366-338. Neste último ano, Filipe II da Macedónia tomou Tebas e pôs fim a estas sucessivas transferências. Cf. Musti, Beschi (1982) 396-37.

[757] *Vide supra* nota 81.

[758] *Vide supra* 1.8.2 e nota respetiva.

[759] A cerca de 2 km na informação de Pausânias, mas na realidade um pouco mais.

não se deu aqui, uma vez que a chamada Harma[760] fica no caminho de Tebas para Cálcis. Foram os Orópios os primeiros a considerarem Anfiarau um deus, e o seu exemplo foi mais tarde seguido por todos os Gregos.[761] Posso referir outros mortais de antigamente a quem os Gregos homenageiam como deuses. Houve mesmo alguns a quem foram consagradas cidades: assim, Eleunte, no Quersoneso, a Protesilau,[762] e Lebadia, na Beócia, a Trofónio.[763] Os Orópios, portanto, possuem um templo e uma estátua em mármore branco de Anfiarau. **34.3.** O altar está dividido em várias partes: uma primeira, dedicada a Héracles, Zeus e Apolo Peónio;[764] uma segunda, a heróis e respetivas esposas; uma terceira, a Héstia, Hermes, a Anfiarau e, de entre os filhos deste, a Anfíloco; em contrapartida, Alcméon,[765] devido ao ato cometido contra

[760] "Carro". Sobre este prodígio, *vide infra* 2.23.2, 9.8.3, 9.19.4. Assim Zeus premiava de alguma forma Anfiarau, um homem justo entre a insolência dos Sete, recuperando-o vivo para, no mundo das trevas, prosseguir com as suas profecias.

[761] Outros cultos de Anfiarau vieram a implantar-se mais tarde em Argos e Esparta.

[762] *Vide infra* 3.4.6. Protesilau, um herói da Tessália, associou-se à campanha dos Aqueus contra Troia e foi a sua primeira baixa (cf. *Ilíada* 2.695-702. Heródoto 7.33), obedecendo a um oráculo segundo o qual o primeiro guerreiro a pisar solo troiano seria também a primeira vítima da guerra.

[763] *Vide infra* 4.16.7, 4.32.5, 9.39.2-14. Após ter sido engolido pela terra, Trofónio converteu-se num oráculo famoso (cf. Heródoto 1.46.2, 8.134.1, Eurípides, *Íon* 300, Aristófanes, *Nuvens* 508, Estrabão 9.2.38, 414). Atribuía-se-lhe, juntamente com o irmão Agamedes, a construção do templo de Apolo, em Delfos.

[764] "Que cura".

[765] *Vide infra* 2.1.8. Esta é uma lenda do ciclo tebano, que se situa na geração dos Epígonos, os filhos dos Sete, que haveriam de vingar a morte dos pais e consumar a tomada da cidade. Alcméon era um dos filhos de Anfiarau – como o era também Anfíloco, o mais novo –, responsável pela morte da mãe, Erifile. Pretendia puni-la por ter incentivado Anfiarau a participar na campanha contra Tebas, apesar de saber que ele aí encontraria a morte. O casamento de Anfiarau com

Erifile, não é homenageado nem juntamente com Anfiarau, nem com Anfíloco. A quarta parte do altar é consagrada a Afrodite, Panaceia, Iaso, Higia e Atena Peónia;[766] por fim, a quinta é dedicada às Ninfas, a Pã e aos rios Aqueloo e Cefiso.[767] Também os Atenienses, na sua cidade, erigiram a Anfíloco um altar, que tem igualmente, em Malo, na Cilícia, o oráculo mais verídico dos existentes nos nossos dias.[768] **34.4.** Há em Oropo, muito perto do templo, uma fonte, dita de

---

Erifile, irmã de Adrasto, tinha sido incentivado por este último e obedecia a uma cláusula: que na possibilidade de uma dissensão entre os dois, ela funcionaria de árbitro. Ora quando Adrasto projetava atacar Tebas para defender interesses de Polinices, Anfiarau tentou dissuadi-lo por saber que dessa campanha lhe adviria a morte. Consultada nesta divergência, Erifile, subornada por Polinices, pronunciou-se a favor do ataque, dessa forma condenando o marido à morte. Comprometido pelo acordo firmado, Anfiarau resignou-se à campanha não sem antes obter dos filhos a promessa de que a devido tempo o vingariam, matando a mãe e atacando de novo Tebas. Estava anunciada a futura campanha dos Epígonos, os descendentes dos primeiros atacantes (cf. Apolodoro 3.7.2). Foi desta vez Alcméon, o filho de Anfiarau e Erifile, quem, por incentivo da mãe, assumiu a condução de uma luta que não desejava. Mas ao ter conhecimento da traição da mãe, uma vez mais seduzida pelo inimigo – agora Tersandro, o filho de Polinices –, decidiu matá-la (cf. ainda Diodoro Sículo 4.66.1-3). Foi então perseguido pelas Erínias e enlouqueceu. Cf. Graves (1977) II.15-24.

[766] Sobre as divindades patrocinadoras da saúde, *vide supra* nota 410.

[767] Nesta série de divindades relacionadas com a natureza incluem-se os rios Aqueloo e Cefiso. O Aqueloo (cf. Heródoto 7.126), um rio com mais de 100 km de curso proveniente da Grécia Central, tem a sua origem nas montanhas do Pindo e circunda toda a região da Acarnânia. Cefiso, por sua vez, é o nome de dois rios distintos: um localizado em Atenas, que tinha origem entre os montes Pentélico e Parnes; e outro beócio (*vide supra* nota 83).

[768] Segundo a tradição, a fundação de Malo era atribuída a Anfíloco e Mopso, terminada a guerra de Troia. Após uma ausência de Anfíloco em Argos, Mopso ter-se-ia recusado a partilhar com ele o poder da cidade. No combate que então se desencadeou, ambos morreram. O oráculo de Anfíloco em Malo ganhou pujança em época romana.

Anfiarau, onde se considera ilegítimo fazer qualquer sacrifício, purificação ou ablução. Mas é da tradição que quem obteve a cura de uma doença por intervenção do oráculo nela lance moedas de prata e ouro. Foi por lá, ao que se diz, que Anfiarau emergiu já depois de divinizado. Iofonte de Cnossos, um dos intérpretes, revelava os oráculos em hexâmetros, que eram, segundo ele, os que Anfiarau transmitiu aos Argivos no ataque contra Tebas. Esta era um ideia que caía bem na opinião popular; no entanto, além daqueles que se deixavam possuir por Apolo, no passado não havia qualquer adivinho que interpretasse oráculos; o que havia era gente muito hábil a interpretar sonhos, a retirar presságios do voo das aves e das vísceras das vítimas.[769] **34.5.** Na minha opinião, Anfiarau dedicou-se sobretudo à interpretação de sonhos, dado que é através dos sonhos que passou a exercer a adivinhação depois de ser considerado um deus. Antes de mais nada, todo aquele que o consulta começa por se purificar. Purificação essa que consta de um sacrifício ao deus, sacrifício que lhe é oferecido a ele e a todos aqueles cujos nomes os associam ao altar. Realizados estes rituais, imola-se um carneiro, estende-se-lhe a pele e dorme-se sobre ela esperando a revelação de um sonho.

1.35.1. *As ilhas*

As ilhas existentes nas imediações da Ática são: a chamada "ilha de Pátroclo", a que já me referi,[770] e uma outra, a seguir

[769] Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 243 fazem desta informação de Pausânias a seguinte interpretação: "O papel dos adivinhos, a menos que sejam inspirados por Apolo (o que não era o caso de Anfiarau), não é o de profetizar, mas o de decifrar oráculos; logo não se pode atribuir a Anfiarau oráculos como o daquela coleção". Ou seja, a recolha de oráculos promovida por Iofonte de Cnossos só pode ser falsa.

[770] *Vide supra* 1.1.1 e nota respetiva.

a Súnio, quando se navega com a Ática do lado esquerdo.[771] Foi lá, segundo a lenda, que Helena desembarcou depois da tomada de Troia, e daí a ilha ter tomado o nome de Helena. **35.2.** Salamina situa-se diante de Elêusis e estende-se até à Megáride. No início, foi Cicreu[772] quem lhe deu esse nome, a partir do nome da mãe, Salamina, filha de Asopo.[773] Mais tarde, os Eginetas estabeleceram-se lá, com Télamon. Fileu, filho de Eurísaces e neto de Ájax, entregou a ilha aos

[771] Esta é uma ilha, hoje designada por Macronisi "ilha longa", devido ao seu formato, situada do lado oriental da Ática, entre o cabo Súnio e Tórico. Cf. Estrabão 9.399, que, numa versão contrária à de Pausânias (coincidente com a de Hecateu de Mileto, *FGrHist* 1F 128), por aí faz passar Páris e Helena em fuga a caminho de Troia. E ainda Eurípides, *Helena* 1673. Sobre as dúvidas colocadas pela identificação desta ilha, *vide* Allan (2008) 343-4.

[772] Cicreu, um herói de Salamina, era considerado deus. Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 10.3.

[773] A ilha de Salamina aparece sob domínio ático desde o séc. VI a.C. Os mitos que lhe estão associados aproximam-na de Egina e de Mégara. Salamina e sua irmã Egina eram filhas do rio Asopo, da Beócia, sendo que a primeira foi mãe de Cicreu (*vide infra* 1.36.1) depois de um relacionamento com Posídon. Pausânias sintetiza uma história da ilha. Numa primeira etapa mítica, recua até às origens da linhagem do herói Cicreu, que nela estava sepultado e tinha um culto. Segundo a tradição, Cicreu tornou-se rei de Salamina por ter liquidado uma serpente que devastava o território; ou, numa outra versão, o próprio Cicreu seria apelidado de "serpente" pela crueldade de que dava provas. Expulso da ilha, refugiou-se em Elêusis, ao serviço de Deméter. Dizia-se que, durante a batalha de Salamina, Cicreu apareceu entre os navios gregos, que auxiliou na obtenção da vitória (*vide infra* 1.36.1); cf. Graves (1977) I.269. Depois de Cicreu, deu-se a ocupação da ilha pelos Eginetas, sob o comando de Télamon, ainda antes da guerra de Troia. Do casamento de Télamon com Peribeia, princesa de Atenas, nasceu Ájax, e, mais tarde, de Hesíone, veio a ser pai de Teucro. A tradição de que teria sido Fileu, neto de Ájax, a entregar Salamina a Atenas em paga da cidadania recebida está também registada em Heródoto 6.35.1, Ferecides, *FGrHist* 3F 2, Plutarco, *Vida de Sólon* 10.3. Por fim, depois de um traçado mítico para o passado de Salamina, é referido um episódio histórico: a ocupação da ilha pelos Macedónios, sob o comando de Cassandro (*vide supra* 1.25.6), com a anuência dos habitantes.

Atenienses, depois de feito por eles cidadão de Atenas. Os Salamínios, muitos anos mais tarde, foram expulsos de lá pelos Atenienses, sob a acusação de não terem oposto resistência na guerra contra Cassandro, e de terem decidido entregar a cidade aos Macedónios. Condenaram à morte Escétades, que tinha sido então eleito general por Salamina, e fizeram juramento de nunca esquecer a traição dos Salamínios. **35.3.** Lá estão ainda as ruínas de uma praça, um templo de Ájax e uma estátua dele feita de madeira de ébano. Os Atenienses continuam a prestar-lhe culto, a Ájax e a Eurísaces,[774] sendo que de Eurísaces existe um altar em Atenas. Mostra-se, em Salamina, não longe do porto, uma pedra; ao que se diz foi nela que se sentou Télamon a assistir à partida do navio que lhe levava os filhos para Áulis, a juntarem-se ao exército dos Gregos. **35.4.** Dizem os habitantes de Salamina que, quando Ájax morreu, uma nova flor lhes brotou pela primeira vez no território. É uma flor branca, com laivos vermelhos, tipo açucena, mas menor de tamanho tal como as suas folhas.[775] Sobre ela estão gravadas letras semelhantes às do jacinto.[776] Ouvi contar aos Eólios que mais tarde ocuparam Ílion um relato sobre o julgamento das armas,[777] em que se dizia que, após o naufrágio de Ulisses, as armas foram arrastadas até ao

[774] Eurísaces, desta vez o filho de Ájax e Tecmessa; cf. Graves (1977) II.321-5.

[775] Flor esta não identificada.

[776] Não se conhece a correspondência da "flor de Ájax". Sobre as pétalas do jacinto lia-se as letras AI, entendidas como as primeiras de um lamento – *aiai*. Ou, numa outra interpretação, as iniciais de *Aias Aiacides*, "Ájax, o Eácida".

[777] Sobre o conflito gerado pela atribuição das armas de Aquiles após a sua morte e a forma como Ájax se sentiu lesado pela decisão tomada pelos companheiros, *vide supra* 1.5.2 e nota respetiva. A versão aqui narrada funciona como uma espécie de compensação devida ao herói de Salamina *post mortem*.

túmulo de Ájax. E sobre a estatura deste guerreiro,[778] a história que ouvi de um sujeito da Mísia foi a seguinte. **35.5.** Dizia ele que o mar perfurou o túmulo do lado da costa, o que lhe tornou fácil o acesso. Dava-me então este exemplo para eu ficar com uma ideia da estatura que ele tinha: o osso do joelho, a que os médicos chamam rótula, tinha-o do tamanho de um disco dos que as crianças usam no pentatlo. Quanto aos Celtas daquelas regiões remotas, vizinhas das que são inabitáveis por causa do frio, os chamados (...), a sua estatura não me não causou surpresa porque não excede a dos cadáveres egípcios. O que de facto me pareceu digno de ser visto é o que passo a relatar. **35.6.** Um tal Protófanes, um cidadão da Magnésia, junto do Leteu,[779] conquistou no mesmo dia, nos jogos olímpicos, a vitória no pancrácio e na luta. Houve assaltantes que lhe penetraram o túmulo na expectativa de obterem lucro; e depois dos assaltantes, outras pessoas entraram também para ver o cadáver; perceberam então que não tinha as costelas separadas, mas contínuas, desde os ombros até às costelas mais pequenas, chamadas pelos médicos "falsas". Diante da cidade de Mileto, fica a ilha de Lade, que se fendeu noutras: uma a que chamam Astério, onde se diz que Astério, filho de Ánax, filho da Terra, está sepultado;[780] este é um cadáver que não

[778] Já na *Ilíada* (e.g., 7.211, 7.268-9, 7.309, 14.409, 14.459, 15.471, 15.560), Ájax era designado por "enorme", para o distinguir do seu homónimo, o Ájax filho de Oileu, e louvada a sua enorme força e bravura. A partir deste exemplo de grande estatura, Pausânias prossegue com outros exemplos conhecidos.

[779] Rio afluente do Meandro. Sobre esta região, *vide infra* 5.21.10, 10.32.6. Esta vitória de Protófanes foi obtida em Olímpia, em 172 a.C.

[780] Ánax, filho de Úrano e da Terra, tal como o seu filho Astério, reinaram, em tempos míticos, sobre Mileto (*vide infra* 7.2.5). Eram considerados ambos gigantescos de estatura. Os dez côvados de altura que lhe são aqui atribuídos correspondem a c. 4,50 m. Cf. Graves (1977) I.292.

tem menos de dez côvados de altura. **35.7.** Um prodígio que me surpreendeu foi o que vi numa cidade pequena da Lídia superior chamada Portas do Témeno.[781] Aí, ao fender-se uma colina por efeito de uma tempestade, apareceram umas ossadas de tal tamanho que só pela forma poderiam parecer humanas. Logo correu a história entre a populaça de que se tratava do cadáver de Gérion,[782] filho de Crisaor, e também do seu trono. É que existe o trono de um homem escavado numa saliência da montanha, numa zona rochosa. À torrente deu-se o nome de Oceano, e como, segundo a tradição, Gérion criava bois magníficos, dizia-se que havia quem encontrasse chifres ao lavrar a terra. **35.8.** Eu confrontei-os e mostrei-lhes que Gérion estava em Gadira, onde não havia propriamente um túmulo dele, mas apenas uma árvore que apresentava diversas formas. Então os guias dos Lídios contaram-me a versão verdadeira: que o cadáver seria de Hilo, Hilo filho da Terra, a que o rio foi buscar o nome. E acrescentam que Héracles, em memória da sua permanência junto de Ônfale,[783] tinha dado ao filho o nome do rio.

---

[781] Ou seja, a nordeste de Sárdis, na margem do rio Hilo.

[782] Um gigante de três cabeças e três corpos, filho de Crisaor e de Calírroe, filha de Oceano (cf. Hesíodo, *Teogonia* 281-3, 287-91). Gérion vivia na ilha de Eriteia, no Oceano, para além das colunas de Héracles, e era célebre pelos rebanhos que possuía. Além da versão de que se trata de uma ilha, havia também quem colocasse o reino de Gérion no território da Ibéria, na primitiva Gadira (Cádiz); cf. Estrabão 3.2.11, 3.5.3-4, 3.5.7. Por ordem de Euristeu, Héracles matou-o e roubou-lhe o gado (cf. Hesíodo, *Teogonia* 289-94, 982-3). Cf. Graves (1977) II.132-4. A versão lídia desloca a aventura e os seus protagonistas para uma outra região.

[783] Sobre a permanência de Héracles na Lídia, junto de Ônfale, cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 6.6. Embora contasse já na sua carreira de herói com a eliminação de malfeitores um pouco por toda a Grécia, Héracles, tomado de loucura, matou Ífito, filho do rei de Ecália, que apenas vinha pedir o seu auxílio. Consultado o oráculo de Apolo em Delfos, foi determinado que a purificação desse crime exigia três anos

1.36.1. *Salamina, Psitália e o continente fronteiriço*

Em Salamina – estou de volta ao meu assunto – existe um santuário de Ártemis, e um troféu pela vitória que Temístocles, filho de Néocles, garantiu aos Gregos.[784] Há também o santuário de Cicreu. Enquanto os Atenienses travavam o combate naval com os Medos, apareceu – ao que se conta – uma serpente entre os navios. O deus disse-lhes então que se tratava de Cicreu, o herói.[785] **36.2.** Diante de Salamina há uma ilha chamada Psitália; foi nela – ao que se ouve dizer – que desembarcaram cerca de 400 bárbaros; depois de derrotarem Xerxes na batalha naval, os Gregos dirigiram-se a Psitália e chacinaram-nos.[786] Na ilha não existe nenhuma estátua de qualidade, apenas representações do deus Pã feitas em madeira.

36.3. Quem se dirige a Elêusis vindo de Atenas pela que os Atenienses chamam 'via sagrada',[787] encontra o memorial de Antemócrito, alvo, por parte dos Megarenses, de uma atitude de absoluta impiedade: quando veio transmitir-lhes, na qualidade de arauto, que dali em diante não cultivassem a terra sagrada, os Megarenses mataram-no.[788] A cólera das

---

de servidão. Foi então que Héracles se dirigiu à Lídia, e aí cumpriu a sua pena na condição de escravo da rainha Ônfale, trazendo a esse território o benefício de alguma pacificação. Hilo é o filho que Héracles veio a ter de Dejanira, personagem em *Traquínias* de Sófocles.

[784] *Vide supra* 1.1.2 e nota respetiva.

[785] *Vide supra* 1.35.2 e nota respetiva.

[786] Este é um episódio recordado por Heródoto 8.95, Ésquilo, *Persas* 447-71, Plutarco, *Vida de Aristides* 9.1-4.

[787] Este era o caminho usado pelo cortejo dos mistérios de Elêusis. Como era hábito nos caminhos, também este era ladeado por túmulos.

[788] Este episódio ocorreu em 431 a.C. (cf. Plutarco, *Vida de Péricles* 30.2-3, Tucídides 1.139.1-2). Estava em causa o desrespeito dos Megarenses que cultivavam terreno sagrado das deusas eleusínias, fronteiriço ao seu território. Esse sacrilégio contra o emissário ateniense serviu de pretexto a Péricles para emitir contra Mégara o célebre decreto que lhe interditava portos e mercados atenienses (cf. Aristófanes, *Acarnenses*

duas deusas,[789] em função desse ato, permanece, de tal maneira que foram eles os únicos Gregos a quem nem o imperador Adriano conseguiu fazer prosperar. **36.4.** Depois da estela de Antemócrito, está o túmulo de Molosso, que mereceu ser escolhido pelos Atenienses como general, quando avançaram para Eubeia em socorro de Plutarco,[790] e também um lugar chamado Ciro pelo motivo seguinte. Quando os Eleusínios entraram em guerra com Erecteu,[791] veio de Dodona um adivinho de nome Ciro, responsável pela edificação, em Falero, do antigo templo de Atena Cira.[792] Morto em combate, os Eleusínios sepultaram-no junto de uma torrente; a região, como o rio, recebeu então o nome desse herói. **36.5.** Ali perto, foi construído o memorial de Cefisodoro, que, ao comando do povo, ofereceu uma resistência determinada a Filipe, filho de Demétrio e rei da Macedónia.[793] Cefisodoro conseguiu, para os Atenienses, a aliança dos reis Átalo da Mísia e Ptolemeu

530-4). Sobre a intervenção do Imperador Adriano em favor de Mégara, *vide infra* 1.42.5, e sobre a generosidade habitual do mesmo imperador em relação aos povos sob sua autoridade, *vide supra* 1.3.2.

[789] Deméter e Perséfone.

[790] C. 350 a.C. Plutarco era tirano de Erétria, na ilha de Eubeia, e apelou ao apoio de Atenas na defesa contra Filipe II, que ia angariando simpatizantes na ilha à custa de subornos (cf. Plutarco, *Vida de Fócion* 12-4). Nessa expedição, Molosso sucedeu a Fócion no comando das forças atenienses, mas a sua atuação é francamente censurada por Plutarco.

[791] *Vide supra* 1.5.2 e nota respetiva.

[792] *Vide supra* 1.1.4 e nota respetiva.

[793] A intervenção de Cefisodoro foi determinante, na política ateniense, durante o reinado de Filipe V da Macedónia (221-179 a.C.). Na defesa de uma política anti-macedónica, angariou alianças para Atenas com Ptolemeu V do Egito e Átalo I da Mísia, além de povos da Ásia Menor e das ilhas do Egeu. Em desespero de causa, apelou mesmo aos Romanos (cf. Tito Lívio 31.5.14). Filipe saiu vencido deste confronto, em 197 a.C. Pausânias toma esta derrota de Filipe V como um antecedente do futuro colapso da monarquia macedónia, depois da derrota de Perseu em Pidna (168 a.C.). Sobre Cefisodoro, cf. Habicht (1985) 92-4.

do Egito, e de povos autónomos – os Etólios, e as populações insulares de Rodes e Creta. **36.6.** Como o socorro do Egito, da Mísia e de Creta tardava muito em chegar, e os Ródios, só com os seus navios, não serviam de muito contra a infantaria macedónia, Cefisodoro navegou para a Itália com uns tantos Atenienses a pedir ajuda aos Romanos. Estes enviaram-lhes um exército e um comandante, que a tal ponto abalaram Filipe e os Macedónios, que mais tarde Perseu, filho de Filipe, se viu privado do poder e ele próprio levado como cativo para Itália. Este Filipe era filho de Demétrio. Demétrio foi o primeiro da família a assumir o poder sobre os Macedónios, depois de matar Alexandre filho de Cassandro, como já acima referi.[794]

1.37.1. *Túmulos ao longo da 'via sagrada'*

A seguir ao túmulo de Cefisodoro, está sepultado Heliodoro de Hális,[795] de que se pode ver também o retrato no grande templo de Atena. Lá fica o túmulo de Temístocles, filho de Poliarco, um descendente em terceira geração do Temístocles que combateu Xerxes e os Medos na batalha naval.[796] Passo adiante os seus outros descendentes salvo Acéstio, filha de Xénocles, filho de Sófocles, filho de Léon; todos os seus antepassados até à quarta geração, a começar em Léon, foram

[794] *Vide supra* 1.10.1. Há uma confusão da parte de Pausânias, ao considerar Filipe V filho de Demétrio Poliorceta, quando se tratava de Demétrio II, neto de Demétrio Poliorceta. Foi Demétrio Poliorceta, em 294 a.C., o responsável pelo homicídio de Alexandre, filho de Cassandro, como forma de se apoderar do trono da Macedónia.

[795] Personagem a que não é feita qualquer outra referência. Sobre as especulações que suscitou, *vide* Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 247.

[796] Sobre a descendência de Temístocles, o comandante de Salamina, *vide supra* 1.1.2.

daducos;[797] e durante o seu tempo de vida, ela viu assumir essa distinção o irmão Sófocles, depois dele o marido Temístocles, e, por morte deste, o filho, Teofrasto. Tal foi a sorte que teve, segundo dizem. **37.2.** Avançando um pouco mais, está o santuário de Lácio, o herói, que deu o nome ao *demos* dos Lacíadas; o túmulo de Nícocles de Tarento, que, dos citaredos, foi o que teve maior fama;[798] há ainda o altar de Zéfiro[799] e o templo de Deméter e da filha; com elas, são venerados Atena e Posídon. Foi neste lugar, ao que se diz, que Fítalo acolheu em sua casa Deméter; em paga, a deusa deu-lhe a planta da figueira.[800] Prova desta afirmação é a inscrição gravada sobre o túmulo de Fítalo:

> Neste lugar, o rei e herói Fítalo acolheu a divina
> Deméter. Então, pela primeira vez, foi dado a conhecer um fruto,
> A que os mortais passaram a chamar figo sagrado.
> Por isso, Fítalo e a família granjearam eternas homenagens.

---

[797] Portadores de archotes, um cargo ritual de grande relevância no culto de Deméter, em Elêusis. Estava, por tradição, atribuído a famílias distintas, a dos Cérices, que, desde Sólon, assumia a responsabilidade da organização dos Mistérios e assegurava os daducos, acompanhantes do hierofante. Provavelmente Acéstio estava associada a esta família, dada a frequência com que este cargo honroso incidiu sobre parentes seus. Esta distinção era partilhada pela família dos Eumólpidas, que, por sua vez, detinha a prerrogativa de assegurar o hierofante.

[798] C. 250 a.C. Contava-se entre os três grandes nomes de artistas tarentinos, a par do poeta Rínton e do músico Aristóxeno. Em 1896, nas escavações feitas no teatro de Dioniso em Atenas, apareceu a base de uma estátua com uma inscrição que a dedicava a Nícocles, o vencedor de múltiplos concursos citarédicos. Esta referência foi associada com Nícocles de Tarento, a quem os Atenienses prestaram grandes homenagens.

[799] Vento do poente.

[800] Cf. *Hino Homérico a Deméter* 231-74, Apolodoro 1.5.2, Higino, *Fábula* 146.

37.3. Antes de se atravessar o Cefiso, está o túmulo de Teodoro, considerado o melhor ator de tragédia do seu tempo.[801] As estátuas junto ao rio são as de Mnesímaca,[802] e uma outra do filho, a cortar os cabelos em honra do Cefiso. Esta é uma prática antiga e difundida entre os Gregos, como o testemunha Homero;[803] diz ele que Peleu fez um voto de que Aquiles, se regressasse a salvo de Troia, cortaria o cabelo em honra do Esperqueu. **37.4.** Atravessado o Cefiso, há um velho altar de Zeus Milíquio;[804] foi lá que Teseu se fez purificar pelos descendentes de Fítalo, depois de ter matado vários salteadores, e entre eles Sínis, um seu parente pelo lado de Piteu.[805] A seguir vem o túmulo de Teodectes de Fasélis[806] e o de Mnesíteo; este último foi, ao que se diz, um bom médico, que erigiu várias estátuas, entre elas a de Íaco.[807] Nessa estrada foi construído um templo pequeno, chamado Ciámi-

[801] Primeira metade do séc. IV a.C.; cf. Demóstenes 19.246, Aristóteles, *Política* 1336b, Plutarco, *Obras Morais* 737b.

[802] Musti, Beschi (1982) 406 propõem diversas hipóteses de identificação para uma figura na realidade desconhecida.

[803] Cf. *Ilíada* 23.141-9.

[804] "Vigilante". Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 25.7.

[805] Sínis era primo de Teseu, filho de uma irmã de Etra. *Vide infra* 2.1.4. A morte de Sínis é também recordada por Plutarco, *Vida de Teseu* 8.3, bem como a purificação de Teseu, 12.1. Era conhecida a crueldade com que tratava as suas vítimas: ou lhes pedia que o ajudassem a dobrar um pinheiro, que depois soltava projetando-as em voo; ou as prendia a duas árvores dobradas, que depois largava de modo a destroçar-lhes os corpos (*vide infra* 2.1.3-4). Cf. Graves (1977) I.328.

[806] Teodectes de Fasélis (uma cidade da Lícia, na Ásia Menor; cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 17.9) foi um retórico conhecido em Atenas e autor de um número elevado de tragédias. Hesíquio e Diógenes (*vide* Lesky 1968: 604) referem-se a uma *Colectânea de Retórica* de Teodectes, discípulo de Isócrates, que Aristóteles teria compilado e editado.

[807] Séc. IV a.C.; cf. Ateneu 1.32d, 2.36ª, 3.80e. É-lhe atribuída uma obra sobre dietética e outra sobre puericultura. Sobre Íaco, *vide supra* 1.2.4 e nota respetiva.

tes.[808] Não posso garantir que tenha sido ele o primeiro a semear favas, ou se se deu esse epíteto a um herói, porque não se podia atribuir a descoberta das favas a Deméter. Sabe do que falo quem for iniciado em Elêusis ou tenha lido os chamados versos órficos.[809] **37.5.** Entre os túmulos há um particularmente grande e imponente, de um sujeito de Rodes que veio instalar-se em Atenas;[810] e um outro erigido pelo macedónio Hárpalo,[811] que, depois de desertar das forças de Alexandre, fez a travessia da Ásia para a Europa; dirigiu-se a Atenas, onde foi detido, mas escapou corrompendo com dinheiro diversas pessoas, entre as quais os amigos de Alexandre; mas antes desposou Pitonice, cuja origem desconheço, mas que foi prostituta em Atenas e Corinto. A tal ponto se apaixonou por ela que, quando ela morreu, lhe construiu um

[808] De *kyamos*, o nome da fava. O templo seria, portanto, dedicado a um herói concessor das favas aos homens, enquanto Deméter o teria sido dos restantes vegetais.

[809] Ou seja, que estes cultos proibiam o consumo de favas; *vide infra* 8.15.3-4. Os poemas órficos (datados do séc. VI a.C.) eram atribuídos a Orfeu e tinham por tema rituais mistéricos, como purificações e iniciações.

[810] Impossível de identificar.

[811] Hárpalo foi tesoureiro de Alexandre, de quem tinha sido amigo de infância. Seguiu o rei macedónio na campanha da Ásia e tornou-se, depois da batalha de Gaugamelos, o responsável financeiro pela administração do império. Não se mostrou, porém, digno da confiança que a função e a relação pessoal exigiam. Quando Alexandre regressou da Índia, Hárpalo desertou primeiro para a Cilícia e, em 324 a. C., fugiu para Atenas portador de uma boa soma de dinheiro, com que pretendia – sem ter obtido sucesso – incitar uma rebelião grega contra Alexandre. Acabou morto em Creta por um dos seus homens. Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 8.3, 9.5, 35.15, 41.8, *Vida de Demóstenes* 25-6. Sobre a homenagem prestada por Hárpalo a Pitonice, com um túmulo faustoso, cf. Plutarco, *Vida de Fócion* 22.1-2, Ateneu 13.594-5; são unânimes as reprovações feitas a este monumento, digno de homenagear um homem de Estado e afinal dedicado a uma prostituta; por outro lado, o artista encarregado da construção, Cáricles, parece ter exorbitado no preço.

túmulo de uma grandeza que ultrapassa todos os que foram no passado edificados na Grécia.

37.6. Segue-se um templo onde estão as estátuas de Deméter e da filha, além de Atena e Apolo. No princípio era dedicado só a Apolo. Pois conta-se que Céfalo, filho de Déion, depois de arrasar, com Anfitrião, os Teléboas,[812] foi o primeiro a instalar-se na ilha que dele recebeu o nome de Cefalénia. Até então tinha vivido em Tebas, exilado de Atenas, por ter morto a mulher, Prócris. Dez gerações mais tarde, os seus descendentes Calcino e Deto navegaram para Delfos a pedirem ao deus o regresso a Atenas. **37.7.** O oráculo ordenou-lhes então que começassem por fazer sacrifícios a Apolo na Ática, no lugar em que vissem uma trirreme a deslizar sobre a terra. Quando chegaram ao monte chamado "Matizado", viram uma serpente que se apressava a enfiar-se na toca. Ali mesmo sacrificaram a Apolo; depois dirigiram-se para a cidade e os Atenienses fizeram-nos cidadãos.

A seguir está o templo de Afrodite, e diante dele uma muralha de pedras toscas digna de se ver.

---

[812] Um povo que, segundo a tradição, habitava a região da Acarnânia. Sobre este mito, cf. Graves (1977) I.298-301. Esta é uma história de amor e adultério (*vide infra* 10.29.2; cf. Apolodoro 3.15.3, Higino, *Fábula* 189). Perante a resistência de Céfalo ao seu amor, com o argumento de não querer trair uma esposa que julgava fiel, Eos mudou-lhe a aparência e aconselhou-o a seduzir a esposa, Prócris, filha de Erecteu de Atenas, com uma coroa de ouro. A princesa não resistiu ao teste e cedeu facilmente ao suborno. Esta relação tormentosa terminou com o homicídio, ainda que involuntário de Prócris, que, numa caçada durante a noite, perseguia, escondida num arbusto, o marido e por ele foi atingida. Foi então que o Areópago o condenou a exílio perpétuo. Perante essa sentença, Céfalo partiu para Tebas onde se associou a Anfitrião, o suposto pai de Héracles, em várias campanhas, entre elas a travada contra os Teléboas. Na partilha do território deste povo, Céfalo recebeu a ilha que passou a chamar-se Cefalénia.

1.38.1. *Prosseguindo em direção a Elêusis*

Os chamados *Rheitos*[813] são apenas parecidos com rios pela corrente, porque o seu caudal é água do mar. Poderia pensar-se que provêm do Euripo de Cálcis,[814] correm no subsolo, e se precipitam num mar que é mais baixo. Ao que se diz, esses *Rheitos* são consagrados a Perséfone e Deméter, e só os sacerdotes lá podem pescar. Ao que pude apurar, antigamente eram eles que marcavam a fronteira entre Elêusis e o restante território da Ática. **38.2.** Para além dos *Rheitos*, o primeiro a residir foi Crócon, no que ainda agora se chama "palácio de Crócon".[815] Este tinha desposado, ao que dizem os Atenienses – pelo menos os do *demos* de Escambónidas –, Sésara, uma filha de Celeu.[816] Não consegui descobrir o túmulo de Crócon; em contrapartida, quanto ao memorial de Eumolpo,[817] Atenienses e Eleusínios identificam-no da mesma maneira. Reza a tradição que Eumolpo, filho de Posídon e Quíone, provinha da Trácia. Quíone era filha do vento Bóreas e de

[813] Ou seja, "Correntes". Tratava-se de pequenos cursos de água salgada, que hoje não passam de pântanos na fronteira entre Atenas e Elêusis. São também referidos por Tucídides 2.19.2.

[814] *Vide supra* 1.23.3 e nota respetiva.

[815] Crócon era o antepassado de uma outra família influente em Elêusis, os Croconidas. Segundo a tradição, era filho de Triptólemo e genro de Celeu. Fazia parte do ritual que, quando os mistas ultrapassavam o limite entre a Ática e Elêusis, atavam na mão direita e no pé esquerdo fitas cor de açafrão (*krókos*), marcando a relação entre os rituais e a família dos Croconidas.

[816] Celeu era um antigo soberano de Elêusis que, quando Deméter disfarçada se encontrava errante em busca da filha, a acolheu amavelmente. O casal de Elêusis fez então da recém-chegada ama dos seus filhos.

[817] *Vide supra* 1.29.1, *infra* 1.39.1 e nota respetiva. Ambos, Panfo e Homero, teriam composto um *Hino a Deméter*, que certamente divergiam em algumas questões de pormenor. Diferentemente do que diz Pausânias, que eventualmente estaria a usar uma outra versão, estes não são os nomes referidos pelo *Hino Homérico a Deméter* 108-10.

Oritia.[818] Por Homero nada é dito sobre a sua ascendência, apenas nos seus versos elogia o 'valente' Eumolpo.[819] **38.3.** Aquando do combate entre Eleusínios e Atenienses, Erecteu, o rei de Atenas, morreu, como também Imárado, filho de Eumolpo. Então fez-se um acordo, segundo o qual dali por diante os Eleusínios ficariam, em tudo o mais, submetidos aos Atenienses, salvo na celebração dos mistérios. Eumolpo e as filhas de Celeu passaram a ser os organizadores dos rituais em honra das duas deusas (segundo Panfo,[820] à semelhança de Homero, são elas Diogeneia, Pamérope e a terceira Sésara). Após a morte de Eumolpo, restava Cérix, o mais novo dos seus filhos, que os próprios Cérices[821] dizem ser filho de Aglauro, filha de Cécrops, e de Hermes, não de Eumolpo.

38.4. Lá fica também o *héroon* de Hipotoonte,[822] de onde a tribo recebeu o nome, e junto dele o de Zárex.[823] Este último, ao que se diz, aprendeu música com Apolo. Creio que se trata

---

[818] *Vide supra* 1.19.5 e nota respetiva.

[819] Cf. *Hino Homérico a Deméter* 154-5, em que este epíteto é aplicado a Celeu, e não a Eumolpo, por sua vez classificado de "irrepreensível". Para Pausânias, Homero seria o autor do *Hino*.

[820] *Vide supra* 1.5.2, 1.27.4 e notas respetivas.

[821] Os Cérices e os Eumólpidas eram as famílias encarregadas da organização dos mistérios de Elêusis. Orgulhavam-se da sua antiguidade, que faziam remontar a uma data anterior à fusão de Elêusis com Atenas. Consideravam-se detentoras de segredos agrícolas que a própria Deméter tinha dado a conhecer aos seus antepassados. Entre as duas famílias naturalmente se foram instalando algumas questões de precedência ou hierarquia. Talvez os Eumólpidas pretendessem afirmar a sua prioridade e, para isso, criassem esta genealogia, atribuindo aos Cérices, como ponto de partida, Cérix, o filho mais novo de Eumolpo. Por sua vez os Cérices reivindicavam, como seu ascendente, o próprio Hermes, assim divinizando a sua origem, além de estabelecerem uma aliança muito antiga com Atenas, através da linhagem materna de Aglauro.

[822] *Vide supra* 1.5.2, *infra* 1.39.3 e nota respetiva.

[823] Zárex era tido como filho de Caristo e neto de Quíron. Pausânias faz uma aproximação entre o nome deste herói e a cidade de Zárax, na Lacónia (*vide infra* 3.24.1).

de um estrangeiro, provindo da Lacedemónia, e que a cidade de Zárax na costa da Lacónia recebeu dele o nome. Se houve um herói Zárex oriundo da Ática, não faço a menor ideia.

38.5. O Cefiso que corre junto de Elêusis tem uma corrente muito mais forte do que aquele que referi acima.[824] Chamam Eríneo[825] a um lugar vizinho e dizem que foi por lá que Plutão desceu aos infernos depois de raptar Perséfone. Foi junto deste Cefiso que Teseu matou um salteador de nome Polipémon, e de alcunha Procrustes.[826]

38.6. Em Elêusis existe um templo de Triptólemo,[827] um de Ártemis Propileia[828] e de Posídon Pai, além de um poço chamado Calícoro,[829] onde pela primeira vez as mulheres de Elêusis dançaram e cantaram em honra da deusa. A planície de Rário[830] foi, ao que se diz, a primeira a receber sementes e

---

[824] *Vide supra* 1.34.3, 1.37.3, 1.37.4.

[825] Eríneo é o nome da figueira selvagem. Sobre o lugar do rapto de Perséfone por Plutão, as versões são múltiplas e controversas (cf. Platão, *Teeteto* 143b); cf. Graves (1977) I.90.

[826] Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 11. Polipémon, de alcunha Procrustes, "aquele que golpeia", era um bandido que torturava as suas vítimas fazendo-as corresponder ao tamanho de uma cama; aos mais pequenos esticava-os, aos maiores cortava-os. Atuava, tal como o seu filho Sínis e outros salteadores, na zona de Corinto, no istmo que separa os golfos Sarónico e de Corinto; cf. Graves (1977) I.328-30.

[827] *Vide supra* 1.14.2-3. Todos estes são templos próximos do de Deméter, em Elêusis.

[828] "Situado à entrada". O templo de Ártemis Propileia e de Posídon Pai ficava fora do santuário de Deméter e Perséfone. Era dórico de estilo e construído em mármore do Pentélico. Foi erigido no principado de Marco Aurélio. Era lá que os mistas se reuniam para se sujeitarem a rituais de purificação antes de entrarem no santuário propriamente dito.

[829] "Das belas danças"; cf. *Hino Homérico a Deméter* 99, 272. Este poço encontrava-se também no espaço anterior ao santuário e na sua borda se teria sentado Deméter quando chegou depois da sua errância. A dança aqui executada era o último ato público antes da entrada no templo, restrita aos mistas.

[830] Designação provinda de Raro, o nome do pai de Triptólemo; *vide supra* 1.14.3.

a produzir frutos. Por isso, ficou estabelecido que a cevada lá colhida fosse usada para fazer bolos para os sacrifícios. É lá que se mostra também a eira dita de Triptólemo e um altar. **38.7.** O que se encontra dentro do muro do santuário um sonho impediu-me de o descrever, porque aos não iniciados está vedada a informação sobre o que lhes não é permitido ver. O herói Elêusis, de que a cidade recebe o nome, era, segundo algumas versões, filho de Hermes e de Daíra, filha do Oceano; segundo outras, tinha por pai Ógigo. De facto, como os antigos não dispunham de genealogias, podiam manipulá-las, sobretudo quando se tratava do ascendente dos heróis.

38.8. Quando se sai de Elêusis em direção à Beócia encontra-se Plateias, que faz fronteira com a Ática.[831] Dantes, os limites da Ática ficavam em Elêuteras. Mas depois que Elêuteras se fundiu com Atenas, foi o Citéron, na Beócia, que passou a estabelecer a fronteira. Esta fusão deu-se sem ser preciso recorrer à força, porque a gente de Elêuteras desejava a cidadania ateniense, enquanto detestava os Tebanos. Nesta planície há um templo de Dioniso; a velha estátua de madeira que lá existia foi levada para Atenas;[832] em Elêuteras ficou uma cópia dessa. **38.9.** Um pouco mais afastada fica uma gruta pequena, e ao lado uma nascente de água fria. Diz-se que foi nesta gruta que Antíope expôs os filhos, quando nasceram; e, a propósito dessa gruta, reza a lenda que o pastor que encontrou

[831] Este trajeto corresponde à estrada para Tebas, que ligava o vale do rio Cefiso com Elêuteras. Situada na fronteira entre a Ática e a Beócia, a sua integração na Ática foi voluntária, dado o mau relacionamento que mantinha com Tebas.

[832] *Vide supra* 1.20.3, 1.29.2. Dioniso era considerado o fundador mítico de Elêuteras, ou alguns afirmavam que este seria mesmo o seu lugar de origem. A fusão de Elêuteras com Atenas e a oferta da estátua de madeira do deus parece ter sido um acontecimento decisivo para a expansão do culto.

as crianças, depois de as despir, lhes deu o primeiro banho nessa nascente.[833] Ainda lá existem ruínas das muralhas e habitações de Elêuteras. De onde se pode ver que a cidade se situava um pouco acima da planície, no sopé do Citéron.

1.39.1. *De Elêusis para Mégara*

Há uma outra estrada que leva de Elêusis a Mégara. Indo por esse caminho, encontra-se um poço chamado Ântio.[834] Conta Panfo[835] nos seus poemas que foi neste poço que Deméter se sentou, disfarçada de velha, após o rapto da filha. Pensando que se tratava de uma mulher argiva, as filhas de Celeu levaram-na à presença da mãe, Metanira, que a encarregou de educar o filho.[836] **39.2.** Um pouco mais à

[833] Antíope, uma princesa tebana, foi protagonista de um rapto e violação que definiu o drama da sua existência, ainda que haja muitas variantes sobre o responsável por este relacionamento (Epopeu, rei de Sícion, ou o próprio Zeus), de quem teve os gémeos Zeto e Anfíon. Perseguida pelo pai e, após a morte deste, pelo tio, Lico, a jovem abandonou os recém-nascidos que acabaram recolhidos por um pastor. Mais tarde, procurou refugiar-se em Elêuteras, onde acabou encontrando, numa cabana de pastores em que procurou abrigo, os filhos. Estes vieram a tornar-se reis de Tebas. O mito de Antíope tem também uma articulação com o de Dioniso, porque foi sob a forma de um sátiro que o pai dos deuses a seduziu. Pausânias dá sobre este mito uma informação mais precisa, *infra* 2.6.1-3, 9.17.6. Cf. Apolodoro 3.5.5; Jouan (1966) 375-7, Graves (1977) I.256-8. O mito de Antíope foi usado por Eurípides para uma tragédia a que deu título.

[834] "Florido".

[835] *Vide supra* 1.29.2 e nota respetiva. A versão de Panfo, no seu *Hino a Deméter*, diferia da do *Hino Homérico a Deméter* 94-5, que contextualizava esta atitude de Deméter num outro poço, o chamado Calícoro (*vide supra* 1.38.6). Sobre Celeu, *vide supra* 1.14.2 e nota respetiva.

[836] Metanira era rainha de Elêusis na qualidade de esposa de Celeu. A hospitalidade com que acolheu Deméter, a deusa que não reconheceu sob o disfarce de uma velha, e lhe atribuiu a função de ama do seu último filho Demofonte, então um recém-nascido, levou a que a deusa, grata, pretendesse dar-lhe a imortalidade. Ao surpreender o rito, a mãe,

frente do poço, está o santuário de Metanira e, a seguir, os túmulos dos atacantes de Tebas. É que Creonte, que nessa altura governava Tebas como tutor de Laodamante, filho de Etéocles, não consentiu aos parentes que levassem os corpos para lhes dar sepultura. Adrasto apresentou-se então a Teseu como suplicante, e desencadeou-se uma guerra entre Atenienses e Beócios. Depois de vencer esse combate, Teseu levou para Elêusis os cadáveres e lá lhes deu sepultura. Os Tebanos, porém, dizem que os corpos foram levados com o seu consentimento e que não houve hostilidades.[837]

---

assustada ao ver o filho envolto em chamas, gritou e assim quebrou o encantamento.

[837] Plutarco (*Vida de Teseu* 29.4-5) refere-se em termos semelhantes ao papel exercido pelo soberano de Atenas no ato piedoso de sepultar os atacantes de Tebas, na célebre campanha "dos Sete" em defesa dos interesses de Polinices ao trono da cidade. Ambos os autores referem, por os terem visto, os túmulos que se alinhavam na estrada entre Elêusis e Mégara. E recordam a intervenção de Teseu no acolhimento à súplica de Adrasto e das mães das vítimas, perante a obstinação de Creonte e de Tebas em lhes negarem o supremo direito à sepultura. Que este episódio gerou conflito, é inevitável. Como se encontrou para ele solução, implicou diferentes leituras: as que sublinham o recontro de forças e a maior valentia dos Atenienses, ou aquelas que sobretudo elogiam "a habilidade" diplomática de Teseu como responsável pela vitória. Plutarco (*Vida de Teseu* 29.4-5; esta era também a versão usada por Ésquilo nos seus *Eleusínios*) é mesmo um testemunho da controvérsia gerada em torno dos pormenores deste episódio, que, apesar das divergências, deixam ilesa a *philanthropia* de Atenas e do seu chefe: "Ajudou, além disso, Adrasto a recuperar os caídos junto à cidade de Cadmo, mas não, como Eurípides representou na tragédia, vencendo em combate os Tebanos, antes através da persuasão e de acordos; pois, segundo a maioria, como de resto Filócoro, aqueles foram os primeiros acordos sobre a recuperação de cadáveres. No entanto, que já antes Héracles devolveu os mortos aos seus inimigos está escrito num livro sobre Héracles. Os túmulos dos combatentes mostram-se em Elêuteras, e os dos chefes perto de Elêusis, e isto por concessão de Teseu a Adrasto. Servem de prova em contrário das *Suplicantes* de Eurípides, os *Eleusínios* de Ésquilo, onde até se representa Teseu a afirmá-lo". Ésquilo parece ter sido o criador da versão pacifista, simpática à atuação dos Tebanos nesta questão.

39.3. A seguir às sepulturas dos Argivos está a de Álope, que, segundo a tradição, depois de ter dado à luz Hipotoonte, filho de Posídon, foi morta nesse lugar por Cércion, o seu pai.[838] Diz-se ainda que Cércion era cruel para com os estrangeiros, e lutava com eles mesmo contra sua vontade. Daí que este lugar, a pouca distância do túmulo de Álope, no meu tempo fosse chamado "palestra de Cércion". Conta-se que Cércion matou todos os que lhe fizeram frente, à exceção de Teseu, que o venceu sobretudo pela habilidade. Foi Teseu quem, antes dos mais, inventou a arte da luta, que depois dele passou a ser ensinada. Antes os lutadores valiam-se apenas da estatura e da força.

São estes, na minha opinião, os relatos e os monumentos mais relevantes da Ática. Desde o início que selecionei, dos muitos tópicos, os que convinham à minha narrativa.[839]

39.4. Com Elêusis confina a chamada Megáride, que dantes pertencia também à Ática, por Pilas, o seu rei, a ter deixado a Pandíon.[840] Em abono desta afirmação existe o facto de o túmulo de Pandíon se encontrar nessa região, e de Niso ter cedido a Egeu, o mais velho da família, o poder de Atenas, enquanto ele próprio foi designado rei da região da Megáride até Corinto.[841] Foi dele que o porto de Mégara recebeu o nome de Niseu, que ainda hoje conserva.[842] Tempos mais tarde, no

[838] *Vide supra* 1.5.2, 1.14.3 e notas respetivas.

[839] Esta é uma frase conclusiva da descrição da Ática, no momento em que Pausânias se prepara para passar à Megáride. No entanto, na medida em que Pausânias relaciona Mégara com Atenas desde época muito remota (cf. 1.44.8), faz todo o sentido que os capítulos que lhe dizem respeito se incluam neste Livro I.

[840] *Vide supra* 1.5.3.

[841] *Vide supra* 1.19.4 e nota respetiva.

[842] Cf., e.g., Tucídides 1.103.4, 2.93.2-4, 2.94.3. Este era o porto principal de Mégara, no golfo Sarónico.

reinado de Codro,[843] os Peloponésios invadiram Atenas, sem conseguirem nada de relevante; mas, na retirada, tomaram Mégara aos Atenienses e deram-na a colonizar aos Coríntios e a outros aliados que o desejassem. **39.5.** Os Megarenses mudaram então de costumes e de dialeto, e tornaram-se dórios. Ao que se diz, era Car, filho de Foroneu, o seu rei,[844] quando a cidade recebeu o nome; foi então que lá se instalaram os santuários de Deméter, e que os habitantes a designaram por "Mégara".[845] Esta é a versão dos Megarenses a seu respeito. Por seu lado os Beócios contam que Megareu, filho de Posídon, residente em Onquesto, quando se apresentou com um exército beócio em socorro de Niso, então em guerra com Minos, morreu em combate e ali foi sepultado; foi dele que na altura a cidade recebeu o nome de Mégara, quando antes se chamava Nisa.[846] **39.6.** Doze gerações depois de Car, filho de Foroneu, dizem os Megarenses que Lélex, vindo do Egito, lá reinou, e que, no seu reinado, os habitantes adotaram o nome de Léleges.[847] Cléson, filho de Lélex, foi pai de Pilas,

---

[843] *Vide supra* 1.19.5 e nota respetiva.

[844] Considerado, portanto, o fundador de Mégara. Sobre Foroneu, rei de Argos, filho de Ínaco, *vide infra* 2.15.5.

[845] *Vide infra* 1.40.6. "Mégara" era o nome dado às cavidades no solo onde se enterrava porcos e outras oferendas próprias do culto de Deméter e Perséfone; logo o nome da cidade provinha dos rituais das duas deusas.

[846] A tradição beócia relacionava a fundação de Mégara com um herói epónimo, Megareu, oriundo de Onquesto, na Beócia.

[847] Heródoto 1.171.2-3 identifica Léleges com Cários e considera-os originários das ilhas do Egeu. Sobre eles especifica: "No passado eram súbditos de Minos, chamavam-se Léleges e habitavam as ilhas; não pagavam tributo (...); em contrapartida, sempre que Minos necessitasse, encarregavam-se de equipar navios". No entanto esta sobreposição não é consensual. A *Ilíada* 10.428-9, 21. 86-7 distingue Léleges de Cários. Uma possibilidade é que Cários e Léleges, ambos habitantes da Ásia Menor, se tivessem vindo a fundir. Referência aos Léleges de Mégara é feita também por Aristóteles, frs. 473-4 Rose e Estrabão 13.3.1.

e este, por sua vez, de Círon. Este último casou com uma filha de Pandíon, e, mais tarde, veio a disputar com Niso, filho de Pandíon, o poder. Encarregado de arbitrar a questão, Éaco[848] deu o trono a Niso e aos seus descendentes, e a Círon o comando do exército. Afirmam ainda que Megareu, filho de Posídon, casou com a filha de Niso, Ifínoe, e lhe sucedeu no poder. Mas não querem admitir nem a guerra contra Creta, nem a tomada da cidade no reinado de Niso.

1.40.1. *Mégara e os seus monumentos*

Há na cidade uma fonte, para eles construída por Teágenes, que, como acima se recordou, casou a filha com o ateniense Cílon.[849] Foi como tirano de Mégara que este Teágenes edificou a fonte que, pela dimensão, ornamentação e número de colunas, merece uma visita.[850] A água que a alimenta recebe o nome das ninfas Sítnides, que, segundo os Megarenses, são nativas. Dizem ainda que uma das filhas dessas ninfas teve uma relação com Zeus, de que nasceu um filho, Mégaro, um sobrevivente do dilúvio de Deucalião,[851] que se refugiou no cimo do Gerânia, numa altura em que o monte ainda não tinha nome. Mas como Mégaro se pôs a nadar orientado pelo grito de um bando de grous (*geránon*) em voo, deu ao

[848] Éaco, rei de Egina, ficou célebre pela prudência e sentido de justiça com que exercia a sua autoridade, de tal forma que veio a converter-se em juiz nos infernos, juntamente com dois cretenses, Minos e Radamante. Cf. Graves (1977) I.212-6.

[849] *Vide supra* 1.28.1 e nota respetiva.

[850] Sobre os achados arqueológicos relativos a esta fonte, *vide* Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 254-5. Mégara distribuía-se sobre duas colinas, ligadas por um vale, numa paisagem de planície. Na colina do lado oriental situava-se a acrópole designada por Cária, e na ocidental uma outra denominada Alcátoo. A fonte aqui descrita situava-se na parte baixa da cidade.

[851] *Vide supra* 1.18.7-8 e nota respetiva.

monte o nome de Gerânia.[852] **40.2.** Não longe dessa fonte há um antigo santuário, onde, no meu tempo, se encontram estátuas dos imperadores romanos e uma imagem em bronze de Ártemis, dita 'Salvadora'.[853] Conta-se então que um corpo militar de Mardónio,[854] depois de uma incursão pela Megáride, pretendia voltar atrás, a Tebas, onde Mardónio se encontrava; mas durante o trajeto, por vontade de Ártemis fez-se noite, os Persas enganaram-se no caminho e desviaram-se para a zona montanhosa da região. Então os bárbaros, para testarem a presença de um exército inimigo, fizeram uma descarga de flechas; como o rochedo que alvejavam produzia um gemido, eles voltaram a disparar os arcos cada vez com maior intensidade.[855] **40.3.** Por fim, convencidos de que se tratava de inimigos, gastaram todas as flechas. Quando amanheceu e os Megarenses avançaram, a sua infantaria bem armada defrontou-se com gente desarmada e desprovida de flechas, e liquidou a maior parte. Em memória deste episódio dedicaram uma imagem a Ártemis 'Salvadora'. No mesmo templo há imagens dos chamados Doze Deuses, considerados obra de Praxíteles.[856] A imagem de Ártemis, essa é da autoria de Estrongílion.[857]

40.4. A seguir chega-se ao santuário de Zeus, chamado Olimpieu, com um templo notável. A estátua do deus está inacabada, devido à guerra entre Peloponésios e Atenienses,

---

[852] Cf. Graves (1977) I.139-40. A cordilheira designada por Gerânia situava-se entre Mégara e Corinto; cf. Tucídides 1.105.3, 1.107.3.

[853] Ou seja, na vertente noroeste da colina Cária.

[854] Sobre Mardónio, *vide supra* 1.1.5 e nota respetiva.

[855] *Vide infra* 1.44.4.

[856] Sobre outras obras de Praxíteles em Mégara, *vide infra* 1.43.5-6, 1.44.2.

[857] Escultor do séc. V a.C., autor do cavalo de madeira da Acrópole de Atenas (*vide supra* 1.23.8 e Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 204) e desta estátua de Ártemis Salvadora, representada em moedas de Mégara; *vide infra* 9.30.1.

em que não houve um só ano em que os Atenienses, com a sua armada e exército, não arrasassem os Megarenses;[858] daí resultaram danos para o interesse coletivo e a redução do património dos particulares a uma tremenda miséria. O rosto da estátua de Zeus é de marfim e ouro, e o resto em gesso e barro. Dizem que foi feita por Teocosmo, um escultor da região, em colaboração com Fídias.[859] Sobre a cabeça de Zeus estão as Horas[860] e as Meras. É de todos conhecido que só a esse deus as Meras obedecem, e que só ele regulamenta as estações de acordo com a necessidade. Na parte traseira do templo estão umas peças de madeira semi-trabalhadas, que Teocosmo tencionava ornamentar com marfim e ouro para completar a estátua de Zeus. **40.5.** Nesse mesmo templo está

[858] Cf., e.g., Tucídides 1.103.4, 1.105.4-6, 1.107.3, 1.114.1, 2.31.1, 2.94.3. Em 4.66.1 dobra o ritmo das invasões para "duas vezes por ano".

[859] Sobre Teocosmo, *vide infra* 6.7.2, 9.9.8. Este trabalho deve ter tido início poucos anos antes de 431 a.C., em que a guerra do Peloponeso começou. Já então Fídias tinha executado a estátua de Zeus em Olímpia, pelo que a sua experiência podia ser muito útil. Tanto quanto é possível imaginar através de moedas encontradas em Mégara, a atitude do deus – sentado, de tronco nu, sustentando numa mão o cetro e na outra uma insígnia da sua realeza (talvez uma águia ou uma Vitória), aproximava as duas representações. À ornamentação superior das Horas e das Meras correspondiam, na estátua de Olímpia, as Horas e as Graças (*vide infra* 5.11.7). Sobre o mesmo culto em Mégara, *vide infra* 1.41.1.

[860] As Horas – Eunomia, Dike e Irene (Ordem, Justiça e Paz) – eram consideradas filhas de Zeus e Témis. Além de presidirem às estações do ano e, por isso, regularem os ciclos da vegetação, intervinham também na organização social. Por sua vez, as Meras, ou Parcas, estavam encarregadas de controlar o destino dos homens e a sua duração. Eram elas Cloto ("a que fia"), Láquesis ("a que sorteia") e Átropo ("a irreversível"); compete-lhes tecer e cortar, a seu bel prazer, o fio da vida (cf., e.g., *Odisseia* 7.197-8, Hesíodo, *Teogonia* 217-20, 900-6, Calino, fr. 1.8-9 West, Eurípides, *Ifigénia entre os Tauros* 205-7). A distensão da tarefa pelas três corresponde à repartição da vida por diferentes momentos: a parte do fio já completa, a que está ainda a ser fiada e a interrupção irreversível do processo em momento sempre inesperado.

um esporão de trirreme em bronze,[861] que se diz ser um navio capturado em Salamina, num confronto contra os Atenienses. Estes concordam que, por um certo tempo, abandonaram a ilha aos Megarenses, mas entretanto uma elegia da autoria de Sólon deu-lhes estímulo. Mobilizaram-se então para a recuperar, e, nesse conflito, ficaram de novo senhores de Salamina. Os Megarenses, por seu lado, dizem que uns tantos exilados, designados por Dóriclos,[862] se vieram juntar aos colonos em Salamina e entregaram a ilha à traição aos Atenienses.

40.6. Depois do templo de Zeus, quando se sobe à acropole que preserva ainda o nome de Cária, a partir de Car, filho de Foroneu,[863] encontra-se um templo de Dioniso Nictélio,[864] o santuário de Afrodite Epistrófia,[865] o oráculo da Noite e o templo de Zeus Cónio,[866] desprovido de teto. As estátuas de

---

[861] O mesmo tipo de consagração de um equipamento naval após uma vitória é referido *infra* 10.11.6. Estas divergências entre as duas cidades remontariam ao séc. VII-VI a.C., em que Sólon tomou parte ativa. Plutarco (*Vida de Sólon* 8.1-2) alude a algum cansaço que os constantes conflitos com Mégara causaram entre os Atenienses, o que os levou a promulgar uma lei para os suspender, ameaçando de morte quem sugerisse o retomar das hostilidades (cf. Demóstenes 19.252, Justino 2.7, 2.11). Foi então que Sólon, fingindo-se louco, ousou enfrentar a lei, compondo uma elegia (fr. 2.1-2 Diehl, c. 600 a.C.) que recitou em público e que começava assim: "Eu mesmo venho como arauto da desejada Salamina / oferecendo, por arte dos meus versos, um canto e não um discurso". Esclarece ainda Plutarco (*Vida de Sólon* 8. 2): "Este poema tem o título de *Salamina* e consta de cem versos, compostos com muita elegância". Com os seus versos, Sólon deu voz ao desejo íntimo de uns tantos e as hostilidades recomeçaram.

[862] Como justificação deste nome, Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 256-7 propõem a hipótese de se tratar dos membros de uma família penalizada com o exílio.

[863] *Vide supra* 1.39.5 e nota respetiva.

[864] "Da noite", em referência às manifestações orgiásticas incluídas no ritual do deus.

[865] "Sedutora".

[866] "Poeirento".

Asclépio e de Higia que lá se encontram são obra de Briáxis.[867] Aí se situa também o chamado *mégaron* de Deméter, que se diz ter sido construído por Car, durante o seu reinado.

1.41.1. *Os túmulos de Mégara*

Quando se desce da acrópole, pelo lado virado a norte, está o túmulo de Alcmena[868] perto do Olimpieu.[869] De facto, conta a lenda que, no trajeto de Argos para Tebas, ela morreu em Mégara.[870] Surgiu então uma divergência entre os Heraclidas, porque uns pretendiam levar o cadáver de Alcmena de volta a Argos, e outros para Tebas, com o argumento de que o túmulo dos filhos de Héracles e de Mégara,[871] como também o de Anfitrião, estavam em Tebas. Foi então que o deus de Delfos vaticinou que era melhor sepultar Alcmena em Mégara. **41.2.** De lá, o intérprete local levou-me a um lugar chamado Rus,[872] por onde, ao que ele dizia, antigamente corria a água vinda dos montes. Teágenes, então tirano de Mégara, desviou o curso de

---

[867] Briáxis foi um escultor do séc. IV a.C. Os testemunhos que temos do seu trabalho são-nos dados por Plínio, *História Natural* 34.73, 36.30, Vitrúvio 7.12. Boa parte da sua produção foi suscitada por encomendas dos diádocos: um Apolo encomendado por Seleuco I, e um Serápis, por Ptolemeu I. Ficou sobretudo conhecido pela sua colaboração na construção do Mausoléu de Halicarnasso, juntamente com outros nomes de referência do seu tempo, Escopas, Leócares e Timóteo.

[868] *Vide supra* 1.19.3 e nota respetiva.

[869] *Vide supra* 1.40.4 e nota respetiva.

[870] Pausânias dá conta das diferentes versões da morte de Alcmena: a megarense, aqui relatada, e a tebana (*vide infra* 9.16.7). Na cidade beócia de Haliarto havia ainda um túmulo identificado como de Alcmena, que teria, portanto, lá morrido (cf. Plutarco, *Vida de Lisandro* 28.9).

[871] Os filhos de Mégara e de Héracles eram aqueles que o herói, tomado de loucura, assassinou, episódio que serve de motivo a Eurípides, em *Héracles Furioso*.

[872] "Corrente".

água para outro lado e construiu ali um altar a Aqueloo.[873] O túmulo de Hilo, filho de Héracles,[874] morto num duelo com um sujeito da Arcádia de nome Équemo, filho de Aéropo, fica ali perto. Desse Équemo, o homem que matou Hilo, vou falar noutro momento do meu relato. Hilo está também sepultado em Mégara. Seria oportuno falar de uma campanha dos Heraclidas contra o Peloponeso, no reinado de Orestes. **41.3.** Não longe do túmulo de Hilo está o templo de Ísis[875] e, junto dele, o de Apolo e Ártemis. Este último foi Alcátoo quem o edificou depois de matar o chamado leão do Citéron. Esse leão – ao que se diz – tinha vitimado várias pessoas, entre as quais Evipo, o filho do rei local, Megareu. Já antes Timalco, o filho mais velho desse soberano, tinha sido morto por Teseu, no ataque a Afidnas, promovido pelos Dioscuros. Megareu tinha prometido a mão da filha e a sucessão no poder

---

[873] Na qualidade de deus das águas.

[874] Hilo, o filho de Héracles e Dejanira, é personagem em *Traquínias* de Sófocles. Sobre a sua morte num duelo, *vide infra* 1.44.10. Heródoto (9.26.2-5) testemunha os pormenores deste mito. Após a morte de Euristeu, os filhos de Héracles teriam tentado o regresso ao Peloponeso. Na iminência de um combate face aos Peloponésios, Hilo propôs, para poupar vidas, que se reduzisse o confronto a dois campeões, um de cada lado; retomava assim um motivo épico, vivido por Menelau e Páris, bem como por Heitor e Ájax, por exemplo, no contexto da guerra de Troia (*Ilíada* 3 e 7 respetivamente). Foi então que Équemo (cf. Píndaro, *Olímpica* 10.66) se ofereceu voluntariamente como seu adversário, o venceu e matou. Sobre este episódio mítico referido "num outro lugar do relato", *vide infra* 8.5.1. O regresso dos Heraclidas representa a chegada ao Peloponeso da raça dórica. Apesar de alguns comentadores terem proposto que a invasão dórica não passava de um mito, a arqueologia tem dado força à ideia de que de facto houve uma invasão que pôs fim ao período de intervenção micénica na Argólida.

[875] Ísis era uma deusa de origem egípcia, irmã e esposa de Osíris e mãe de Hórus. As suas credenciais como deusa do potencial da natureza e da vitalidade feminina tornavam-na a equivalente de Deméter (cf. Heródoto 2.59). O culto de Ísis na Grécia foi trazido por Egípcios, no séc. IV a.C.

a quem matasse o leão do Citéron. Por isso Alcátoo, filho de Pélops, fez uma tentativa e conseguiu dominar a fera; feito rei, edificou o tal templo a que chamou de Ártemis Agrótera e de Apolo Agreu.[876] **41.4.** É o que por lá se conta e eu bem queria estar de acordo com os Megarenses, mas não é possível subscrever a história toda. Que o leão do Citéron tenha sido morto por Alcátoo, até posso aceitar; mas onde é que já se viu escrito que Timalco, o filho de Megareu, tenha estado em Afidnas com os Dioscuros? E mesmo admitindo que lá tenha estado, que tenha sido capturado por Teseu, quando Álcman[877] compôs um canto sobre os Dioscuros, em que diz que eles tomaram Atenas e levaram a mãe de Teseu como prisioneira, na ausência do herói? **41.5.** Píndaro,[878] em conformidade com a mesma tradição, diz que Teseu, na intenção de se tornar parente dos Dioscuros, raptou Helena e a pôs sob custódia, até partir, ao que se conta, para as bodas de Pirítoo.[879] Mas seja lá quem for que se ocupe de genealogias não pode deixar de reconhecer a ingenuidade dos Megarenses, ao afirmarem que

[876] "Caçador". Alcátoo contava-se entre os numerosos filhos de Pélops, que tinha tido o cuidado de os integrar, por casamentos ou acordos, nas diversas cidades garantindo-lhes poder. Sobre a narrativa tradicional relativa ao trono de Mégara, de que Pausânias é o único testemunho, cf. Graves (1977) II.41.

[877] Fr. 21 *PMG*. Pausânias testemunha a popularidade deste tema em época arcaica (*vide infra* 2.22.7). Além de Álcman, também Estesícoro (fr. 191 *PMG*) e Píndaro (fr. 258) se ocupam deste motivo e suas consequências. Sobre o rapto de Helena por Teseu, e o ataque dos Dioscuros a Afidnas na tentativa de a resgatar, *vide supra* 1.17.5. Pausânias assinala uma incongruência nesta versão. Assim, o ataque de Alcátoo, filho de Pélops, contra o leão do Citéron, seria posterior à morte de Timalco; Timalco seria, portanto, contemporâneo de Pélops, pai de Alcátoo, e, simultaneamente, coevo de Teseu (este bisneto de Alcátoo).

[878] Fr. 258 Snell.

[879] Sobre a participação de Teseu nas bodas de Pirítoo e Hipodamia, *vide supra* 1.17.4 e respetiva nota.

Teseu descendia de Pélops.[880] Ora a verdadeira história é bem conhecida dos Megarenses, que a escondem para não terem de reconhecer que a sua cidade foi tomada no reinado de Niso; preferem admitir que Megareu, o seu genro, recebeu o trono de Niso, e, por sua vez, Alcátoo de Megareu. **41.6.** Ao que parece, foi na altura da morte de Niso, quando os Megarenses viviam em plena crise, que Alcátoo veio da Élide. A prova está em que, no seu reinado, ele edificou a cintura de muralhas que os Cretenses tinham demolido.[881]

Sobre Alcátoo e o leão, se o matou no Citéron ou noutro lugar e depois construiu o templo de Ártemis Agrótera e de Apolo Agreu, é quanto basta. Quando se desce desse templo, encontra-se o *herôon* de Pandíon. Que Pandíon foi sepultado no chamado penedo de Atena Etia já o disse atrás.[882] Também em Mégara se lhe presta homenagem.

41.7. Perto do *herôon* de Pandíon fica o memorial de Hipólita. Vou relatar a versão dos Megarenses a propósito deste caso. Quando as Amazonas atacaram Atenas por causa de Antíope, foram vencidas por Teseu, tendo a maior parte delas morrido em combate.[883] Hipólita porém, que era irmã de Antíope e então comandava as mulheres, refugiou-se com um punhado delas em Mégara; foi lá que o desaire na

---

[880] Teseu era filho de Egeu de Atenas, e de Etra, a filha de Piteu, rei de Trezena (*vide supra* nota 103 e 22.2 e nota respetiva). Piteu, por sua vez, contava-se entre os filhos de Pélops e era, portanto, irmão de Alcátoo.

[881] Sobre o ataque cretense a Mégara, *vide supra* 1.39.6 e nota respetiva.

[882] *Vide supra* 1.5.3, 1.39.4.

[883] *Vide supra* 1.15.2 e nota respetiva, sobre a invasão da Ática pelas Amazonas. O túmulo de Antíope é referido por Pausânias em Atenas, *supra* 1.2.1; e o de Hipólita merece também uma alusão a Plutarco, *Vida de Teseu* 27.8, que lhe define o formato como o equivalente a um losango, tal como certos escudos das Amazonas.

campanha, a impotência perante os acontecimentos e sobretudo a impossibilidade de regresso à pátria, em Temiscira, a bom salvamento a fizeram morrer de desgosto. Quando morreu, lá a sepultaram, num túmulo em forma de escudo de Amazona. **41.8.** Não longe desse túmulo está o de Tereu, o marido de Procne, filha de Pandíon.[884] Tereu governou, ao que dizem os Megarenses, sobre as chamadas Pagas[885] da Megáride; mas, na minha opinião, e disso há vestígios, reinou em Dáulis, para lá de Queroneia.[886] De facto, a maior parte do que hoje se chama Hélade, no passado estava ocupada por bárbaros. Quando Tereu cometeu o crime contra Filomela e as duas mulheres contra Ítis, Tereu não conseguiu capturá-las. **41.9.** Suicidou-se então em Mégara e foi-lhe construído um túmulo, onde todos os anos lhe oferecem um sacrifício, usando pedrinhas em vez de grãos de cevada. Foi lá que, pela primeira vez – ao que eles dizem –, apareceu a ave chamada poupa. As duas mulheres refugiaram-se em Atenas, onde acabaram por morrer à força de lamentos pela injúria sofrida e pela vingança que tinham levado a cabo. Correu o boato de que uma se tinha transformado em rouxinol e a outra em andorinha, pelo facto de o canto destas aves ter um tom plangente e fúnebre.

---

[884] Sobre o mito de Tereu, *vide supra* 1.5.4 e nota respetiva. A que Pausânias aqui transcreve é uma outra versão – de origem megarense – sobre o mito de Tereu, que ele repudia.

[885] "Fontes". Sobre esta cidade da Megáride, próxima do golfo de Corinto, *vide infra* 1.44.4, Tucídides 1.103.3, 1.115.1. Tal como Niseia, também ela – que constituía um segundo porto megarense – estava sob controle de Atenas.

[886] *Vide infra* 10.4.8. Tucídides (2.29.3) relaciona também Tereu com Dáulis, uma cidade da Fócida, na vertente do Parnaso do lado oposto a Delfos. Para que não cause estranheza que um rei da Trácia governe sobre uma cidade grega, Pausânias inclui um comentário sobre a presença de bárbaros numa Hélade muito antiga.

1.42.1. *A cidadela de Alcátoo, em Mégara*

Os Megarenses têm ainda uma outra acrópole,[887] que recebeu o nome de Alcátoo.[888] Quem sobe a essa acrópole, encontra à direita o túmulo de Megareu, que compareceu, vindo de Onquesto,[889] como aliado aquando da invasão cretense. Mostra-se também o lar sagrado dos Deuses *Prodomeis*.[890] Ao que se diz, foi Alcátoo o primeiro a fazer-lhes sacrifícios, quando se preparava para empreender a construção da muralha. **42.2.** Perto desse lar há uma pedra, sobre a qual – segundo a tradição – Apolo pousou a cítara para ajudar Alcátoo na construção da muralha.[891] Na minha opinião, os Megarenses estavam sujeitos a Atenas, tanto quanto se pode inferir do facto de Alcátoo ter enviado a filha Peribeia com Teseu,[892] como parte do tributo devido a Creta. Portanto, quando Alcátoo construía a muralha – dizem os Megarenses –, Apolo pousou a cítara em cima da pedra para ajudar. Se se bater na pedra com um calhau, ela produz um som parecido com o de uma cítara. **42.3.** Parece algo extraordinário, mas muito mais extraordinário ainda parece o colosso dos Egípcios. Assim, em Tebas do Egito, quando se atravessa o Nilo em direção às chamadas Siringes, eu vi uma estátua enorme sentada, que produzia um som; segundo a opinião geral, tratava-se de

---

[887] Depois da cidadela designada por Cária (*vide supra* 1.40.6), Pausânias passa agora à segunda, do lado ocidental da cidade, com o nome de Alcátoo, a mais elevada e mais importante das duas.

[888] *Vide supra* 1.41.3 e nota respetiva.

[889] *Vide supra* 1.39.5 e nota respetiva.

[890] "Fundadores" ou, provavelmente, invocados antes do início da construção.

[891] Sobre a tradição que vinculava Apolo à construção da muralha de Mégara, cf. Teógnis 773-4. Musti e Beschi (1982) 429 recordam a tradição de se associar uma intervenção divina com a construção das muralhas de uma cidade.

[892] *Vide supra* 1.17.3 e nota respetiva, *infra* 1.42.4.

Mémnon,[893] que, vindo da Etiópia, fez a travessia do Egito, até Susa. Por sua vez os Tebanos dizem que não se trata de Mémnon, mas sim de Famenófis, um egípcio. Já ouvi também dizer que se trata de uma estátua de Sesóstris,[894] que Cambises

[893] Pausânias aproveita a menção do prodígio de Mégara para fazer um pequeno excurso sobre uma outra maravilha equivalente no Egito: as duas estátuas enormes, conhecidas por "Colossos de Mémnon", que representavam Amon-Hotep (Amenófis III, 1400-1362 a.C.). Duas versões explicam a destruição produzida sobre uma delas e a célebre lenda do canto da estátua; segundo alguns testemunhos (e.g., Estrabão 17.816), teria havido, em 27 a.C., um terramoto responsável pela derrocada; a partir de então a outra estátua, menos danificada, começou a cantar. Outra versão atribui a responsabilidade dos danos causados na estátua a Cambises, como mais uma das atrocidades por que o rei persa foi responsável na invasão que promoveu do Egito (em 525 a.C.; cf. Heródoto 3.1-38). Uma lenda mais elaborada – talvez da responsabilidade de visitantes gregos que pretendiam deixar a sua marca sobre a tradição do colosso – é a que associa as estátuas com Mémnon, um rei mítico da Etiópia, aliado dos Troianos e morto em Troia por Aquiles. Por concessão de Zeus à mãe enlutada, a Aurora, o herói teria ganho a imortalidade. Ésquilo dedicou ao duelo de morte travado entre Mémnon e Aquiles e ao sofrimento das duas mães – Aurora e Tétis – uma peça célebre que intitulou *Pesagem das Almas* (*Psychostasía*). O tema do duelo entre os dois guerreiros já tinha tido um tratamento épico na *Etiópida* de Arctino (séc. VII a.C.), a julgar pelo testemunho de Proclo, na *Crestomatia*. Sobre a popularidade obtida pelas estátuas egípcias escreve Rodrigues (2006) 255: "Num período mais recente, os Gregos acreditavam reconhecer Mémnon num dos dois colossos do grande templo de Amon-hotep III, em Tebas. A assimilação basear-se-ia na semelhança entre a versão grega do nome egípcio do local dos monumentos, Memnonia, do egípcio *menu*, e o nome do filho de Eos. Este monumento tornou-se, nos períodos mais tardios, uma verdadeira atracção turística para Gregos e Romanos, que lá se deslocavam para ouvirem o «Canto de Mémnon», fenómeno causado pela passagem do vento nas fissuras causadas por um tremor de terra no colosso". A referência a este motivo de atração em território egípcio tem sido tomada como prova do âmbito das viagens realizadas pelo próprio Pausânias (cf. Pretzler (2007) 34).

[894] Houve no Egito três faraós com este nome, mas aquele a que provavelmente Pausânias se refere será o que reinou entre c. 1878-1842 – Sesóstris III – e que merece a Heródoto (2.102-10) uma longa referência, como conquistador, ainda que este relato seja muito discutido pelos

partiu em pedaços. Hoje em dia a parte superior do corpo está derrubada no chão, e a inferior manteve-se no lugar; todos os dias ao nascer do sol produz um som, muito semelhante ao de uma lira ou cítara com uma corda partida.

42.4. Os Megarenses têm também uma sala do conselho, que antes era o túmulo de Timalco; aquele mesmo Timalco que – acabei de o dizer acima[895] – não foi morto por Teseu. No alto da cidadela foi erigido um templo de Atena, que abriga uma estátua toda dourada à exceção das mãos e das pontas dos pés que, tal como o rosto, são de marfim. Há ainda nesse lugar um outro santuário de Atena, apodada de *Nike*, e outro da deusa *Ajântide*.[896] A história deste último templo passa ao lado dos guias de Mégara, mas o que eu penso sobre a sua origem é o seguinte. Télamon, filho de Éaco, desposou Peribeia, filha de Alcátoo.[897] Quando herdou o poder de Alcátoo, penso eu, Ájax erigiu esta estátua a Atena.

42.5. O antigo templo de Apolo, feito de tijolo, foi mais tarde reconstruído pelo imperador Adriano em mármore branco. Abriga diversas estátuas de Apolo: Pítio e Decatéforo,[898] muito ao estilo das estátuas egípcias de madeira,

---

historiadores contemporâneos. De toda a forma parece certo que tenha consolidado o poder egípcio na Núbia e tenha atacado a Palestina.

[895] *Vide supra* 1.41.3. Sobre a integração do túmulo de Timalco na sala do conselho, *vide infra* 1.43.3.

[896] "Da vitória" (*Nike*) era um epíteto frequente de Atena. *Ajântide* ("de Ájax") merece a Pausânias uma explicação. Na Acrópole de Mégara, tal como na de Atenas, o culto de Atena tinha uma presença múltipla, sob diversos epítetos.

[897] *Vide supra* 1.35.2-3 e nota respetiva.

[898] "Que cobra a dízima", ou seja, provavelmente construída com a receita da cobrança de uma dízima sobre qualquer receita pública ou privada. Casevitz, Pouilloux, Chamoux (1992) 262 admitem que se trate de uma estátua de madeira, numa atitude semelhante à de figuras egípcias que "avançavam a perna esquerda, numa atitude frontal e rígida, que é em geral também a dos *couroi* arcaicos". E quanto à

e do chamado Arquégeta, ao estilo de Egina. Todas elas são feitas em ébano. Ouvi dizer a um cipriota,[899] entendido em ervas medicinais, que o ébano não produz folhas nem fruto, e nunca é atingido pelo sol. São as raízes o que os Etíopes arrancam da terra, eles que dispõem de gente que sabe descobrir onde o ébano se encontra.[900] **42.6.** Lá fica também um santuário de Deméter Tesmófora.[901] Na descida, encontra-se o memorial de Calípolis, filho de Alcátoo. Este tinha também um outro filho mais velho, Isquépolis,[902] que o pai tinha enviado a Meleagro para tomar parte na caçada ao javali da Etólia.[903] Quando ele morreu nessa campanha, Calípolis, o primeiro a receber a notícia da morte, entrou em corrida na acrópole – onde o pai sacrificava a Apolo – e derrubou a madeira do altar. Alcátoo, ainda na ignorância da morte de Isquépolis, considerando este ato um sacrilégio, matou Calípolis num acesso de cólera, com uma pancada na cabeça desferida com uma tábua caída do altar.

42.7. A caminho do pritaneu, fica o *herôon* de Ino,[904] cercado por um muro de pedra, junto a um olival. Os Megarenses

---

representação do deus, sob o epíteto de Arquégeta ("Fundador"; *vide supra* 1.42.2), "ao estilo de Egina", Hesíquio glosa: "obras ao estilo de Egina: estátuas que apertam as pernas uma contra a outra". A diferença entre um estilo e o outro estaria, portanto, na posição das pernas.

899 *FGrHist* 673F 122.

900 Esta descrição fantasiosa do ébano não corresponde ao que os Gregos sabiam sobre esta planta. Teofrasto refere-se-lhe com frequência em *História das plantas*: 1.5.4-5, 1.6.1-2, 5.3.1-2, 5.4.2, 9.20.4, pela robustez, dureza e cor negra da madeira; 4.4.6, pelas variedades e diferentes qualidades que admite.

901 Sobre este tipo de culto a Deméter, *vide supra* 1.31.1.

902 *Vide infra* 1.43.3.

903 *Vide supra* nota 554.

904 Sobre outros cultos de Ino, representando outras variantes do mito, *vide infra* 2.1.3, 2.1.9, 2.2.1, 3.19.3, 3.23.8, 3.24.4., 3.26.1, 3.26.4, 4.34.4, 9.5.2. Ino era filha de Cadmo, fundador de Tebas, e de Harmonia – portanto irmã de Sémele – e esposa de Atamante. Morta Sémele

são os únicos gregos a afirmar que o cadáver de Ino deu à costa nas margens da sua região; teria sido encontrado por Cleso e Taurópolis – filhas de Cléson, filho de Lélex[905] – e por elas sepultado. Consideram os Megarenses terem sido os primeiros a dar-lhe o nome de Leucótea e a fazerem-lhe um sacrifício anual.

1.43.1. *Outras lendas e monumentos de Mégara*

Dizem que também lá há um *herôon* de Ifigénia[906] e que ela morreu em Mégara. Mas eu ouvi contar uma outra versão sobre Ifigénia aos Arcádios. Por sua vez Hesíodo, no *Catálogo das Mulheres*,[907] diz que ela não morreu, mas que por intervenção de Ártemis se transformou em Hécate. Numa versão concordante com esta, Heródoto[908] escreveu que os Tauros, na Cítia, sacrificavam os náufragos a uma jovem, nem mais nem menos, segundo eles, do que Ifigénia, a filha de Agamémnon.

---

vítima dos ciúmes de Hera e salva a criança que ela gerava – Dioniso, que o pai, Zeus, acabou de gerar na própria coxa –, Ino encarregou-se de criar o sobrinho. Mas de novo os ciúmes da divina esposa de Zeus desencadearam nova infelicidade, ao enlouquecer Atamante e Ino que liquidaram os próprios filhos: o pai matando Learco e Ino lançando-se ao mar com Melicertes (*vide infra* 1.44.7-8, 2.1.3). Ino veio a transformar-se em deusa marinha, com o nome de Leucótea. Eurípides dedicou a este mito uma tragédia que intitulou justamente *Ino.*

[905] *Vide supra* 1.39.6 e nota respetiva.

[906] *Vide supra* 1.23.7 e nota respetiva. Provavelmente esta passagem de Ifigénia por Mégara teria a ver com a deslocação que ela fez para Argos, depois de regressada a Bráuron (*vide supra* 1.33.1).

[907] Fr. 23.13-26 Merkelbach-West. Cf. Estesícoro, fr. 38 Page, onde se lê: "Estesícoro, na *Oresteia*, seguiu as pisadas de Hesíodo ao afirmar que Ifigénia, a filha de Agamémnon, é aquela hoje designada por Hécate".

[908] 4.103.1-3. Heródoto sobrepõe Ifigénia com a deusa Ártemis, em Eurípides, *Ifigénia entre os Tauros*, a divindade a quem os sacrifícios se destinavam.

Adrasto[909] recebe também culto dos Megarenses; dizem ter sido lá que ele morreu, quando, depois da tomada de Tebas, fazia o caminho de regresso. Segundo eles, a causa da morte de Adrasto foi a velhice e o desgosto pela perda de Egialeu.[910] Em Mégara, Agamémnon construiu um templo a Ártemis, quando foi persuadir Calcas,[911] que lá vivia, a acompanhá-lo a Troia. **43.2.** No pritaneu estão sepultados, ao que eles dizem, Evipo, filho de Megareu,[912] e Isquépolis, filho de Alcátoo.[913] Lá perto há um rochedo a que chamam Anaclêtrida,[914] porque Deméter, a crer no que se conta, quando andava errante à procura da filha, a chamou de cima dele. Ainda hoje as mulheres de Mégara cumprem um ritual relacionado com este episódio. **43.3.** Em Mégara, já na cidade, ficam os seguintes túmulos: edificou-se um para os que morreram na invasão dos Medos, e o chamado de Esimno, destinado igualmente aos heróis; Hiperíon, filho de Agamémnon, que foi o último rei de Mégara, acabou morto por Sândion, devido à ambição e arrogância que tinha e, a partir daí, os Megarenses não mais quiseram um soberano absoluto; preferiram magistrados eleitos e a obedecerem rotativamente uns aos outros. Por isso Esimno, um sujeito que, na opinião dos Megarenses, não ficava atrás de ninguém em prestígio, foi a Delfos consultar o deus; perguntou-lhe então de que maneira podiam assegurar a prosperidade. O deus vaticinou, entre outras coisas, que os

[909] *Vide supra* 1.30.4 e nota respetiva.

[910] Egialeu era filho de Adrasto. Na tradição, foi o único dos Epígonos, atacantes de Tebas numa segunda geração, a morrer às mãos de Laodamante, filho de Etéocles. *Vide infra* 1.44.4. Cf. ainda Píndaro, *Pítica* 8.39-55, Higino, *Fábula* 71.

[911] Calcas tem, desde a *Ilíada*, um papel destacado como adivinho ao serviço de Agamémnon.

[912] *Vide supra* 1.41.3.

[913] *Vide supra* 1.42.6.

[914] "Do apelo".

Megarenses seriam felizes se tomassem decisões por grandes maiorias. Considerando eles que este oráculo se referia aos mortos, edificaram uma sala do conselho neste mesmo lugar, de modo a que o túmulo dos heróis ficasse no seu interior.

43.4. Indo do conselho para o *herôon* de Alcátoo, de que os Megarenses hoje em dia se servem como de arquivo, há um memorial que eles diziam ser de Pirgo, a primeira mulher de Alcátoo, com quem foi casado antes de desposar Evecme,[915] filha de Megareu; e outro de Ifínoe, filha de Alcátoo,[916] que, ao que dizem, morreu solteira. Antes de se casarem, as moças vão lá fazer libações e oferecer uma madeixa de cabelo, do mesmo modo que dantes procediam as moças de Delos em honra de Hecaerge e de Ópis.[917] **43.5.** Perto da entrada do templo de Dioniso está o túmulo de Asticratia e de Manto, filhas de Poliido, filho de Cérano, filho de Abante, filho de Melampo.[918] Poliido, quando chegou a Mégara para purificar Alcátoo pelo homicídio do filho, Calípolis,[919] edificou esse

[915] Em compensação pela proeza de Alcátoo perante o leão do Citéron, que dizimava os campos e liquidava quem procurava fazer-lhe frente (*vide supra* 1.41.3), o rei Timalco de Mégara deu-lhe em casamento a irmã, Evecme, apesar de sabê-lo já casado com a ninfa Pirgo.

[916] E eventualmente de Evecme, por sua vez filha de Megareu e de uma outra Ifíone, filha de Niso (*vide supra* 1.39.6).

[917] *Vide infra* 5.7.8. Sobre o rito de cortar uma madeixa de cabelo, que ocorria também, em Delos com as jovens provindas dos Hiperbóreos, cf. Heródoto 4.34, Calímaco, *Hino a Delos* 296sq. Calímaco dá-lhes os nomes de Loxo, Hecaerge e Ópis. Estas seriam as jovens encarregadas de trazer oferendas dos povos da Cítia do Norte, os Hiperbóreos, a Apolo em Delos.

[918] *Vide infra* 1.44.5. Em *Ilíada* 13.663-72, Euquenor é dado como "filho do profeta Poliido, um sujeito rico e corajoso, que habitava em Corinto". Pausânias enuncia toda a linhagem de adivinhos a que Euquenor pertencia (cf. ainda *Odisseia* 11.292-3, 15.225-7). A relação desta família com Dioniso provinha do facto de ter sido Melampo, segundo a lenda, a introduzir o culto do deus na Grécia (cf. Heródoto 2.49.1-2).

[919] *Vide supra* 1.42.6.

templo a Dioniso, e lá instalou uma estátua de madeira do deus, hoje em dia completamente coberta, à excepção do rosto, que é a única coisa que se vê. Ao lado está um Sátiro, obra de Praxíteles,[920] feito em mármore de Paros. A este Dioniso chamam *Patrôos*,[921] mas há uma estátua de um outro Dioniso designado por *Dassílio*,[922] ao que se conta oferecida por Euquenor, filho de Cérano, filho de Poliido. **43.6.** A seguir ao templo de Dioniso, está o santuário de Afrodite, cuja estátua de marfim cognominada de *Práxis*[923] é a peça mais antiga que lá existe. Está também a Persuasão e uma outra deusa a que chamam Parégoro,[924] obra de Praxíteles. De Escopas[925] há um Eros, um *Hímeros* (Paixão) e um *Póthos* (Desejo), se é que se lhes pode distinguir a intervenção sob os diversos nomes. Perto do santuário de Afrodite está o templo da Fortuna (*Tyche*), obra de Praxíteles. Lisipo[926] é o autor das Musas e Zeus em bronze, que estão no templo do lado.

---

[920] Um outro Sátiro, obra de Praxíteles, é referido *supra* 1.20.1-2.

[921] "Ancestral".

[922] "Espesso", epíteto próprio do deus da vegetação.

[923] "Ação".

[924] "Consoladora".

[925] O nome de Escopas de Paros (c. 420-350 a.C.) conta-se entre os escultores de destaque no séc. IV a.C. Esteve ligado à construção do Mausoléu de Halicarnasso, uma das sete maravilhas do mundo antigo, e do templo de Ártemis em Éfeso. Rocha Pereira ([10]2006) 609 sublinha as inovações técnicas por que Escopas foi responsável: "inclinação das cabeças e os olhos encovados". Era contemporâneo de Praxíteles e influenciado pelo seu estilo, ainda que o acrescento da emoção aponte já no sentido de um classicismo tardio. Este conjunto de três estátuas são a réplica, em versão masculina, de Afrodite e Persuasão.

[926] Lisipo de Sícion (séc. IV a.C.) foi responsável pela conceção de novas proporções na representação do corpo humano (Rocha Pereira ([10]2006) 609): "a cabeça mais pequena e o corpo mais esbelto e alto". Ficou também famoso pelos retratos e como escultor de animais. Contou-se entre os preferidos de Alexandre Magno, que "decidiu que só este artista era digno de retratá-lo" (Plutarco, *Vida de Alexandre* 4.1-2). *Vide infra* 2.9.6, 2.9.8.

43.7. Está também em Mégara o túmulo de Corebo. Qual é, sobre ele, a versão poética,[927] ainda que diga igualmente respeito a Argos,[928] vou expô-la aqui. Narra-se então que Psâmate, filha de Crotopo de Argos, durante o reinado do pai, deu à luz uma criança nascida de Apolo. Com um tremendo receio do pai, expôs o filho[929] que foi encontrado e trucidado pelos cães que guardavam os rebanhos de Crotopo. Então Apolo enviou para a cidade de Argos a Vingança, que, ao que se diz, passou a raptar as crianças dos braços das mães, até que Corebo, em benefício dos Argivos, a matou. Depois de a ter matado – quando um segundo flagelo, uma peste, os atingiu e não abrandava –, Corebo foi, espontaneamente, a Delfos para prestar contas ao deus pelo homicídio da Vingança. **43.8.** A Pítia não lhe permitiu voltar a Argos; em vez disso ordenou-lhe que levasse uma trípode do templo; onde ela caísse, ele devia edificar um templo a Apolo e estabelecer-se lá ele próprio. Ao descer o monte Gerânia, a trípode escapou-se-lhe das mãos e caiu; foi aí que ele implantou uma aldeia a que chamou Tripodisco (Pequena Trípode).[930] O túmulo de Corebo está na praça de Mégara. Sobre ele está gravada, em versos elegíacos, a história de Psâmate e de Corebo e, no cimo do túmulo, está Corebo a matar a Vingança. Estas estátuas são, ao que julgo saber, as mais antigas que pude ver na Grécia feitas em mármore.

---

[927] Cf. *Antologia Grega* 7.154; *vide infra* 2.19.8.

[928] *Vide infra* 2.23.7.

[929] *Vide infra* 2.19.8.

[930] Esta é uma versão mítica associada com a história da povoação de Tripodisco, referida por Tucídides 4.70.1, que se situava a noroeste de Mégara, numa zona interior no trajeto entre Corinto e a Beócia.

1.44.1. *Ainda Mégara: outros templos e sepulturas*

Perto de Corebo está sepultado Orsipo,[931] que, ao contrário do antigo hábito dos atletas de usarem sempre uns calções nas provas desportivas, venceu nu a corrida nos Jogos Olímpicos. Diz-se que mais tarde, ao comando do exército megarense, anexou alguns territórios vizinhos. Estou convencido de que, em Olímpia, foi intencionalmente que ele deixou cair os calções, por saber que é mais fácil a um homem correr nu do que de calções. **44.2.** Quem desce da ágora pela chamada Rua Direita, encontra, à direita, um templo de Apolo Prostatério;[932] basta desviar-se um pouco da rua para o descobrir. O Apolo que lá está merece ser visto, bem como Ártemis, Leto e outras estátuas obra de Praxíteles (Leto e os filhos).[933] No antigo ginásio, perto das chamadas Portas das Ninfas, há uma pedra talhada em forma de pirâmide, de tamanho pequeno, a que chamam Apolo Carino.[934] Lá fica também o santuário das Ilitias.[935] São estes os pontos de interesse que a cidade oferece.

44.3. Quando se desce para o porto, que ainda hoje mantém o nome de Niseia,[936] fica o santuário de Deméter

[931] Por hábito os atletas corriam de tronco nu, e usando apenas uns calções. Mas, na décima-quinta Olímpiada (720 a.C.), Orsipo de Mégara "deixou cair os calções", terminando a corrida totalmente despido. A assistência insurgiu-se, não porque ele se tivesse despido, mas por ficar em vantagem sobre os adversários. Este terá sido um gesto que influenciou a representação plástica do corpo humano e das figuras de atleta em particular.

[932] "Protetor". A Rua Direita conduzia da ágora ao porto de Niseia (cf. Tucídides 4.66.3).

[933] Esta informação parentética parece ter sido um crescento espúrio ao texto.

[934] Ou seja, uma representação não figurativa do deus, cujo epíteto pode estar relacionado com o antigo rei Car.

[935] *Vide supra* 1.18.5 e nota respetiva.

[936] *Vide supra* 1.19.4 e nota respetiva.

Malófora,[937] assim designada, entre outros motivos, por aqueles que foram os primeiros criadores de gado na região. O teto do templo desabou, ao que se pode imaginar, por efeito dos anos. A cidadela que fica nesse mesmo lugar é também chamada Niseia. Quando se desce dessa cidadela, junto ao mar está o memorial de Lélex, que, segundo contam, veio do Egito e se tornou rei.[938] Era filho de Posídon e de Líbia, filha de Épafo.[939] Diante de Niseia fica uma ilha pequena – Minoa –, onde ancorou a armada cretense ao tempo da guerra contra Niso. **44.4.** A zona montanhosa da Megáride faz fronteira com a Beócia, e nela se situam as cidades megarenses de Pagas e uma outra chamada Egóstena. A caminho de Pagas, num pequeno desvio da estrada, mostra-se uma falésia toda crivada de flechas outrora atiradas pelos Medos durante a noite.[940] Em Pagas, é digna de registo uma estátua em bronze de Ártemis apodada de "Salvadora",[941] que, em tamanho e atitude, não apresenta diferenças em relação à de Mégara; lá fica também o *herôon* de Egialeu, filho de Adrasto;[942] este, quando os Argivos pela segunda vez atacaram Tebas, foi morto num primeiro recontro em Glissas.[943] Os familiares levaram-no para Pagas, na Megáride, e lá o sepultaram; esse *herôon* ainda hoje se chama de Egialeu. **44.5.** Em Egóstena, há um santuário de Melampo,

[937] "Portadora de carneiros". Outra interpretação possível deste epíteto seria "portadora da maçã", que Pausânias repudia. Cf. o epíteto *karpophóroi*, "portadoras de frutos", aplicado a Deméter e Perséfone em Tégea (*vide infra* 8.53.7).

[938] *Vide supra* 1.39.6 e nota respetiva.

[939] Épafo foi rei do Egito, nascido de Zeus e Io. Do seu casamento com Mênfis nasceu Líbia. Cf. Heródoto (2. 153, 3. 28. 2), que identifica Épafo com Ápis, ou seja, o boi sagrado de Mênfis com o filho de Zeus e Io (cf. Ésquilo, *Prometeu* 850-1).

[940] *Vide supra* 1.40.2.

[941] *Vide supra* 1.40.2.

[942] *Vide supra* 1.43.1 e nota respetiva, *infra* 9.5.13, 9.19.2.

[943] Pequena povoação da Beócia oriental, a noroeste de Tânagra.

filho de Amitáon,[944] e uma figura humana de pequena estatura representada numa estela. São-lhe feitos sacrifícios e uma festa anual. Mas não profetiza através de sonhos, nem de qualquer outra forma, tanto quanto afirmam. Há, no entanto, uma outra versão que ouvi contar em Erineia, uma aldeia de Mégara; dizem eles que Autónoe, filha de Cadmo, inconsolável com a morte de Actéon,[945] e com todas as infelicidades vividas pela sua família, saiu de Tebas e se foi instalar lá. O memorial de Autónoe fica nessa aldeia.

44.6. No caminho de Mégara para Corinto, entre outros túmulos está o de Teléfanes de Samos, o flautista.[946] Foi – ao que consta – Cleópatra, filha de Filipe e neta de Amintas,[947] que o erigiu. Lá está também o memorial de Car, filho de Foroneu,[948] no início apenas um monte de terra, mas depois, por determinação do oráculo, revestido de conchite. Entre os Gregos, só os Megarenses possuem esta pedra, e na cidade muitas construções são feitas com ela. É uma pedra muito branca e mais macia do que qualquer outra. Está cravejada de conchas do mar. É assim esse tipo de pedra. O caminho designado como Cirónida a partir de Círon,[949] construído era ele

[944] *Vide supra* 1.43.5 e nota respetiva.

[945] *Vide infra* 9.2.3. Actéon, filho de Autónoe e Aristeu, metamorfoseado em veado por Ártemis, foi devorado pelos cães do palácio paterno. Assim a deusa vingava-se por ter sido surpreendida no banho por Actéon.

[946] Cf. Demóstenes 21.17, Plutarco, *Sobre a Música* 1138a, *Antologia Palatina* 7.159.

[947] Cleópatra, nascida em 354 a. C., era filha de Filipe II da Macedónia e de Olímpia e, portanto, irmã de Alexandre Magno (cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 25.6, 68.4, Diodoro Sículo 18. 23. 1; 20. 37. 3). Casou-se com Alexandre do Epiro, seu tio, em 336 a.C.; foi nesta boda que Filipe II foi morto.

[948] *Vide supra* 1.39.5, 1.40.6 e nota respetiva.

[949] *Vide supra* 1.39.6 e nota respetiva. Sobre esta estrada, cf. Heródoto 8.71.2.

polemarco em Mégara, foi – ao que se diz – a princípio transitável para peões. O imperador Adriano, porém, alargou-o e arranjou-o de modo a permitir o cruzamento de carros.[950]

44.7. Há várias histórias a propósito das falésias, que se elevam sobretudo onde o caminho é mais estreito. Assim sobre a Molúrida, diz-se que foi dela que Ino se lançou ao mar com Melicertes, o seu filho mais novo, quando o mais velho, Learco, foi morto pelo pai.[951] Há quem diga que Atamante cometeu esse ato num acesso de loucura, ou, segundo outros, por estar enraivecido com Ino e os filhos que tinha tido dela, ao saber que a fome sofrida em Orcómeno e a suposta morte de Frixo não se deviam aos deuses, mas às maquinações de Ino, madrasta de Frixo.[952] **44.8.** Esta então pôs-se em fuga e atirou-se ao mar, ela própria e o filho, da falésia Molúrida. O filho foi, ao que se diz, levado para o istmo de Corinto por um golfinho; recebeu várias homenagens, entre as quais, sob o nome de Palémon, a instituição dos Jogos Ístmicos.[953] A rocha Molúrida foi assim consagrada a Leucótea e a Palémon. As rochas seguintes consideram-nas malditas, porque Círon,[954] que habitava por ali, todos os estrangeiros que encontrasse, os lançava ao mar. Então uma tartaruga que nadava lá em baixo apanhava-os. As tartarugas marinhas, à excepção do tamanho

[950] Sobre outros benefícios dispensados a Mégara pelo imperador Adriano, *vide supra* 1.36.3, 1.42.5.

[951] *Vide supra* 1.42.7 e nota respetiva.

[952] *Vide supra* 1.24.2 e nota respetiva.

[953] *Vide supra* 2.1.3, em que Pausânias identifica Sísifo como fundador destes jogos. Por seu lado Plutarco, *Vida de Teseu* 25.5, atribui a fundação dos Jogos Ístmicos a Teseu, no desejo de emular Héracles, o fundador das competições olímpicas. Pausânias 2.1.8 refere ainda que, no Istmo de Corinto, se situava um templo de Posídon, que abrigava uma estátua criselefantina de Melicertes, montado num golfinho, além de haver um templo que lhe era dedicado sob o nome de Palémon (2.1.8, 2.2.1).

[954] *Vide supra* 1.3.1 e nota respetiva.

e das patas, são semelhantes às terrestres; as patas parecem-se com as das focas. Círon sofreu um castigo equivalente aos seus crimes, ao ser lançado ao mar por Teseu nesse mesmo lugar. **44.9.** No cimo da montanha, fica o templo de Zeus chamado Afésio.[955] Segundo a tradição, numa altura de seca na Grécia, Éaco,[956] seguindo um determinado oráculo, fez um sacrifício em Egina a Zeus Pan-helénico (...)[957] Eis a razão por que Zeus recebeu o epíteto de Afésio. Há também estátuas de Afrodite, de Apolo e de Pã. **44.10.** Quando se avança mais um pouco encontra-se o memorial de Euristeu. Dizem os locais que, após a luta contra os Heraclidas, ele fugiu da Ática e aqui morreu às mãos de Iolau.[958] Ao deixar esse caminho e continuando a descer, fica o templo de Apolo Latoo,[959] e, a seguir, os limites entre a Megáride e Corinto, onde – ao que se diz – Hilo, filho de Héracles, travou um duelo com Équemo, da Arcádia.[960]

---

955 "Aquele que faz cair", provavelmente chuva.

956 *Vide supra* 1.39.6, 1.42.4 e nota respetiva. Foi a comprovada piedade e prudência de Éaco que aconselhou a consultá-lo e usá-lo como intermediário junto dos deuses. Sobre o resultado das suas preces que, de facto, demoveram Zeus a produzir chuva e a acabar com a seca, *vide infra* 2.29.7-8.

957 Uma fratura no texto impede a perceção clara do sentido.

958 *Vide supra* 1.32.6 e nota respetiva. Sobre a morte de Euristeu às mãos de Iolau, cf. Píndaro, *Pítica* 9.79-83.

959 "Filho de Leto".

960 *Vide supra* 1.41.2 e notas respetivas.

Índice de antropónimos e topónimos

Os números remetem para os capítulos do texto de Pausânias

Abante – 43.5

Academia – 29.2, 29.4, 30.1, 30.2, 30.3

Acamante (filho de Teseu) – 5.2

Acarnânia, Acarnanos – 25.4, 28.3

Acarnas – 31.6

Acasto (filho de Pélias) – 18.1

Acéstio – 37.1

Acrato (deus) – 2.5

Acrópole (de Atenas) – 5.4, 21.3, 21.4, 22.1, 22.4, 22.8, 23.7, 25.1, 25.7, 25.8, 26.3, 26.6, 27.3, 27.8, 27.10, 28.3

Acrótato (filho de Cleómenes) – 13.5

Acteia (= Ática) – 2.6

Actéon – 44.5

Acteu (rei da Ática) – 2.6, 5.3, 14.6

Adrasto – 30.4, 39.2, 43.1, 44.4

Adriano (imperador) – 3.2, 5.5, 18.6, 18.9, 20.7, 24.7, 36.3, 42.5, 44.6

Aéropo – 41.2

Afidnas (cidade) – 17.5, 41.3, 41.4

Afrodísias (cidade) – 26.5

Afrodite – 3.1

altares, templos, santuários

Cefiso – 37.7; Cnidos – 1.3; Cólias – 1.5; 'Jardins' – 19.2, 27.3; Oropo – 34.3; Pireu – 1.3

epítetos

Epistrófia – 40.6; Pandemos – 22.3; Práxis – 43.6; Urânia – 14.6, 19.2

estátuas, imagens

Atenas – 8.4, 23.2; Mégara – 44.9

Agamémnon – 2.3, 4.6, 33.1, 33.8, 43.1, 43.3

Agátocles (filho de Lisímaco) – 9.6, 10.3, 10.4

Agdístis (Cíbele) – 4.5

Agenor (rei de Argos) – 14.2

Agesípolis (irmão de Cleómenes) – 13.4

Aglauro (princesa de Atenas) – 2.6, 18.2, 38.3

Agras (junto ao Ilisso) – 19.6

Ágrolas – 28.3

Ájax (Telamónio) – 5.2, 28.11, 35.2, 35.3, 35.4, 42.4

Ájax (filho de Oileu) – 15.2

Alazões (povo cita) – 32.1

Alcâmenes (escultor) – 1.5, 8.4, 19.2, 20.3, 24.3

Alcátoo – 41.3, 41.4, 41.5, 41.6, 42.1, 42.2, 42.4, 42.6, 43.2, 43.4, 43.5

Álcetas (avô de Olímpia, mãe de Alexandre) – 11.1, 11.3

Álcetas II (filho de Arribas) – 11.5

Alcibíades – 22.7, 29.13

Alcínoo (rei dos Feaces) – 2.3

Alcipe – 21.4

Álcman – 41.4

Alcmena – 19.3, 41.1

Alcméon (filho de Anfiarau) – 34.3

Alexandre (Magno) – 4.1, 6.2, 6.3, 7.1, 9.4, 9.5, 9.8, 11.1, 12.3, 16.1, 25.3, 25.5, 37.5

Alexandre (filho de Alexandre Magno) – 6.3, 11.1

Alexandre II (irmão de Ptolemeu IX) – 9.1, 9.2, 9.3

Alexandre (filho de Cassandro) – 10.1, 36.6

Alexandre (filho de Lisímaco) – 10.4, 10.5

Alexandre I (rei do Epiro) – 11.3, 11.7

Alexandre (Páris) – 13.9

Alexandria (do Egito) – 18.4

Álope – 5.2, 14.3, 39.3

Amarinto (Eubeia) – 31.5

Amazonas – 2.1, 15.2, 17.2, 25.2, 41.7

Amintas II (rei da Macedónia) – 6.2, 6.8, 44.6

Amitáon – 44.5

Amniso (em Creta) – 18.5

Anacársis – 22.8

Anaclêtrida (pedra em Mégara) – 43.2

Anacreonte (poeta) – 2.3, 25.1

Anagirunte (*demos*) – 31.1

Ánax – 35.6

Ancira (cidade frígia) – 4.5

Androgeu (filho de Minos) – 1.2, 1.4, 27.10

Andrómaca – 11.1, 11.2

Anfiarau – 8.2, 34.1, 34.2, 34.3, 34.4, 34.5

Anfíction (rei de Atenas) – 2.5, 2.6, 14.3, 31.3

Anfíloco (filho de Anfiarau) – 34.3

Anfípolis – 10.2, 29.13

Anfitrião – 37.6, 41.1

Anfitrite – 17.3

Anquesmo (monte) – 32.2

Antágoras (de Rodes, poeta) – 2.3

Antemócrito – 36.3, 36.4

Antenor (escultor) – 8.5

Anteros (altar de) – 30.1

Antígono I Monoftalmo (rei da Macedónia) – 6.4, 6.7, 6.8, 9.7, 9.8, 12.3, 16.1, 25.6, 25.7, 25.8

Antígono II Gónatas (rei da Macedónia) – 1.1, 2.3, 6.6, 7.3, 10.2, 13.1, 13.2, 13.7, 13.9, 16.2, 30.4

Ântio (poço) – 39.1

Antíoco (filho de Héracles) – 5.2

Antíoco I (pai de Seleuco) – 6.4, 8.5

Antíoco (filho de Seleuco) – 7.3, 16.2

Antíope (Amazona) – 2.1, 41.7

Antíope (princesa tebana) – 38.9

Antípatro (general macedónio) – 4.1, 6.4, 6.8, 8.3, 11.3, 13.6, 25.3, 25.6

Apame (filha de Lisímaco) – 7.3

Ápis – 18.4

Apolo – 2.5, 3.5, 13.9, 21.3, 30.3, 34.4, 37.6, 37.7, 38.4, 42.2, 42.6, 43.7, 43.8

altares, santuários e templos

Atenas – 28.4; Mégara – 42.5, 44.2; Prásias – 31.2; Zóster – 31.1

epítetos

Agieu – 31.6; Agreu – 41.3, 41.6; *Alexíkakos* – 3.4; Arquégeta – 42.5; Carino – 44.2; Decatéforo – 42.5; Delfínio – 19.1; Dionisódoto – 31.4; Latoo – 44.10; Liceu – 19.3; Parnópio – 24.8; *Patrôos* – 3.4; Peónio – 34.3; Pítio – 19.1, 42.5; Proópsio – 32.2; Prostatério – 44.2

estátuas e imagens

Atenas – 2.5, 8.4; Mégara – 44.9; Mileto – 16.3

recintos

Grínio – 21.7

Apolodoro (general ateniense) – 29.10

Aqueloo (rio) – 34.3, 41.2

Aqueronte (rio da Tesprótide) – 17.5

Aquerúsia (lago da Tesprótide) – 17.5

Aquiles – 4.4, 11.1, 12.1, 13.9, 22.6, 33.8, 37.3

Arato (de Soles, poeta) – 2.3

Arcádia, Arcádios – 4.6, 29.13, 41.2, 43.1, 44.10

Arcesilau (pintor) – 1.3

Areópago – 24.2, 28.5, 28.6, 29.1, 29.15

Ares – 8.4, 21.4, 28.5

Areu (filho de Acrótato) – 13.5

Argeu (irmão de Ptolemeu II) – 7.1

Argólida – 15.1

Argos, Argivos – 11.7, 13.6, 13.7, 13.8, 13.9, 14.2, 25.4, 27.10, 28.9, 29.5. 29.7, 29.8, 29.9, 29.11, 33.1, 39.3, 41.1, 43.7, 43.8, 44.4

Arimaspos (povo) – 24.6, 31.2

Ario (rei da Teutrânia) – 11.2

Ariste (estátua de) – 29.2

Arísteas (de Proconeso) – 24.6

Arístion (cúmplice de Mitridates) – 20.5, 20.7

Aristogíton (tiranicida) – 8.5, 23.2, 29.15

Arquelau (rei da Macedónia) – 2.2

Arquelau (general de Mitridates) – 20.5

Árquias (de Túrios) – 8.3

Arquidamo (general espartano) – 29.6
Arribas – 11.1, 11.3
Arrideu (rei macedónio) – 6.2, 6.3, 10.1, 11.3, 11.4, 25.3, 25.6
Arsínoe (irmã e esposa de Ptolemeu II, Sóter) – 7.1, 7.3, 8.6, 10.3, 10.4
Arsínoe (filha de Lisímaco) – 7.3
Arsites (sátrapa da Frígia) – 29.10
Artafernes – 32.7
Artaxerxes I – 8.2
Artaxerxes II – 3.2
Ártemis –21.1, 29.2, 43.1
  altares, santuários e templos
  Falero – 1.4; Muníquia – 1.4; Salamina – 36.1; Zóster – 31.1
  epítetos
  Agrótera – 19.6, 41.3, 41.6; Amarísia – 31.4, 31.5; Braurónia – 23.7; Leucófrine – 26.4; Propileia – 38.6; Salvadora – 40.2, 40.3, 44.4; Selásfora – 31.4; Táuride – 23.7, 33.1
  estátuas, imagens
  Mégara – 44.2
Artemísio – 14.5
Áscalon (Fenícia) – 14.6
Asclépio
  altares, santuários e templos
  Atenas – 21.4, 22.1, 23.4
  estátuas, imagens
  Mégara – 40.6
Ásia – 4.5, 4.6, 6.2, 9.7, 10.2. 10.5, 11.2, 12.4, 13.1, 13.3, 16.2, 20.4, 37.5
Asópico (pai de Formião) – 23.10
Asopo (rio da Beócia) – 35.2
Assírios – 14.6
Astério (ilha) – 35.6
Astério (filho de Ánax) – 35.6
Asticratia – 43.5
Átalo I (rei de Pérgamo) – 5.5, 6.1, 8.1, 25.2, 36.5
Átalo (pai de Átalo, rei de Pérgamo) – 8.1
Atamante – 24.2, 44.7
Atena-Alcatraz (promontório) – 5.3
Atena – 15.3, 20.7, 24.1, 26.6, 37.2, 37.6
  altares, santuários e templos
Atenas – 8.4, 14.6, 17.2, 24.2, 24.3, 24.5, 24.7, 25.7, 26.4, 27.6, 30.2, 32.2, 37.1; Mégara – 42.4; Pireu – 1.3; Súnio – 1.1; Zóster – 31.1
  epítetos
  Areia – 28.5; Cira – 1.4, 36.4; Ergane – 24.3; Etia – 41.6; Higia – 23.4, 31.6; Hípia – 30.4, 31.6; Itónia – 13.2, 13.3; Lémnia – 28.2; Peónia – 2.5, 34.3; Pólias – 27.1, 27.2, 27.3, 27.4; Promachos – 28.2; Tritona – 31.4
  estátuas, imagens

Atenas – 22.6
Atenas, Atenienses – *passim*
Ática – *passim*
Átis (princesa de Atenas) – 2.6
Átis (frígio) – 4.5
Atlas (monte) – 33.5, 33.6
Atlantes (cf. Nasamões) – 33.5
Atmónia, Atmónios – 14.6, 31.4, 31.5
Áulis – 35.3
Autólico (pancratiasta) – 18.3
Autónoe (filha de Cadmo) – 44.5
Babilónia – 10.4, 16.1, 16.3
Beas (cidade) – 27.5
Belo (templo de) – 16.3
Beócia, Beócios – 1.3, 3.4, 13.6, 15.3, 20.6, 23.3, 24.5, 25.4, 25.7, 27.5, 28.2, 29.6, 29.9, 29.11, 32.3, 34.1, 34.2, 38.8, 39.2, 39.5, 44.4
Berenice (mulher de Ptolemeu I) – 6.8, 7.1
Berenice (filha de Ptolemeu VI) – 9.3
Bóreas – 19.5, 22.7, 38.2
Brânquidas – 16.3
Bráuron – 23.7, 33.1
Bretanha – 33.4
Briáxis (escultor) – 40.6
Butades (família) – 26.5
Butes (altar de) – 26.5
Cabiros – 4.6
Cábrias – 29.3
Cadmeia (cidade beócia) – 3.4
Cadmo – 44.5
Caíco (rio) – 10.4
Cálades (legislador) – 8.4
Cálamis (escultor, o antigo) – 3.4, 23.2
Caláuria (ilha) – 8.2, 8.3
Calcas – 43.1
Calcino – 37.6
Cálcis, Calcídios – 23.3, 28.2, 34.2, 38.1
Caldeus – 16.3
Cálias (embaixador ateniense junto de Artaxerxes I) – 8.2
Cálias (político ateniense) – 23.2, 26.4
Calícoro (poço) – 38.6
Cálidon – 27.6, 27.9
Calímaco (de Afidnas, polemarco) – 15.3
Calímaco (escultor) – 26.6
Calipo (chefe militar) – 3.5, 4.2
Calípolis (filho de Alcátoo) – 42.6, 43.5
Caliste (estátua de) – 29.2
Calisto (filha de Lícaon) – 25.1
Calo (sobrinho de Dédalo) – 21.4, 26.4
Cambises – 28.11, 42.3
Car (rei de Mégara) – 39.5, 39.6, 40.6, 44.6
Cardia (cidade) – 9.8, 10.5, 13.9
Cária – 23.5, 26.5, 29.7
Cária (acrópole de Mégara) – 40.6
Caristo – 25.4, 32.3

Carmo (ateniense) – 30.1
Cartago, Cartagineses – 12.5, 29.14
Cassandra – 15.2
Cassandro (general macedónio) – 4.1, 6.4, 6.7, 10.1, 11.4, 11.5, 15.1, 25.6, 25.7, 26.3, 29.8, 35.2, 36.6
Cécrops I (filho da Terra) – 2.6, 5.3, 27.1, 31.5
Cécrops II (filho de Erecteu) – 5.3, 38.3
Céfalas (*demos*) – 31.1
Cefalénia (ilha) – 37.6
Céfalo – 3.1
Céfalo (filho de Déion) – 37.6
Cefiso (rio de Atenas) – 34.3, 37.3, 37.4
Cefiso (rio de Elêusis) – 38.5
Cefisodoro – 36.5, 36.6, 37.1
Céix (rei de Tráquis) – 32.6
Celeu (pai de Triptólemo) – 14.2, 38.2, 38.3, 39.1
Celtas (cf. Gauleses) – 4.1, 4.2, 9.5, 13.3, 33.4, 35.5
Centauros – 17.2, 28.2
Ceramico (bairro de Atenas) – 2.4, 3.1, 14.6, 20.6
Céramo – 3.1
Cérano – 43.5
Ceráunio (promontório) – 13.1
Cércion (rei da Arcádia) – 5.2
Cércion (irmão de Triptólemo) – 14.3
Cércion (pai de Álope) – 39.3
Cérices (família de Elêusis) – 38.3
Cérilo (poeta trágico) – 14.3
Cérix – 38.3
Cestrino (filho de Heleno e Andrómaca) – 11.1, 11.2
Chipre, Cipriotas – 3.2, 6.6, 6.8, 7.1, 9.1, 9.2, 14.6, 29.13
Ciámites – 37.4
Cíclades –1.1
Cicno (salteador) – 27.6
Cicno (músico) – 30.3
Cicreu – 35.2, 36.1
Cilícia – 34.3
Cílon – 28.1, 40.1
Címon (pai de Milcíades) – 32.4
Címon (filho de Milcíades) – 17.6, 28.3, 29.8, 29.13, 29.14, 29.15
Cíniras – 3.2
Cione – 15.4
Cípselo (rei de Corinto) – 23.1
Cíquiro (cidade tesprótida) – 17.4, 17.5
Cirene, Cireneus – 6.5, 6.8, 7.1, 7.2
Ciro, Círios (ilha) – 17.6, 22.6
Ciro (lugar perto de Elêusis) – 36.4
Ciro (adivinho de Dodona) – 36.4
Círon (bandido de Mégara) – 3.1, 44.8
Círon (rei de Mégara) – 39.6, 44.6

Cítia, Citas – 31.2, 43.1
Citera (ilha) – 14.6, 27.5
Citéron (monte) – 38.8, 38.9, 41.3, 41.4, 41.6
Cleetas (escultor) – 24.3
Cleômbroto –13.4
Cleómenes (sátrapa do Egito) – 6.3
Cleómenes II (rei de Esparta) – 13.4, 13.5
Cléon (ateniense) – 29.13
Cleonas, Cleoneus – 29.7
Cleónimo (filho de Cleómenes de Esparta) – 13.5
Cleópatra III (mãe de Ptolemeu Filometor) – 9.1, 9.3
Cleópatra (filha de Filipe II) – 44.6
Cleso (filha de Cléson) – 42.7
Cléson (rei de Mégara) – 39.6, 42.7
Clídico (rei de Atenas) – 3.3
Clístenes (ateniense) – 29.6
Cnidos, Cnídios – 1.3, 2.2
Cnossos – 14.4, 18.5, 27.10, 34.4
Cócalo – 21.4
Cocito (rio da Tesprótide) – 17.5
Codro (filho de Melanto) – 19.5, 39.4
Coleno, Colénide – 31.4, 31.5
Cólias (promontório) – 1.5
Cólofon, Colofónios – 9.7, 14.4
Colono – 30.4
Cólquida – 1.4, 18.1, 24.2
Cónon (general ateniense) – 1.3, 2.2, 3.2, 24.3, 29.15
Corcira (ilha) – 11.6, 12.1
Corebo – 43.7, 43.8, 44.1
Corinto, Coríntios – 25.4, 27.9, 27.10, 29.11, 37.5, 39.4, 44.6, 44.8, 44.10
Coroneia – 25.8
Cós – 2.4
Cránao (rei de Atenas) – 2.6, 31.3
Creonte – 39.2
Creta, Cretenses – 17.3, 17.6, 18.5, 19.4, 21.4, 22.5, 23.4, 26.4, 27.9, 27.10, 36.5, 36.6, 39.6, 41.6, 42.2
Creúsa – 28.4
Crisântis (argiva) – 14.2
Crisaor – 35.7
Crisipo (de Soles) – 17.2, 29.15
Crítias (escultor) – 8.5, 23.9
Crócon – 38.2
Crómion – 27.9
Cronos (templo de) – 18.7
Crotopo – 43.7
Daíra – 38.7
Dario III – 25.5
Dáulis – 41.8
Deceleia – 29.5
Dédalo – 21.4, 26.4, 27.1
Déion (pai de Céfalo) – 37.6
Dejanira – 32.6
Delfínio (tribunal de Atenas) – 28.10
Delfos – 2.5, 3.4, 4.4, 9.3, 11.1, 13.9, 20.7, 22.8, 26.3, 37.6, 41.1, 43.3, 43.7

Délio – 29.13
Delos, Délios – 18.5, 19.6, 29.1, 31.2, 43.4
Deméter – 14.2, 14.3, 22.7, 37.4, 38.1, 39.1, 39.5, 43.2
altares, santuários e templos
Argos – 13.8; Atenas – 2.4, 14.1, 37.2, 37.6; Falero – 1.4; Halimunte – 31.1; Mégara – 40.6, 42.6; Prospálcios – 31.1
epítetos
Anesidora – 31.4; Cloe – 22.3; Malófora – 44.3
Demétrio I (filho de Antígono I) – 6.5, 6.6, 10.1, 10.2, 11.6, 12.3, 13.6, 16.1, 16.2, 25.6, 25.7, 25.8
Demétrio (filho de Fanóstrato) – 25.6
Demétrio II (rei da Macedónia) – 36.5, 36.6
Democracia (retrato) – 3.3
Demódoco (aedo) – 2.3
Demofonte (filho de Teseu) – 28.8
Demos / Povo (retrato) – 3.3, 3.5
Demóstenes (orador) – 8.2, 8.3, 8.4
Demóstenes (general ateniense) – 13.5, 23.3, 29.12, 29.13
Déopes – 14.1
Desconhecidos (deuses) – 1.4
Deto – 37.6
Deucalião (rei de Creta) – 17.6
Deucalião (sobrevivente do dilúvio) – 18.7, 18.8, 40.1
Diítrefes – 23.3, 23.4
Dinómenes (escultor) – 25.1
Diogeneia – 38.3
Diomedes – 11.7, 22.6, 28.9
Dionísio (tirano da Sicília) – 2.3, 13.9
Dioniso – 2.5, 3.1, 21.1, 21.2, 23.5
altares, santuários e templos
Atenas – 20.2, 20.3, 20.4; Elêuteras – 38.8; Mégara – 43.5, 43.6
epítetos
Ântio – 31.4; Císsio – 31.6; Dassílio – 43.5; Eleutereu – 20.3, 29.2; Melpómeno – 31.6; Nictélio – 40.6
teatro
Atenas – 20.4
Dioscuros – 41.3, 41.4, 41.5
altares, santuários e templos
Atenas – 18.1, 18.2; Céfalas – 31.1
Disaules – 14.3
Dócimo (Macedónio, general de Antígono) – 8.1
Dodona – 13.3, 17.5, 36.4
Dóriclos – 40.5
Doze Deuses (imagens, pinturas) – 3.3, 40.3
Drabesco (Trácia) – 29.4
Dromiquetes (rei dos Getas) – 9.6
Eácidas (dinastia do Epiro) – 9.8, 13.3, 13.9

Eácides (rei do Epiro) – 9.7, 11.1, 11.2, 11.3, 11.4, 11.5
Éaco (rei de Egina) – 39.6, 42.4, 44.9
Ecbátana – 16.3
Édipo – 28.7, 30.4
Edonos (povo da Trácia) – 29.4
Éfeso – 9.7
Efialtes (de Tráquis) – 4.2
Efialtes (de Atenas) – 29.15
Egas (cidade) – 6.3
Egeu (mar) – 1.1
Egeu (rei de Atenas) – 5.2, 5.4, 14.6, 19.3, 22.4, 22.5, 27.8, 39.4
Egialeu (rei de Sícion) – 43.1, 44.4
Egina, Eginetas – 29.5, 29.7, 35.2, 42.5, 44.9
Egisto – 22.6
Egito, Egípcios – 5.5, 6.1, 6.3, 6.5, 6.6, 6.7, 6.8, 7.1, 7.2, 7.3, 8.6, 9.2, 9.3, 9.4, 11.5, 14.2, 18.4, 33.6, 36.5, 36.6, 39.6, 42.3, 44.3
Egóstena (cidade da Megáride) – 44.4, 44.5
Elateia (cidade) – 20.6, 26.3
Elefenor (rei de Eubeia) – 17.6
Eleia (cidade) – 25.4
Éleon – 29.6
Eleunte – 34.2
Eleus – 29.13
Eleusínio (templo de Atenas) – 14.3
Elêusis, Eleusínios – 2.5, 5.2, 14.2, 26.3, 31.3, 35.2, 36.3, 36.4, 37.4, 38.1, 38.2, 38.3, 38.5, 38.6, 38.8, 39.1, 39.2, 39.4
Elêusis (herói) – 38.7
Elêuteras – 38.8, 38.9
Élide – 41.6
Endeu – 26.4
Eneacruno (fonte em Atenas) – 14.1
Eneias – 11.7
Eneu (filho de Pandíon) – 5.2
Eníadas – 11.4
Énio (uma das Graias) – 8.4
Enóbio – 23.9
Énoe (*demos*) – 33.8
Énoe (Argólida) – 15.1
Eólios – 35.4
Épafo – 44.3
Epaminondas (de Tebas) – 3.4, 13.4
Epeu – 23.8
Epicarino – 23.9
Epidauro – 25.4
Epiménides (de Cnossos) – 14.4
Epiro, Epirotas – 9.7, 9.8, 10.2, 11.1, 11.2, 11.3, 11.4, 11.5, 13.1, 13.7, 14.1, 25.6
Époco – 33.8
Epónimos (Heróis) – 5.2, 5.3, 8.2, 8.6
Équemo – 41.2, 44.10
Equetlo (herói) – 15.3, 32.5

Erectéion (templo de Erecteu) – 26.5
Erecteu (rei de Atenas) – 5.2, 5.3, 26.5, 27.4, 28.4, 28.10, 36.4, 38.3
Erictónio (rei de Atenas) – 2.6, 5.3, 14.6, 18.2, 24.7
Erídano (rio dos Gauleses) – 4.1, 30.3
Erídano (rio de Atenas) – 19.5
Erifile (mulher de Anfiarau) – 34.3
Erimanto – 27.9
Erineia (aldeia da Megáride) – 44.5
Eríneo – 38.5
Erínias (cf. Venerandas) – 28.6
Erisícton (príncipe de Atenas) – 2.6, 18.5, 31.2
Eritreia (mar) – 33.4
Eros
  altares, santuários e templos
  Atenas – 30.1
  estátuas, imagens
  Escopas – 43.6; de Praxíteles – 20.1, 20.2
Escambónidas – 38.2
Escétades (general salamínio) – 35.2
Escopas (escultor) – 43.6
Esfactéria (ilha) – 13.5, 15.4
Esfinge – 24.5
Esímides – 3.3
Esimno – 43.3
Esmirna – 33.7
Esparta, Espartanos – 27.1
Esperqueu (rio) – 37.3
Espíntaro (pai de Eubulo) – 29.10
Ésquilo (poeta trágico) – 2.3, 14.5, 21.2, 28.6
Estrongílion (escultor) – 40.3
Eta (monte) – 1.3, 4.2
Etéocles – 39.2
Etiópia, Etíopes – 33.3, 33.4, 33.5, 42.3, 42.5
Etólia, Etólios – 4.4, 26.3, 36.5, 42.6
Eubeia (ilha) – 17.6, 27.5, 28.2, 29.11, 31.5, 32.3, 36.4
Eubuleu (irmão de Triptólemo) – 14.2, 14.3
Eubúlides (escultor) – 2.5
Eubulo (filho de Espíntaro) – 29.10
Eucleia (templo de) – 14.5
Eufemo (da Cária) – 23.5
Eufranor (pintor) – 3.4
Êumenes I (rei de Pérgamo) – 6.7, 8.1
Eumolpo (da Trácia) – 5.2, 27.4, 38.2, 38.3
Euquenor – 43.5
Euríbates (de Argos) – 29.5
Eurídice (filha de Antípatro, esposa de Ptolemeu I) – 6.8, 7.1, 9.6
Eurípides (poeta trágico) – 2.2, 21.1
Euripo (Calcídica) – 23.3, 38.1

Eurísaces (filho de Ájax) – 35.2, 35.3
Euristeu – 32.6, 44.10
Europa – 25.5, 37.5
Euxino (Ponto) – 20.4
Evágoras (rei de Chipre) – 3.2
Evecme (filha de Megareu) – 43.4
Evenor (pai de Parrásio) – 28.2
Evipo (filho de Megareu) – 41.3, 43.2
Faetonte (filho de Hémera) – 3.1
Faetonte (filho do Sol) – 4.1
Falero (Argonauta) – 1.4
Falero (porto) – 1.2, 1.5, 28.9, 36.4
Fama (altar da) – 17.1
Famenófis – 42.3
Fanóstrato – 25.6
Fasélis – 37.4
Fedra – 18.5, 22.1, 22.2
Fenícia, Fenícios – 6.4, 6.5, 12.5, 14.6
Fénix (poeta iâmbico) – 9.7
Ferecides (de Siro) – 20.7
Feres – 13.2
Fídias (escultor) – 3.5, 14.6, 24.8, 28.2, 33.3, 33.8, 40.4
Filante (pai de Meda) – 5.2
Filetero (eunuco paflagónio) – 8.1, 10.4
Fileu (neto de Ájax) – 35.2
Filipe II (rei da Macedónia) – 4.1, 6.2, 6.3, 6.8, 9.4, 9.5, 25.3, 29.10, 34.1, 44.6
Filipe V (rei da Macedónia) – 36.5, 36.6
Filipe (Macedónio, marido de Berenice) – 7.1
Filipe (irmão de Cassandro) – 11.4
Filípides – 28.4
Filisto – 13.9, 29.12
Filoctetes – 22.6, 23.4
Filomela – 5.4, 41.8
Filóxeno (poeta) – 2.3
Fítalo – 37.2, 37.4
Fliunte (cidade) – 25.4, 31.4
Fócida, Fócios – 1.5, 4.2, 4.3, 4.4, 20.6, 25.4, 26.3
Formião (almirante ateniense) – 23.10, 29.3
Foroneu – 39.5, 39.6, 40.6, 44.6
Fortuna
  altares, santuários e templos
  Mégara – 43.6
Freato (tribunal de Atenas) – 28.11
Frígia, Frígios – 4.5, 14.2, 18.8, 18.9, 23.8, 29.10
Frine (amada de Praxíteles) – 20.1, 20.2
Frixo (filho de Atamante) – 24.2, 44.7
Gadira (Cádiz) – 35.8
Gauleses (cf. Celtas) – 4.1, 4.4, 4.5, 4.6, 7.2, 8.1, 13.2, 16.2, 19.5, 25.2
Genáiades (deusas); cf. Genetílides – 1.5

Genetílides (deusas); cf. Genaídes – 1.5
Gerânia (monte de Mégara) – 40.1, 43.8
Gérion – 35.7, 35.8
Getas – 9.6
Gítio – 27.5
Glissas – 44.4
Góbrias (persa) – 1.5
Górdias (rei frígio) – 4.5
Gortina – 14.4
Graças – 22.8
Grifos – 24.6, 24.7
Grilo (filho de Xenofonte) – 3.4
Grínio – 21.7
Hades – 17.5
Haliarto – 27.5
Halimunte (*demos*) – 31.1
Halirrótio (filho de Posídon) – 21.4, 28.5
Hális – 37.1
Hamádaco – 4.4
Harma – 34.2
Harmódio (tiranicida) – 8.5, 29.15
Hárpalo (macedónio) – 37.5
Hebe (esposa de Héracles) – 19.3
Hebreus – 5.5
Hecaerge – 43.4
Hécate – 43.1
Hefesto – 2.6, 20.3
  altares, santuários e templos
  Atenas – 14.6, 26.5
Hégias (de Trezeno, poeta) – 2.1
Helena – 33.7, 33.8, 35.1, 41.5
Helena (ilha de) – 35.1
Heleno (príncipe troiano) – 11.1, 11.2
Helesponto – 6.5, 29.10, 29.13
Helieia (tribunal de Atenas) – 28.8
Heliodoro – 37.1
Hémera (Dia) – 3.1
Hera – 18.5, 20.3, 25.1
  altares, santuários e templos
  Atenas – 1.5, 18.9
Héracles – 2.1, 5.2, 15.2, 15.3, 17.4, 27.6, 27.7, 31.6, 32.4, 32.6, 35.8, 41.1, 41.2, 44.10
  altares, santuários e templos
  Oropo – 34.3
  estátuas, imagens
  Atenas – 8.4, 19.3, 24.2, 27.10, 30.2
Heraclidas – 41.1, 41.2, 44.10
Hermes – 38.3, 38.7
  altares, santuários e templos
  Atenas – 30.2; Oropo – 34.3
  epítetos
  Agoreu – 15.1; Propileus – 22.8
  estátuas, imagens
  Atenas – 17.2, 19.2, 24.3, 27.1, 28.6
  ginásio
  Atenas – 2.5
Hermesíanax (poeta elegíaco) – 9.7
Hermíone (filha de Menelau e Helena) – 11.1, 33.8

Hermólico – 23.10
Herodes (Ático) – 19.6
Heródoto – 5.1, 33.5, 43.1
Herse (princesa de Atenas) – 2.6, 18.2
Hesíodo – 2.3, 3.1, 24.7, 28.6, 43.1
Héstia – 18.3, 34.3
Hierão (de Siracusa) – 2.3
Hierónimo (de Cárdia) – 9.8, 13.9
Higia – 23.4, 34.3, 40.6
Hilo (filho da Terra) – 35.8
Hilo (filho de Héracles) – 35.8, 41.2, 41.3, 44.10
Hímeros (estátua) – 43.6
Himeto – 32.1, 32.2
Hiparco (tirano de Atenas) – 8.5, 23.1, 23.2, 29.15
Hipérbio – 28.3
Hiperbóreos – 4.4, 18.5, 31.2
Hiperíon (filho de Agamémnon) – 43.3
Hipéroco – 4.4
Hipeu – 33.8
Hípias (filho de Pisístrato) – 23.1, 23.2
Hipólita (Amazona) – 41.7
Hipólito (filho de Teseu) – 22.1, 22.2
Hipotoonte – 5.2, 38.4, 39.3
Homero – 2.3, 12.4, 12.5, 13.9, 17.5, 22.6, 23.4, 28.7, 30.4, 37.3, 38.2, 38.3
Horas – 40.4
Íaco – 33.4, 37.4
Iaso – 34.3
Ibérios – 33.4
Icário (pastor) – 2.5
Ictiófagos – 33.4
Ifícrates – 24.7
Ifigénia – 33.1, 43.1
Ifínoe (filha de Niso) – 39.6
Ifínoe (filha de Alcátoo) – 43.4
Ílion (cf. Troia) – 4.6, 15.2, 35.4
Ilisso (rio) – 19.5, 19.6
Ilitia – 18.5, 44.2
Imárado (de Eleûsis) – 5.2, 27.4, 38.3
Ínaco (pai de Io) – 25.1
Indianos – 12.3, 12.4
Ino (cf. Leucótea) – 42.7, 44.7
Io – 25.1
Iofonte (de Cnossos) – 34.4
Iolau – 19.3, 29.5, 44.10
Íon (filho de Xuto) – 31.3
Iónia – 1.5, 29.5
Iónio (mar) – 4.1, 12.1
Ísis – 41.3;
Isócrates – 18.8
Isquépolis (filho de Alcátoo) – 42.6, 43.2
Issédones (povo) – 24.6, 31.2
Istro (rio) – 9.6
Itália – 11.7, 12.1, 12.2, 12.5, 13.2, 23.5, 36.6
Ítis – 24.3, 41.8
Itome – 29.8

Jardins (lugar de Atenas) – 19.2
Jasão – 1.4, 18.1
Juba (líbio) – 17.2
Lácares – 25.7, 25.8, 29.10, 29.16
Lacedemónia, Lacedemónios – 3.4, 13.4, 13.5, 14.4, 15.1, 15.4, 18.4, 21.1, 27.1, 28.4, 29.6, 29.8, 29.9, 29.11, 29.13, 38.4
Lacíadas (*demos*) – 37.2
Lácio (herói) – 37.2
Lacónia – 13.7, 38.4
Lade (ilha) – 35.6
Lafístio – 24.2
Lago (pai de Ptolemeu Sóter, avô de Ptolemeu Filadelfo) – 1.1, 6.2, 8.6, 9.1, 9.6, 11.5
Lâmia (cidade) – 1.3, 8.2
Lamíaco (golfo) – 4.3
Lâmpter (*demos*) – 31.3
Laodamante (filho de Etéocles) – 39.2
Lápitas – 17.2, 28.2
Larissa (Feres) – 13.2
Láurion (minas) – 1.1
Leagro (general ateniense) – 29.5
Learco (filho de Ino) – 44.7
Lebadia – 34.2
Lébedo – 9.7
Leda – 33.7, 33.8
Leena – 23.1
Léleges (Megarenses) – 39.6
Lélex (rei de Mégara) – 39.6, 42.7, 44.3
Lemnos (ilha) – 22.6
Leócares (escultor) – 1.3, 3.4, 24.4
Leócrito (filho de Protarco) – 26.2
Léon (bisavô de Acéstio) – 37.1
Leónidas (comandante espartano) – 13.5
Leos (ateniense) – 5.2
Leóstenes (comandante ateniense) – 1.3, 25.5, 29.13
Lesbos (ilha) – 23.1, 25.1
Leteu (rio) – 35.6
Leto – 18.5
  altares, santuários e templos
  Zóster – 31.1
  estátuas
  Mégara – 44.2
Leucipo – 18.1
Leucótea (cf. Ino) – 42.7, 44.8
Leuctras (cidade beócia) – 3.4, 13.4, 13.5, 29.11
Líbia, Líbios – 6.5, 7.2, 12.4, 14.6, 18.9, 33.5
Líbia (filha de Epafo) – 44.3
Licáon (pai de Calisto) – 25.1
Líceas (poeta argivo) – 13.8, 13.9
Liceu – 19.3, 19.4, 29.16
Lícia, Lícios – 19.3
Lício (escultor, filho de Míron) – 23.7
Lico (filho de Pandíon) – 19.3
Lico (da Trácia) – 27.6
Lico (pai de Trasibulo) – 29.3
Lícofron (pai de Licurgo) – 8.2, 29.15

Licomedes (rei da ilha de Ciro) – 17.6

Licómidas (família ateniense) – 22.7

Licurgo (orador ateniense) – 8.2, 29.15, 29.16

Licurgo (rei dos Edónios) – 20.3

Lídia, Lídios – 35.7, 35.8

Lígures – 30.3

Lisandra (filha de Ptolemeu I) – 9.6, 10.3, 10.4, 10.5, 16.2

Lisímaca (sacerdotisa de Atena) – 27.4

Lisímaco (rei da Trácia) – 6.4, 6.7, 8.1, 9.4, 9.5, 9.6, 9.7, 9.8, 10.1, 10.2, 10.3, 10.4. 10.5, 11.1, 11.6, 16.2

Lisimaquia – 9.8

Lisipo (escultor) – 43.6

Líson (escultor) – 3.5

Lixitas (cf. Nasamones) – 33.5

Locro (de Paros, escultor) – 8.4

Lócrios (povo) – 23.4, 25.4

Lucânia – 11.3, 11.7

Macária (filha de Héracles) – 32.6

Macártato – 29.6

Macedónia, Macedónios – 1.3, 2.3, 4. 1, 4.2, 6.2, 6.3, 6.7, 7.1, 7.3, 8.3, 9.5, 10.1, 10.2, 11.3, 11.4, 11.5. 11.6, 12.4, 13.1, 13.2, 13.3, 13.4, 13.6, 13.7, 16.1, 16.2, 25.3, 25.4, 26.1, 26.2, 26.3, 29.10, 29.13, 35.2, 36.5, 36.6

Mãe dos deuses
templos
Anagirunte – 31.1; Atenas – 3.5

Magas (filho de Ptolemeu I) – 6.8, 7.1, 7.2, 7.3

Magnésia, Magnésios (região da Ásia Menor) – 1.2, 20.5, 26.4, 35.6

Malo, Málios – 23.4, 34.3

Mantineia – 3.4, 29.13

Manto – 43.5

Máraton (herói) – 15.3, 32.4

Maratona – 14.5, 15.3, 17.6, 21.2, 25.2, 27.10, 28.2, 28.4, 29.4, 32.3, 32.4, 32.6, 32.7, 33.1, 33.2

Mardónio (persa) – 1.5, 27.1, 40.2

Marmáridas (Líbios nómadas) – 7.2

Mársias – 24.1

Masístio – 27.1

Mauros – 33.5

Meandro (rio) – 29.7

Meciónidas – 5.3, 5.4

Mecisteu – 28.7

Meda – 5.2

Média, Medos – 1.5, 2.2, 4.2, 13.5, 14.5, 16.3, 17.6, 18.2, 25.1, 25.2, 27.1, 27.2, 28.2, 28.4, 29.7, 32.5, 36.1, 37.1, 43.3, 44.4

Medusa (Górgona) – 21.3, 22.7, 23.7, 24.7

Mégara, Megarenses – 5.3, 19.4, 28.1, 29.13, 36.3. 39.1, 39.4, 39.5, 39.6, 40.1, 40.3, 40.4, 40.5, 41.1, 41.2, 41.4, 41.5,

41.6, 41.7, 41.8, 41.9, 42.1, 42.2, 42.4, 42.7, 43.1, 43.2, 43.3, 43.4, 43.5, 43.7, 43.8, 44.5, 44.6

Mégara (esposa de Héracles) – 41.1

Megareu (filho de Posídon) – 39.5, 39.6

Megareu (rei de Mégara) – 41.3, 41.4, 41.5, 42.1, 43.2, 43.4

Megáride – 19.4, 35.2, 39.4, 40.2, 41.8, 44.4, 44.10

Mégaro – 40.1

Melampo – 43.5

Melampo (divindade da Megáride) – 44.5

Melanopo – 29.6

Melanto (rei de Atenas) – 3.3, 19.5, 18.8, 18.9

Meleagro – 42.6

Meles (ateniense) – 30.1

Melesandro – 29.7

Melicertes (filho de Ino) – 44.7

Melítida (porta de Atenas) – 23.9

Mémnon (rei etíope) – 42.3

Menandro (poeta cómico) – 2.2, 21.1

Menelau (sátrapa de Chipre) – 6.6

Menelau (Atrida) – 33.8

Menesteu (herói ateniense) – 1.2, 3.3, 17.5, 17.6, 23.8

Mênfis (cidade egípcia) – 6.3, 7.1, 18.4

Méroe – 33.4

Messene, Messénia, Messénios – 13.6, 25.4

Metanira (mulher de Celeu) – 39.1, 39.2

Mícale – 25.1

Micalesso (cidade) – 23.3

Mícon (pintor) – 17.3, 18.1

Midas (rei frígio) – 4.5

Milcíades – 15.3, 17.6, 18.3, 28.3, 29.8, 29.15, 32.4

Mileto, Milésios – 16.3, 35.6

Minoa (ilha) – 44.3

Minos (rei de Creta) – 1.2, 1.4, 17.3, 19.4, 27.9, 27.10, 39.5

Minotauro – 22.5, 24.1, 27.10

Míron (escultor) – 23.7

Mirrinunte (*demos*) – 31.4, 31.5

Mis (escultor) – 28.2

Mísia – 4.6, 5.5, 6.1, 25.2, 35.4, 36.5, 36.6

Mitridates (rei do Ponto) – 20.4, 20.5, 20.6

Mnáseas (pai de Zenão) – 29.15

Mnemósine (estátua no Cerâmico) – 2.5

Mnesímaca – 37.3

Mnesíteo (médico) – 37.4

Molosso (filho de Pirro e Andrómaca) – 11.1, 11.2

Molosso (general ateniense) – 36.4

Molossos (povo) – 13.3

Molpádia (Amazona) – 2.1

Molúrida (penedo da Megáride) – 44.7, 44.8

Muníquia (porto) – 1.4, 25.5, 26.3
Musas
  altares, santuários e templos
  Atenas – 19.5, 30.2
  estátuas
  Ceramico – 2.5; Mégara – 43.6
Mouseion – 25.8, 26.1, 26.2
Museu (poeta) – 14.3, 22.7, 25.8
Nasamões (cf. Atlantas) – 33.5, 33.6
Náuplio – 22.6
Nausícaa – 22.6
Naxos (ilha) – 27.5
Némea – 22.7, 27.9
Némesis
  Estátuas
  Atenas – 33.2, 33.3, 33.7, 33.8
  Templos
  Ramnunte – 33.2
Nemeus (jogos) – 29.5
Néocles (pai de Temístocles) – 36.1
Neoptólemo (pai de Olímpia e avô de Alexandre) – 11.1
Neoptólemo I – 11.3, 11.7
Néstios (povo trácio) – 10.2
Nícias (general ateniense) – 29.12
Nícias (pintor) – 29.15
Nícocles (de Tarento) – 37.2
Nicodemo (pai do pintor Nícias) – 29.15
Nilo – 33.4, 33.6, 42.3
Ninfas – 31.4, 34.3
Níobe – 21.3
Nisa (nome antigo de Mégara) – 39.5
Niseia (cidade da Megáride) – 19.4, 39.4, 44.3
Niseia (porto de Mégara) – 44.3
Niso (rei de Mégara) – 19.4, 39.4, 39.5, 41.5, 41.6, 44.3
Niso (filho de Pandíon) – 39.6
Noite (oráculo) – 40.6
Oceano – 14.3, 33.3, 33.4, 33.5, 38.7
Oceano (torrente da Lídia) – 35.7
Odeón (de Atenas) – 8.6, 14.1
Odisseia – 12.5
Odrísios – 9.6
Ógigo – 38.7
Olbíades (pintor) – 3.5
Ólen (poeta) – 18.5
Olímpia (mãe de Alexandre) – 11.1, 11.3, 11.4, 25.6
Olímpia (cidade) – 28.1, 44.1
Olimpiodoro – 25.2, 26.1, 26.3, 26.4, 29.13
Olinto – 29.7
Óloro (pai de Tucídides) – 23.9
Ônfale – 35.8
Onomácrito (poeta) – 22.7
Onquesto – 39.5, 42.1
Ópis – 43.4
Opunte, Opúncios (cidade da Élide) – 23.4
Orcómeno – 9.3, 24.2, 44.7
Orestes – 22.6, 28.5, 33.8, 41.2

Orfeu – 14.3
Oritia – 19.5, 38.2
Oropo, Orópios – 33.2, 34.1, 34.2, 34.4
Orsipo – 44.1
Oxiartes (pai de Roxana) – 6.3
Oxídracas (povo da Índia) – 6.2
Pã – 28.4, 32.7, 34.3, 36.2, 44.9
Páctia – 10.5
Pafos (Chipre) – 14.6
Pagas (Megáride) – 41.8, 44.4
Paládio (tribunal de Atenas) – 28.8
Paládio (estátua troiana de Atena) – 28.9
Palante – 22.2, 28.10
Palémon (cf. Melicertes) – 44.8
Palene (istmo de) – 25.2
Palestina – 14.6
Pamérope – 38.3
Panaceia – 34.3
Panacto (fortaleza ática) – 25.6
Panateneias – 29.1
Pandíon I (rei de Atenas, filho de Erictónio) – 5.2, 5.3, 5.4
Pandíon II (rei de Atenas, filho de Cécrops II) – 5.3, 19.3, 39.4, 39.6, 41.6, 41.7, 41.8
Pandora – 24.7
Pândroso (princesa de Atenas) – 2.6, 18.2, 27.2
Panfo (poeta) – 29.2, 38.3, 39.1
Parabisto (tribunal de Atenas) – 28.8
Parégora (deusa) – 43.6
Parnaso (monte) – 4.4, 27.9
Parnes – 32.1, 32.2
Paros – 8.4, 14.6, 32.4, 33.2, 43.5
Parrásio (pintor) – 28.2
Parténio (monte) – 28.4
Pártenon – 1.2, 24.5
Pátroclo (general dos Ptolemeus) – 1.1
Pátroclo (ilha de) – 1.1, 35.1
Pausânias I (pai de Plistóanax) – 13.4
Pausânias II (filho de Plistóanax) – 13.4
Paz (deusa) – 8.2. 18.3
Peânia – 23.10
Pégaso Eleutereu – 2.5
Péla (capital da Macedónia) – 16.1
Pelasgo II (rei de Argos, filho de Árcade) – 14.2
Pelasgos – 28.3
Peleu (pai de Aquiles) – 37.3
Peloponeso, Peloponésios – 3.4, 13.4, 13.7, 19.5, 27.5, 27.10, 32.6, 39.4, 40.4, 41.2
Pélops – 41.3, 41.5
Pelúsio – 6.6
Peneu (rio) – 27.6
Pentélico (monte) – 19.6, 32.1, 32.2
Penteu (rei de Tebas) – 20.3
Perdicas (general de Alexandre) – 6.3, 6.4
Pérgamo – 4.5, 4.6, 10.4

Pérgamo (filho de Pirro e Andrómaca) – 11.1, 11.2
Periandro – 23.1
Peribeia – 17.3, 42.2, 42.4
Péricles – 25.1, 28.2, 29.3, 29.16
Períntios – 29.10
Perséfone –38.1, 38.5
  altares, santuários e templos
  Atenas – 14.1, 14.2; Halimunte – 31.1; Prospálcios – 31.1
  epítetos
  Protógona – 31.4
Perseu (filho de Dânae) – 22.7, 23.7
Perseu (filho de Filipe V da Macedónia) – 36.6
Pérsia, Persas – 18.8, 25.5
Persuasão (deusa) – 22.3, 43.6
Pigmeus – 12.4
Piedade (altar da) – 17.1
Píelo (filho de Pirro e Andrómaca) – 11.1, 11.2
Pílades – 22.6
Pilas (rei de Mégara) – 5.3, 39.4, 39.6
Píndaro – 2.1, 8.4, 41.5
Pireu (porto) – 1.2, 1.3, 2.2, 20.5, 25.5, 25.8, 26.3, 28.11, 29.10, 29.16
Pirgo (mulher de Alcátoo) – 43.4
Pirítoo – 2.1, 17.4, 18.4, 30.4, 41.5
Pirro (filho de Aquiles) – 4.4, 11.1, 11.2, 13.9, 33.8
Pirro (rei do Epiro) – 6.8, 9.7, 9.8, 10.2, 11.1, 11.2, 11.5, 11.6, 11.7, 12.1, 12.2, 12.3, 12.5, 13.1, 13.2, 13.3, 13.4, 13.5, 13.6, 13.7, 13.8
Písias (escultor) – 3.5
Pisistrátidas (tiranos de Atenas) – 3.3, 14.1, 23.1, 23.2, 29.15
Piteu (rei de Trezena) – 22.2, 27.7, 37.4
Pítia – 13.9, 20.7, 22.8, 43.8
Pitonice – 37.5
Platão – 30.3
Plateias – 13.4, 15.3, 27.1, 29.12, 32.3, 38.8
Plistarco (irmão de Cassandro) – 15.1
Plistóanax (rei lacedemónio) – 13.4
Plutão – 38.5
Plutarco (tirano de Erétria) – 36.4
Pluto – 8.2, 28.6
Poikile (*Stoa*) – 15.1
Poliarco (filho de Temístocles) – 37.1
Polibotes (gigante) – 2.4
Polícrates (de Samos) – 2.3
Polidectes – 22.7
Polignoto (pintor) – 18.1, 22.6
Políido – 43.5
Polimnasto (poeta de Cólofon) – 14.4
Polipémon (cf. Procrustes) – 38.5
Políxena – 22.6

Porfírio (rei da Ática) – 14.6
Poro – 12.3
Portas das Ninfas – 44.2
Portas do Témeno – 35.7
Pórtico Real (Atenas) – 3.1, 14.6
Posídon – 5.2, 14.3, 14.6, 17.3, 21.4, 24.5, 27.9, 37.2, 38.2, 39.3, 39.5, 39.6, 44.3
  altares, santuários e templos
  Atenas – 26.5
  epítetos
  Hípio – 30.4; Pai – 38.6
  estátuas, imagens
  Atenas – 2.4, 24.3
Pótamo – (*demos*) – 31.3
Póthos (estátua) – 43.6
Prásias (*demos*) – 31.2
Praxíteles (escultor) – 2.3, 2.4, 8.4, 20.1, 20.2, 23.7, 40.3, 43.5, 43.6, 44.2
Pressinunte (cidade da Frígia) – 4.5
Príamo – 13.9, 29.5
Pritaneu – 20.1, 26.3, 28.10
Procne – 5.4, 24.3, 41.8
Proconeso – 24.6
Prócris – 37.6
Procrustes (cf. Polipémon) – 38.5
Prodomeis (Deuses) – 42.2
Prometeu – 30.2
Propileus – 22.4, 22.6, 28.4
Prospálcios (*demos*) – 31.1
Protarco (pai de Leócrito) – 26.2
Protesilau – 34.2
Protófanes (da Magnésia) – 35.6
Protógenes de Caunas (pintor) – 3.5
Psâmate – 43.7, 43.8
Psitália (ilha) – 36.2
Ptolemeio (ginásio) – 17.2
Ptolemeus (soberanos egípcios) – 1.1, 5.5, 6.1, 6.2, 6.4, 6.5, 6.6, 6.8, 7.1, 7.2, 7.3, 8.6, 9.1, 9.2, 9.3, 9.6, 10.4, 11.5, 16.2, 17.2, 18.4, 36.5
Pudor (altar do) – 17.1
Pulícion – 2.5
Queroneia – 18.8, 20.6, 25.3, 27.5, 29.13, 41.8
Quersoneso (Trácio) – 9.8, 10.5, 34.2
Quíone – 38.2
Quios (ilha) – 29.11
Ramnunte – 33.2
Rário (Elêusis) – 38.6
Raro (pai de Triptólemo) – 14.3
Reia (templo de) – 18.7
Rodes, Ródios – 2.3, 6.6, 6.7, 8.6, 18.6, 36.5, 36.6, 37.5
Roma, Romanos – 9.5, 11.7, 12.1, 12.2, 12.3, 13.1, 18.6, 20.4, 20.5, 20.6, 20.7, 29.14, 36.6
Roxana – 6.3
Rus (lugar da Megáride) – 41.2
Safo – 25.1
Salamina, Salamínios – 3.2, 14.5, 25.6, 35.2, 35.3, 35.4, 36.1, 36.2, 40.5
Salamina (filha de Asopo) – 35.2

Samos – 2.3, 44.6
Sândion – 43.3
Sangário (rio) – 4.5
Sardínia – 29.5
Satíridas (ilhas) – 23.6
Sátiro – 20.1, 20.2, 23.5, 23.6, 43.5
Saurómatas – 21.5
Selêucia (cidade) – 16.3
Seleuco I (general de Alexandre) – 6.4, 6.7, 7.3, 8.1, 10.2, 10.4, 10.5, 16.1, 16.2, 16.3
Serápis – 18.4
Serifos – 22.7
Sésara – 38.2, 38.3
Sesóstris – 42.3
Sicília, Sicilianos – 2.3, 12.5, 13.1, 21.4, 28.3, 29.11, 29.13
Sícion, Siciónios – 25.4, 27.5
Siene – 33.4
Sileno – 4.5, 23.5, 24.1
Simónides (poeta) – 2.3
Sínis (salteador) – 37.4
Sinope (cidade) – 31.2
Sípilo (monte) – 20.5, 21.3, 24.8
Siracusa, Siracusanos – 2.3, 11.7, 12.5, 13.9, 23.3, 29.13
Síria, Sírios – 5.5, 6.4, 6.5, 6.8, 25.8
Siringes (Egito) – 42.3
Siro (ilha das Cíclades) – 20.7
Sítnides (ninfas de Mégara) – 40.1
Sócrates – 22.8, 30.3
Sófanes (de Deceleia) – 29.5
Sófocles – 21.1, 28.7
Sófocles (avô de Acéstio) – 37.1
Sófocles (irmão de Acéstio) – 37.1
Sofronisco (pai de Sócrates) – 22.8
Soles (na Cilícia) – 2.3, 29.15
Sólon – 16.1, 18.3, 40.5
Sula (general romano) – 20.4, 20.6, 20.7
Súnio (cabo) – 1.1, 28.2, 35.1
Susa (Egito) – 42.3
Tales (de Gortina) – 14.4
Tânagra – 29.6, 29.9, 29.13, 34.1
Tarento, Tarentinos – 12.1, 12.2, 12.5, 13.1, 37.2
Táripas (pai de Álcetas) – 11.1, 11.3
Tartaruga (promontório em Cós) – 2.4
Tasos (ilha) – 18.6
Taurópolis (filha de Cléson) – 42.7
Tauros – 33.1, 43.1
Táxilo (general de Mitridates) – 20.6
Teágenes (tirano de Mégara) – 28.1, 40.1, 41.2
Tebas, Tebanos – 9.3, 13.4, 23.3, 25.4, 28.7, 29.3, 34.1, 34.2, 34.4, 37.6, 38.8, 39.2, 40.2, 41.1, 43.1, 44.4, 44.5
Tebas (do Egito) – 42.3
Teéneto (adivinho) – 27.5
Télamon (de Salamina) – 5.2, 28.11, 35.2, 35.3, 42.4

Teléboas (povo) – 37.6
Teléfanes (flautista) – 44.6
Télefo (da Mísia) – 4.6
Témis (templo de) – 22.1
Temiscira (cidade) – 2.1, 15.2, 41.7
Temístocles – 1.2, 2.2, 18.2, 18.3, 26.4, 36.1, 37.1
Temístocles (neto de Temístocles) – 37.1
Teocosmo (escultor) – 40.4
Teodectes (de Fasélis) – 37.4
Teodoro (ator trágico) – 37.3
Teofrasto (filho de Acéstio) – 37.1
Teogonia – 28.6
Teos – 25.1
Tereu (rei da Trácia) – 5.4, 41.8
Termedonte (rio) – 2.1
Térmilas – 19.3
Termópilas – 1.3, 3.5, 4.1, 4.2, 4.3, 4.4
Terra – 2.6, 14.3, 28.6, 35.6, 35.8
  altares, santuários e templos
  Atenas – 18.7; Fliunte – 31.4
  epítetos
  Curótrofa – 22.3;
  estátuas, imagens
  Atenas – 24.3
Teseu – 1.2, 1.4, 2.1, 3.1, 3.3, 5.2, 8.4, 15.2, 15.3, 17.2, 17.3, 17.4, 17.5, 17.6, 18.4, 19.1, 20.3, 22.2, 22.3, 22.5, 23.8, 24.1, 27.7, 27.8, 27.9, 27.10, 28.10, 30.4, 32.6, 37.4, 38.5, 39.2, 39.3, 41.3, 41.4, 41.5, 41.7, 42.2, 42.4, 44.8
Tesprótide, Tesprotos – 6.8, 17.4, 17.5, 17.6, 18.4
Tessália, Tessálios – 4.1, 8.3, 11.1, 13.2, 25.4, 29.6, 29.13
Tetris (rio) – 27.9
Teucro – 3.2, 23.8, 28.11
Teutrânia (cidade mísia) – 4.5, 11.2
Thólos (Pritaneu) – 5.1
Tíamis (rio) – 11.2
Tigre (rio) – 16.3
Timágoras (meteco) – 30.1
Timalco (filho de Megareu) – 41.3, 41.4, 42.4
Timéneto (pintor) – 22.7
Tímilo (escultor) – 20.2
Tímon – 30.4
Timóteo (filho de Cónon) – 3.2, 24.3, 29.15
Tíndaro – 17.5, 33.7, 33.8
Tirinto – 32.6
Tírios – 12.5
Tólmides (general ateniense) – 27.5, 29.14
Trácia, Trácios – 5.4, 6.4, 9.5, 10.2, 23.3, 25.2, 27.6, 29.4, 29.5, 29.13, 38.2
Tráquis – 32.6
Trasibulo – 29.3
Trezena – 2.1, 8.2, 22.1, 22.2, 25.4, 27.7, 27.8
Trígonon (tribunal de Atenas) – 28.8

Trípodes (rua das) – 20.1
Tripodisco (aldeia da Megáride) – 43.8
Triptólemo – 14.1, 14.2, 14.3, 14.4, 38.6
Tritonis (lago) – 14.6
Trofónio – 34.2
Troia, Troianos – 1.2, 4.6, 11.1, 12.1, 12.5, 15.2, 22.6, 23.4, 28.9, 29.5, 35.1, 37.3, 43.1
Tróquilo (hierofante argivo) – 14.2
Tucídides (historiador) – 23.9
Túrios – 8.3
Ulisses – 22.6, 35.4
Valor (altar do) – 17.1
Venerandas (deusas; cf. Erínias, Euménides) – 28.6
  altares, santuários e templos
  Fliunte – 31.4
Vitória Áptera (templo de) – 22.4
Vitória – 33.3
  estátuas, imagens
  Atenas – 24.7
Xantipo (pai de Péricles) – 25.1, 28.2, 29.16
Xénocles (pai de Acéstio) – 37.1
Xenofonte (de Atenas) – 3.4, 22.4
Xerxes – 8.2, 8.5, 16.3, 20.4, 36.2, 37.1
Xuto – 31.3
Zárax (cidade da Lacónia) – 38.4
Zárex (herói) – 38.4
Zéfiro (templo de) – 37.2
Zenão (filósofo) – 29.15
Zeus – 16.1, 17.2, 19.3, 24.2, 24.3, 25.1, 33.7, 40.1
  altares, santuários e templos
  Atenas – 18.6, 18.7, 18.8, 19.1; Muníquia – 1.4; Oropo – 34.3; Pireu – 1.3
  epítetos
  Afésio – 44.9; Altíssimo – 26.5; Anquésmio – 32.2; Apémio – 32.2; *Bouleu* – 3.5; Cónio – 40.6; Ctésio – 31.4; Eleutereu – 3.2, 26.2; Hicésio – 20.7; do Himeto – 32.2; Milíquio – 37.4; Olimpieu (Mégara) – 40.4, 40.6, 41.1; Ômbrio – 32.2; Pan-Helénico – 18.9, 44.9; do Parnes – 32.2; *Polieu* – 24.4, 28.10; Semaleu – 32.2
  estátuas, imagens
  Atenas – 1.3, 24.4; Ceramico – 2.5; Mégara – 43.6
  oráculo
  Dodona – 13.3, 17.5
Zóster (*demos*) – 31.1

(Página deixada propositadamente em branco)

Volumes publicados na *Coleção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Gregos*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais – Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais – Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2010).

13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais -Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).

18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critías*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).

19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).

20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Publícola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega.* Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquílides. Odes e Fragmentos* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecfrásticos (Livros II e III).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio*. *Sofrimentos de Amor.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino*. *Do Sublime.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses* (Μεταμορφώσεων Συναγωγή). Tradução do grego, introduçãoe comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).

55. Maria de Fátima Silva: Pseudo-Eurípides. Reso. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).

55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).

56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco*. *Vidas Paralelas – Alexandre e César.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

58. Aldo Dinucci: *As Diatribes de Epicteto, livro I.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).

59. Karen Amaral Sacconi: *Fragmentos de Aristófanes (Aristophanis fragmenta)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).

60. Reina Marisol Troca Pereira: *Eratóstenes. Constelações do Zodíaco*. Introdução, tradução do grego, notas e índices (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).

61. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Vidas Paralelas: Aristides-Catão Censor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).

62. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Epigramas de Banquete e Burlescos: (Livro XI)*. Introdução, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).

63. Ana Alexandra Alves de Sousa: *Apolónio de Rodes, Argonáutica, Livros I e II*. Estudo introdutório, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).

64. Ana Ferreira e Manuel Tröster, Plutarco. Vidas Paralelas: Címon e Luculo. Introdução, tradução do grego e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).

65. Maria de Fátima Silva, Pausânias. Descrição da Grécia. Livro I Introdução, tradução do grego e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022).

(Página deixada propositadamente em branco)

Série "Autores Gregos e Latinos –
Tradução, introdução e comentário"
ISSN: 2183-220X

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caraterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a autora

Maria de Fátima Silva é Professora Catedrática Jubilada do Instituto de Estudos Clássicos e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de uma tese de doutoramento intitulada *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*, dedicou-se a aprofundar a matéria 'teatro grego, cómico e trágico', sobre que publicou vários livros e numerosos artigos. Produziu ainda traduções de *Aristófanes e Menandro*, bem como de outros autores como Heródoto, Aristóteles, Teofrasto e Cáriton. Mais recentemente tem-se dedicado aos estudos de receção, sobretudo no que diz respeito às influências do teatro grego no teatro português.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA

CECH
Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

1 2 9 0

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS